

# Explorações Cartográficas:

Isabel Orestes Silveira • Carolina Vigna Prado  
(org.)

Arte, Memória e Tecnologia em  
Perspectiva Interdisciplinar

**GENIO  
CRIADOR**



**Diretora Editorial:** Cleusa Sakamoto

**Revisão Textual:** Gênio Criador

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Paulo Cavalcante

**Capa:** Ysadora Lucas Lourenço

### **Conselho Editorial**

Dr. Arthur Meucci – Universidade Federal de Viçosa

Dra. Bianca Becker – Universidade Federal da Bahia

Dra. Fernanda Elouise Budag – Universidade Federal de Santa Maria / FECAP

Dr. Rubens Elias Duarte Nogueira – Universidade Federal do Oeste do Pará

Dr. Sergio Andreucci – Universidade de São Paulo (ECA)

Nota: Todos os textos referentes aos capítulos deste livro, foram avaliados por pares, às cegas, para receberem os aceites de inclusão, pelas organizadoras da obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Explorações cartográficas [livro eletrônico] : arte, memória e tecnologia em perspectiva interdisciplinar / organização de Isabel Orestes Silveira, Carolina Vigna Prado. -- São Paulo : Gênio Criador, 2025.

13 Mb ; ePUB

### **Bibliografia**

ISBN 978-85-94269-49-2 (e-book)

1. Cartografia – Aspectos sociais. 2. Arte 3. Memória cultural 4. Interdisciplinaridade 5. Cultura e identidade I. Silveira, Isabel Orestes II. Prado, Carolina Vigna

25-2460

CDD 912.01

---

® Gênio Criador Editora

Av. Brigadeiro Faria Lima, 1616 sala 804

01451-001 / Jardim Paulistano – São Paulo - SP

ISBN 978-85-94269-49-2

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ..... 5

PREFÁCIO ..... 8

## HISTÓRIA E MEMÓRIA

1. **Considerações Históricas sobre a Cartografia**  
Bruno de Andrade Duran ..... 21
2. **Luís Gama, Vida, Poesia e Legado Histórico**  
*Jessica Anne Machado da Silva* ..... 30
3. **Do Presencial ao Virtual: Reflexões sobre a Memória e Identidade na Festa Judaica em Recife**  
*Thiago Atsushi Naruse* ..... 45
4. **Cartografia do Imaginário da Mulher Revolucionária**  
*Larissa Azevedo Souza* ..... 59

## TECNOLOGIA, CULTURA E IDENTIDADE

5. **Representações Cartográficas e Identidade Religiosa: A Utilização das TDICs para Mapear a Influência e a Expansão da Igreja Presbiteriana do Brasil**  
*Bruno de Andrade Duran* ..... 77
6. **Arte e Tecnologia em Diálogo: Conexões Contemporâneas na Música, Cinema e Artes Visuais**  
*Vivian de Oliveira Jorge* ..... 98
7. **Geração Dopamina: Hiperconectividade, Recompensas Imediatas e os Relacionamentos**  
*Samuel Bezerra Ribeiro* ..... 117
8. **Ativismo digital e a manifestação de pautas personalizadas no movimento feminista**  
*Maria do Carmo I. Abi. Sâmara* ..... 134

## CARTOGRAFIA E PESQUISA

9. **Um Vasto Universo Interconectado:  
Uma Cartografia da Pesquisa em Grant Morrison**  
*Christian D. S. Bitencourt* ..... 152
10. **Geografias do Fragmento: Explorando  
a Fragmentação Visual na Obra de Hannah Höch**  
*Ysadora Lucas Lourenço* ..... 176
11. **Mapeando Gostos e Narrativas: Cartografia  
da Alimentação em *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector**  
*Márcia Meira dos Santos* ..... 198
12. **Denominação de Origem e Interdisciplinaridade –  
Um Olhar Cartográfico sobre Paraty**  
*Rafael Campoy* ..... 215

## GASTRONOMIA, CULTURA E IDENTIDADE

13. **Cartografias Gastronômicas: A Alimentação como  
Marca Identitária na Cultura de Imigrantes Sírios  
na Cidade de São Paulo**  
*Estefania Medeiros Castro* ..... 225
14. **Os Benefícios da Música para as Crianças: Seu Papel  
no Desenvolvimento Neurocognitivo  
e Socioemocional Infantil**  
*Ester Garijo Carreira Cardozo* ..... 240

**SOBRE OS COLABORADORES** ..... 249

**ÍNDICE REMISSIVO** ..... 254



## APRESENTAÇÃO

Os textos que compõem este livro são resultados da disciplina optativa “Cartografias da Arte Latino-Americana”, oferecida no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Durante a disciplina, alunos de mestrado e doutorado foram convidados a cartografar seus respectivos objetos de estudo, explorando temas relacionados à arte, educação e história da cultura na América Latina e para além dela.

A partir de uma ampla pesquisa e coleta de dados, elaboraram artigos acadêmicos de forma crítica e criativa. Paralelamente, criaram representações visuais em plataformas como *Padlet* ou *Trello*, mapeando conexões conceituais, influências históricas e manifestações culturais de seus respectivos temas de investigação. Esses mapas evidenciam a pluralidade de abordagens e perspectivas, enriquecendo as análises propostas.

Os artigos apresentados resultam de um exercício metodológico que estimulou ensaios criativos e interdisciplinares, ampliando a compreensão dos objetos de estudo. A cartografia foi entendida não apenas como uma representação de territórios físicos, mas também

como uma ferramenta analítica capaz de revelar narrativas ocultas, explorar conexões entre passado e presente, e abrir caminhos para novas interpretações.

Este livro não apenas enriquece os campos da arte e da educação, mas também oferece ferramentas metodológicas inovadoras para a pesquisa interdisciplinar. Ao propor um olhar cartográfico, busca-se expandir as fronteiras da análise acadêmica, promovendo uma compreensão mais profunda das complexidades culturais da América Latina, tema central da disciplina. Além disso, o estudo propicia aos pesquisadores uma visão consolidada sobre o estado da arte de suas respectivas investigações.

A obra reúne textos que exploram uma diversidade de temas interconectados entre história, memória, tecnologia, cultura e identidade. Assim, Bruno de Andrade Duran abre o livro descrevendo aspectos históricos sobre a cartografia. Em seguida, Luís Gama é revisitado por Jessica Anne Machado da Silva, que destaca sua trajetória histórica e literária. Thiago Atsushi Naruse reflete sobre o impacto da virtualização na memória e identidade cultural das festas judaicas em Recife, enquanto Larissa Azevedo Souza analisa as representações da mulher nas revoluções históricas. No diálogo entre tecnologia e cultura, Bruno de Andrade Duran investiga o uso das TDICs para mapear a história da Igreja Presbiteriana no Brasil, e Vivian de Oliveira Jorge explora conexões entre arte e tecnologia na música, cinema e artes visuais. Samuel Bezerra Ribeiro propõe uma reflexão sobre os efeitos da hiperconectividade nos relacionamentos humanos. Além disso, Maria do Carmo L. Abi Sâmara apresenta uma análise sobre ativismo digital e a manifestação de pautas personalizadas no movimento feminista, destacando o papel das tecnologias digitais na luta por direitos e na construção de novas formas de ativismo social. No campo das cartografias, Christian D. S. Bitencourt mapeia a obra de Grant Morrison, Ysadora Lucas Lourenço examina a fragmentação visual em Hannah Höch, e Márcia Meira dos Santos relaciona a alimentação à narrativa em *A Hora da Estrela*. Na sequência, Rafael Campoy expõe seu olhar cartográfico sobre Paraty, Estefania Medeiros Castro investiga a

alimentação como elemento identitário dos imigrantes sírios em São Paulo, e Ester Garijo Carreira Cardozo discute os benefícios da música para o desenvolvimento infantil. As reflexões apresentadas convidam o leitor a explorar a interseção entre práticas culturais, memória e tecnologia, em diferentes contextos.

Certamente, os temas dialogam diretamente com o interesse de leitores que estudam a interseção entre arte, cultura, educação, história e outras áreas do conhecimento. Que a obra lhes traga indagações e novas reflexões.

Boa leitura!

**As Organizadoras**



## PREFÁCIO

Maria Aparecida de Aquino<sup>1</sup>

*Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. [...] Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante da calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome.*

*Clarice Lispector, 1999*

<sup>1</sup> Professora do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Mestrado e Doutorado pela FFLCH/USP. Pós-doutorado pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Segundo Pós-doutorado em andamento pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Autora de, entre outros, *Censura, Imprensa, Estado Autoritário (1968-1978)*. Bauru, Edusc, 1999; *Bons Tempos, Hein?*, SP, Ed. Todas as Musas, 2022; *60 Anos Esta Noite*, SP, Ed. Todas as Musas, 2024.

O livro: **Explorações Cartográficas: Arte, Memória e Tecnologia em Perspectiva Interdisciplinar**, de Isabel Orestes Silveira e Carolina Vigna Prado (orgs.), pela Editora Gênio Criador – SP, 2025; foi organizado a partir dos trabalhos efetivados durante a disciplina *Cartografias da Arte Latino-Americana*, realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Inicialmente, é necessário enfatizar o caráter prático da Interdisciplinaridade vivenciado no presente livro. A Interdisciplinaridade é uma característica muito marcante na contemporaneidade nos mais diversos cursos e currículos. Entretanto, nem sempre é alcançada. Portanto, é digno de nota ressaltar sua onipresença, bem resolvida, neste trabalho. A Interdisciplinaridade é uma das marcas definidoras do PPGEAHC.

O elemento norteador de todos os artigos que compõem este livro é a utilização metodológica da *Cartografia* concebida como “ciência, arte e técnica de representar o espaço geográfico por meio de mapas, abrangendo desde métodos tradicionais até tecnologias avançadas” (Duran, 2025, p. 5). Esse entendimento da cartografia está vinculado a uma concepção ampliada do que seriam os mapas, no sentido de refletirem o “progresso técnico, mas também a visão de mundo e as relações de poder de cada época” (Duran, 2025, p. 5). Em um dos artigos do livro trabalha-se também com o entendimento de Deleuze e Guattari sobre a cartografia, observando que ela “não se limita a representar um território preexistente, mas busca capturar os fluxos, as conexões e as linhas de força que o constituem” (Bitencourt, p. 153).

**Explorações Cartográficas: Arte, Memória e Tecnologia em Perspectiva Interdisciplinar** encontra-se dividido em 04 (quatro) blocos: *História e Memória; Tecnologia, Cultura e Identidade; Cartografia e Pesquisa e, Gastronomia, Cultura e Identidade*.

No primeiro dos blocos – *História e Memória*, em *Considerações Históricas sobre a Cartografia*, Bruno de Andrade Duran propõe refletir sobre os “principais marcos históricos da cartografia, explorando como suas transformações acompanharam mudanças

culturais, científicas e políticas ao longo do tempo” (p. 5). Um dos pontos altos de seu texto é a apresentação do que é considerado o mapa mais antigo encontrado (Placa de barro de Ga-Sur, 2.500 a. C.). O artigo observa que, mesmo na Antiguidade, a cartografia já representava um instrumento de organização e poder.

Duran prossegue demonstrando a evolução histórica da cartografia ao longo do tempo até alcançar a apresentação de como ela se encontra contemporaneamente. Entende que ela, ao mesmo tempo que ilumina o passado, contribui para o presente e futuro, sendo importante reconhecer seu legado para entender seus desafios e oportunidades que traz para o mundo atual.

Jéssica Anne Machado da Silva em *Trajatória de Luís Gama: Cartografia do Legado Literário e Político*, enfatiza o legado do grande abolicionista negro para toda a sociedade brasileira. Procura suas produções e os documentos de que se utilizou para defender seus ideais. Realiza uma pesquisa bibliográfica de quem se debruçou sobre sua obra que se articulou política, social e culturalmente, marcando o momento em que viveu e deixando marcas para a posteridade.

Seleciona 03 (três) dissertações acadêmicas sobre a produção literária de Luís Gama e amplia a pesquisa procurando alcançar toda a produção intelectual do ex-escravo militante. Destaca-se uma biografia e uma cronologia de sua vida e obra. O texto se encerra com considerações sobre a influência de Luís Gama para a atualidade apontando para suas contribuições na contemporaneidade. É digno de nota o destaque a um personagem tão significativo para a construção de nossa identidade enquanto povo e país.

Em *Do presencial ao virtual: Reflexões sobre a Memória e Identidade na Festa Judaica em Recife*, Thiago Atsushi Naruse se debruça sobre a Festa Judaica de Recife criada em 1989 para promover o intercâmbio cultural da comunidade judaica da região e outras religiões, demonstrando assim, a pluralidade cultural de Recife. O autor propõe analisar a representação virtual da festa e suas potencialidades dentro do novo formato.

Para refletir sobre a dimensão da memória, o autor se fundamenta nas concepções desenvolvidas por Maurice Halbwachs e

Pierre Lévy. Sua questão central busca analisar como uma representação virtual do evento (a Festa Judaica de Recife) poderia influir na construção de uma memória coletiva, bem como a passagem da representação da festividade para um ambiente digital, que poderia ser um desafio na preservação da memória e na construção de uma identidade cultural da comunidade judaica de Recife. Nas suas conclusões Thiago Naruse aponta para a tensão existente na representação virtual entre a necessidade de adaptação e a preservação da autenticidade cultural (p.24). Para ele, isso permanecerá como um desafio para o futuro na construção de uma memória coletiva.

Fechando o primeiro bloco, encontra-se o capítulo *Cartografia do Imaginário da Mulher Revolucionária* de Larissa Azevedo Souza. A autora procura compreender a formação do imaginário brasileiro sobre mulheres revolucionárias, através das representações criadas sobre elas. Sua concepção de imaginário parte do que ela entende como a “análise do aspecto sociocultural” (p. 28). Para pensar a questão das práticas e representações, a autora recorre a Bourdieu. Seu pressuposto é que, ao longo da história, as representações criadas podem ser distorcidas contribuindo para o silenciamento das mulheres (p. 27). Para compreender essa história feminina, Larissa recorre a pensadoras feministas que realizam pesquisa de gênero e se preocupam com a compreensão social desse olhar: Joan Scott, Angela Davis, Margareth Rago e Simone de Beauvoir.

Larissa expõe imagens de diferentes mulheres: Iara Iavelberg, Therezinha Zerbini, Margarida Maria Alves e Dilma Rousseff. Sua pesquisa sobre as mulheres vai ao buscador da Internet procurando “capturar uma visão atual e popular da mulher revolucionária, permitindo observar as maneiras como essas figuras são representadas, interpretadas e entendidas no imaginário coletivo.” (p. 31) Pelo que se pode depreender, o objetivo final do trabalho está em contribuir para que a igualdade de gênero seja construída fazendo “história ativamente dos seus para os seus” (p. 33).

O segundo bloco *Tecnologia, Cultura e Identidade*, inicia-se com o artigo de Bruno de Andrade Duran: *Representações Cartográficas e Identidade Religiosa: A Utilização de TDICs para Mapear a Influência*

e a *Expansão da Igreja Presbiteriana do Brasil*. O objetivo do artigo é buscar responder à difícil questão: “de que maneira as representações cartográficas digitais da IPB [Igreja Presbiteriana Brasileira], mediadas pelas TDICs [Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação], podem fortalecer a identidade religiosa e cultural de seus membros no contexto brasileiro?” (p. 35). Segundo o autor o artigo poderia contribuir para demonstrar como as representações cartográficas transformar-se-iam em ferramentas de análise da identidade presbiteriana no Brasil.

Duran analisa o desenvolvimento das religiões de matriz africana nas Américas, bem como a introdução e difusão da Igreja Presbiteriana no Brasil. A seguir apresenta um mapeamento das TDICs na Igreja Presbiteriana em nosso país. Conclui reafirmando sua intenção inicial de contribuir para mostrar o papel das representações cartográficas na análise de uma identidade presbiteriana no Brasil.

Vivian de Oliveira Jorge em seu ambicioso artigo *Arte e Tecnologia em Diálogo: Conexões Contemporâneas na Música, Cinema e Artes Visuais* objetiva estudar as junções entre Música, Cinema e Artes Visuais e suas articulações na produção de significados. Ao lado disto, refletir sobre como essas junções impactam o campo das artes e da educação, contribuindo assim, para o entendimento de sua “relevância para o pensamento crítico e a educação estética” (p. 47).

Na análise de Vivian é digno de nota seu estudo das letras de músicas passando de forma brilhante pela composição de Gilberto Gil, *Pela Internet* (p. 49-51), além do estudo de filmes de destaque como *Matrix*, *The Social Network* e *O Dilema das Redes* (p. 51-52). Nas Artes Visuais o destaque é a Exposição em São Paulo, *Desafio Salvador Dali* (p. 54). Ao encerrar, a autora faz uma reflexão sobre a interação com a Tecnologia, na disciplina Educação Artística.

O capítulo *Ativismo digital e a manifestação de pautas personalizadas no movimento feminista* de Maria do Carmo L. Abi-Sâmara, procura refletir sobre as transformações sofridas pelo movimento feminista desde suas origens, analisando sua trajetória, suas principais temáticas e suas inserções na atualidade.

Para atingir seu objetivo, Maria do Carmo parte do pressuposto de que o feminismo luta pela igualdade de direitos, buscando a justiça social e combatendo a discriminação. Começa seu percurso no final do século XIX e caminha para a contemporaneidade passando por autoras como Betty Friedan, Simone de Beauvoir, Gloria Steinem, Bel Hooks e Al Garthwaite distribuídas em “duas ondas”. A “terceira onda” seria ocupada pela utilização de novas tecnologias como as mídias sociais (*WhatsApp, Facebook, Instagram, Twitter, Youtube, TikTok, Spotify*). Através da “terceira onda” e sua multiplicidade de agendas poder-se-ia abarcar temas inéditos no movimento feminista, como a condição da mulher negra e homossexual e a entrada das mulheres em mercados, que antes não lhes eram permitidos.

A autora aponta para a importância de compartilhar as necessidades comuns em grupos como a *Marcha Mundial das Mulheres* no ano 2.000 e campanhas como a destacada *MeToo*. Maria do Carmo deixa uma questão final: “quanto os meios de comunicação têm interferido, positiva ou negativamente, direta ou indiretamente, nas comunidades com menor acesso a ele?” (p.56-IX). A autora destaca o papel da tecnologia para a dinâmica e a diversidade do movimento feminista.

Samuel Bezerra Ribeiro contribui com o artigo que fecha o segundo bloco: *Geração Dopamina: Hiperconectividade, Recompensas Imediatas e os Relacionamentos*. Inicia seu trabalho com uma bela abordagem sobre a dependência de usuário de meios, como a *internet*: “A sociedade contemporânea é marcada por uma necessidade constante de estar conectada o tempo inteiro e por uma busca descontrolada por gratificação imediata e recompensas por meio de engajamento, curtidas, comentários e visualizações. Uma ‘sociedade de consumo’. Você é aquilo que posta e aquilo que comentam de/sobre você.” (p. 56). Seu comentário é embasado nas considerações de Bauman.

Suas fontes de estudo são o livro *Nação Dopamina* e a série televisiva *The Feed*, além de alguns episódios da série *Black Mirror*. Através delas pretende refletir sobre as nossas necessidades

constantes de recompensas e de estar conectado e como isso impacta nosso comportamento contribuindo para alterar, inclusive, os relacionamentos e a saúde mental. Aponta esse desejo das pessoas denotado através das consultas constantes das pessoas ao celular ao longo de todo o dia. Busca fazer o que chama de uma “análise qualitativa” dessas obras, trabalhando com os temas da hiperconectividade, recompensas imediatas, relações sociais e interpessoais.

Tomando por base as fundamentações de Lembke o autor observa que para que possamos nos reconectar com as pessoas e o mundo ao nosso redor é necessário que nos desconectemos para evitar que a hiperconectividade e o desejo de recompensas imediatas nos afetem. Segundo Bezerra Ribeiro é preciso buscar um ponto de equilíbrio utilizando conscientemente a tecnologia e as redes sociais.

Christian D. S. Bitencourt e o artigo *Um Vasto Universo Interconectado: uma Cartografia da Pesquisa em Grant Morrison* abrem o terceiro bloco do livro. O capítulo se debruça sobre os estudos acadêmicos, que mergulharam na obra do grande escritor de Histórias em Quadrinhos (HQs) escocês, Grant Morrison, que alguns consideram como o maior de todos os tempos. Para tal, Bitencourt utiliza a concepção filosófica de *Rizoma* segundo Deleuze e Guattari, concepção esta retirada da estrutura de plantas, cujos brotos espalham-se a partir de qualquer ponto, transformando-se em bulbos ou tubérculos. Segundo o autor, “a obra de Morrison se expande em múltiplas direções, sem um centro fixo ou uma hierarquia pré-definida” (p. 66).

O debate reflete sobre os estudos da obra de Morrison selecionados através da plataforma *Google Acadêmico*. Destaca 05 (cinco) pontos de convergência que se interconectam e que denomina de “*platôs*”: Linguagem e Realidade, Desconstrução do Super-herói, Gnose e a Espiritualidade Pós-moderna, Magia do Caos e a Subversão da Realidade, Metatextualidade e Intertextualidade.

Para estudar os *platôs* de Morrison, Bitencourt analisa diversos trabalhos que, segundo ele, contribuem para a formação do rizoma: Mario Ramos Vera, Felipe Rachele, João Senna Teixeira,

Fábio Ortiz Goulart, Darragh Greene, Kate Roddy, Chris Murray, Attila Piovesan, Felipe Ribeiro Cazelli, Steven Zani, Oliver Moisich, entre outros. Entende que os *platôs* da obra de Morrison podem ser explicitados através do conceito de multiverso, que considera que podem existir múltiplos universos (realidades paralelas) além do universo que conhecemos. Conclui que o trabalho de Morrison se encontra em constante expansão a desafiar “as estruturas hierárquicas do pensamento tradicional convidando pesquisadores a explorar novas direções e construir mapas sempre em movimento” (p. 76).

Ysadora Lucas Lourenço apresenta o artigo *Geografias do Fragmento: Explorando a fragmentação na obra de Hannah Höch*. O trabalho realiza uma imersão na obra daquela que foi um dos maiores expoentes do Dadaísmo e pioneira da técnica de fotomontagem. Hannah Höch viveu num momento particularmente difícil, quando o nazismo se expandiu tornando-a perseguida e proibida de expor suas obras na sua terra, a Alemanha.

Segundo a autora, a obra de Höch, além do pioneirismo artístico, agiu também como uma denúncia das desigualdades sociais evidenciando a complexidade da identidade feminina em um mundo dominado pelos homens. Ysadora utiliza então, o que chama de *colagem analógica* como técnica, buscando analisar “a ocupação urbana sob a perspectiva feminina” (p. 80). Procura conectar a produção da artista aos debates sobre identidade e resistência cultural, almejando demonstrar a colagem como “expressão estética e ato político” (p. 80). O capítulo aponta para o “esquecimento” a que foi submetida a obra de Höch, pela análise dos especialistas em estudos artísticos.

O artigo procura entender como as imagens produzidas, particularmente através da técnica da fotomontagem, atuam como formas de resistência (p. 85). Ainda estabelece a relação da obra de Hannah Höch com a produção de outras artistas como Martha Rosler e Barbara Kruger, entendendo que o seu trabalho abriu caminho para a expressão de outros que lhe sucederam. Ysadora reitera o papel da cartografia na sua proposta de pesquisa.

*Mapeando gostos e narrativas: Cartografia da alimentação em A hora da estrela*, de Clarice Lispector é o artigo elaborado por Márcia Meira dos Santos, que destaca o papel do método cartográfico tal como proposto por Deleuze e Guattari na obra *Mil Platôs*. Através desta metodologia propõe analisar a temática da alimentação na literatura, partindo de sua ênfase na obra *A hora da estrela* de Clarice Lispector. Assim, realiza um levantamento dos trabalhos acadêmicos que focaram na obra *A hora da estrela*, bem como os que enfatizaram a relação entre literatura e alimentação.

Márcia se detém nos trabalhos de Josué de Castro: *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Fome*, que observa que a terra “onde em se plantando tudo dá”, “também é uma terra onde se passa fome, onde se vive lutando contra a fome, onde milhões de indivíduos morrem de fome” (*apud* Castro, p. 94). A autora perpassa por parte da trajetória de Clarice, vista, por vezes, como “alienada”, mas que demonstrou engajamento ao participar do momento político que vivenciou. Seu trabalho sobre a fome da personagem de *A hora da estrela*, Macabéa, é um demonstrativo de sua preocupação social.

A autora recorre a Bourdieu e a Foucault para apontar a invisibilidade dessa personagem feminina. Segundo ela, na obra de Lispector, a “comida [...] torna-se uma metáfora da luta por status e identidade” (p. 97). Segundo ela, utilizando-se de Foucault, na obra de Clarice, as dinâmicas do poder são reveladas de modo que a alimentação pode ser interpretada como “expressão de luta pela sobrevivência e forma de resistência” (p. 98).

Fechando o terceiro bloco, encontra-se o artigo *Denominação de Origem e interdisciplinaridade – um olhar cartográfico sobre Paraty* de Rafael Campoy. O autor situa o estudo num lugar, o município de Paraty (RJ), eleito pela ONU como “Patrimônio Mundial”, com destaque à sua cachaça artesanal. Desce às origens históricas do produto na região.

O autor aborda a concepção de marca – no estudo da cachaça de Paraty – na perspectiva de gestão ou “branding”, aqui entendido como o processo de criar e gerenciar um produto, serviço ou empresa, para torná-lo mais atraente ao seu público-alvo. Acresce-se a isto,

o pensar a concepção de marca-lugar, marca país, *place branding*. Esta concepção é vista como uma construção coletiva, que depende de participação e, no limite, da democracia.

Em termos metodológicos, propõe trabalhar com a “perspectiva horizontal do conceito de rizoma” (p. 103) através da conexão e heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania. Entende assim o autor, ter apresentado um esquema cartográfico da cachaça de Paraty.

O quarto e último bloco é iniciado com o capítulo de Estefania Medeiros Castro: *Cartografias Gastronômicas: A Alimentação como Marca Identitária na Cultura de Imigrantes Sírios na cidade de São Paulo*, que trabalha com o entendimento da alimentação, não apenas vista sob a perspectiva do “sustento” e, sim, como sendo uma “expressão cultural”. Baseando-se em Pesavento, entende que as práticas gastronômicas refletem, ao lado dos hábitos alimentares, valores e significados dos diferentes grupos sociais.

A autora considera que os imigrantes sírios da cidade de São Paulo “utilizam a culinária não apenas como meio de sobrevivência econômica, mas também como uma ponte para manter viva sua identidade cultural e facilitar sua integração na sociedade brasileira” (p. 104).

Aponta para estudos como os de Bastos, Paiva e Dávila que demonstram que a imigração força a mudanças nos hábitos alimentares gerando uma necessidade de adaptação ao novo ambiente. Entretanto, segundo ela, no que se refere aos imigrantes sírios em São Paulo, “as práticas alimentares servem como veículo de transformação cultural, favorecendo a integração social e econômica dos imigrantes, ao mesmo tempo em que mantêm vivas as raízes culturais” (p. 105). Por outro lado, propõe analisar as conexões entre alimentação, cultura e identidade, no que se refere à imigração síria em São Paulo, com base em autores como Poulain, Pesavento e Al Noulfal que afirmam que as práticas alimentares podem desempenhar um importante papel de resistência cultural.

Estefania observa que, no que se refere aos imigrantes sírios, por vezes, há dificuldade de acesso a determinados componentes de

suas iguarias, gerando uma necessidade de ajuste de suas práticas culinárias. Chama a isto de “hibridismo cultural”, num processo de reinvenção das tradições culinárias. A autora não enxerga esse processo com negatividade, ou como perda da identidade cultural desse povo. Entende que se preservam aspectos da herança cultural, ao mesmo tempo em que se constrói uma nova identidade híbrida. Propõe assim, utilizar como ferramenta metodológica o que chama de cartografias gastronômicas, construindo mapas culturais e estudando os espaços gastronômicos ocupados pelos imigrantes sírios, que se apropriaram de determinadas áreas da cidade. Através da culinária se estabelecem “territórios simbólicos” (p. 110). O trabalho conclui pelo papel duplo da gastronomia, como elemento de manutenção da identidade cultural dos imigrantes sírios e facilitando sua integração social e econômica na cidade de São Paulo.

Para fechar o quarto e último bloco deste instigante livro, apresenta-se o artigo de Ester Garijo Carreira Cardozo: *Os benefícios da Música para as crianças: seu papel no Desenvolvimento Neurocognitivo e Socioemocional Infantil*.

O artigo se propõe a analisar a importância do ensino da música para o desenvolvimento das crianças, ampliando a construção de significados socioemocionais. Parte do pressuposto da produção de benefícios da utilização da música *no desenvolvimento infantil, porém, deseja saber como as atividades musicais podem contribuir para aumentar esses benefícios. Para tanto, realiza uma pesquisa bibliográfica e se propõe a trabalhar com uma metodologia qualitativa*. A autora envereda pelo campo das Neurociências e se fundamenta em trabalhos como os de Oliver Sacks, Trehub, Daniel Levitin e Howard Gardner.

Citando o pedagogo Zoltán Kodály a autora observa que a música “desperta nas crianças um senso de realização pessoal e criatividade” (p. 113). Aponta para outras qualidades presentes na introdução da música nas atividades infantis, tais como melhoria da coordenação motora e da concentração, redução da ansiedade e promoção do relaxamento e aumento da autoestima. Entretanto, questiona como “o ensino musical pode ser integrado ao currículo

escolar de maneira que todos os alunos, independente de habilidades específicas, possam desenvolver suas capacidades plenas” (p. 113). Numa resposta a essa indagação, a autora afirma que é necessário que as escolas adotem uma abordagem multidisciplinar envolvendo não só professores de música, *mas também, de outras áreas do conhecimento*. No campo das realizações, aponta estudos de caso como o efetivado por Hargreaves, que demonstra a melhoria geral do ambiente escolar através da integração da música no currículo escolar. Conclui pela ampliação das habilidades socioemocionais das crianças, através da integração da música no contexto escolar.

Espero que este prefácio tenha o condão de ampliar o desejo de leitores a prosseguirem na instigante jornada que nos propõe este livro imprescindível. Nele estão onipresentes a utilização do método cartográfico, o constante recurso à interdisciplinaridade como prática essencial, a cultura como argamassa deste prédio arduamente construído. Venha partilhar dessa experiência fundamental!



# **HISTÓRIA E MEMÓRIA**





1

## CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS SOBRE A CARTOGRAFIA

Bruno de Andrade Duran

### Introdução

A cartografia, enquanto prática e ciência, tem desempenhado um papel crucial na construção do conhecimento humano sobre o espaço e o território. Desde as primeiras representações geográficas, feitas por civilizações antigas, até os avanços tecnológicos contemporâneos, os mapas refletem não apenas o progresso técnico, mas também a visão de mundo e as relações de poder de cada época.

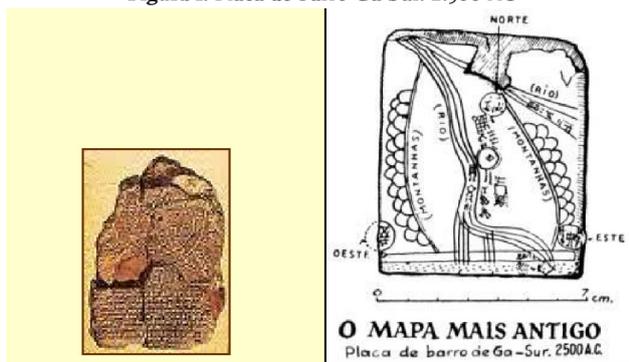
Este texto propõe uma reflexão sobre os principais marcos históricos da cartografia, explorando como suas transformações acompanharam mudanças culturais, científicas e políticas ao longo do tempo. Ao compreender esse percurso, é possível reconhecer a cartografia como uma ferramenta essencial para interpretar o passado e moldar o futuro.

## Breves considerações

A cartografia é a ciência, arte e técnica de representar o espaço geográfico por meio de mapas, abrangendo desde métodos tradicionais até tecnologias avançadas. Além de mapear territórios físicos, ela também atua como ferramenta interpretativa em áreas como ciências humanas e sociais, permitindo a representação de ideias, fenômenos e processos. Etimologicamente, “A cartografia é uma palavra derivada do grego “*graphien*”, significando escrita ou descrita, e do latim “*charta*”, com o significado de papel, mostra, portanto, uma estreita ligação com a apresentação gráfica da informação, com sua descrição em papel” (Menezes; Fernandes, 2013, p. 18). E segundo Joly (2013, p. 7), “A cartografia é a arte de conceber, levantar, de redigir e de divulgar os mapas”.

Os mapas refletem o desejo humano de compreender e balizar o espaço, presente desde os primórdios da humanidade. Desde os primeiros rabiscos em cavernas até os mapas modernos, a humanidade sempre buscou representar o espaço, mesmo que nem sempre em formas reconhecidas pela cartografia contemporânea (Seemann, 2013). Os vestígios do passado, como uma placa de barro cozido (e quebrado) do tamanho da palma de uma mão, encontrada em 1930 nas escavações das ruínas de Ga-Sur (Figura 1) na Babilônia, hoje Iraque, data de 4500 anos.

**Figura 1:** Placa de barro Ga-Sur. 2.500 AC



Fonte: Disponível em: <https://kub.sh/9ecabo>. Acesso em: 29/11/2024

O mapa de Ga-Sur apresenta um rio cercado por montanhas e cidades esculpidas em círculos rudimentares. Com quase três metros de largura, foi encontrado nas escavações de Çatal Hüyük na região da Anatólia na Turquia, uma suposta planta urbana diante de um vulcão, com cerca de 8200 anos. Tais artefatos descrevem narrativas visuais ligadas ao cotidiano e à natureza e testemunham essa conexão ancestral do ser humano com a expressão espacial (Seemann, 2013).

Em seu livro “Carto-Crônicas: uma viagem pelo mundo da cartografia”, Seemann (2013, p. 34), escreveu que:

O mito das origens da cartografia e a busca pelo mapa mais antigo da humanidade disfarçam o simples fato de que os seres humanos sempre tiveram uma preocupação com a percepção e representação do espaço, embora nem sempre eles tenham chegado a expressar suas ideias em forma gráfica, ainda menos com escala e legenda!

A cartografia antiga transcendeu a mera localização geográfica. Exemplos como o mapa “T no O” (Figura 2), elaborado na Idade Média, no século VII pelo cardeal Isidoro de Sevilha (O disco de Isidoro), mostram como o espaço era imbuído de simbolismo religioso. Eles não eram ferramentas de navegação, mas representações visuais de mistérios espirituais, acontecimentos históricos e ricos em significado (Seemann, 2013).

Figura 2: “T no O”.



Fonte: Disponível em: <https://kub.sh/cade2a>. Acesso em: 29/11/2024

A interpretação moderna, muitas vezes, julgou os mapas mais antigos, como “primitivos” e “indígenas” de acordo com as normas e convenções do modelo moderno da ciência, ignorando compreender esses mapas e desenhos no contexto sociocultural, econômico e político da época e do lugar em que eles foram criados (Seemann, 2013). Portanto, isso revela que a cartografia, mais do que ciência, é arte e narrativa. Enquanto o rigor técnico moderno é indispensável para o planejamento urbano e ambiental, os mapas antigos nos lembram que o espaço humano não se limita a linhas retas ou escalas exatas. Eles convidam a uma leitura “entre as linhas”, onde o significado transcende a geografia, conectando-se à imaginação e à espiritualidade (Seemann, 2013).

A cartografia surge como a concretização desse impulso, transformando abstrações em representações concretas por meio de mapas desenhados nos primeiros suportes disponíveis. Ao substituir o espaço real por um espaço analógico, a cartografia proporcionou um domínio intelectual do universo, com profundas implicações para a humanidade. Embora os mapas tenham precedido a escrita e a notação matemática em diversas sociedades, foi somente no século XIX que a cartografia se consolidou como um conjunto disciplinar moderno. Ainda assim, os mapas mais antigos continuam a remeter às raízes culturais e históricas da humanidade.

John Brian Harley, um dos historiadores da cartografia mais bem sucedidos do século XX, que desenvolveu uma nova forma de se ler os mapas, escreveu no seu livro “A nova história da Cartografia”:

O mapa autêntico mais antigo foi elaborado a cerca de 6000 a.C. Descoberto em 1963, durante uma escavação arqueológica em Çatal Höyük, na região centro-ocidental da Turquia, representa o povoado neolítico do mesmo nome. O traçado das ruas e casas, conforme os vestígios resgatados, tinha ao fundo o vulcão Hasan Dag em erupção. Esse mapa primitivo guarda alguma semelhança com as plantas das cidades modernas, mas sua finalidade era totalmente distinta. O sítio em que foi encontrado era um santuário ou local sagrado, e ele foi criado como parte de um ato ritual, como um “produto de momento”, sem a intenção de ser preservado após o cumprimento do rito. (Harley, 1991, p. 5)

A criação das bases científicas, técnicas e artísticas da cartografia teve a contribuição de diferentes sociedades. Em sua vida nômade, criaram mapas rudimentares em superfícies rupestres, partindo dos princípios da observação e da necessidade de localização dos domínios, registravam fatos geográficos, locais de caça, de aldeias, de povos, rotas de viagens, de guerras, entre outros elementos. Desta forma, a cartografia já se caracterizava como um instrumento de organização e poder (Campos, 2012).

Na China, a partir do século IV a.C., os mapas destacaram-se por sua precisão e multifuncionalidade, servindo tanto à administração estatal, ao delimitar fronteiras e viabilizar a cobrança de impostos, quanto à estratégia militar, ao fornecer informações cruciais para o planejamento de conflitos. No Egito, o avanço técnico foi marcado pelo desenvolvimento da triangulação e instrumentos como o nível, em forma de “A” com um pêndulo, empregados para medições de terras, essenciais à arrecadação tributária que sustentava a autoridade dos faraós e sacerdotes (Campos, 2012).

Na Grécia Antiga, as bases da ciência cartográfica começaram a ser delineadas por pensadores como Anaximandro (610 a 546 a. C.) e Hecataeus (c. 550 a 475 a.C), ambos de Mileto, que inicialmente representaram a Terra como um disco flutuante, e através das influências de Pitágoras e Aristóteles sobre a esfericidade da Terra (Lucírio; Heymann, 1992). Todo o conhecimento geográfico e cartográfico da Grécia Antiga se encontra na obra monumental do cartógrafo grego Claudius Ptolomeu de Alexandria, o “Tratado de Geografia”, que se preocupava menos com o caráter científico, voltando-se mais para as aplicações práticas da cartografia (Campos, 2012).

Os romanos utilizaram a cartografia como uma ferramenta estratégica, produzindo mapas voltados para fins administrativos e militares. Essas representações eram fundamentais para a cobrança de impostos e a expansão territorial. Já na Idade Média, dominada pela perspectiva cristã e espiritual, a cartografia assumiu uma conotação simbólica, refletindo a visão religiosa da época. No entanto, o século XIII marcou uma mudança significativa com o

surgimento das Cartas Portulanas, mapas voltados para a navegação, que foram essenciais para as frotas expedicionárias europeias (Campos, 2012). No Renascimento (século XIV ao século XVI) foi um período marcado pela redescoberta dos clássicos pelos europeus. Os estudos de Ptolomeu vieram à luz, fornecendo informação e inspiração aos que começavam a se aventurar em mares mais distantes. O mapa-múndi de Juan de La Cosa (1460 a 1510), membro da expedição de Cristóvão Colombo, é o primeiro a representar o descobrimento da América. Também nesta linha de raciocínio, Diego Ribeiro elaborou, em 1527, o primeiro planisfério, e Martim Behaim (1459 a 1507) construiu o primeiro globo terrestre (Campos, 2012). Neste período de grandes viagens e descobertas, viveu Gerardus Mercator (1512 – 1594), cartógrafo que recolheu em suas viagens todos os materiais existentes sobre a representação terrestre: mapas antigos, crônicas de navegantes e descrições matemáticas e filosóficas. Considerado o pai da cartografia moderna, criou, em 1569, o mapa-múndi Mercator, corrigindo as distorções produzidas anteriormente (Lucírio; Heymann, 1992).

Entre a Reforma Protestante e o Iluminismo, a cartografia vivenciou um período de avanços significativos, impulsionado pelo desenvolvimento das escolas de navegação e pela incorporação de novas tecnologias. A medição do arco do meridiano do Peru, realizada em 1728, foi um marco na precisão geográfica, permitindo a elaboração de mapas mais detalhados e cientificamente rigorosos (Campos, 2012). Depois no século XIX, vale a pena destacar um momento crucial na cartografia náutica brasileira com o início dos levantamentos hidrográficos do litoral. Já no século XX, a introdução de balões, a invenção do avião e a fotografia aérea ampliou a precisão e a abrangência das representações espaciais. Com os avanços tecnológicos, o uso do papel tem sido substituído pelo armazenamento das imagens em computadores (Campos, 2012).

Maurício Rizzate (2022), em seu livro: “Breve história da cartografia: dos povos primitivos ao Google Earth”, disse que: a evolução da cartografia, com a utilização de imagens aéreas e orbitais promoveram uma maior agilidade no mapeamento. No entanto, o

desenvolvimento da informática foi fundamental para o tratamento de imagens e levantamentos por Sistemas de Navegação Global por Satélite (GNSS). Surgiram os Projetos Assistidos por Computador (CADD), que utilizaram programas para a confecção de desenhos em meios digitais, que alavancou o desenvolvimento da cartografia. A Cartografia Assistida por Computador (CAC) ou Mapeamento Assistido por Computador (CAM), além do Mapeamento Automatizado e Gerenciamento Facilitado (AM/FM), que se baseiam na utilização da computação (hardware e software) para a geração de mapas (Rizzatti, 2022, p. 54).

Os avanços das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), a partir do final do século XX, transformaram a cartografia ao democratizar o acesso aos recursos tecnológicos, como celulares e microcomputadores. Esse fato permitiu a popularização de mapas digitais, amplamente acessados por meio de aplicativos como Google Maps, Waze e Maps.me. Esses sistemas utilizam constelações de satélites artificiais, como o GPS e o GLONASS, integrados a mapas base, permitindo aos usuários navegarem e se deslocarem com precisão no espaço. Historicamente, cartografia e geografia sempre andaram juntas, desde os primórdios da existência humana na Terra (Rizzatti, 2022).

Nos tempos atuais, o Sistema de Informação Geográfica (SIG), no inglês, Geographical Information System (GIS), destaca-se como uma das principais ferramentas para tratar e analisar informações espaciais, combinando recursos computacionais especializados para processar dados geográficos com alta precisão (Leão Neto, 1998). Outra ferramenta é o *software* “Google Earth”, que oferece um modelo tridimensional do globo terrestre, construído a partir de um mosaico de imagens de satélite e aéreas em diversas escalas. Essa ferramenta permite estimar áreas e distâncias, capturar coordenadas e criar representações como pontos, linhas e polígonos, sendo amplamente utilizada em mapeamentos devido à sua agilidade e qualidade. O Google Earth também desempenha um papel significativo na educação, proporcionando aos estudantes

uma experiência única com a visão vertical do espaço, distinta da perspectiva cotidiana (Rizzatti, 2022).

Com base na evolução das ferramentas cartográficas e na importância de explorar diferentes perspectivas e representações do espaço, os trabalhos que seguem nesse livro adotam uma abordagem contemporânea para cartografar a produção acadêmica dos autores participantes. Por meio da plataforma **Padlet**, cada texto foi associado a um *link* específico, permitindo o acesso direto às pesquisas individuais. Essa estratégia não apenas organiza e compartilha as informações de forma dinâmica, mas também promove a interação e a visualização coletiva dos estudos realizados. Assim como o Google Earth transforma a compreensão espacial através da tecnologia, o uso do **Padlet**<sup>1</sup> potencializa a acessibilidade e a interatividade no mapeamento de ideias e conhecimentos, conectando as práticas acadêmicas às ferramentas digitais do presente.

## Consideração finais

Conclui-se que a história da cartografia reflete não apenas avanços técnicos e científicos, mas também a evolução das sociedades humanas em sua relação com o espaço e o território. Desde as primeiras representações simbólicas até os mapas digitais contemporâneos, a cartografia demonstra como o conhecimento geográfico está intrinsecamente ligado aos contextos culturais, políticos e econômicos de cada época. Ao olhar para o futuro, é imprescindível reconhecer a importância desse legado histórico para compreender os desafios e potencialidades das tecnologias cartográficas no mundo atual. Assim, o estudo histórico da cartografia não apenas ilumina o passado, mas também oferece valiosas lições para o presente e para as gerações futuras.

<sup>1</sup> Padlet: disponível em: <https://padlet.com/revbrunoduran/as-tics-e-a-educacao-religiosa-da-ib-pb-dg07qzkvzt2y7xip>

## Referências

CAMPOS, Antônio Carlos. **Uma breve evolução da cartografia na história da sociedade**, 2012. Disponível em: [https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/11185004042012Cartografia\\_Basica\\_Aula\\_2.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/11185004042012Cartografia_Basica_Aula_2.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024, 18h30.

HARLEY, John Brian. A Nova História da Cartografia. **O Correio da UNESCO**, São Paulo, ano 19, p. 4-9, ago. 1991.

JOLY, F. **A cartografia**. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

LUCÍRIO, Ivonete de.; HEYMANN, Gisela. O mundo na palma das mãos. **Superinteressante**. São Paulo, v. 56, mai, 1992. Publicado em 30 abr 1992. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/o-mundo-na-palma-das-maos>. Acesso em: 31 out 2016.

MENEZES, P. M. L.; FERNANDES, M. do C. **Roteiro de cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

RIZZATTI, Maurício. **Breve história da cartografia: dos povos primitivos ao Google Earth** / Maurício Rizzatti, Elsbeth Léia Spode Becker, Roberto Cassol. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SEEMANN, Jorn **Carto-crônicas: uma viagem pelo mundo da cartografia**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.



2

## TRAJETÓRIAS DE LUÍS GAMA: CARTOGRAFIA DO LEGADO LITERÁRIO E POLÍTICO

Jéssica Anne Machado da Silva

### Introdução

A escravidão deixou marcas profundas na sociedade brasileira, pois a construção histórico e cultural referente a formação do povo brasileiro indica para o silenciamento histórico das populações originárias da América e da população afro-descendente. Na atualidade, a perspectiva colonial abarca as produções culturais que não só no campo acadêmico, mas também político e social. Haja vista que tem sido mais frequente a elaboração de legislações e políticas que visam diminuir as diferenças e preconceitos nas relações étnico-raciais na educação, no mundo do trabalho e nas relações sociais. Esse movimento progressivo da sociedade em direção a transformação social, ainda que em pequenos passos, se estabelece

a partir do reconhecimento e da valorização da diversidade racial e cultural que compõem o povo brasileiro.

A negritude no Brasil tem origem no advento da escravidão, marcada por um processo violento de subjugação dos negros. Entre a imposição desse sistema e a abolição da escravatura, surgiram diversos grupos étnico-raciais, resultantes da miscigenação que, ao mesmo tempo, perpetuou a manutenção do sistema de produção e reforçou a exclusão social destas populações.

No século XIX, o contexto social miscigenado e assimetricamente assimilado, começou a abrir caminho para o fim da escravidão no âmbito político-jurídico. Paralelamente, o movimento abolicionista criou condições para que pessoas negras se destacassem na sociedade, inclusive na produção intelectual especialmente por meios da literatura, do jornalismo e até mesmo do campo jurídico. Essas áreas de atuação, tornaram-se ferramentas de luta pela liberdade para Luís Gama: advogado, jornalista e poeta, homem negro e ex-escravizado.

Assim, esta pesquisa científica, por meio de metodologia cartográfica artística investigará as formas de reconhecimento dessa personagem histórica, levando em conta a sua atuação social, sua produção intelectual, seu legado e também buscará abranger as produções sobre Luís Gama, no campo acadêmico, cultural, social e político.

É importante destacar que o impacto da obra e do legado de Luís Gama não se restringe apenas aos descendentes afro-brasileiros, mas para toda a sociedade brasileira. É imprescindível pontuar que o resgate da produção intelectual de pessoas negras que atuaram durante o período abolicionista e que indicaram com suas ações a resistência à escravidão, contribuem para a construção da identidade negra, o acesso à história e às conquistas negras são essenciais para uma sociedade democrática e antirracista.

O objetivo desta pesquisa é reunir e assim catalogar as produções autorais de Luís Gama e reunir documentos históricos que serviram como veículo de sua voz que reivindicava os ideais de justiça, igualdade e liberdade e ao sistema político vigente, o Império.

A produção intelectual de Luís Gama transcende seu tempo e continua a inspirar diversas produções e estudos na atualidade, que tomam sua trajetória como referência. Para alcançar os objetivos propostos, a pesquisa adota a metodologia bibliográfica como suporte para a investigação e a pesquisa cartográfica como norteadora dos direcionamentos técnico-científicos para a finalidade de coleta e análise de dados. Esse processo inclui o levantamento das produções de Luís Gama, como livros, teses e dissertações. Além disso, utiliza-se uma abordagem historiográfica e interdisciplinar, que abrange produções culturais e artísticas-como cinema, teatro e ilustrações com o intuito de elucidar as questões étnicas, raciais, sociais e educacionais na construção da narrativa histórica de Luís Gama.

Tendo em vista que a escrita cartográfica, inspirada na imagem rizomática, possibilita a construção de um mapa multidimensional que organiza e articula múltiplos aspectos do objeto de estudo. O legado autoral de Gama reúne registros memoráveis que continuam a inspirar gerações, resultando em produções acadêmicas e artísticas na contemporaneidade. Sua centralidade nesta pesquisa se deve ao fato de ter sido um homem negro, ex-escravizado, cuja atuação incansável em prol da liberdade, gerou importantes projeções de luta negra. Luís Gama articulou suas ações de forma política, social e cultural, deixando uma marca significativa em sua época e para além dela.

Assim, o artigo conta com diversidade de referências documentais, acadêmicas e artísticas que podem ser visualizadas no mural criado na plataforma “Padlet”, título Cartografia Artística - Luís Gama, um material que reúne referências artísticas, imagens, vídeos, filmes, livros e produções acadêmicas indicadas para os pesquisadores interessados. No link que segue: <https://padlet.com/jessimac/cartografia-art-stica-lu-s-gama-j4zbjjo2knitf9l2> o leitor poderá observar o material que foi cartografado cuidadosamente com a finalidade de futuras pesquisas.

## Luís Gama: uma perspectiva cartográfica

Nas últimas décadas, a partir dos estudos referentes às questões étnicas raciais como o preconceito, a violência a desigualdade entre classes sociais, personagens históricos como Luís Gama têm ganhado espaço nas discussões e nos movimentos sociais com o intuito de manter sua memória viva. Segundo Ferreira (2011), não foi sempre assim, pois durante o período histórico pós abolição e proclamação da República, houve uma tentativa de silenciamento histórico de Luís Gama, de seus feitos e obras.

Também deve ser considerado que nas últimas décadas a crescente busca por temáticas que se relacionam com a perspectiva historiográfica sobre a escravidão e seus processos durante a colonização do Brasil e investigações sobre a formação do povo brasileiro, em grande parte afro-descendentes e buscando compreender como se estabelecem as relações com a África. Todas essas temáticas são de interesse de pessoas pretas que cada vez mais ingressam nas universidades, assim os estudos de temáticas relacionados a história de pessoas pretas têm sido produzidos em todo o país.

Tendo em vista a importância histórica de Luiz Gama é possível identificar a crescente procura por parte de pesquisadores de áreas distintas do conhecimento como o Direito, Jornalismo, Letras, História, Ciências Sociais, entre outras. Sendo assim, para a finalidade de realizar Revisão de Literatura referente às produções acadêmicas que contemplem Luís Gama, sua obra e legado, foi realizada busca na base de dados por teses e dissertações, na BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, foram encontrados dezenas de trabalhos encontrados quando verificado o resultado de busca pelo nome “Luís Gama”, ou “Luiz Gama”. Outras publicações como HQ e produções interessantes também merecem ser destacados e comentados. Por isso, serão alguns exemplos de obras que investigaram a trajetória de Gama, servirão de exemplos nas reflexões que seguem.

Entre as dissertações que tenham a ver com o tema: a obra literária do poeta, e ainda versar sobre as com temáticas étnico-raciais, outras teses e dissertações catalogadas podem ser verificadas no mural *padlet*. A seguir estão catalogadas entre três dissertações que foram selecionadas para exemplificar as diversas formas nas quais Luís Gama e sua obra podem ser centralizadas na perspectiva científica e acadêmica.

A primeira dissertação “Luiz Gama como Perseu romântico: engajamento literário em Primeiras trovas burlescas de Getulino” de autoria de Arthur Katrein Mora (2020) foi desenvolvida durante o curso de Pós Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Tendo como tema central a dualidade da poesia de Luís Gama a sátira e lírica. O objetivo identifica através das referências mitológicas como Perseu, o método de análise literária e pôr fim, o resultado, o mundo moderno e o impulso estético que Luís Gama faz uso em seus poemas, com leveza.

Com uma perspectiva metodológica e estrutural diferente, logo, a dissertação “O direito à poesia: A força brasileira de As primeiras trovas burlescas, de Luiz Gama” de autoria de Magnólia Ferreira Cruz da Paixão (2019), foi desenvolvida durante o curso de mestrado em Letras da Universidade Estadual de Feira de Santana, tem como tema central discorrer sobre as questões sociopolíticas como o preconceito racial e a valorização da identidade abordadas nas poesias deste poeta no século XIX com o objetivo de explorar a poesia como instrumento de luta e denúncia.

A dissertação “A estética do ser/estar no ‘entre lugares’: Imagens do negro, do mestiço, do mulato e do branco em *Primeiras trovas burlescas de Getulino*, de Luiz Gama” de autoria Mara Regina Paulino (2010). Foi desenvolvida durante o curso de mestrado em Letras da instituição Universidade São Paulo. Tem como tema central as questões étnico-raciais presentes nos poemas de Luís Gama partindo do objetivo de identificar nos poemas como ocorriam a atuação do autor em relação às distinções raciais, assim, por meio do “eu-lírico” revela a essência do negro. O método de análise dessa pesquisa está

relacionado às estruturas literárias em primeira instância e depois realiza-se a análise das questões raciais e sociais.

Após realizar atenta leitura, é possível verificar que as três dissertações destacadas se referem a produção literária de Luís Gama, publicada em duas edições, “Primeiras Trovas Burlesca de Getulino” em São Paulo no ano de 1859 e “Trovas Burlescas de Getulino Revistas e Corrigidas” em 1861, no Rio de Janeiro. A maior parte desses textos literários que compõe esta obra, se caracterizam como o estilo de sátira, uma forma de evidenciar críticas a sociedade seu tempo, através do humor como estratégia de confronto e denúncia, anunciava a escravidão e o preconceito em relação ao negro. (Frederico, 2021)

A temática da Produção Literária de Luís Gama está diretamente relacionada a pesquisa em curso, mas para realizar o objetivo de pesquisa interdisciplinar entre a história e a literatura, é necessário compreender não apenas a obra literária, mas toda a produção intelectual de Luís Gama, além de investigar suas relações, de suas estratégias e posicionamentos políticos e sociais, pois todos esses fatos viabilizam a compreensão de seu pensamento, desse modo é essencial que sejam investigadas as outras frentes das quais esse ativista negro atuou.

Além das poesias, Luís Gama, se expressou através da imprensa com apoio de muitos abolicionistas e republicanos que desejam se dedicavam a luta por liberdade, estes não se eximiram de confrontos e de realizar provocações através das publicações de jornais paulistanos e também da capital do Império, na época o Rio de Janeiro. Luís Gama também foi um exímio advogado (rábula), que defendeu escravizados nos tribunais conquistando a liberdade.

Atualmente, o espetáculo “Luiz Gama: uma voz pela liberdade” apresenta a vida, a obra e as ações deste poeta, jornalista e advogado negro que viveu entre 1830 e 1882. Um ex-escravizado que buscou educar-se, de forma autônoma, para então alcançar notoriedade entre a sociedade paulistana. A peça propõe a intertextualidade entre as poesias de Luís Gama que tomam vida através da interpretação do ator Déo Garcez e da atriz Soraia Arnoni, que juntos

declamam os versos e expressam a voz da resistência com entusiasmo. Outro fato interessante é que entre as publicações acadêmicas que mencionam os feitos de Luís Gama, seja nas áreas de ciência sociais, história, letras, jornalismo, direito, entre outras temáticas e discussões que surgem de acordo com as necessidades de debates e reflexões de cada época, o levantamento bibliográfico apontam para diversas pesquisas que se tornaram livros publicados e agora servem como referencial para novas pesquisas e boas leituras para quem se interessa pela temática.

Entre eles, o livro “Luiz Gama - Antologia” de Frederico (2021), apresentam um recorte de artigos, cartas e poemas de Luís Gama, realizando uma breve narrativa de sua vida e obra – um recorte de poemas e artigos que possibilita a verificação de suas ações abolicionistas e de seu ativismo na causa negra. Aos 18 anos conseguiu provar sua própria liberdade, e depois de muita dedicação ao estudo ingressou na polícia, no direito, sem a formação acadêmica, defendeu a liberdade de mais de 500 escravos.

Estes são relatos autobiográficos de Luís Gama, apresentados na carta direcionada ao amigo Lúcio de Mendonça (1854-1909), e publicada pelo mesmo em São Paulo, na data de 25 de julho de 1880. Luís Gama revelou sua origem ao amigo e também advogado, jornalista, magistrado, e escritor, pois atendendo a um pedido do amigo, descreve em seus últimos anos de vida fatos sobre sua filiação, trajetória entre a infância e a fase adulta, e, também explica como deixou de ser “escravo” para se tornar um advogado (Frederico, 2021).

Luís Gama nasceu, na Rua Bangalô, cidade de Salvador, Bahia, no dia 21 de junho de 1830. Luís Gama foi vendido pelo pai em 10 de novembro de 1840 e embarcou de Salvador para o Rio de Janeiro no Navio “Saraiva”. Vendido ao cerieiro Vieira, ficou por alguns dias com a família, mas foi vendido, viajando rumo a São Paulo.

Aos 10 anos Luís Gama foi vendido para o Alferes Antonio Pereira Cardoso, que tentou vendê-lo entre Campinas e Jundiaí, mas não obteve sucesso devido a origem baiana de Gama, a Bahia era referência de insurreições e rebeliões nesse período. Desse modo, o

jovem Luís Gama ficou como escravo de ganho na casa dos Alferes Cardoso em São Paulo até os 18 anos, onde aprendeu os ofícios de copeiro, sapateiro, lavar, engomar e costurar roupas.

Para ilustrar os possíveis desafios enfrentados por Luís Gama em sua infância, os quadrinhos “Província Negra - Luís Gama: Infância”, apresentam uma ficcionalização da narrativa da travessia de Luís Gama entre Salvador na Bahia até São Paulo em um navio negreiro. O volume 2 dos quadrinhos em tiras buscam elementos ilustrativos para descrever como correu o processo de escravização do pequeno Luís Gama.

De forma que os quadrinhos em HQ de autoria de Khaled Kanbour como roteirista e Kris Zullo responsável pela arte, fazem parte de uma coleção de dois exemplares, que tem Luís Gama como protagonista. O primeiro volume dos quadrinhos em HQ “Província Negra” também por meio da ficção relatam as situações de conflitos que Luís Gama encontrou em sua vida adulta, expressando resistência para atuar como advogado e libertando escravizados.

Referente às suas origens afrodescendentes, no documento biográfico, Luís Gama fala pouco sobre o pai, apenas que era um fidalgo de família importante na Bahia, por tanto era um homem branco, mas Luís Gama não o identifica. Sobre a mãe, Luís Gama discorre identificando-a como mulher negra natural da África, Luiza Mahin, que era quitandeira e o deixou aos cuidados do pai aos 8 anos, para participar dessa luta negra por liberdade. Logo foi presa por suspeita de participação na insurreição baiana e em 1837, os dois nunca mais se encontraram (Frederico, 2021).

Luiza Mahin também deixou um legado de luta e resistência, pois os relatos históricos indicam que ela serviu a insurreição escrava ocorrida na Bahia na década de 1830. Sua narrativa foi inspiração para o livro em que é relatada a trajetória de uma mulher africana sequestrada na África, na obra ficcional “Um defeito de Cor” de Ana Maria Gonçalves por sua vez serviu como referência para a exposição “Um defeito de Cor” no SESC Pinheiros entre a data e 25 de abril de 2024 e 26 de fevereiro de 2025. Além do samba enredo da

Portela no carnaval de 2024 que tratou da saga de uma mãe, mulher negra à procura de seus filhos em meio a escravidão na América.

Fica evidente nesta obra que há possibilidade de adaptação dos conteúdos construídos através de investigação histórica. Em relação aos relatos de Luís Gama em sua carta e dos estudos sobre sua produção intelectual, ocorreu a adaptação para o cinema, assim como há referências artísticas e literárias na área cinematográfica, o filme “Doutor Gama” (2021), dirigido por Jeferson De, possui enredo muito próximo aos relatos autobiográficos de Luís Gama. A Produção audiovisual ainda retrata as questões de Luís Gama com sua mãe, assim como o apresenta como homem negro que atuou como advogado e abolicionista no século XIX em período de luta pela liberdade; coopera para evidenciar a representatividade da obra e da pessoa de Luís Gama, além de retratar as dificuldades sofridas pelos negros durante a escravidão. (Aires, 2021).

Retomando as obras acadêmicas publicadas, Lígia Fonseca Ferreira, doutora em Estudos portugueses e brasileiros pela *Université Sorbonne Nouvelle - Paris*, dedica seus estudos há décadas na construção de aporte teórico e documental que possa revelar a história de Luís Gama e a importância de sua atuação. Dentre publicações acadêmicas há publicações de artigos científicos, dissertação e tese, além das palestras que realiza sobre a temática.

Duas obras devem ser destacadas, o livro “Com a Voz Luiz Gama: poemas, artigos, cartas, máximas” (Ferreira, 2011), se configura como produção antológica, reunindo documentos autores de Luís Gama e a construção de uma cronologia, a fim de compreender a trajetória e ilustrá-la para melhor compreensão de fatos importantes de sua época, tal como a promulgação de leis importantes durante o percurso jurista e também publicações de Luís Gama na imprensa. E também a obra “Lições de resistência: Artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro”, a obra se refere à análise das obras autorais de Luís Gama, o indicando como “Patrono da Abolição”, nesta obra Lígia Fonseca elabora uma cronologia ainda mais completa.

A cronologia da vida e obra de Luís Gama, é de suma importância, pois além de apresentar de forma visual a narrativa, também anuncia os marcos históricos que servem como aporte para os estudos temáticos sobre Luís Gama, se alistou no serviço militar, serviu até 1854, mas teve baixa do serviço após responder ao conselho por insubordinação, Gama narra que quando foi praça, nas horas vagas era copista. Foi apadrinhado pelo Conselheiro Francisco Maria de Sousa Furtado de Mendonça, administrador de altos cargos da polícia e judicatura, também catedrático da Faculdade de Direito. Descreve que com auxílio de seu protetor teve acesso à educação, a uma formação mais refinada (Frederico, 2021).

Outro autor que se debruça sobre as obras de Luís Gama é Bruno Rodrigues de Lima, pesquisador de Luís Gama na área do Direito e da História, doutor em História do Direito pela *Johann Wolfgang Goethe-Universität Frankfurt am Main*. Após ter elaborado uma coletânea chamada “Luiz Gama: Obras completas” pela editora Hedra, onde cada volume apresenta um objetivo de análise, o livro “Liberdade” por exemplo apresenta uma série de artigos de jornais onde Luís Gama denunciava a violência da escravidão e as arbitrariedades que as autoridades cometiam para manter os negros escravizados ou prisioneiros, negligenciando as leis e criando um sistema de favores entres os “donos” de escravizados.

Em 2024, Bruno Rodrigues de Lima, publicou o livro “Luiz Gama contra o Império”, fruto de sua pesquisa de doutorado, o principal objetivo desta obra é apresentar as ações abolicionistas e republicanas de Luís Gama que se articulam através da história do direito e também de questões essencialmente políticas do século XIX.

Ainda entre produções acadêmicas, Ângela Alonso (2015) autora do Livro “Flores, votos e balas: movimento abolicionista (1868-1888)”, explica como foi a ação de cinco abolicionistas importantes, entre eles destaca Luís Gama que atuava como jurista. A autora declara que havia o “estilo Gama”, para se dirigir à forma específica na qual legislava, compreendendo a lei e fazendo uso dela para confrontar o sistema social e jurídico que insistia em manter a escravidão.

Esse trabalho também foi fruto de um doutorado na USP na área de ciências sociais.

Nelson Câmara (2016) fez doutorado em Jornalismo (Mackenzie) e publica então, o livro “Advogado dos Escravos”, que explica cada etapa da atuação específica de Luís Gama nos tribunais. No encerramento do Livro, Câmara apresenta um recorte das homenagens póstumas, em que os amigos de Luís Gama, homens de notoriedade da sociedade, jornalistas, juristas, poetas, entre outros intelectuais, prestaram homenagens através da imprensa ou manifestações públicas para evidenciar a grandeza de Luís Gama. Também apresenta as localizações das ruas e logradouros que possuem o nome Luís Gama, além das estações de trem e os bustos erguidos com seu rosto, como no Largo do Arouche. Um fato peculiar abordado pelo autor é que Luís Gama só foi reconhecido como advogado pela OAB em 2015, quando recebeu homenagem, além de ter sido inspiração para medalha “de honra” da instituição.

Como fato importante que marca a trajetória de Luiz Gama e todos os autores mencionados contextualizam, é o pertencimento de Luís Gama à uma Sociedade Secreta, a Loja Maçônica América em São Paulo. É relevante a associação de Luís Gama nesta instituição pela qual se estabeleciam as redes de apoio aos grupos abolicionistas e republicanos radicais, e, foi por meio da Loja América que Luís Gama conseguiu recursos para comprar alforria de escravizados e conseguiu criar projetos de educação na Cidade de São Paulo, direcionados aos filhos dos escravizados que nasceram livres por causa da lei do ventre livre, estes eram chamados de ingênuos.

Também deve-se considerar que Luís Gama pertenceu à Loja América até sua morte, e muitos membros da Loja, também atuavam com ele na imprensa, estes realizaram diversas homenagens após sua morte. Gama, declarou que participava ativamente da luta por alforrias de escravos, detestava senhores de escravos, suas ações já teriam nessa altura influenciado na libertação de cerca de quinhentos escravos. Sua luta contínua estava ligada à libertação dos escravos, fazendo desse seu propósito de vida (Frederico, 2021).

Luís Gama faleceu em 26 de agosto de 1882, a causa da morte teria sido o comprometimento da saúde causado pela diabetes. Deixou esposa, um filho, e o legado de uma vida dedicada à justiça e à liberdade. As mudanças posteriores envolveram um grande cortejo fúnebre que percorreu a cidade de São Paulo terminando no Cemitério da Consolação onde está enterrado até os dias de hoje.

Na atualidade, essa homenagem foi ressignificada, o Cortejo tem sido realizado pelo Movimento Negro em São Paulo. Este ano, 2024, o evento contou com alguns dias de celebração no mês de agosto em associação com o SESC Consolação. No dia 24 de agosto foi realizada pela manhã uma palestra com Ligia Fonseca Ferreira e Bruno Rodrigues de Lima que abordaram temas essenciais para o entendimento do ativismo abolicionista de Luís Gama, sua vida e obra.

Ainda durante o evento, no período da tarde, foi realizada uma caminhada “Pegadas de Luiz Gama” em um ato simbólico, conduzida por Abílio Ferreira, foram visitados alguns pontos históricos de São Paulo a partir da contextualização da atuação de Luís Gama por meio de instituições da cidade. Como exemplo, uma das paradas foi realizada no Monumento Luís Gama localizado no Largo do Arouche, no bairro da República em São Paulo. Já no dia 25 de agosto foi realizado todo o trajeto do Cortejo Fúnebre, sem paradas entre o Brás e o Cemitério da Consolação.

## **Considerações finais**

Luís Gama e sua colaboração para a libertação, pela cidadania e pela educação do negro no Brasil, se tornou um grande exemplo pois transformou o conhecimento adquirido com muito esforço em instrumento de luta. Outra contribuição de Gama, está em suas narrativas, fatos reais que ocorreram com outros escravos, com outros abolicionistas, com associações, com as redações de jornais, propiciando um esclarecimento das posições políticas e sociais que permeavam a continuidade da escravidão e a prorrogação do rompimento desse sistema cruel de trabalho. Gama transparece

o tempo todo em sua escrita, a indignação, a urgência de se fazer uma revolução, romper com a escravização e com a monarquia, seria a democracia o caminho para justiça e igualdade.

Os registros deixados pelo autor compõem a sua história e contribuem para compreensão da realidade do negro no Brasil, a vulnerável mediante a cor de sua pele, era a condição de vida do escravizado no Brasil do século XIX. No sentido em que a cartografia é realizada em movimento coletivo, é imprescindível identificar que as colaborações dos pesquisadores e produtores de arte e cultura fornecem diversas fontes e conteúdos que enriquecem a investigação científica. A cartografia prevê a vivência, a experiência no campo dos sentidos para construção de arranjos de pesquisa de intervenção, embora descreva os contornos formais dos objetos e do mundo, sua construção permite o movimento dos objetos durante o processo de construção. (Passos, 2009)

Assim, todos os conteúdos destacados neste artigo, formam um grande rizoma, mas só pode ser construído a partir da vivência, da experiência da pesquisa historiográfica e cartográfica.

## Referências

AIRES, Iolly. **Doutor Gama: a luta incessante pela liberdade**. Publicado em 18 de novembro de 2021. Disponível em: <https://valkirias.com.br/doutor-gama/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

ALONSO, Ângela. **Flores, votos e balas: O movimento abolicionista brasileiro (1868-88)**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

CÂMARA, Nelson. **O advogado dos escravos: Luiz Gama**. 3. ed. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016.

ESPETÁCULO Luiz Gama: uma voz pela liberdade. Centro Cultural da Justiça Federal. Disponível em: <https://ccjf.trf2.jus.br/programacao/luiz-gama-uma-voz-pela-liberdade>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FREDERICO, Enid Yatsuda; CAMPOS, Claudia de Arruda (org.). **Antologia/Luiz Gama**. 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021.

FERREIRA, Lígia Fonseca. **Com a Palavra Luiz Gama: Poemas, Artigos, Cartas, Máximas.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2011.

FERREIRA, Lígia Fonseca. **Lições de Resistência: artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro.** São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

HEROI pela Liberdade. Comunicador e popular, o abolicionista Luiz Gama teve vida e obra ancoradas na consciência política e na luta antirracista. 2020. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/editorial/heroi-da-liberdade/>. Acesso em 10 nov. 2024.

IMORTALIDADE de Luiz Gama. Sesc Consolação. 2024. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/programacao/a-imortalidade-de-luiz-gama/>. Acesso em: 20 ago. 2024.

LIMA, Bruno Rodrigues de (org.). **Liberdade 1880-1882 - Luiz Gama.** 1. ed. São Paulo: Hedra, 2021.

LIMA, Bruno Rodrigues de. **Luiz Gama Contra o Império: a luta pelo direito no Brasil da escravidão.** São Paulo: Editora Contra Corrente, 2024.

MORA, Arthur Katrein. **Luiz Gama como Perseu romântico: engajamento literário em *Primeiras trovas burlescas de Getulino*.** 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2020. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/10356>

NEGRAS Escrituras. Resenha “Um defeito de cor – Ana Maria Gonçalves.” Ademar Amancio. Publicado em 26 de dezembro de 2021. Disponível em: <https://negrasescrituras.com/resenha-um-defeito-de-cor-ana-maria-goncalves/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

O BPN. Lançamento da HQ “Província Negra” – aventura histórica tendo como personagem Luiz Gama. Publicado por Adm ABPN. 30/09/2022. Disponível em: <https://abpn.org.br/lancamento-da-hq-provincia-negra-aventura-historica-tendo-como-pe-rsonagem-luiz-gama/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

PAIXÃO, Magnólia Ferreira Cruz da. **O direito à poesia: A força brasileira de “As primeiras trovas burlescas”**, de Luiz Gama. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/900>.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa - intervenção e produção de subjetividades**. Porto Alegre: Sulina. 2009.

PAULINO, Mara Regina. **A estética do ser/estar no “entre lugares”**: Imagens do negro, do mestiço, do mulato e do branco em “Primeiras trovas burlescas de Getulino”, de Luiz Gama. 2010. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2010.tde-02082010-192223>.

PROJETO Luiz Gama. Bruno Rodrigues de Lima (org.). Editora Hedra. Disponível em: <https://projeto Luizgama.hedra.com.br/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

UM DEFEITO de cor. Curadoria de Amanda Bonan, Ana Maria Gonçalves e Marcelo Campos, 2014. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/programacao/um-defeito-de-cor/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

UM DEFEITO de cor: conheça o livro homenageado em samba-enredo da Portela. Nayara Fernandes. 13/02/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2024/noticia/2024/02/13/um-defeito-de-cor-conheca-livro-homenageado-em-samba-enredo-da-portela.ghtml>. Acesso em: 10 nov. 2024.

UNIVERSO HQ. Conversa com os autores de Província Negra em Tiras, em São Paulo. Marcelo Naranjo. Publicado em 28 de novembro de 2023. Disponível em: <https://universohq.com/noticias/conversa-com-os-autores-de-provincia-negra-em-tiras-em-sao-paulo/>. Acesso em: 10 nov. 2024.



### 3

## DO PRESENCIAL AO VIRTUAL: REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA E IDENTIDADE NA FESTA JUDAICA EM RECIFE

Thiago Atsushi Naruse

### Introdução

A celebração de festas religiosas e comunitárias desempenham um papel fundamental na preservação da identidade e na coesão das comunidades culturais, ao redor do mundo. Na comunidade judaica de Recife, as festividades tradicionais se configuram como momentos de renovação da memória coletiva e individual, promovendo uma conexão profunda com a história e os valores herdados. Entre as principais festividades celebradas pela comunidade, destaca-se a Festa Judaica de Recife.

Criada em 1989, com o intuito de fortalecer ainda mais a identidade judaica local e promover o sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade, essa celebração comunitária integra elementos culturais e religiosos, reunindo diversas tradições judaicas em um só evento. A festa conta com atividades para todas as idades, incluindo música, dança, gastronomia típica, artesanato e apresentações que retratam a história, as crenças e os valores do judaísmo. A iniciativa busca não apenas preservar a herança cultural, mas também aproximar os membros da comunidade e fomentar o diálogo com a sociedade local, destacando a contribuição judaica para a diversidade cultural de Recife.

**Figura 1.** Sinagoga Kahal Zur Israel em Recife



Fonte: <https://www.folhape.com.br/especiais/guia-recife/>

localizado-no-bairro-do-recife-sinagoga-kahal-zur-israel-e-o-primeiro/266624/

**Figura 2.** Festa Judaica em Recife em frente a Sinagoga Kahal Zur Israel



Fonte: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2017/10/festival-de-cultura-judaica-do-recife-e-ampliado.html>

A Festa Judaica em Recife representa um espaço de integração e intercâmbio cultural, envolvendo não apenas a comunidade judaica local, mas também participantes de diversas origens e tradições religiosas, evidenciando a pluralidade cultural da cidade. Como um importante instrumento de preservação da identidade cultural judaica, promove a transmissão de seus valores fundamentais.

Ao abrir-se à participação de diferentes grupos, a festividade permite que valores como respeito, solidariedade e diversidade sejam vivenciados e compartilhados, contribuindo para o enriquecimento cultural da sociedade recifense. Dessa forma, a Festa Judaica transcende o âmbito religioso e comunitário, consolidando-se como um momento de diálogo e aproximação, reafirmando a relevância da tradição judaica não apenas para a própria comunidade, mas também para a construção de uma convivência social plural e inclusiva.

Em 2024, no entanto, devido a preocupações com segurança e à crescente polarização política, a Festa Judaica em Recife ocorreu pela primeira vez em um formato virtual, rompendo com a tradição anual de encontro presencial. Segundo um dos organizadores do

evento, Jader Tachlitsky<sup>1</sup>, houve preocupações antecipatórias sobre como o encontro virtual seria estruturado. Esse novo cenário levantou questionamentos não só sobre o impacto do ambiente digital na vivência e preservação da memória coletiva e individual dessa comunidade, mas também sobre a manutenção dessa interação multicultural.

Para compreender os efeitos dessa transição, fundamentamos este estudo na teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990), que argumenta que as lembranças de um grupo são reforçadas por meio de interações sociais e práticas culturais compartilhadas. Complementarmente, consideramos a perspectiva de Pierre Lévy (1999), que vê o ambiente digital como um espaço de inteligência coletiva, onde as interações virtuais podem também contribuir para o fortalecimento das memórias compartilhadas e para a coesão comunitária.

Este artigo propõe uma reflexão sobre como a celebração virtual poderá impactar a construção da memória coletiva e o senso de pertencimento individual no contexto da comunidade judaica de Recife. A análise apresentada explora os desafios e inovações que surgem ao tentar manter viva uma tradição cultural em um ambiente digital, considerando tanto as limitações quanto as potencialidades de preservação da identidade cultural, em tempos de transformação e restrições sociais.

## **Judeus holandeses em Recife: Isaac Aboab da Fonseca e a Sinagoga Kahal Zur Israel em Recife**

A história da comunidade judaica em Recife remonta a um período distante, marcado por perseguições religiosas e migrações forçadas. Após serem perseguidos e expulsos da Península Ibérica

<sup>1</sup> Economista e professor especializado em Cultura e História Judaica, atua como coordenador de comunicação da Federação Israelita de Pernambuco (FIPE), contribuindo para a divulgação e preservação da cultura judaica na região. É autor de diversos artigos sobre o conflito Israel-Palestina e temas relacionados ao Oriente Médio.

devido à Inquisição<sup>2</sup>, muitos judeus sefarditas encontraram abrigo e refúgio na Holanda, onde puderam encontrar a paz e praticar a sua fé com certa liberdade.

Com a expansão colonial holandesa e a ocupação do nordeste brasileiro no século XVII, um número significativo de judeus, atraídos pelas oportunidades econômicas e pela relativa tolerância religiosa em solo brasileiro, migrou para a cidade de Recife, onde estabeleceram uma comunidade religiosa próspera e também coesa. Recife, nesse período, tornou-se um dos principais centros de acolhimento judaico nas Américas. Dentre os nomes que se destacaram nesse contexto encontra-se Isaac Aboab da Fonseca.

Nascido em Castro Daire, Portugal, Aboab da Fonseca foi obrigado a deixar sua terra natal devido à perseguição da Inquisição. Em Amsterdã, recebeu sólida formação rabínica, destacando-se rapidamente por seu conhecimento e liderança. Em 1642, ele foi enviado para Recife pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais para servir a comunidade judaica que florescia sob o domínio holandês no Brasil.

Liderando a Sinagoga Kahal Zur Israel, a primeira sinagoga das Américas, Aboab da Fonseca tornou-se uma figura central na vida religiosa e cultural da comunidade judaica recifense. Inicialmente instalada na residência de David Senior Coronel<sup>3</sup>, outro importante personagem sefardita neste período, a sinagoga foi estabelecida

2 A Inquisição foi um conjunto de tribunais religiosos estabelecidos pela Igreja Católica no século XIII, com o objetivo de combater práticas religiosas consideradas inadequadas ou não conformes ao cristianismo. Embora tenha ocorrido em diversas partes da Europa, a Inquisição mais conhecida foi a Inquisição espanhola, iniciada em 1478, que visava principalmente os judeus conversos (judeus que se converteram ao cristianismo) e os muçulmanos, além de outros grupos considerados desviantes da fé oficial. A Inquisição portuguesa, também intensa, foi responsável pela perseguição e repressão de judeus, muçulmanos e outros indivíduos acusados de práticas religiosas "erradas", especialmente durante os séculos XV e XVI. Essa repressão levou muitos judeus a fugirem para outras partes do mundo, incluindo as colônias portuguesas, como o Brasil.

3 David Senior Coronel foi uma importante figura sefardita na comunidade judaica de Recife, durante o período colonial. Ele é frequentemente associado à liderança religiosa e à preservação das tradições judaicas na cidade, especialmente em relação à Sinagoga Kahal Zur Israel. Sua residência foi o local inicial onde a sinagoga foi instalada antes de ser transferida para a Rua dos Judeus, um dos primeiros centros de culto judaico nas Américas. Sua contribuição foi crucial para a formação e o fortalecimento da identidade judaica local.

na Rua dos Judeus (atual Rua do Bom Jesus), onde permanece até hoje, simbolizando a liberdade religiosa que os judeus encontraram em solo brasileiro sob domínio holandês, em contraste com a intolerância religiosa imposta pela Inquisição portuguesa, na maior parte da Europa naquela época.

Com a preservação de suas práticas e tradições, a comunidade judaica de Recife não só floresceu, mas também se consolidou como um marco significativo na história do judaísmo nas Américas. Este processo de continuidade e ressignificação cultural foi fortalecido por um evento de grande importância, que, embora tenha origem mais recente, desempenhou um papel crucial na manutenção e no fortalecimento da identidade judaica local: a Festividade Judaica em Recife, também conhecida como Festival Judaico de Recife ou Festival de Cultura Judaica.

**Figura 3.** Festa Judaica em Recife em frente a Sinagoga Kahal Zur Israel.



Fonte: <https://jc.neto.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2018/12/02/festival-da-cultura-judaica-movimenta-o-bairro-do-recife-364039.php>

A realização desse evento tem sido fundamental, não apenas para a preservação da herança cultural judaica, mas também para o resgate e revitalização de suas tradições, proporcionando um espaço de renovação, reafirmação dos valores e fortalecimento da memória coletiva da comunidade. Embora inicialmente de origem popular, o

Festival ganhou maior visibilidade e apoio ao contar com o respaldo institucional da Sinagoga Kahal Zur Israel, o que permitiu um crescimento significativo em sua popularidade. Sua primeira edição ocorreu em 1989, tendo passado por algumas interrupções ao longo dos anos, especialmente devido a questões logísticas e financeiras, dificuldades comuns a eventos culturais dessa magnitude. A última interrupção ocorreu durante a pandemia de COVID-19, em 2020 e 2021, quando o Festival foi suspenso por dois anos consecutivos.

Após esse período de inatividade e espera, o Festival encontrou um novo desafio: a guerra entre Israel e o Hamas. Mais uma vez, o evento se viu obrigado a cancelar suas atividades, conforme destacado na citação abaixo:

O Festival da Cultura Judaica, como o próprio nome já identifica, é um momento de confraternização e alegria. Vivenciamos nossa arte e cultura, com júbilo, por meio da música e da dança. Nos últimos dias, todo o mundo judaico foi surpreendido com os atos de barbárie a que foi submetida a população em Israel. [...] Estamos de luto. Um luto de uma intensidade que se compara aos piores episódios já sofridos por nosso povo. Somos reconhecidos por nossa resiliência, por nossa capacidade de sentir o amargor da dor e nos reerguermos fortes, unidos e pujantes. [...] Jamais esqueceremos, mas seguiremos em frente. Chegará o momento em que a situação na pátria judaica de alguma forma se estabilizará. E abrandaremos nossa dor, reanimaremos nossos espíritos e realizaremos o mais belo Festival (que estava previsto para acontecer no dia 29 de outubro, na Rua do Bom Jesus) de todos os tempos. (FIPE, 2023).

O trecho citado é de uma matéria publicada no portal “Folha de Pernambuco”, que aborda a suspensão da Festa Judaica em Recife no ano de 2023, motivada pelos intensos conflitos em Israel. A informação foi divulgada pela Federação Israelita de Pernambuco (FIPE)<sup>4</sup>, que emitiu um comunicado oficial anunciando a interrupção

<sup>4</sup> Organização comunitária representativa da comunidade judaica em Pernambuco, responsável por promover e preservar a cultura, a religião e os valores judaicos na região, além de atuar em diversas iniciativas sociais e culturais, incluindo eventos como o Festival da Cultura Judaica.

do evento. O comunicado não apenas expressa a tristeza e o luto por parte da comunidade diante dos trágicos acontecimentos, mas também revela a intensa expectativa por parte de seus organizadores de que as atividades e festividades presenciais seriam retornadas em 2024, destacando a importância dessa festividade não apenas para o fortalecimento da identidade cultural, mas também para a coesão da comunidade judaica de Recife.

Agora, em 2024, após aproximadamente três anos de espera e expectativa, o festival enfrenta mais um grande desafio. Devido à continuidade do conflito entre Israel e o Hamas, às tensões raciais e à crescente polarização política, o sentimento de insegurança entre os organizadores e a comunidade se acentuou, o que os levou a uma difícil decisão: adiar ou não novamente a festividade?

Em resposta a esse cenário de insegurança local e ao clima de conflito internacional, a comunidade judaica de Recife optou por não adiar, mas por adaptar o evento. Com o objetivo de preservar e manter viva a memória coletiva da comunidade, os organizadores decidiram realizar o festival em formato virtual, sem a participação presencial de seus membros, como forma de garantir a continuidade da tradição mesmo diante das dificuldades presentes.

Essa adaptação, no entanto, levanta uma questão crucial: a transição da festividade judaica para o ambiente digital representa um desafio ou uma inovação na preservação da memória coletiva e da identidade cultural da comunidade judaica em Recife?

Para explorar essa questão, recorreremos à teoria da memória coletiva de Maurice Halbwachs (1990), que enfatiza o papel das interações sociais na formação e manutenção das memórias de um grupo, e à perspectiva de Pierre Lévy (1999) sobre inteligência coletiva, que vê o ambiente digital como um espaço para a construção e o compartilhamento de significados. Com essas bases teóricas, analisaremos de que forma o formato virtual pode influenciar tanto a coesão comunitária, quanto a identidade cultural em tempos de transformação.

## Festival Judaico em Recife e a memória coletiva e individual à luz de Maurice Halbwachs

Maurice Halbwachs (1877-1945) foi um sociólogo francês, renomado por suas contribuições ao estudo da memória coletiva. Nascido em Reims, França, em uma família universitária, Halbwachs estudou na prestigiada École Normale Supérieure, onde teve contato com figuras importantes do pensamento sociológico, como Émile Durkheim. Ao longo de sua carreira, Halbwachs desenvolveu a ideia de que a memória individual é fortemente influenciada pelas interações sociais e coletivas e que as recordações individuais são moldadas pelos grupos, aos quais o indivíduo pertence.

Sua obra mais conhecida, “A Memória Coletiva”, lançou as bases para o entendimento de como os grupos, por meio de práticas, tradições e instituições, constroem e preservam suas identidades ao longo do tempo. No primeiro capítulo dessa obra, Halbwachs defende que a memória individual é constantemente reforçada e, muitas vezes, influenciada pela memória coletiva dos outros. Ele argumenta que, na maioria das vezes, a memória coletiva legitima nossa própria consciência e recordação. Segundo Halbwachs, a memória individual nunca é completamente independente, pois sempre recorreremos “aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma” (Halbwachs, 1990, p. 25). Estamos, portanto, em constante busca de legitimação do passado, especialmente por meio de uma afirmação coletiva que pode ser expressa e compartilhada de forma verbal, simbólica e institucional. “Assim, para confirmar ou recordar uma lembrança, as testemunhas, no sentido comum do termo, isto é, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessárias” (Halbwachs, 1990, p. 27), basta que busquemos essa legitimação em algo que já foi coletivamente legitimado, como é o caso não só da Sinagoga Kahal Zur Israel, mas também da Festividade Judaica em Recife.

Nesse sentido, a realização do Festival em Recife apresenta um desafio fundamental para a teoria de Halbwachs. Se, como ele sugere, a memória individual é reforçada e legitimada pelo testemunho direto de outros membros do grupo ou instituições reais ou simbólicas, a ausência de uma interação física – especialmente no contexto da Festividade Judaica em Recife, que constitui uma instituição simbólica fundamental para a memória coletiva e individual judaica em Recife – pode enfraquecer a eficácia desse processo. A Festa é um evento essencial que proporciona um cenário material e sensível, onde as memórias e tradições da comunidade são reafirmadas de geração em geração. Sem a presença física nesse espaço, que serve como um dos pilares da legitimação coletiva, a experiência da festividade corre o risco de perder parte de seu valor simbólico e de sua capacidade de reforçar as identidades individuais em relação ao grupo. A memória da Festividade, portanto, corre o risco de se tornar menos “viva” ou “autêntica” na experiência individual dos participantes, pois a falta de contato direto pode enfraquecer os laços e diminuir a força simbólica da celebração.

Essa questão coloca em debate a própria natureza da memória coletiva no ambiente digital. Ao virtualizar um evento que tradicionalmente depende da presença sensível para reforçar a coesão comunitária, a comunidade judaica de Recife se depara com o dilema de preservar suas tradições em um espaço que desafia as bases da memória coletiva estabelecidas por Halbwachs, mas abre precedente para a tese de um outro grande pensador: Pierre Lévy.

## **Pierry Lévy e a inteligência coletiva**

Pierre Lévy (1956- ) é um filósofo e teórico da informação franco-tunisiano, conhecido por suas contribuições ao estudo da cibercultura e das transformações da sociedade na era digital. Nascido em Túnis, na Tunísia, Lévy se destacou por explorar o impacto da tecnologia e do ambiente virtual na comunicação e na construção do conhecimento. Seu conceito de “inteligência coletiva” tornou-se central para entender como as pessoas podem colaborar e criar

conhecimento em rede, compartilhando e construindo informações de forma coletiva. Entre suas obras mais influentes estão “Cibercultura” e “O que é o Virtual?”, nas quais examina como o digital está reformulando as interações sociais e o aprendizado. O trabalho de Lévy tem sido fundamental para entender as novas dinâmicas culturais e de memória coletiva, no contexto digital.

Em sua obra “O que é o Virtual?” (1996), Lévy defende que o virtual não é o oposto do real, mas uma dimensão da realidade que é latente e potencial, pronta para ser atualizada em diferentes contextos. Para Lévy (1996), o ambiente virtual — ou ciberespaço — é um novo território simbólico que possibilita o compartilhamento de significados e a criação de laços e identidades culturais. Em suas palavras:

Contrariamente ao possível, estado e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização. (Lévy, 1996, p. 16)

Lévy (1996) oferece uma compreensão fundamental sobre o conceito de virtualidade, que vai além da simples ausência física. Essa ideia se aplica diretamente ao contexto da Festividade Judaica de Recife em seu novo formato virtual. A memória coletiva da comunidade judaica, com todos os seus valores, tradições e símbolos, está agora “virtualmente” presente, ou seja, mantém-se latente no ambiente digital.

Em seu outro livro, “Cibercultura” (1999), ele apresenta o conceito de inteligência coletiva, onde descreve que o conhecimento pode ser produzido e ampliado por meio da colaboração entre pessoas conectadas em rede. Esse ambiente digital, para Lévy, pode permitir que a memória coletiva e as tradições culturais sejam preservadas e reinventadas, mesmo sem a presença física. Assim, o filósofo vê o ciberespaço como uma extensão da realidade social e cultural, onde novas formas de interação, conhecimento e memória podem

ser construídas de maneira coletiva e dinâmica. Em suas palavras: “A cibercultura faz emergir uma nova forma e maneira de agir” (Lévy, 1999, p. 150).

No entanto, segundo ele, para que essa memória coletiva se torne efetiva e significativa para os participantes, ela precisa ser “atualizada” no ambiente virtual. Isso implica em um processo ativo de adaptação, onde elementos como as interações sociais, os rituais e as práticas compartilhadas — que tradicionalmente reforçam a coesão e a identidade comunitária — necessitam de novas formas de expressão e envolvimento. Essa necessidade de atualização no ambiente virtual nos leva a refletir sobre como a essência da Festividade Judaica em Recife pode ser mantida em um contexto, onde os elementos tradicionais de interação estão ausentes.

## Considerações finais

A realização virtual da Festa Judaica em Recife representa um caso emblemático, dos desafios contemporâneos para a preservação da memória coletiva, em tempos de transformação digital. A transição para o formato virtual, impulsionada por fatores externos como ameaças e insegurança, exige uma reflexão aprofundada sobre como as novas tecnologias impactam a construção e a continuidade das tradições culturais.

Maurice Halbwachs, em sua teoria da memória coletiva, enfatiza que as lembranças de um grupo são mantidas por meio de interações presenciais e práticas culturais, compartilhadas em um espaço físico comum. Para ele, os rituais e as celebrações presenciais reforçam o sentido de pertencimento e a identidade coletiva, pois a proximidade física facilita a transmissão de significados e emoções. Sendo assim, a virtualização dos encontros rompe com essa configuração tradicional e coloca a memória coletiva diante de novos desafios.

É nesse contexto que a teoria de Pierre Lévy (1996) sobre a virtualidade e a inteligência coletiva oferece uma perspectiva complementar e inovadora. O autor vê o ciberespaço como um novo “território simbólico” que permite a continuidade das práticas culturais, ainda

que em um formato adaptado. Para ele, o ambiente digital não é um substituto do físico, mas uma extensão onde a memória coletiva e as tradições podem ser recriadas e compartilhadas, possibilitando que as identidades culturais se mantenham mesmo em tempos de crise. A virtualidade, segundo Lévy (1996), expande as possibilidades de conexão e colaboração, formando uma “inteligência coletiva” que se adapta às necessidades e desafios do mundo contemporâneo.

No entanto, apesar dessas possibilidades, o formato virtual apresenta desafios consideráveis. A ausência de encontros físicos pode enfraquecer o sentido de comunidade e diminuir o impacto emocional das celebrações, elementos fundamentais para a construção da memória coletiva, conforme Halbwachs. O ciberespaço oferece um suporte à continuidade, mas não consegue replicar por completo a profundidade dos laços sociais e emocionais, que surgem em encontros presenciais. Esse distanciamento pode levar a um risco de superficialidade na transmissão das tradições e valores culturais, especialmente para as gerações mais jovens.

Nesse sentido, a transição para o formato digital exige que a comunidade se reinvente, criando formas de interação que, mesmo mediadas pela tecnologia, possam evocar o senso de pertencimento e continuidade. Como uma celebração que contribui diretamente para a legitimação e o fortalecimento da memória individual e coletiva, a Festividade Judaica em Recife precisa encontrar soluções para que esse “complexo problema” seja resolvido de forma a preservar e atualizar seu significado, garantindo que, mesmo em um ambiente digital, a memória coletiva permaneça viva e relevante.

Portanto, a Festa Judaica virtual em Recife revela uma tensão entre a necessidade de adaptação e a preservação da autenticidade cultural. Se, por um lado, o ciberespaço proporciona um meio de superação das barreiras físicas, ele também impõe o desafio de encontrar maneiras eficazes de recriar o sentido de pertencimento e identidade coletiva em um formato distante da vivência física tradicional.

Para o futuro, o desafio será equilibrar essas duas dimensões: utilizar a inovação tecnológica para garantir a continuidade das

práticas culturais, sem comprometer a profundidade e a autenticidade da memória coletiva. Nesse cenário, a teoria de Lévy (1999) sugere que a inteligência coletiva do ciberespaço pode ser mobilizada para encontrar soluções criativas, fortalecendo a resiliência cultural da comunidade. Ao mesmo tempo, é essencial que a comunidade judaica recifense continue cultivando espaços de encontro físico, sempre que possível, garantindo que a memória coletiva e a identidade cultural se mantenham vivas em sua forma mais completa.

Em última análise, a experiência da Festa Judaica virtual destaca tanto os desafios quanto as oportunidades oferecidas pelo ambiente digital. Cabe à comunidade explorar essas ferramentas digitais como uma extensão de sua realidade cultural, sempre com a consciência de que a memória coletiva é uma construção dinâmica que precisa se adaptar para sobreviver, mas que deve preservar seus elementos fundamentais para manter-se significativa ao longo do tempo.

## Referências

FEDERAÇÃO Israelita de Pernambuco. Comunicado sobre a suspensão do Festival da Cultura Judaica. Folha de Pernambuco, 2023. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/>. Acesso em: 9 nov. 2024.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

LÉVY, Pierre. **O que é o Virtual?** Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LEVY, Daniela Tonello. **Judeus e marranos no Brasil holandês: pioneiros na colonização de Nova York**. 2008. Tese (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

WEITMAN, Y. David. **Bandeirantes espirituais do Brasil**. São Paulo: Editora Mayaantot, 2003.



4

## CARTOGRAFIA DO IMAGINÁRIO DA MULHER REVOLUCIONÁRIA

Larissa Azevedo Souza

### Introdução

Na perspectiva de uma visão feminista e sob a análise da história cultural, este artigo se propõe a uma investigação sob o aspecto do imaginário sociocultural em um cenário brasileiro, entre os anos de 1964 e 1985, um período de forte repressão do regime militar instaurado no país. A metodologia cartográfica será um componente para a estruturação das teorias, dos artigos e das inspirações que dão forma a uma pesquisa acadêmica.

O objeto da pesquisa consiste em compreender a construção do imaginário brasileiro sobre as mulheres, dadas como revolucionárias, e para compor esta compreensão iremos analisar culturalmente as representações que são criadas, partindo da condição estruturante

da sociedade, no período do recorte histórico. De acordo com Bourdieu (1987, p. 147), as estruturas, as representações e as práticas são simultaneamente constituintes e constituídas de maneira contínua. Para ele, as representações não são apenas construídas, mas também resignificadas conforme os interesses de um poder dominante. Nesse sentido, ao analisar figuras femininas reais, além dos estereótipos e das imagens formadas por uma construção social, é possível perceber que essas mulheres são, de fato, lutadoras com ideais próprios. Exemplos de tais mulheres incluem Dilma Rousseff, Iara Iavelberg, Beatriz Nascimento e Maria Amélia Teles.

Embora possam ser consideradas revolucionárias no contexto histórico em questão, elas não se inserem na construção de uma imagem popular estereotipada. Ao contrário, essas mulheres são figuras reais e comuns, que se distanciam das representações de mulheres estereotipadas, muitas vezes retratadas sob uma ótica distorcida, seja como masculinizadas ou sexualizadas. Tendo em vista que o padrão feminino do período era de mulheres submissas, em papéis sociais delimitados, como cuidadoras, mães e esposas, ou mesmo a boa dona de casa, sendo a sociedade brasileira amplamente machista, patriarcal e extremamente conservadora.

Partindo do pressuposto que muitas dessas mulheres, consideradas como revolucionárias são analisadas socialmente por estereótipos construídos, e que a maior parte dessas mulheres eram da esquerda brasileira, acrescentamos neste ponto de análise mais um estereótipo, que é o temido comunismo. Partimos de uma cartografia visual, para esta pesquisa, quando pensamos revolucionário, em amplo sentido. Vamos imaginar pessoas que fogem do padrão pré-estabelecido socialmente, o diferente, aquele que está predisposto à revolução, ou seja, à mudança, então, normalmente ao imaginarmos o homem revolucionário ele compõe armas, roupas de combate, e no caso das mulheres, ou elas não são nada femininas ou são mulheres com seios à mostra, como apresentado no quadro da Revolução Francesa de Delacroix, “A liberdade guiando o povo”. Pois a mulher revolucionária, que é a liberdade, está com seios expostos.

Quadros e representações artísticas são sem dúvidas, utilizadas para compor e “dar vida” a um imaginário, portanto, neste ponto, a arte muitas vezes torna-se fundamental para estas construções e para as análises de composição sociocultural.

**Figura 1.** La Liberté guidant le peuple, 1830 - Eugène Delacroix  
(Museu do Louvre, Palácio Grão-ducal)



Fonte: Wikiart.org<sup>1</sup>

Um ponto importante a ser relacionado na pesquisa de gênero, na análise de imagens e contextos históricos são as discrepâncias existentes quanto ao “papel” da mulher e seu silenciamento ou mesmo exclusão na história, pois a mulher (Liberdade) que guia o povo, não é a mulher da sociedade francesa, pois esta nem ao menos tem direitos.

1 Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/eugene-delacroix/a-liberdade-guiando-o-povo-1830e-Guiando-o-Povo,1830-Eugène-Delacroix-WikiArt.org>. Acesso em: 21 nov. 2024.

Mas, se as mulheres devem ser excluídas, sem voz, da participação dos direitos naturais da humanidade, prove antes, para afastar a acusação de injustiça e inconsistência, que elas são desprovidas de razão; de outro modo, essa falha em sua NOVA CONSTITUIÇÃO sempre mostrará que o homem deve de alguma forma agir como um tirano, e a tirania, quando mostra sua face despidorada em qualquer parte da sociedade, sempre solapa a moralidade. (Wollstonecraft, 2016, p. 20)

Por certo, aqui é apresentado efetivamente a importância do imaginário, das representações na pesquisa de gênero e na história cultural, mulheres fazem parte e compõem o imaginário, mas não necessariamente elas são incluídas na história, ou melhor dizendo, não fazem parte da composição do fazer histórico, como agente ativo.

O estudo sobre o imaginário torna-se complexo, pois compreende o “utópico”, o não real, mas podemos partir desta construção imagética aquilo que é criado por percepções sociais, por um coletivo. Segundo Baczkó (1985, p. 309):

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. Assim é produzida, em especial, uma representação global e totalizante da sociedade como uma “ordem” em que cada elemento encontra o seu “lugar”, a sua identidade e a sua razão de ser.

Para Bourdieu (2007), utilizaremos os conceitos de *campus* e de *capital simbólico*, ambos partem de um composto social utilizado para dominação. Já para Bronislaw Baczkó (1985), trabalharemos com o conceito de imaginário social, que será explorado para compreender essa construção social intencional, voltada a se impor sobre o outro.

O campo político é pois o lugar de uma concorrência pelo poder que se faz por intermédio de uma concorrência pelos profanos, ou melhor,

pelo monopólio do direito de falar e de agir em nome de uma parte ou da totalidade dos profanos. O porta-voz apropria-se não só da palavra do grupo dos profanos, quer dizer, na maioria dos casos, do seu silêncio, mas também da força desse mesmo grupo, para cuja produção ele contribui ao prestar-lhe uma palavra reconhecida como legítima no campo político. (Bourdieu, 2007, p. 185)

Na metodologia cartográfica, esses autores serão utilizados para compreender o conceito de imaginário social e como é possível assimilar o campo simbólico e político ao imaginário popular construído. Assim, servirão como base conceitual para dar início à composição proposta pela pesquisa, que se concentra nas mulheres durante a ditadura militar e no estudo das histórias insurgentes.

Em síntese, esta pesquisa e este mapeamento utilizam um fator social de difícil mensuração para compor não apenas o contexto histórico em análise, mas também para apreender suas nuances na sociedade contemporânea. Ademais, a intenção é compreender a importância dessas representações do imaginário social, para o feminismo contemporâneo e para a igualdade de gênero. O objetivo desta cartografia é analisar a complexidade do imaginário social na construção do “ser mulher” na sociedade brasileira, investigando como as imagens criadas ao longo da história acabam distorcidas e contribuem para o silenciamento das mulheres. A proposta é examinar essas representações com o intuito de desconstruir estereótipos e ressignificar o papel feminino na história cultural, destacando as contribuições de mulheres revolucionárias reais. Para isso, será utilizada a curadoria do imaginário e do real, buscando validar a desconstrução necessária para um feminismo mais potente e transformador.

## **Inspirações revolucionárias e Estado da arte**

Iniciamos apresentando o conceito “mulheres revolucionárias” e a motivação de tal escolha, já que na história das mulheres ainda há um amplo espaço para pesquisa.

Revoluções trazem a inovação de padrões estabelecidos. A etimologia da palavra “revolução” indica que ela vem do latim

“revolver”, que é “dar voltas”, mas em seu significado, é a mudança. Portanto, a mulher revolucionária é aquela que já não aceita um padrão estabelecido socialmente, ela transita, ela transforma, é ousada. Estas mulheres não aceitam a imposição como o caminho final, cabe apenas a elas escolher os seus próprios caminhos. Mulheres revolucionárias estão “à frente do seu tempo”.

A história em vários aspectos possibilita uma reflexão social, cultural, econômica, política, entre outros, e para além dos diversos estudos historiográficos, as revoluções movimentam os estudos históricos, ou pelas palavras de Marx (2012, p. 98): “As revoluções são a locomotiva da história.” Desta forma, compreender a história das mulheres partindo de uma análise de revolução, é compreender também que nós, não apenas fazemos parte da história, como transformamos a história, sobretudo apresentando tantas mulheres, que um dia foram silenciadas. A escrita historiográfica em si é revolucionária, mesmo que só a partir da década de 1960 as mulheres iniciaram uma efetiva e ativa participação na vida pública, principalmente entrando nas universidades. Apenas nos anos 1990, que as brasileiras iniciam uma escrita efetivamente feminista, produzindo pesquisas de gênero para compreender o papel da mulher na sociedade, que até este ponto era considerada apenas como coadjuvante.

No percurso cartográfico para analisar essa história feminina, em contexto de ditadura militar, as referências centrais utilizadas serão as pensadoras feministas, que analisam em seus trabalhos, as mulheres. A pesquisa de gênero e a compreensão social partindo do olhar feminino, são: Joan Scott, Angela Davis, Margareth Rago e Simone de Beauvoir.

Ainda que a historiografia das mulheres, atualmente seja mais estudada, ao buscar pesquisas que compõem o aspecto revolucionário, pouco se apresenta sobre a concepção de revolucionárias no estudo brasileiro. Poucas pesquisas exploram efetivamente a questão da mulher como revolucionária, partindo do período militar, os termos utilizados mais frequentes nas pesquisas são guerrilheiras, combatentes, subversivas, mesmo que a nomenclatura utilizada seja

diferente, o aspecto revolucionário em todas é bastante explorado. Mapear os trabalhos existentes possibilitou a apresentação desta pesquisa, que aborda o conceito de imaginário, partindo de uma análise de aspecto sociocultural, abordando as questões de imagens criadas, para a composição do ser mulher revolucionária.

Outro ponto a ser mencionado quanto ao mapeamento, são as referências utilizadas para a compreensão do tema. Portanto, os autores considerados necessários, para a discussão de gênero. Este mapeamento foi possível por bancos de artigos e dissertações disponíveis, algumas possibilitam a efetiva pesquisa durante a ditadura militar brasileira, outras apresentam o aspecto feminino revolucionário, também foram mapeadas pesquisas que tinham como base o imaginário e a pesquisa de gênero.

Quadro 1 - Artigos relevantes encontrados

<b>AUTOR(A)</b>	<b>TEMA</b>	<b>FONTE</b>	<b>ANO</b>
Margareth Rago	Epistemologia Feminista, Gênero e História.	UNICAMP	*
Lúcia Helena Vianna	Mulheres Revolucionárias de 30	Revista Gênero	2002
Carlos Augusto Serbena	Imaginário, Ideologia e Representação Social.	Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas	2003
Renata Meirelles	Da Memória para a História: Experiências e Expectativas de Mulheres Subversivas na Ditadura Militar	USP	2011
Wallace Lucas Magalhães	Imaginário Social como Campo de Disputas: Um Diálogo entre Baczkó e Bourdieu	UFRRJ	2016
Juliana Marques do Nascimento	Guerrilheiras e Biografias: A Imagem da Mulher Militante nos Ciclos da Memória sobre a Ditadura Civil-Militar Brasileira	UFF	2019

Fonte: Produção autoral

Entre os artigos selecionados para compor esta pesquisa, apenas seis foram efetivamente utilizados até o momento. Na imagem acima, esses artigos estão organizados em uma planilha para a cartografia. Foram analisados aspectos como a temática abordada, as referências bibliográficas, o ano de publicação e, principalmente, os pontos discutidos pelos autores. Também foi feita uma análise detalhada para identificar quais aspectos ainda precisam ser considerados para a pesquisa, como, por exemplo, a composição da análise sobre o imaginário das mulheres revolucionárias durante o período da ditadura militar.

Diante do período histórico, que dispõe de vasta bibliografia e fontes alternativas como imagens, revistas, jornais, documentários, depoimentos e vídeos. Os vídeos, por exemplo, serão amplamente explorados, visto que possibilitam a escuta das mulheres partindo de suas histórias e memórias. Ademais, a importância da história oral é bastante significativa, em uma pesquisa que busca investigar o imaginário, pois este não é palpável ou mesmo visível, cabe interpretações e disposições de um senso comum, que em muitos aspectos está baseado em uma violência simbólica, como abordado por Bourdieu (2007) em seu livro a “Dominação Masculina”.

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações de força que as fundamentam contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados’ (Bourdieu, 2007, p. 11).

Os livros que compõem a referência bibliográfica foram discutidos junto à orientação deste trabalho, sendo a orientadora a Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Rosana Maria Barbato Schawartz, professora que também estuda mulheres e movimentos de mulheres. Esses livros, inspirações e notas, estarão no *link* (Mulheres Revolucionárias<sup>2</sup>), um *Padlet* criado para

<sup>2</sup> Padlet Disponível em: <https://padlet.com/azevedolarissa1/mulheres-revolucion-rias-vw0pq0hkarcf3k02>

a cartografia da pesquisa, que ilustra e compõe o pensamento desta pesquisa. Importante ressaltar que, por opção, os livros selecionados constam em sua maioria de mulheres autoras, para efetivamente criar uma escrita feminista com perspectivas feministas, e ainda sim, os clássicos da história para compor uma base de discussão e compreensão.

## O Imaginário e as imagens das mulheres revolucionárias

Para garantir uma abordagem mais significativa, esta pesquisa também vai ser composta por imagens das mulheres que lutaram contra a ditadura militar de diversas maneiras, fazendo a luta armada, fazendo oposição, enfrentando familiares, estudando ou simplesmente não aceitando a imposição de um sistema violento e dominador. Com a composição imagética dessas mulheres é possível incluir rostos e corpos no imaginário. A curadoria das imagens apresentadas neste contexto reúne mulheres reais da ditadura militar, muitas das quais estiveram na linha de frente da luta armada. Elas são aquelas que estavam em movimento, e que não se enquadram nas representações estereotipadas de guerrilheiras ou rebeldes. São mulheres “comuns”, cujas histórias e trajetórias fogem das nomenclaturas simplificadoras que muitas vezes as reduzem.

**Iara Iavelberg**, militante do MR-8 morta em confronto com a repressão em Salvador



Fonte: memorialdademocracia.com.br<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em: Iara Iavelberg – Me <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/iara-ia-velberg/> morias da Ditadura. Acesso em: 21 nov. 2024.

**Therezinha Zerbini**, assistente social, advogada e ex-presa política, criadora do MFPA (Movimento Feminino pela Anistia)



Fonte: memorialdademocracia.com.br<sup>4</sup>

**Margarida Maria Alves**, presidenta do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Alagoa Grande (PB), assassinada a mando de fazendeiros



Fonte: memorialdaresistenciasp.org.br<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/therezinha-zerbini/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://memorialdaresistenciasp.org.br/pessoas/margarida-maria-alves>. Acesso em: 21 nov. 2024

**Dilma Rousseff** lutou pela derrubada da ditadura,  
pela democracia e pela liberdade no Brasil



Fonte: [memoriasdaditadura.org.br](https://memoriasdaditadura.org.br)<sup>6</sup>

Após a observação das imagens de algumas das muitas mulheres que lutaram, a suas maneiras, contra a ditadura militar, podemos identificar em suma, mulheres “normais”, filhas, estudantes, trabalhadoras, mães, mulheres comuns. Sendo assim, ainda que esses sejam os rostos revolucionários, a compreensão popular não formula estas, como efetivamente as revolucionárias, já que não existe aqui o composto de estereótipos.

A segunda parte desta curadoria que compõe este artigo é a do imaginário cultural, sendo explorado a partir de representações imagéticas de mulheres revolucionárias. Aplicando apenas a pesquisa de mulheres revolucionárias no buscador da *internet*.

A proposta de curadoria de imagens retiradas da *internet* visa capturar uma visão atual e popular da mulher revolucionária, permitindo observar as maneiras como essas figuras são representadas, interpretadas e entendidas no imaginário coletivo. Ao reunir imagens

<sup>6</sup> Disponível em: Dilma Rousseff – Memória <https://memoriasdaditadura.org.br/personagens/dilma-rousseff/s> da Ditadura. Acesso em: 21 nov. 2024

de diferentes fontes, buscamos investigar os elementos visuais e narrativos que são destacados ou deixados de lado, como os estereótipos moldam a percepção de suas ações e quais características reforçam ou contestam as ideias tradicionais de revolução e protagonismo feminino. Essa análise visual contribuirá para a compreensão de como a figura da ‘mulher revolucionária’ é construída, mantida ou desafiada na cultura digital, evidenciando possíveis lacunas ou estereótipos que influenciam a percepção popular dessas figuras, tanto históricas quanto contemporâneas.

**Figura 2.** Revolucionárias Russas Armadas



Fonte: [www.brasildefato.com.br](http://www.brasildefato.com.br)<sup>7</sup>

As imagens presentes no site Brasil de Fato costumam refletir uma visão popular e ativista sobre questões sociais, políticas e culturais, tanto no Brasil quanto no cenário global. Elas retratam figuras históricas e contemporâneas, movimentos sociais, trabalhadores e comunidades, frequentemente capturando momentos de protestos,

<sup>7</sup> Disponível em: Artigo | A lu <https://www.brasildefato.com.br/especiais/artigo-or-a-luta-das-mulheres-e-a-Atualidade-da-revolucao-de-outubro-de-1917>ta das mulheres e a atualidade da revolução | Especiais. Acesso em: 21 nov. 2024

eventos políticos e debates sobre justiça social. Embora sejam fotografias reais, essas imagens também apresentam elementos do imaginário cultural, destacando o papel de grupos marginalizados e temas de resistência e luta. Elas ajudam a construir um imaginário visual de revolução e engajamento social.

Da mesma forma que é possível categorizar as mulheres armadas em movimentos e ações reais, na imagem a seguir observa-se o estereótipo da mulher revolucionária. Ela não é representada como uma figura feminina tradicional, mas sim com uma postura imponente. Seu rosto, marcado pela seriedade, e as roupas vermelhas, que simbolizam o comunismo, reforçam essa ideia. Os braços levantados expressam a luta, enquanto o outro braço, com o dedo indicador apontando para a realidade, sinaliza as mudanças que essa mulher busca promover.

Figura 3. Propaganda Russa



Fonte: [www.revolustore.com.br](http://www.revolustore.com.br)<sup>8</sup>

8 Disponível em: Mulheres Antifascistas! (1941) - <https://www.revolustore.com.br/produtos/mulheres-antifascistas-1941/> Comprar em RevoluStore. Acesso em: 21 nov. 2024

**Figura 4.** Marcha das Mulheres para Paris – Revolução Francesa



Fonte: [www.bbc.com](http://www.bbc.com)<sup>9</sup>

Ao concluir esta curadoria, além das mulheres da Revolução Russa, a última imagem traz uma pintura sobre a Revolução Francesa, retratando a marcha das mulheres rumo a Versalhes. A imagem está acompanhada de uma reflexão sobre Olympe de Gouges, uma mulher revolucionária que foi condenada à guilhotina por lutar pelos direitos das mulheres. Na cena, mulheres comuns marcham, empunhando facões. As imagens foram selecionadas não apenas para resignificar o imaginário da mulher revolucionária e incluir as mulheres na história, mas também para promover uma reflexão mais ampla sobre o tipo de história que é ensinada e a importância da decolonialidade. Embora essa não seja a reflexão central deste artigo, é essencial reconhecer que ainda há uma necessidade urgente de recontar a história, sob uma nova perspectiva de gênero, em que a interseccionalidade seja um fator crucial na análise dos imaginários.

Diante do exposto, é importante destacar que as representações do que imaginamos ou do que é entendido como senso comum, estão carregadas de influências socioculturais. Vale ressaltar que as imagens mencionadas refletem a imaginação de uma cultura

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-62210363>. Acesso em: 21 nov. 2024

patriarcal, conservadora e europeia, o que evidencia a necessidade de um estudo crítico e aprofundado para a compreensão do processo histórico.

## Considerações finais

A metodologia cartográfica apresenta aqui neste trabalho, uma ampla importância para identificar as imagens e os textos que serão utilizados para realizar a pesquisa de mestrado, já que como apresentado ao longo deste artigo, trabalhar com o imaginário é trabalhar com um fator histórico imensurável, que não é possível contabilizar, apresentar ou mesmo simplesmente catalogar, pois as representações compõem uma ideologia dominante sob um sociedade dominada, que cria as imagens e os estereótipos sociais, quem decide as representações ou mesmo as violências simbólicas, como explicado por Bourdieu (1996, p. 22):

O habitus são princípios geradores de práticas distintas e distintivas – o que o operário come, e sobretudo sua maneira de comer, o esporte que pratica e sua maneira de praticá-lo, suas opiniões políticas e sua maneira de expressá-las diferem sistematicamente do consumo ou das atividades correspondentes ao do empresário industrial; mas são também esquemas classificatórios, princípios de classificação, princípios de visão e de divisão e gostos diferentes. Eles estabelecem a diferença entre o que é o bom ou é mau, entre o bem e o mal, entre o que é distinto e o que é vulgar, etc., mas elas não são as mesmas. Assim, por exemplo, o mesmo comportamento ou o mesmo bem pode parecer distinto para um, pretensioso ou ostentatório para outro e vulgar para um terceiro.

Em síntese cabe a investigação em perspectiva feminista, histórica e decolonial para que essas representações possibilitem que a igualdade de gênero seja construída, e para que possa ser compreendida uma história das mulheres, partindo não apenas daquilo que os homens contam para os homens, mas de uma análise de uma historiografia para uma sociedade. Que não invisibilize, que

não segregue e que mulheres, negros e as demais “minorias” sociais possam fazer história ativamente dos seus para os seus.

## Referências

BACZKO, B. Imaginação social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Antropos-Homem. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Volume II. Trad. Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

\_\_\_\_\_. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Volume I. Trad. Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. **O poder simbólico**. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora; 2010.

D’ALESSIO, Marcia Mansor. **Reflexões sobre o saber histórico**. Pierre Vilar, Michel Vovelle, Madeleine Rebérioux. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **Sobreviventes e Guerreiras**. São Paulo: Planeta de Livros, 2020.

MARX, Karl. **As Lutas de Classes na França**. Trad. Nélcio Schneider. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2012. (Coleção Marx-Engels)

MEMORIAL da Democracia. Disponível em: [www.memorialdade-mocracia.com.br](http://www.memorialdade-mocracia.com.br). Acesso em: 06 nov. 2024.

MEMORIAL da Ditadura. Disponível em: [www.memoriasdaditadura.org.br](http://www.memoriasdaditadura.org.br). Acesso em: 06 nov. 2024.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

SCHMIDT, Joessane de Freitas. As Mulheres na Revolução Francesa. **Revista Thema**, n. 09, 2012.

RAGO, M. As mulheres na historiografia brasileira. In: SILVA, Zélia Lopes (Org.). **Cultura Histórica em Debate**. São Paulo: UNESP, 1995.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In: Del Priore, M. (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997. p.578

SOIHET, Rachel. História das mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1997a.

\_\_\_\_\_, Rachel. História, Mulheres, Gênero: contribuições para um debate. In: AGUIAR, Neuma (org.) **Gênero e Ciências Humanas**. Desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997b.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista: a construção do feminismo pós luta armada no Brasil (1975 – 1980)**. São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

THOMPSON. **Costumes em comum: Estudos Sobre a Cultura Popular Tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicações dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016.

**Padlet**

**Mulheres Revolucionárias**



**TECNOLOGIA, CULTURA  
E IDENTIDADE**





# 5

## REPRESENTAÇÕES CARTOGRÁFICAS E IDENTIDADE RELIGIOSA: A UTILIZAÇÃO DAS TDICS PARA MAPEAR A INFLUÊNCIA E A EXPANSÃO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

Bruno de Andrade Duran

### Introdução

Desde suas origens, a cartografia tem desempenhado um papel fundamental não apenas na representação de territórios, mas também como uma poderosa ferramenta para a construção de identidades e a expressão de influências culturais, sociais e religiosas. No contexto brasileiro, caracterizado por uma rica diversidade cultural e religiosa, a cartografia religiosa emerge como uma prática que vai além da localização de espaços sagrados, oferecendo um meio de

compreender como as crenças e tradições se manifestam no território e moldam identidades coletivas. Mais do que mapas geográficos, a cartografia religiosa cria narrativas visuais que traduzem valores espirituais, dinâmicas sociais e interações culturais.

As Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação – TDICs transformaram o campo da cartografia, permitindo a criação de mapas interativos e colaborativos que não apenas documentam a expansão geográfica de uma denominação religiosa, mas também refletem seu impacto cultural e social. No caso da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), essas tecnologias possibilitam a construção de uma narrativa contínua que une passado, presente e futuro, fortalecendo os laços entre seus membros e afirmando sua presença em um território marcado por múltiplas expressões religiosas.

Este estudo busca responder à seguinte questão: de que maneira as representações cartográficas digitais da IPB, mediadas pelas TDICs, podem fortalecer a identidade religiosa e cultural de seus membros no contexto brasileiro? Para tanto, o objetivo deste artigo é investigar como a IPB pode utilizar as TDICs para criar mapas digitais que não apenas registrem sua expansão territorial, mas também promovam conexões significativas entre suas congregações, consolidando uma identidade coletiva de fé visível e acessível.

O artigo está estruturado nas seguintes seções principais. A primeira, explora a importância da religião e seu papel na expressão da identidade coletiva, especialmente na construção da identidade brasileira. Em seguida, em TDICs no Mapeamento da Igreja Presbiteriana do Brasil, discute-se as práticas da IPB na utilização de mapas digitais. A terceira seção, Desafios e Oportunidades, analisa questões éticas, culturais e tecnológicas. Por fim, nas Considerações finais, sintetizam-se as descobertas e apresentam-se propostas para futuras pesquisas.

Ao investigar as interseções entre cartografia, religião e tecnologia, este estudo pretende contribuir para o entendimento de como as representações cartográficas podem se tornar ferramentas poderosas para a análise histórica, cultural e religiosa da identidade presbiteriana num contexto plural com o Brasil.

## Cartografia, Religião e Influência religiosa

A cartografia assumiu papéis que transcenderam a geografia descritiva. E os mapas antigos, que frequentemente apresentavam centros religiosos como Jerusalém e Meca, refletindo a centralidade do sagrado no imaginário coletivo, juntamente com as TDICs contribuem significativamente para a identidade e expansão da IPB.

Segundo define Émile Durkheim (1996, p. 32), no seu livro “As Formas Elementares da Vida Religiosa”, a religião consiste num “sistema unificado de crenças e práticas ligadas ao sagrado que congrega as pessoas que as seguem em uma comunidade”. Por sua vez, Anthony Giddens (2008, p. 535), em seu livro “Sociologia”, definiu religião como “um conjunto de símbolos que invocam sentimentos de reverência ou de temor, ligados a rituais ou cerimónias (como os serviços religiosos) realizados por uma comunidade de crentes”.

Sobre a importância da religião para os seres humanos, afirma Giddens (2008, p. 534):

Ao longo de milhares de anos a religião tem tido um importante papel na vida dos seres humanos. Sob uma forma ou outra, a religião existe em todas as sociedades humanas conhecidas. As sociedades mais antigas, de que apenas temos conhecimento através dos vestígios arqueológicos, mostram traços claros de símbolos e cerimónias religiosas. Ao longo da história subsequente, a religião continuou a ser um elemento central da experiência humana, influenciando o modo como vemos e reagimos ao meio que nos rodeia.

O sagrado foi fundamental para a organização espacial e social das cidades, atuando como elemento central na construção de identidades coletivas. As primeiras cidades, centradas em templos ou santuários, não apenas serviram como locais de prática religiosa, mas também como polos de poder político e redistribuição econômica. Os templos e centros cerimoniais representavam a ligação entre o divino e o humano, justificando a autoridade das elites e influenciando a estruturação social e territorial das primeiras civilizações.

Mesmo nas cidades contemporâneas, a herança do sagrado continua visível em marcos culturais e arquitetônicos (Rosendahl, 2018).

O campo religioso brasileiro é bem diverso e complexo. A rica diversidade cultural e religiosa brasileira é o resultado da junção de vários grupos distintos. Os principais grupos foram os colonizadores portugueses, os povos nativos já presentes na terra invadida, os povos africanos escravizados pelos portugueses e os imigrantes europeus. A religião desses grupos foi fundamental para a organização espacial e social do Brasil.

## O catolicismo português e os nativos no Brasil

A imposição do catolicismo pelas coroas de Portugal e Espanha foi um dos aspectos centrais do projeto colonial, sustentado pela política do padroado, que concedia às monarquias o direito de administrar os assuntos eclesiásticos em seus territórios coloniais. No Brasil colônia, deparamo-nos com o choque cultural entre os cristãos portugueses e as muitas etnias nativas. A conversão dos povos “indígenas” foi tanto um esforço missionário quanto um mecanismo de controle social, frequentemente marcado por práticas violentas, como o trabalho forçado nas encomendas e reduções jesuíticas.

A espiritualidade dos povos nativos brasileiros era diversa e profundamente conectada à natureza. O Padre Fernão Cardim, um missionário jesuíta português que viveu no Brasil colonial entre o final do século XVI e início do XVII, conhecido por seus relatos minuciosos sobre o cotidiano dos “indígenas” e a natureza brasileira, além de suas observações sobre a interação entre os europeus e os povos nativos, escreveu sobre a sua primeira impressão da religiosidade dos povos nativos:

[...] não têm adoração nenhuma, nem cerimônias, ou culto divino, mas sabem que têm alma e que esta não morre [...] e têm grande medo do demônio, ao qual chamam de Curupira, Taguaigba, Macachera, Anhangá [...] Não têm nome próprio com que expliquem a Deus, mas dizem que Tupá é o que faz os trovões e relâmpagos, e que este é o que lhes deu as enxadas e mantimentos, e por não terem outro nome mais próprio e natural, chamam a Deus Tupã (Cardim, 1978, p. 102).

Na chegada dos portugueses ao Brasil, o xamanismo, conhecido localmente como pajelança, desempenhava um papel central na religião dos nativos. “Havia ao menos um pajé para cada aldeia” que realizava curas, comunicavam-se com espíritos da natureza e guiavam a comunidade em rituais religiosos. “Quando um espírito entrava no corpo de alguém, só podia ser retirado por cura xamanística”. “Os pajés foram vistos como demônios perigosos pelos missionários e colonizadores em geral, que os combateram”. A antropofagia, ato de consumir carne humana, que tinha um significado sagrado e simbólico nas cerimônias e rituais dos pajés era vista como “pura violência e barbárie e foram reprimidas com violência” (Domezi, 2016, p. 22).

Os portugueses trouxeram uma perspectiva diferente e um conflito de visões de mundo, interpretando as práticas espirituais indígenas como ausência de fé ou idolatria. Missionários e colonizadores, motivados pela cristianização, frequentemente desconsideravam a complexidade religiosa dos nativos. Os portugueses impuseram a religião cristã como instrumento de controle cultural, desestruturando o xamanismo e outras práticas espirituais. A festa antropofágica (rito de iniciação do jovem guerreiro), por exemplo, era interpretada como barbárie (Domezi, 2016).

## **As religiões africanas no novo mundo**

Portugal foi o maior dos impérios negreiros, durante os quase quatro séculos em que vigorou o escravismo colonial no continente “americano”. Calculam-se perto de quatro milhões de africanos traficados para o Brasil. O tráfico de escravos resultou na migração forçada de milhões de africanos para as “Américas”, incluindo o Brasil. Esses escravizados, originários de diversas regiões da África, trouxeram consigo suas crenças religiosas, formando um mosaico cultural único que resistiu à tentativa de apagamento por parte dos colonizadores. Pierre Edouard Léopold Verger (1902-1996), fotógrafo, etnólogo, antropólogo e pesquisador francês, escreveu em seu livro “Orixás. os deuses Iorubás na África e no novo mundo”:

Disso resultou, no Novo Mundo, uma multidão de cativos que não falava a mesma língua, possuindo hábitos de vida diferentes e religiões distintas. Em comum, não tinham senão a infelicidade de estar, todos eles, reduzidos à escravidão, longe das suas terras de origem (Verger, 2005, p. 8).

Esses grupos trouxeram línguas, práticas culturais e, principalmente, sistemas religiosos que moldaram a espiritualidade e a cultura local. Os escravizados adaptaram suas práticas religiosas às condições impostas, muitas vezes misturando elementos africanos e cristãos, resultando em tradições sincréticas, como o candomblé. Navios negreiros eram batizados com nomes de santos, como “Nossa Senhora da Conceição” e “Santo Antônio”, e protegidos por devoções católicas. A presença das religiões africanas no Brasil é um testemunho de resistência cultural e religiosa. Apesar da violência e da repressão, os africanos escravizados mantiveram vivas suas crenças, adaptando-as e moldando profundamente a identidade brasileira. O impacto dessas religiões, especialmente no sincretismo religioso e nas manifestações culturais, continua a ser um elemento vital da história e da cultura do Brasil (Verger, 2005).

## Os cristãos protestantes

Ao longo do período colonial, o catolicismo dominou o cenário político e religioso no Brasil. No entanto, as contradições dessa hegemonia, como a resistência indígena e os movimentos emancipatórios do século XIX, abriram espaço para novas expressões religiosas, entre elas o protestantismo.

Durante o período colonial brasileiro, cristãos protestantes de nações européias onde o protestantismo predominava, tentaram estabelecer presença no país. Uma das primeiras iniciativas foi liderada pelos huguenotes, calvinistas franceses, que chegaram ao Brasil com a fundação da França Antártica, em 1555, na Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, sob o comando do vice-almirante Nicolau Durand de Villegaignon. Atendendo ao pedido de Villegaignon, João Calvino e a Igreja Reformada de Genebra enviaram doze colonos reformados, incluindo os pastores Pierre Richier e Guillaume Chartier. Em 10 de

março de 1557, esses huguenotes realizaram o primeiro culto protestante fora da Europa. No entanto, divergências teológicas entre Villegaignon e os calvinistas geraram conflitos. Cinco huguenotes foram pressionados a declarar sua fé, o que deu origem à Confissão de Fé da Guanabara. Três deles (Jean de Bourdel, Matthieu Verneuil e Pierre Bourdon) foram executados, enquanto André Lafon teve sua vida poupada e Jacques Le Balleur fugiu, mas acabou preso e enforcado. Entre os que retornaram à França estava Jean de Léry, autor do livro “História de uma Viagem Feita à Terra do Brasil” (1578), que relata essa experiência. Essa tentativa pioneira marcou o início do protestantismo nas Américas (Domezi, 2016, p. 44-45).

Durante o século XVII, sob o comando do príncipe João Maurício de Nassau-Siegen (1637-1644), a Igreja Reformada da Holanda estabeleceu uma significativa presença no Brasil. Os reformados se destacaram pelo trabalho missionário e social, especialmente entre os indígenas. O governo de Nassau também ficou conhecido por promover ampla liberdade religiosa, o que beneficiou inclusive os judeus. O período de ocupação holandesa terminou em 1654, com a expulsão dos invasores. Ainda assim, os holandeses deixaram marcas importantes na região.<sup>1</sup>

No restante do período colonial, o Brasil permaneceu em um profundo isolamento, com o catolicismo português mantendo sua hegemonia religiosa por mais de dois séculos e meio. Contudo, no século XIX, o cenário começou a mudar, o protestantismo começou a se estabelecer no Brasil, inicialmente trazido por imigrantes europeus. Os primeiros protestantes a chegarem foram os ingleses, beneficiados pelo Tratado de Comércio e Navegação firmado com o Brasil em 1810. Os metodistas dos Estados Unidos chegaram ao país em 1819. Pouco depois, em 1824, foi a vez dos luteranos alemães, que se estabeleceram com a vinda de imigrantes. A primeira missão protestante direcionada aos brasileiros foi da Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos, com os pastores Justin Spaulding e Daniel P. Kidder, entre 1836 e 1841. Em seguida, o casal Robert R. Kalley e

1 Fonte: IPB:História e Identidade Curadoria dos Museus da IPB. Disponível em: <https://www.ipbhistoriaidentidade.com.br/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

Sarah P. Kalley desempenhou um papel significativo no desenvolvimento do protestantismo no Brasil, fundando a primeira escola dominical em 1855 e a Igreja Evangélica Congregacional Fluminense em 1858. Essas iniciativas foram fundamentais para consolidar as bases do protestantismo no país (Domezi, 2016, p. 44-45).

## A chegada da Igreja Presbiteriana no Brasil e sua expansão

“Em novembro de 1858, um jovem seminarista presbiteriano manifestou formalmente o desejo de assumir a obra missionária no exterior, e mencionou o Brasil como o campo possível” (Jubran; Silveira, 2015, p. 9). No livro: “Ashbel Green Simonton. Uma vida de fé”, lê-se:

Simonton foi ordenado ao ministério presbiteriano em 14 de abril de 1859”. Viajou em um barco à vela com destino ao Brasil, em 18 de Junho. Chegou a Baía de Guanabara, Rio de Janeiro, no dia 12 de agosto, 55 dias depois. Embora sua chegada ao Brasil em 1859 tivesse sido precedida por algumas gerações de protestantes, Simonton foi um pioneiro no sentido de implantar o presbiterianismo em solo brasileiro (Jubran; Silveira, 2015, p. 9).

Os missionários pioneiros da IPB foram Ashbel Green Simonton (1859), Alexander Latimer Blackford (1860) e Francis Joseph Christopher Schneider (1861). As primeiras igrejas organizadas foram as do Rio de Janeiro (1862), São Paulo (1865) e Brotas (1865). Duas importantes realizações iniciais foram o jornal “Imprensa Evangélica” (1864-1892) e o Seminário do Rio de Janeiro (1867- 1870). O primeiro pastor evangélico brasileiro foi o ex-sacerdote católico José Manoel da Conceição, ordenado em 17 de dezembro de 1865. “A IPB é uma federação de igrejas que têm em comum uma história, uma forma de governo, uma teologia, bem como um padrão de culto e de vida comunitária”.<sup>2</sup> Suas origens mais remotas encontram-se nas reformas protestantes suíça e escocesa, no século XVI, lideradas

2 Fonte: <https://www.ipbhistoriaeidentidade.com.br/materiais/o-que-e-a-igreja-presbiteriana-do-brasil>. Acesso em: 22 nov. 2024.

por personagens como Ulrico Zuínglio, João Calvino e John Knox. Em 2024, a IPB tinha aproximadamente 6.360 igrejas locais, congregações e pontos de pregação, 4.915 pastores, 702.947 membros, estando presente em todos os estados da federação<sup>3</sup>.

Figura 1: Estatística 2024 acerca de número de pastores, igrejas e membros



Fonte: Site Secretaria Executiva IPB.<sup>4</sup>

A IPB desempenhou um papel significativo no contexto urbano brasileiro. Templos presbiterianos foram estabelecidos em centros urbanos estratégicos, muitas vezes acompanhados por escolas e projetos comunitários que ofereciam alternativas educacionais e sociais. Essa estratégia alinhava-se à ética reformada, que associa fé e ação prática, promovendo mudanças concretas nas comunidades.<sup>5</sup>

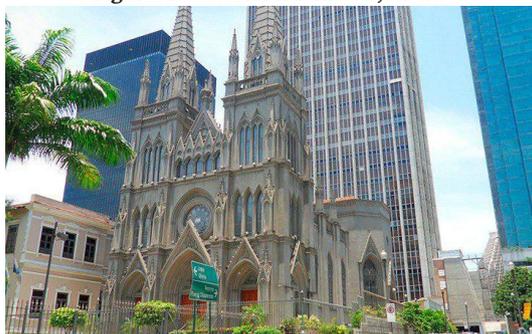
As cidades, com suas características de pluralidade cultural e desafios sociais, proporcionaram um terreno fértil para a atuação presbiteriana. A urbanização acelerada durante o século XX intensificou as demandas por serviços comunitários, e a Igreja respondeu com uma abordagem centrada na educação e na justiça social. No Brasil, por exemplo, colégios e universidades como o Mackenzie tornaram-se referências em qualidade educacional, refletindo o compromisso presbiteriano com a transformação cultural.

3 Fonte: <https://www.executivaipb.com.br/estatisticas>. Acesso em: 22 nov. 2024.

4 <https://www.executivaipb.com.br/estatisticas>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

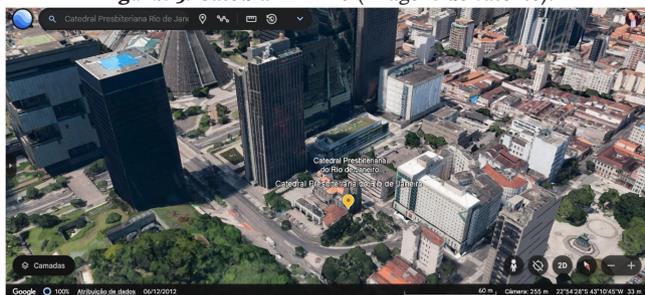
5 <https://www.ipbhistoriaeidentidade.com.br>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

**Figuras 2:** Catedral IPB Rio de Janeiro.



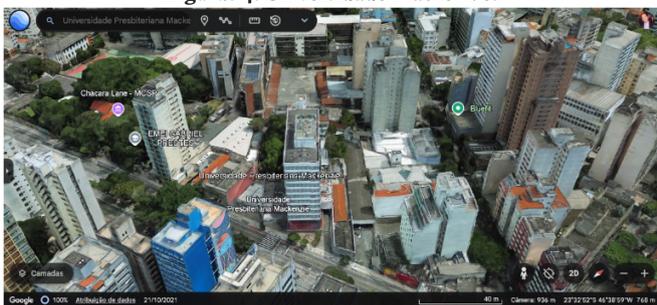
Fonte: Site [comunhao.com.br](http://comunhao.com.br)<sup>6</sup>

**Figuras 3:** Catedral IPB Rio (imagens de satélite).



Fonte: Site [Google Earth](http://Google Earth)<sup>7</sup>

**Figuras 4:** Universidade Mackenzie.



Fonte: Site [comunhao.com.br](http://comunhao.com.br)<sup>8</sup>

6 <https://comunhao.com.br/160-anos-igreja-presbiteriana-do-brasil>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

7 <https://earth.google.com/web>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

8 <https://comunhao.com.br/160-anos-igreja-presbiteriana-do-brasil>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

**Figuras 5:** Universidade Mackenzie (imagens de satélite).



Fonte: Site Google Earth.<sup>9</sup>

A estratégia missionária da Igreja Presbiteriana não se limitou ao Brasil, mas se expandiu para outros países da América Latina, como Argentina, Colômbia, México e Venezuela. A igreja buscou adaptar sua mensagem ao contexto cultural, enquanto preservava os princípios da teologia reformada. Este equilíbrio entre tradição e inovação permitiu que a Igreja Presbiteriana se estabelecesse em uma região marcada por profundas raízes católicas e por um crescente pluralismo religioso. No espaço urbano, os templos presbiterianos se destacam como centros de influência religiosa e social. Estes espaços não são apenas locais de culto, mas também centros comunitários que promovem atividades culturais, educacionais e sociais. Assim, a Igreja Presbiteriana contribui para a construção de uma urbanidade que integra valores espirituais e soluções práticas para os desafios da vida urbana.

## **TDICS no mapeamento da Igreja Presbiteriana do Brasil**

No cenário contemporâneo, caracterizado por uma intensa globalização tecnológica, a sociedade atual está profundamente interconectada e em constante desenvolvimento, um processo impulsionado significativamente pelos avanços digitais que permeiam e fundamentam os aspectos mais comuns e fundamentais da existência humana. A

<sup>9</sup> <https://earth.google.com/web>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

adoção de tecnologias digitais em todas as esferas da vida humana provocou uma transformação profunda na forma como nos comunicamos, trocamos conhecimento, exercemos nossas profissões e, mais importante, na maneira como adquirimos novas aprendizagens.

No final do século XX, o escritor, professor e filósofo francês, Pierre Lévy, pesquisador em ciência da informação e da comunicação, escreveu que o mundo experimentou a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe-nos apenas explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano (Lévy, 1999). Ele utiliza os termos “ciberespaço” e “cibercultura” e explica:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” . (Lévy, 1999, p. 17).

No período marcado pela popularização do computador e da liberação do acesso à internet, além do termo “tecnologias informáticas” e “tecnologias computacionais”, expressões como “tecnologias da informação” e “tecnologias digitais de informação e comunicação” passaram a ser utilizadas para se referir à *internet* e às tecnologias que aliavam a informação e a comunicação (Borba; Silva; Gadanidis, 2020).

Para Corrêa e Brandemberg (2021, p. 38):

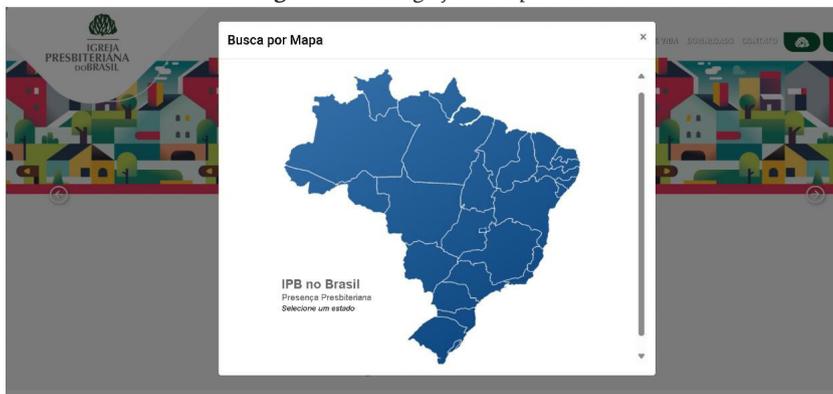
A utilização do termo Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) se refere aos dispositivos eletrônicos e tecnológicos mais antigos, em que se incluem o rádio, a televisão, o jornal, mimeógrafo, e até as mais atuais como o computador, a internet, o tablet e smartphone os quais tem a finalidade de informar e comunicar [...] e Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) para designar os dispositivos mais atuais como o computador, o tablet, o smartphone e qualquer outro dispositivo que permita a navegação na internet que funcionam por meio digital e não mais analógico.

O avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) tem desempenhado um papel crucial na evolução da cartografia religiosa, especialmente no contexto urbano contemporâneo. As TDICs ampliaram as possibilidades de representação e análise do fenômeno religioso, permitindo não apenas localizar templos e espaços sagrados, mas também compreender as dinâmicas sociais e culturais associadas a eles.

Mapas interativos oferecem uma abordagem mais dinâmica para a análise de dados religiosos. Eles permitem que pesquisadores, planejadores urbanos e líderes religiosos entendam melhor a distribuição e a influência das práticas religiosas.

A IPB tem em seu site oficial (<https://ipb.org.br/>), disponível aos seus membros e ao público em geral, mapas e informações sobre a localização de cada congregação e sua presença em todo o território brasileiro.

**Figura 6:** Busca Igrejas / Mapa IPB.



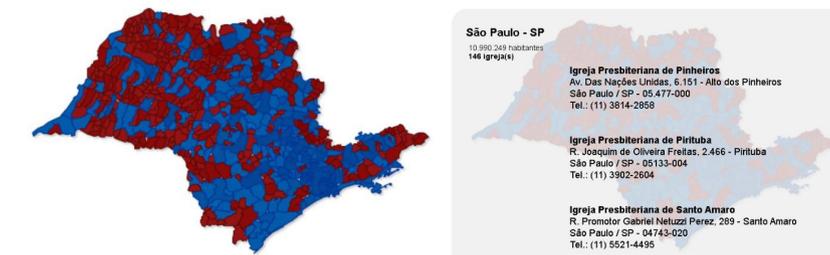
Fonte: Site Igreja Presbiteriana do Brasil (Mapas)<sup>10</sup>

A capacidade de associar dados geográficos com outras informações, como censos demográficos ou indicadores socioeconômicos, também possibilita uma compreensão mais ampla das interações entre religião e sociedade.

<sup>10</sup> <https://ipb.org.br.> Acesso em: 22 de nov. 2024.

No caso de denominações como a IPB, as TDICs são utilizadas estrategicamente para mapear áreas de atuação missionária e planejar a instalação de novos templos. A análise de dados geoespaciais auxilia na identificação de regiões com maior necessidade de atuação social ou com grande potencial para expansão religiosa. Por exemplo, o mapeamento da Igreja Presbiteriana no contexto brasileiro pode revelar como sua presença reflete tanto a continuidade histórica quanto as adaptações às demandas locais, incluindo a expansão para áreas urbanas e rurais. Abaixo, vemos mapas interativos do site da IPB com informações das cidades com sua presença em azul e as cidades em vermelho que ainda não tem a sua presença.

**Figuras 7 e 8:** Mapa de São Paulo e informações de Cidades com presença da IPB.



Fonte: Site iCalvinus (Mapa São Paulo) <sup>11</sup>

**Figuras 9 e 10:** Mapa de Sergipe e informações de Cidades com presença da IPB.



Fonte: Site iCalvinus (Mapa São Paulo) <sup>12</sup>

11 <https://www.icalvinus.app/mapa.php>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

12 <https://www.icalvinus.app/mapa.php>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

A cartografia religiosa, ao incorporar essas ferramentas, torna-se não apenas um registro, mas também um meio de planejamento e estratégia para as comunidades religiosas, fortalecendo sua presença e relevância em contextos urbanos.

A utilização de Sistemas de Informação Geográfica (SIG) possibilitou o mapeamento detalhado da expansão da Igreja, identificando áreas com maior necessidade de atuação missionária e social. Essa abordagem tecnológica refletiu a capacidade da Igreja Presbiteriana de combinar tradição teológica com inovação, adaptando-se às exigências de um mundo globalizado e interconectado. Ferramentas como mídias sociais, plataformas de ensino online e aplicativos de mapeamento têm sido utilizadas para ampliar o alcance da mensagem presbiteriana. Estas tecnologias permitem que a igreja conecte comunidades dispersas geograficamente e alcance novos públicos.

A atuação da IPB nas missões nacionais se dá por meio de suas igrejas locais e agências missionárias. A Junta de Missões Nacionais da IPB atua hoje em mais de 183 campos missionários nas diversas cidades do território brasileiro, de norte a sul, de leste a oeste, tanto na zona urbana, quanto na zona rural.

Figura 11: Quadro Missionário da Junta de Missões Nacionais IPB.



Fonte: Site da Junta de Missões Nacionais da IPB (Quadro de Missionários) <sup>13</sup>

13 <https://jmnipb.org.br/quadro-de-missionarios-2024>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

A atuação da IPB nas missões estrangeiras se dá por meio da APMT (Agência Presbiteriana de Missões Transculturais) que conta hoje com mais de 275 missionários, presentes em mais de 40 países. Os desafios são muitos e a necessidade de enviar missionários é cada vez maior. Para continuar o avanço missionário da IPB em campos transculturais, a APMT tem atuado dentro de um projeto de “Ação Global”.

Figura 12: Mapa de países com presença de missionários da APMT em 2023.



Fonte: Site Agência Presbiteriana de Missões Transculturais IPB (Presença Global)<sup>14</sup>

Figuras 13: Mapa de países com presença de missionários APMT em 2024.



Fonte: Site Agência Presbiteriana de Missões Transculturais IPB (Presença Global)<sup>15</sup>

14 <https://apmt.org.br/missionarios>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

15 <https://apmt.org.br/missionarios>. Acesso em: 22 de nov. 2024.

## Cartografia Digital

A Cartografia Digital revolucionou a forma como compreendemos e navegamos pelo mundo, integrando tecnologias como Sistemas de Informações Geográficas (GIS), GPS e imagens de satélite. Desde sua origem nos anos 1960, essa tecnologia tornou os mapas mais acessíveis, precisos e adaptáveis, com recursos como atualizações em tempo real e personalização de dados. Suas aplicações abrangem áreas como planejamento urbano, gestão ambiental e transporte, permitindo uma análise detalhada de padrões populacionais, uso do solo e infraestrutura. Algumas ferramentas importantes para mapeamento, o Google Earth: ferramenta para criar visualizações detalhadas em 3D, incluindo edifícios, paisagens e áreas urbanas. Ideal para apresentações visuais e análises de localização em igrejas ou congregações. O OpenStreetMap (OSM- 3D): plataforma gratuita e colaborativa, ideal para mapear comunidades remotas ou menos documentadas facilita o registro de áreas rurais e comunidades carentes. O ArcGIS: software robusto com interface intuitiva, ferramentas de personalização, análise avançada de dados geoespaciais e integração com outros sistemas é amplamente utilizado para criar e analisar mapas complexos. O Google Maps: simples e acessível, facilita o mapeamento básico de igrejas e eventos. Inclui criação de roteiros, uso offline e APIs para personalização, sendo uma ferramenta útil para visitas pastorais e missões. O MapBox: permite criar mapas personalizados com design atrativo. Oferece integração de informações de mídia e construção de mapas interativos, ideais para comunicação interna e eventos. O CartoDB: excelente para criar mapas colaborativos e interativos, possibilitando o compartilhamento de projetos de mapeamento entre lideranças. Útil para coordenação e análise conjunta de dados. O OpenStreetMap (OSM): ferramenta gratuita e colaborativa que mapeia áreas remotas e menos documentadas. Integra dados coletados via GPS para auxiliar no registro de novas igrejas em locais de difícil acesso<sup>16</sup>.

16 Fonte: <https://geosemfronteiras.org/pesquisa/mapeamento>. Acesso em: 22 nov. 2024.

As iniciativas digitais da IPB são variadas e abrangem diferentes estratégias para registrar e comunicar sua expansão missionária. Um outro exemplo importante é o uso das redes sociais para divulgar atividades missionárias e eventos comunitários, como missões em áreas rurais, apoio a comunidades em situação de vulnerabilidade e projetos educacionais em regiões de difícil acesso. Redes como Facebook, Instagram e YouTube permitem que a IPB compartilhe atualizações frequentes sobre seus projetos, tornando o trabalho missionário visível e acessível para um público amplo, inclusive para aqueles que não têm acesso físico às igrejas.

## Desafios e Considerações finais

A Igreja Presbiteriana continua a demonstrar resiliência e capacidade de adaptação. Sua combinação de tradição reformada, compromisso com a educação e uso estratégico de tecnologias a posiciona como um agente relevante no campo religioso brasileiro. As perspectivas futuras sugerem uma expansão contínua, especialmente em contextos urbanos, onde sua abordagem integradora pode atender às necessidades espirituais e sociais da população. As representações cartográficas da IPB, além de servirem como uma “geografia da fé” que reflete a expansão e o impacto missionário da igreja, lidam com questões éticas, de acessibilidade e de mobilização comunitária.

A privacidade e a segurança de dados são aspectos fundamentais em qualquer projeto digital, especialmente quando envolve comunidades religiosas, que podem conter informações sensíveis sobre seus membros. Outro desafio importante na criação de uma cartografia religiosa digital é a exclusão digital, que limita o acesso de algumas pessoas aos recursos digitais. No Brasil, muitas regiões ainda carecem de infraestrutura adequada para *internet*, o que significa que parte da comunidade da IPB pode não ter acesso aos mapas digitais ou às informações compartilhadas nas plataformas *online* da igreja. Apesar dos desafios, as cartografias digitais oferecem uma série de oportunidades significativas para a mobilização comunitária e a

educação religiosa. A IPB pode utilizar mapas interativos e plataformas digitais para educar seus membros sobre a história e os valores da igreja, promovendo uma identidade coletiva e um sentimento de pertencimento. Esses mapas digitais podem incorporar camadas informativas sobre eventos históricos, locais de importância espiritual e atividades missionárias, criando uma ferramenta educativa que reforça a memória e a identidade presbiteriana.

Conclui-se que a cartografia, mediada pelas TDICs, não apenas documenta a presença da Igreja Presbiteriana do Brasil, mas também oferece um ferramental poderoso para interpretar as dinâmicas de pertencimento, identidade e transformação no espaço urbano. O presente trabalho espera contribuir para o entendimento de como as representações cartográficas podem se tornar ferramentas poderosas para a análise histórica, cultural e religiosa da identidade presbiteriana num contexto plural como o Brasil.

## Referências

CARDIM, Pe. Fernão. **Tratados da terra e da gente do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

CAMPOS, Antônio Carlos. **Uma breve evolução da cartografia na história da sociedade**, 2012. Disponível em: [https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/11185004042012Cartografia\\_Basica\\_Aula\\_2.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/11185004042012Cartografia_Basica_Aula_2.pdf). Acesso em: 14 nov. 2024.

CORRÊA, João Nazareno Pantoja; BRANDEMBERG, João Cláudio. Tecnologias digitais da informação e comunicação no ensino de matemática em tempos de pandemia: desafios e possibilidades. **Boletim Cearense de Educação e História da Matemática**, v.8, n.22, p.38, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/BO-CEHM/article/view/4176/3798>. Acesso em: 04 jun. 2024.

DOMÉZI, Maria Cecília. **Religiões na história do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2016.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália** / Émile Durkheim. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Tópicos).

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

HARLEY, John Brian. A Nova História da Cartografia. **O Correio da UNESCO**, São Paulo, ano 19, p. 4-9, ago. 1991.

JOLY, F. **A cartografia**. 15. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

JUBRAN, Alexandre; SILVEIRA, Isabel Orestes. **Ashbel Green Simonton**. Uma vida de fé. São Paulo: Mackenzie, 2015.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUCÍRIO, Ivonete de; HEYMANN, Gisela. O mundo na palma das mãos. **Superinteressante**. São Paulo, v. 56, mai, 1992. Disponível em: <https://super.abril.com.br/tecnologia/o-mundo-na-palma-das-maos>. Publicado em 30 abr 1992. Atualizado em 31 out 2016. Acesso em: 04 jun. 2024.

MENEZES, P. M. L.; FERNANDES, M. do C. **Roteiro de cartografia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2013.

OLIVEIRA, Paulo Wendellalves de. Aproximações entre geografia e religião: Contribuição aos estudos em geografia da religião. **Geosaberes: Revista de Estudos Geoeducacionais**, v. 10, n. 21, p. 1-13, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5528/552858850028/html/> Acesso em: 17 nov. 2024.

RIZZATTI, Maurício. **Breve história da cartografia: dos povos primitivos ao Google Earth** / Maurício Rizzatti, Elsbeth Léia Spode Becker, Roberto Cassol. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

ROSENDAHL, Z. O sagrado e o urbano: gênese e função das cidades. In: **Uma procissão na geografia** (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 47-75.

SEEMANN, Jorn. **Carto-crônicas**: uma viagem pelo mundo da cartografia. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.

VERGER, P.E.L. **Orixás**: deuses yorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 2005.



6

## ARTE E TECNOLOGIA EM DIÁLOGO: CONEXÕES CONTEMPORÂNEAS NA MÚSICA, CINEMA E ARTES VISUAIS

Vivian de Oliveira Jorge

### Introdução

A arte, em suas múltiplas manifestações, desempenha um papel fundamental na construção do imaginário social e cultural, atuando como um espaço de reflexão, crítica e reinvenção da realidade. Nesse sentido, investigar os diálogos entre música, cinema e artes visuais permite compreender como essas linguagens se entrecruzam, se potencializam e criam novas formas de expressão no contexto contemporâneo. Tal abordagem é especialmente relevante em uma sociedade marcada pela convergência tecnológica e pela hibridização

das práticas artísticas, que desafiam as fronteiras tradicionais entre os diferentes campos da criação.

Este estudo tem como objetivo principal explorar as interseções entre essas linguagens artísticas, analisando como elas se articulam para produzir significados estéticos, culturais e tecnológicos. Mais especificamente, busca-se identificar estratégias criativas e narrativas que evidenciem essa integração, bem como refletir sobre as implicações desses diálogos para o campo das artes e da educação.

Para atingir esses objetivos, a metodologia adotada propõe uma análise interdisciplinar fundamentada em estudos teóricos e exemplificações práticas. No campo da música, serão abordadas obras que incorporam elementos narrativos. No cinema, a investigação focalizará produções que dialogam com linguagens musicais e plásticas. Por fim, nas artes visuais, será analisada a influência do cinema e da música como inspiração e recurso conceitual. Esses exemplos serão utilizados como estudos de caso, permitindo uma análise detalhada e ilustrativa dos fenômenos investigados.

Ao combinar teoria e prática, este trabalho busca contribuir para a compreensão das dinâmicas contemporâneas da criação artística, ressaltando sua relevância para o pensamento crítico e a educação estética.

## **Tecnologia como Mediadora da Expressão Artística**

A tecnologia não só transformou nossas vidas de maneira prática, mas também tem sido uma constante fonte de inspiração para a cultura popular e as artes. As transformações nos processos artísticos contemporâneos estão profundamente vinculadas à evolução tecnológica, que desempenha um papel crucial na redefinição das formas de criar, apresentar e experienciar arte. A convergência entre tecnologia e estética não é um fenômeno novo, mas se intensificou nas últimas décadas, tornando-se uma característica marcante da contemporaneidade.

O modo como se entende, se relacionam e até temem-se as máquinas e o ambiente digital é frequentemente explorado em músicas,

filmes, séries e exposições artísticas. Essas manifestações refletem as tensões e expectativas de cada época em relação à tecnologia, servindo como um espelho cultural de como se vive e se pensa o futuro. Desde as batidas eletrônicas e letras sintéticas de músicas icônicas até os enredos de filmes e documentários que questionam o impacto das redes sociais, a tecnologia é tema recorrente e convida a repensar as relações no mundo digital.

Na música, por exemplo, artistas têm explorado o papel da tecnologia em diferentes dimensões. Em “*Technologic*” (2005) do Daft Punk, a repetição de palavras como “*Buy it, use it, break it, fix it*” sugere um ciclo frenético de consumo e obsolescência que caracteriza o universo digital.

*Buy it, use it, break it, fix it, trash it, change it,  
mail, upgrade it  
Charge it, point it, zoom it, press it, snap it,  
work it, quick, erase it  
Write it, cut it, paste it, save it, load it, check it,  
quick, rewrite it  
Plug it, play it, burn it, rip it, drag it, drop it,  
zip, unzip it*

*Lock it, fill it, call it, find it, view it, code it,  
jam, unlock it  
Surf it, scroll it, pause it, click it, cross it, crack  
it, switch, update it  
Name it, read it, tune it, print it, scan it, send  
it, fax, rename it  
Touch it, bring it, pay it, watch it, turn it, leave  
it, stop, format it*

*Buy it, use it, break it, fix it, trash it, change it,  
mail, upgrade it  
Charge it, point it, zoom it, press it, snap it,  
work it, quick, erase it  
Write it, cut it, paste it, save it, load it, check it,  
quick, rewrite it*

*Plug it, play it, burn it, rip it, drag it, drop it,  
zip, unzip it*

*Lock it, fill it, call it, find it, view it, code it,  
jam, unlock it*

*Surf it, scroll it, pause it, click it, cross it, crack  
it, switch, update it*

*Name it, read it, tune it, print it, scan it, send  
it, fax, rename it*

*Touch it, bring it, pay it, watch it, turn it, leave  
it, stop, format it*

*Technologic*

*Technologic*

*Technologic*

*Technologic*

A repetição de verbos no imperativo (“*use it*”, “*break it*”, “*fix it*”) sugere uma relação quase automática, em que o usuário desempenha um papel de executor de ações programadas, que envolvem controle (*fix, upgrade*) ou destruição (*trash, erase*). Esse tema sugere uma visão crítica do papel do indivíduo em um contexto; ele é condicionado a agir de acordo com padrões tecnológicos pré-estabelecidos. A batida repetitiva e a voz robótica da música criam uma atmosfera futurista, que ao mesmo tempo seduz e critica a dinâmica intensa e automatizada do nosso consumo de tecnologia.

A repetição das ações sugere que o indivíduo contemporâneo pode estar preso em uma rotina tecnocêntrica. Isso reforça uma crítica à sociedade, trazendo o valor e a identidade do indivíduo que parecem determinados por suas interações com a tecnologia. Cada ação na lista representa algo que se espera que a tecnologia faça pela pessoa, ao mesmo tempo que a aprisiona numa rotina automática.

Outros músicos e compositores foram igualmente influenciados pela crescente presença da tecnologia. “*Computer Age*” (1983) de Neil

Young, escrita ainda no início da era digital, reflete a perplexidade e até o desconforto que a digitalização começava a provocar.

*Precious metal lines  
Molded into highways  
Running through me  
So microscopically  
Days and nights  
Weeks and months and seasons  
Rolling through me  
So chronologically.  
Computer age computer age  
Computer age.*

A imagem de “linhas de metal precioso” moldadas como “estradas” faz referência aos circuitos de um computador ou dispositivos eletrônicos, que são compostos de metais preciosos, como ouro e prata, usados para conduzir eletricidade. Aqui, a tecnologia é quase parte de um sistema circulatório ou de infraestrutura interna, insinuando como a digitalização se entrelaça com o funcionamento humano. Ao mesmo tempo, essas “estradas” podem representar a conectividade e a fluidez de informação que caracterizam a era da informação, formando “estradas” invisíveis que moldam a experiência e a percepção.

A letra sugere temas de **integração e controle**, em que a tecnologia penetra os sistemas humanos de maneira fundamental, quase essencial, moldando a experiência física e psicológica. A cronologia dos dias e estações, que antes era ligada ao ritmo natural, agora é filtrada pela lente tecnológica, transformando a percepção e o fluxo de tempo. **O tempo e a intimidade** também são temas fortes, com a tecnologia afetando a relação com o tempo e a experiência de maneira quase imperceptível e constante.

Já no Brasil, Gilberto Gil, em “Pela Internet” (1997) canta sobre as promessas e potencialidades de um novo mundo conectado, mencionando a *internet* como uma ponte para o conhecimento,

em que o acúmulo de conhecimento pode parecer um barco que veleje se perdendo com muitas informações.

*Criar meu web site  
Fazer minha homepage  
Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada e um barco que veleje*

*Criar meu web site  
Fazer minha homepage  
Com quantos gigabytes  
Se faz uma jangada e um barco que veleje*

*Que veleje nesse info-mar  
Que aproveite a vazante da info-maré  
Que leve um oriki do meu velho orixá  
Ao porto de um disquete de um micro em Taipé*

*Um barco que veleje nesse info-mar  
Que aproveite a vazante da info-maré  
Que leve meu e-mail lá até Calcutá  
Depois de um hot-link*

*Num site de Helsinque  
Para abastecer*

*Eu quero entrar na rede  
Pra manter o debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut*

*Eu quero entrar na rede  
Promover o debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut*

*De Connecticut acessar  
O chefe da Mac-milícia de Milão*

*Um hacker mafioso acaba de soltar  
Um vírus pra atacar programas no Japão*

*Eu quero entrar na rede pra contactar  
Os lares do Nepal, os bares do Gabão  
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular  
Que lá na praça Onze tem um vídeo-pôquer  
para se jogar*

*Jogar  
Jogar  
Jogar*

*Eu quero entrar na rede  
Promover um debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut*

*Eu quero entrar na rede  
Promover o debate  
Juntar via Internet  
Um grupo de tietes de Connecticut*

*De Connecticut acessar  
O chefe da Mac-milícia de Milão  
Um hacker mafioso acaba de soltar  
Um vírus pra atacar programas no Japão*

*Eu quero entrar na rede pra contactar  
Os lares do Nepal, os bares do Gabão  
Que o chefe da polícia carioca avisa pelo celular  
Que lá na praça Onze tem um vídeo-pôquer  
para se jogar*

*Jogar  
Jogar  
Jogar*

Com o passar do tempo, Gilberto Gil atualiza esta música, trazendo algumas modificações com relação a sua visão sobre a internet.

*Criei meu website  
Lancei minha homepage  
Com 5 gigabytes  
Já dava pra fazer um barco que veleje*

*Meu novo website  
Minha nova fanpage  
Agora é terabyte  
Que não acaba mais por mais que se deseje*

*Que o desejo agora garimpar  
Nas terras da Serras Peladas virtuais  
As cripto-moedas, bitcoins e tais  
Não fazer economias novos capitais  
Se é música o desejo a se considerar  
É só clicar que a loja digital já tem  
Anitta, Arnaldo Antunes, e não sei mais quem  
Meu bem, o iTunes tem*

*De A a Z quem você possa imaginar*

*Estou preso na rede  
Que nem peixe pescado  
É zapzap, é like  
É Instagram, é tudo muito bem bolado*

*O pensamento é nuvem  
O movimento é drone  
O monge no convento  
Aguarda o advento de deus pelo iPhone*

*Cada dia nova invenção  
É tanto aplicativo que eu não sei mais não  
What's App, what's down, what's new  
Mil pratos sugestivos num novo menu*

*É Facebook, é Facetime, é Google maps  
Um zigue-zague diferente, um beco, um cep  
Que não consta na lista do velho correio  
De qualquer lugar  
O Waze é um nome feio, mas é o melhor meio  
De você chegar  
Chegar*

*Eu 'to preso na rede  
Que nem peixe pescado  
É zapzap, é like  
É Instagram, é tudo muito bem bolado*

*O pensamento é nuvem  
O movimento é drone  
O monge no convento  
Aguarda o advento de deus pelo iphone*

*Cada dia nova invenção  
É tanto aplicativo que eu não sei mais não  
What's App, what's down, what's new  
Mil pratos sugestivos num novo menu*

*É Facebook, é Facetime, é Google maps  
Um zigue-zague diferente, um beco, um cep  
Que não consta na lista do velho correio  
De qualquer lugar  
O Waze é um nome feio, mas é o melhor meio  
De você chegar  
Chegar*

*O Waze é um nome feio, mas é o melhor meio  
De você chegar  
O melhor meio de você chegar  
Rasta man*

As músicas “Pela Internet” e “Pela Internet 2” de Gilberto Gil refletem as mudanças na visão sobre a *internet* em momentos distintos da era digital. A primeira versão tem um tom de entusiasmo,

capturando o espírito de novidade e curiosidade. Gil explora a conectividade, o acesso à informação e a liberdade de navegar pela rede, tratando a *internet* como uma nova fronteira a ser desbravada. Ele canta sobre as possibilidades que a *internet* oferece: notícias em tempo real, aprendizado, e a chance de interagir com outras pessoas de forma inédita.

Já na segunda versão da música a visão de Gil é mais realista e complexa. A *internet*, que antes era uma novidade, agora é um espaço saturado, onde o fluxo constante de informações e conexões pode ser exaustivo. Ele aborda problemas contemporâneos da vida *online*, como a desinformação e a perda de privacidade, reconhecendo os limites da liberdade digital. Em vez de uma aventura de exploração, a *internet* é retratada como uma rede altamente monitorada, onde os dados pessoais são coletados e usados para fins comerciais. Gil expressa preocupação com a vigilância, apontando para o controle exercido pelas grandes empresas de tecnologia e a manipulação por meio de algoritmos, que limita a visão de mundo dos usuários e contribui para a polarização.

A comparação entre as duas músicas também evidencia mudanças na maneira como a cultura e a informação são disseminadas na era digital. Em 1996, Gil enxergava a *internet* como um meio de crescimento cultural e acesso a uma vasta quantidade de informações e conteúdos artísticos.

Em 2018, ele reflete sobre o impacto da hiperexposição e da busca pela viralização, que podem reduzir a profundidade e a autenticidade dos conteúdos. Assim, enquanto “Pela *Internet*” é um hino de entusiasmo e descoberta, “Pela *Internet 2*” apresenta uma análise mais crítica e consciente dos desafios éticos e sociais que a *internet* traz. Gil demonstra, em suas letras, uma evolução de entendimento sobre a *internet*: de seu potencial libertador ao seu lado controlador e saturado, capturando as tensões que surgem na trajetória da vida online.

Contudo, no cinema e as séries também foram influenciados por essa temática, explorando as diferentes facetas da tecnologia em produções que se tornaram verdadeiros ícones culturais. O filme

“*Matrix*”, lançado em 1999, com a direção de Lilly Wachowski e Lana Wachowski, é um exemplo clássico de como a tecnologia pode ser representada como uma forma de controle e manipulação.

Figura 1: Cena do filme “*Matrix*”



Fonte: Disponível em: <https://jovempan.com.br/entretenimento/tv-e-cinema/matrix-4-explosao.html>. Acesso em: 18/11/2024

Na trama, a humanidade vive presa em uma simulação criada por máquinas inteligentes, levando o público a questionar o que é real e o que é simulado em um mundo onde o digital se confunde com o físico. Esse questionamento se mantém relevante até hoje, especialmente com a popularidade das redes sociais e a presença de algoritmos que influenciam o que vemos e como pensamos.

“*Her*”, filme de 2013, vai além, ao imaginar uma realidade onde humanos e inteligência artificial podem estabelecer laços afetivos. O personagem principal se apaixona por um sistema operacional com inteligência artificial, o que levanta perguntas sobre a solidão humana e a capacidade das máquinas de compreender e atender às nossas necessidades emocionais.

**Figura 2:** Cena do filme “Her”



**Fonte:** Disponível em: <https://culturadoria.com.br/her/> Acesso em: 18/11/2024

A obra propõe uma reflexão sobre os limites e possibilidades das relações humanas em um cenário em que a tecnologia não só auxilia, mas também ocupa um espaço íntimo em nossas vidas. Essa temática é cada vez mais atual, à medida que a inteligência artificial e os assistentes digitais se tornam mais sofisticados e integrados às nossas rotinas.

Outro filme essencial para esse debate é “*The Social Network*” (2010), que dramatiza a criação do *Facebook* e expõe os dilemas éticos e pessoais que cercam o universo das redes sociais. O filme apresenta o paradoxo central das plataformas digitais: embora estejam destinadas a conectar pessoas, elas também podem ser fonte de isolamento, conflito e dependência. Este paradoxo é explorado ainda mais a fundo no documentário “*O Dilema das Redes*” (2020), que investiga como os algoritmos das redes sociais afetam o comportamento humano e levam ao vício. Com depoimentos de ex-executivos de grandes plataformas, o documentário destaca as consequências sociais e psicológicas da dependência de redes sociais, que exploram nossas emoções e moldam nossas opiniões de maneira silenciosa e altamente eficaz.

Além da música e do cinema, a arte contemporânea também utiliza a tecnologia para explorar novas formas de expressão e engajamento. Em exposições de arte imersiva, como as promovidas por museus e galerias ao redor do mundo, os artistas empregam realidade virtual, projeções interativas e inteligência artificial para criar experiências, que desafiam a percepção do público.

O entretenimento já abrangeu há muito tempo também a “realidade real”. Ele transforma agora o sistema social como um todo, sem marcar propriamente, porém, a sua presença. Assim, parece se estabelecer um hipersistema, que é coextensivo com o mundo. O código binário entretém/não entretém, que está no seu fundamento, deve decidir que é passível de pertencer ao mundo e o que não é, sim, o que é em geral (Han, 2019, p. 205-6).

Essas exposições permitem que o espectador não só observe, mas também participe da obra de arte, muitas vezes controlando elementos ou navegando por espaços virtuais. Um exemplo é a exposição “*Infinity Mirror Rooms*” da artista japonesa Yayoi Kusama, que utiliza espelhos e luzes para criar uma sensação de imensidão e perda de referência, uma analogia à própria vastidão da era digital.

**Figura 3:** “*Infinity Mirror Rooms*”



**Fonte:** Disponível em: <https://www.singulart.com/it/blog/2024/01/14/infinity-mirror-room-di-yayoi-kusama/> Acesso em: 18/11/2024

Outro exemplo de arte imersiva que explora a tecnologia é a “*TeamLab Borderless*”, uma galeria de arte digital em Tóquio que utiliza sensores e projeções para criar ambientes que respondem ao movimento e ao toque dos visitantes. As obras interativas e as paisagens digitais criadas pela equipe do *TeamLab* fazem com que o público tenha a sensação de se integrar à arte, questionando as fronteiras entre o físico e o digital. A experiência de caminhar em meio a projeções em constante mudança e interação com o corpo do espectador proporciona uma reflexão sobre como a tecnologia altera nossa percepção do espaço, do tempo e da própria realidade.

Figura 4: “*TeamLab Borderless*”



Fonte: Disponível em: <https://www.teamlab.art/e/tokyo/>. Acesso em: 18/11/2024

Em São Paulo, a exposição “*Desafio Salvador Dalí*” oferece uma experiência envolvente, permitindo que os visitantes explorem a mente excêntrica e criativa de Dalí. Dividida em seis ambientes, a mostra não apenas exhibe suas obras icônicas, mas também convida o público a interagir com peças que revelam detalhes de sua personalidade e visão artística. Além das pinturas surrealistas, que combinam símbolos enigmáticos e sonhos vívidos, a exposição inclui curiosidades sobre a vida do artista, recriando alguns de seus cenários

mais célebres e oferecendo uma oportunidade rara de entender as profundezas da psique de um gênio artístico.

**Figura 5:** “Desafio Salvador Dali”



**Fonte:** Disponível em: <https://turismo.uai.com.br/noticias/exposicao-desafio-salvador-dali-em-sao-paulo-e-prorrogada-ate-01-de-setembro/> Acesso em: 18/11/2024

Essas manifestações artísticas refletem não só a estética da tecnologia, mas também suas implicações filosóficas e existenciais. A tecnologia tornou-se uma força tão penetrante e transformadora que é natural que artistas, músicos e cineastas recorram a ela como tema, explorando suas nuances e ambiguidades. Assim, a cultura popular e as artes contribuem para que entender melhor o impacto das ferramentas digitais e, ao mesmo tempo, permitem questionar as consequências dessa convivência intensa com o mundo virtual.

Todavia “a expansão do uso das tecnologias como ferramentas da arte colocou em evidência uma profunda e progressiva cisão entre a experiência artística, a crítica e a estética”, (Giannetti, 2006, p. 14), que propõe uma “estética digital”. O pensamento de Giannetti (2006) sobre a expansão do uso das tecnologias como ferramentas da arte e sua relação com a crítica e a estética aponta para uma transformação fundamental na compreensão e na experiência artística contemporânea. A crescente incorporação de tecnologias digitais nas práticas artísticas criou uma cisão notável entre a arte,

a crítica e a estética tradicionalmente estabelecidas. Esse fenômeno evidencia não apenas uma mudança nas técnicas e nos meios de produção artística, mas também promove uma reconfiguração das formas de apreensão e análise da arte.

Ao falar dessa cisão, Giannetti (2006) sugere que, com a tecnologia, a arte passou a ser cada vez mais mediada por dispositivos e plataformas digitais, o que alterou não só a criação e a recepção das obras, mas também os processos críticos de avaliação estética. A experiência estética, que antes era muitas vezes tangível e imediata, no campo físico, se distanciou para um espaço digital, o que cria um novo campo de possibilidades e desafios. A arte digital, interativa e cibernética, com suas infinitas possibilidades de reprodução, alteração e adaptação, propõe uma estética mais fluida, que foge das normas clássicas de contemplação e apreciação.

Giannetti (2006), ao sugerir uma “estética digital”, nos convida a refletir sobre os novos parâmetros de beleza, valor e significado, que emergem no contexto digital. A arte digital não se limita a ser um meio inovador de expressão; ela redefine o próprio conceito de obra de arte, questionando sua unicidade, autoria e temporalidade. Por exemplo, as obras de arte digitais podem ser reproduzidas infinitamente, transformando a experiência da arte em algo menos estático e mais dinâmico e interativo. Isso não apenas coloca em xeque os valores tradicionais da estética, mas também desafia a crítica a repensar sua abordagem, indo além da análise técnica e formal para considerar o contexto digital e as interações que ele possibilita.

As mudanças impulsionadas pela tecnologia exigem que a educação artística não apenas acompanhe o avanço das ferramentas digitais, mas que também repense as abordagens pedagógicas, os critérios de avaliação e os próprios objetivos do ensino de arte.

Em um ambiente educacional, o conceito de arte digital pode ser uma oportunidade para ampliar as formas de expressão e de compreensão artística. A fluidez e a interatividade características da arte digital desafiam os professores e educadores a repensar o processo de criação e a dinâmica da sala de aula. Não se trata apenas

de ensinar os alunos a usarem novas ferramentas tecnológicas, mas também de prepará-los para pensar criticamente sobre a arte e as mídias digitais, a fim de entender suas implicações culturais, estéticas e sociais.

No campo da educação artística, o desafio é proporcionar aos alunos a capacidade de navegar e se expressar nesse novo contexto digital, desenvolvendo não apenas habilidades técnicas, mas também uma compreensão profunda dos significados, contextos e impactos das produções artísticas digitais. Ao integrar essas tecnologias no currículo, os educadores podem fomentar a criatividade, a experimentação e a reflexão crítica, estimulando os alunos a produzirem arte que não apenas reflita a sua visão do mundo, mas que também dialogue com as questões contemporâneas, como a relação entre ser humano e tecnologia.

Além disso, a “estética digital” exige que a educação artística também reformule os métodos de avaliação, uma vez que a arte digital não possui os limites físicos das obras tradicionais. O ensino de arte, então, passa a incluir a reflexão sobre o impacto da digitalização na arte, desde sua criação até a sua recepção, além de incluir discussões sobre as questões éticas e políticas envolvidas no uso das tecnologias digitais no campo artístico.

Assim, a educação artística se torna não apenas um espaço de aprendizado técnico, mas também um terreno fértil para o desenvolvimento de um pensamento crítico que, ao abraçar a arte digital, também questiona a própria natureza da criação, da autoria e da experiência estética no mundo contemporâneo. Em outras palavras, a arte digital oferece um campo de transformação para as práticas educativas, desafiando tanto os educadores quanto os alunos a reconfigurarem suas concepções sobre o que é a arte, seu papel social e sua função educacional.

## **Considerações finais**

A relação entre arte e tecnologia tem se mostrado um campo de constantes transformações, desafiando não apenas as formas

tradicionais de produção e recepção estética, mas também os conceitos e práticas educacionais. A incorporação das tecnologias digitais nas artes contemporâneas, como música, cinema e artes visuais, não apenas ampliou as possibilidades criativas, mas também colocou em evidência as tensões entre a experiência artística, a crítica e a estética. Ao mesmo tempo, essas mudanças exigem uma reflexão mais profunda sobre o papel da educação artística na formação de um olhar crítico e criativo diante das novas ferramentas e linguagens tecnológicas.

Nesse cenário, o ensino de arte precisa se reinventar, promovendo um diálogo entre as novas tecnologias e os fundamentos estéticos que continuam a ser relevantes no campo artístico. A proposta de uma “estética digital”, como discutido por Giannetti (2006), serve como uma chave para entender o impacto da digitalização nas práticas artísticas, mas também convoca educadores e estudantes a repensarem não apenas as formas de criação, mas também os conceitos de autoria, autenticidade e o papel da arte na sociedade contemporânea.

A educação artística, ao integrar as tecnologias digitais em seu currículo, deve não apenas preparar os alunos para o uso técnico dessas ferramentas, mas também para uma reflexão crítica sobre seu impacto cultural, social e político. Em um mundo onde as fronteiras entre arte, cultura e tecnologia estão cada vez mais fluídas, a educação artística tem o poder de formar indivíduos não apenas aptos a criar, mas também a questionar e reinterpretar as dinâmicas do mundo digital. O desafio está em transformar a tecnologia em uma aliada no processo de desenvolvimento da criatividade e da reflexão estética, sem perder de vista a função crítica e transformadora que a arte exerce sobre a sociedade. Assim, ao incorporar as mudanças proporcionadas pela arte digital, a educação artística pode se tornar um campo de resistência e inovação, contribuindo para uma formação mais ampla e integrada dos alunos no contexto das novas mídias e do ambiente digital.

## Referências

GIANNETTI, Claudia. **Estética digital**: sintopia da arte, a ciência e a tecnologia. Trad. Maria Angélica Melendi. Belo Horizonte: C/Arte, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Bom entretenimento**: uma desconstrução da história da paixão ocidental. Petrópolis: Vozes, 2019.



7

## GERAÇÃO DOPAMINA: HIPERCONNECTIVIDADE, RECOMPENSAS IMEDIATAS E OS RELACIONAMENTOS

Samuel Bezerra Ribeiro

### Introdução

A sociedade contemporânea é marcada por uma necessidade constante de estar conectada o tempo inteiro e por uma busca descontrolada por gratificação instantânea e recompensas imediatas por meio de engajamento, curtidas, comentários e visualizações. Uma “sociedade de consumo”. Você é aquilo que você posta e aquilo que comentam de/sobre você.

A internet, por meio dos avanços tecnológicos e das tecnologias digitais, transformou a maneira como nos relacionamos e interagimos uns com os outros, além da forma como consumimos informação, como somos estimulados de forma compensatória e como buscamos o que é chamado de “prazer”. Isso ocorre desde a “Era do computador de mesa”, quando havia apenas um computador

em cada casa, no lugar mais central possível, até a “Era dos *Smartphones*”, em que cada um tem seu próprio “computador pessoal” na palma da sua mão. O cenário passou da *internet* discada, até a *internet* banda larga, chegando a era do *Wi-Fi*, bem como dos dados móveis ilimitados, nos permitindo acessar a internet de qualquer lugar, por quanto tempo quisermos.

Lembke<sup>1</sup> afirma: “Um dos maiores fatores de risco para se tornar dependente de qualquer droga é o fácil acesso a ela. Quando a obtenção da droga é mais fácil, nossa probabilidade de experimentá-la aumenta”. E ela conclui “Depois de experimentá-la, ficamos mais propensos a nos tornarmos dependentes dela” (Lembke, 2024, p. 25).

Assim, temos sido cada vez mais estimulados à conexão ilimitada (hiperconectividade) e ao sentimento constante de que precisamos da aprovação da nossa rede de “amigos virtuais”, buscando afirmação e satisfação. O pano de fundo? Uma cultura de gratificação imediata e de cancelamento instantâneo. Sem direito a “pausas” ou “*continues*”, como nos jogos.

Sobre esse desejo de aceitação e adequação, afirma Bauman (2021, p. 96):

O consumismo de hoje, porém, não diz mais respeito à satisfação das necessidades — nem mesmo as mais sublimes, distantes (alguns diriam, não muito corretamente, “artificiais”, “inventadas”, “derivativas”) necessidades de identificação ou a auto-segurança quanto à “adequação”.

Para Bauman (2021, p. 112), “a escolha do consumidor é hoje um valor em si mesma; a ação de escolher é mais importante que a coisa escolhida”, mesmo que essas escolhas sejam “elogiadas ou

1 Anna Lembke é uma psiquiatra estadunidense e uma das mais respeitadas especialistas em dependência química da atualidade. Professora da Universidade Stanford e chefe de uma clínica da instituição voltada para o estudo do tema, ela se tornou popular ao falar de vícios e transtornos de saúde mental de forma simples, acessível e esclarecedora. Ela escreveu os livros “Nação Dopamina” e “Nação Tarja Preta”. Ela afirma que as redes agravaram o drama social do vício e as implicações sociais de viver em um mundo que estimula a busca por prazeres artificiais. Ela nos alerta sobre os perigos das chamadas “drogas digitais” (como as redes sociais) e sobre o crescimento nas prescrições de opioides e psicotrópicos.

censuradas, aproveitadas ou ressentidas, dependendo da gama de escolhas que exibem” (Bauman, 2021, p. 112). Ele também afirma, ao citar Liisa Uusitalo, que os consumidores partilham dos mesmos lugares de consumo, que podem ser “salas de concertos ou exposições, pontos turísticos, áreas de esportes, *shopping centers* e cafés”, contudo, eles não interagem social e verdadeiramente. “Esses lugares encorajam a ação e não a interação” (BAUMAN, 2021, p. 124). Então, ele nos alerta que o “consumo é um passatempo absoluta e exclusivamente individual, uma série de sensações que só podem ser experimentadas — vividas — subjetivamente” (Bauman, 2021, p. 125).

Essa é realidade em que vivemos e que é explorada pelas obras que serão estudadas nesse capítulo. No livro “Nação Dopamina” (Lembke, 2024), a autora discute como a dopamina, um neurotransmissor associado ao prazer e ao sofrimento, está no centro de comportamentos aditivos e compulsivos. Ela argumenta que a sociedade contemporânea, impulsionada pela tecnologia, criou um ambiente onde a gratificação instantânea é a norma que nos rege, levando a um aumento nos problemas comportamentais e de saúde mental.

“*The Feed*”, é uma série que explora um futuro próximo, em que implantes neurais permitem que as pessoas compartilhem pensamentos e emoções instantaneamente, os chamados “*mundles*”. A série destaca as consequências de uma sociedade hiperconectada e a busca incessante por reconhecimento e gratificação. Nos episódios “15 milhões de méritos” e “Queda livre”, ambos da série “*Black Mirror*”, nos mostram uma sociedade pautada por conquistas e recompensas, sobre como os seres humanos são quantificados pelo que possuem ou pelo que conquistam.

O objetivo é discutir, à luz das mencionadas obras – “*The Feed*” (2019)<sup>2</sup> e alguns episódios de “*Black Mirror*”<sup>3</sup>, a saber: “15 milhões de méritos”, episódio da 1ª temporada (2011); e “Queda Livre”, episódio da 3ª temporada (2016) – a necessidade de recompensas imediatas,

2 “*The Feed*”: série disponível na Prime Video

3 “*Black Mirror*”: série disponível na Netflix

de estímulos altamente compensatórios e o desejo constante de “estar conectado”, mesmo nos desconectando de tudo mais, desde o momento em que se acorda até o momento de dormir, e quais são as implicações para o comportamento social.

Essa pesquisa tem um caráter analítico, investigativo e bibliográfico. A metodologia utilizada neste artigo é a análise qualitativa das obras mencionadas, focando nos temas de gratificação imediata e conexão constante, tendo como referencial teórico o livro “Nação Dopamina”, que aborda a relação entre tecnologia, comportamento de consumo e dopamina. Sendo assim, será analisada, a sociedade em que vivemos. Em suma, esse artigo problematiza questões como o equilíbrio entre a conexão e a desconexão, promovendo discussões em torno do uso mais consciente e saudável da tecnologia.

Futuros estudos poderiam explorar estratégias de desintoxicação digital e desestímulo do uso desenfreado e desequilibrado dessas ferramentas, algo que já é proposto na obra de Lembke (2024), e a promoção do uso mais equilibrado e consciente das tecnologias, visando melhorar o bem-estar social e psicológico, para o nosso próprio bem.

## “Nação Dopamina”

Na era digital, a gratificação instantânea tornou-se uma obrigação. Somos constantemente bombardeados por notificações, mensagens e conteúdo, gerados por algoritmos, que nos sugerem produtos para consumirmos, de acordo com o nosso histórico de pesquisa, ou prometem uma recompensa imediata, seja na forma de “likes”, compartilhamentos ou comentários.

Esse ciclo vicioso e sem fim de estímulo e de recompensa, acaba ativando os sistemas de dopamina, criando uma dependência que é difícil de quebrar (prazer/sofrimento). A busca por esses estímulos se traduz em comportamentos compulsivos e, muitas vezes, em ansiedade e estresse. Lembke (2024, p. 9) afirma:

[...] transformamos o mundo de um lugar de escassez em um lugar de imensa abundância: drogas, comida, notícias, jogos, compras, jogos

de azar, mensagens de texto, de sexo, do Facebook, do Instagram, do YouTube, do Twitter... Os números crescentes, a grande variedade e o imenso potencial de estímulos altamente compensatórios são atordoantes. O smartphone é a agulha hipodérmica dos tempos modernos, fornecendo incessantemente dopamina digital para uma geração plugada. Se você ainda não descobriu sua droga preferida, ela logo estará em um site perto de você.

Esse desejo de estar constantemente conectado, sempre checando as notificações do celular, ao acordar e antes de dormir, também tem profundas implicações para nosso comportamento social. A pressão para estar sempre presente nas redes sociais e responder rapidamente às mensagens pode levar a uma sensação de sobrecarga e esgotamento. Além disso, a comparação constante com os outros, impulsionada pelas redes sociais, pode levar a sentimentos de inadequação e baixa autoestima. Lembke (2024, p. 10) afirma: “Sejam doces ou compras, voyeurismo ou cigarro eletrônico, seja feed de mídia social ou fofoca de WhatsApp, todos nós nos dedicamos a comportamentos que não queríamos ter, ou que até certo ponto lamentamos”. Esses comportamentos indesejados destacam as várias consequências negativas do uso compulsivo da tecnologia.

A tecnologia, que deveria facilitar a vida e otimizar o tempo, muitas vezes acaba por aprisionar as pessoas nesse “ciclo vicioso sem fim” de dependência e de busca por gratificação instantânea. As implicações para o comportamento social são vastas, afetando desde os relacionamentos pessoais até a saúde mental. Parafraseando Lembke (2024, p. 22): “nos conectamos em vez de socializar, dormir ou nos dedicar à nossa família e amigos”. E, ao se conectar, desconecta-se do mundo ao redor.

O “consumo contínuo e compulsivo de uma substância ou um comportamento (jogos, video game, sexo), apesar do mal que fazem para a pessoa e para os outros” (Lembke, 2024, p. 23) são mantidos. A tecnologia se tornou uma droga viciante e não se consegue desconectar. Horas e horas perdidas entre “*storys*”, “*reels*”, “*shorts*”, “*trends*”, “*virais*” etc. Essas são as drogas digitais, que tem

viciado e escravizado muita gente que está absorta entre comentários, curtidas e compartilhamentos.

Esse uso excessivo de tecnologia e redes sociais acaba levando ao vício que tem constantemente causado uma sensação de insatisfação e depressão. As *Big techs* têm criado produtos altamente viciantes, levando seus usuários a comportamentos compulsivos e prejudiciais. E essas ações têm sido auxiliadas “pela tecnologia transformadora que aumentou não apenas o acesso, como também o número, a variedade e a potência das drogas” (Lembke, 2024, p. 27).

A sociedade contemporânea, “oferece um vasto complemento de drogas digitais que antes não existiam, ou, se existiam, agora estão acessíveis em plataformas que aumentaram exponencialmente sua potência e disponibilidade” e “Isto inclui pornografia online, jogos de azar e video games, só para citar alguns” (Lembke, 2024, p. 29).

A autora relaciona a este fato o conceito de adicção, para ressaltar os perigos do consumo compulsivo e complementa afirmando que “a própria tecnologia é adictiva, com suas luzes pulsantes, seu estardalhaço musical, seu conteúdo ilimitado e a promessa, com uma participação contínua, de recompensas cada vez maiores” (Lembke, 2024, p. 30). Fica muito claro portanto, como a cultura tem sido moldada pela *internet*.

“A internet estimula um consumo compulsivo desenfreado, não apenas fornecendo maior acesso a drogas velhas e novas, mas também sugerindo comportamentos que, de outro modo, poderiam nunca nos ter ocorrido”, o que explica que “Os vídeos não se tornam apenas ‘virais’. Eles são literalmente contagiosos, daí o surgimento do meme” (Lembke, 2024, p. 33).

É importante discutir sobre a cultura do entretenimento. Lembke (2024) a considera como “exemplos extremos de fuga do sofrimento”. Ela afirma que “perdemos a capacidade de tolerar até formas menores de desconforto” e “procuramos nos distrair do momento presente, nos entreter” (Lembke, 2024, p. 45). O entretenimento assume um papel de anestésico, que faz esquecer das inquietações do presente e das preocupações do futuro.

Lembke cita Neil Postman, que faz uma crítica à sociedade norte-americana: “Os americanos já não conversam uns com os outros, eles entretêm uns aos outros. Não trocam ideias, trocam imagens. Não argumentam com propostas, argumentam com boas aparências, celebridades e comerciais” (Lembke, 2024, p. 45). É preciso desconectar para tentar se reconectar com as pessoas ao redor.

A partir da série “*The Feed*” e de episódios da série “*Black Mirror*”, o assunto pode ser melhor explorado, pois ambas as obras oferecem uma representação crítica da hiperconectividade e dos efeitos das recompensas imediatas no comportamento humano e nas relações sociais. O contexto ficcional permite entender as dinâmicas contemporâneas de dependência digital e suas implicações nas interações humanas, permitindo uma análise aprofundada dos desafios que surgem no mundo digital e suas consequências no cotidiano.

### Série “*The Feed*”

E se todos os dispositivos fossem conectados à mente? As mensagens, áudios, vídeos, a playlist ... Tudo na mente.

*The Feed* gira em torno da família “Hatfield”, que criou “a Fonte” (“*The Feed*”), e começa com uma propaganda da empresa que diz: – “Conecte-se a todos em um piscar de olhos. Nunca mais perca aqueles momentos. Reviva-os. Esteja lá. Esteja informado. Seja melhor. Sonhem juntos. Descubram juntos. O conhecimento do mundo é seu em um piscar de olhos”. E o anúncio conclui: “Invente um mundo mais bonito. Compartilhe seu mundo. Compartilhe sua vida. Suas memórias, mundles, estão a salvo. Para sempre. *The Feed*”.

Num futuro não tão distante assim, as mentes de todas as pessoas estarão interligadas, sendo possível que todos participem juntos de um grande evento *online* de escala global, como um casamento de uma “celebridade”, por exemplo. Isso garante uma “conectividade instantânea”. O casamento que quase foi arruinado, por causa de um “vírus” que conectou a mente de um dos “convidados”. Esse

mesmo “vírus”, causará outros problemas durante a Série, como conectar todos ao mesmo tempo, expor imagens de conflitos, catástrofes, de disparidades econômicas e sociais, de crimes contra a humanidade, e não permitir que ninguém se desconecte. Todos perderam o controle da “Fonte”.

A Série provoca o espectador a imaginar sobre ficar logado à internet o tempo inteiro, desde o acordar até o momento de dormir (e enquanto dorme também). Nessa série, há muitas discussões éticas, sobre como os que desejam estar conectados e usufruírem da “Fonte” e aqueles que preferem ficar desconectados, usufruindo dos simples prazeres da vida.

Na Série, conhecemos um grupo de jovens. Um deles é o Danny. Todos são viciados em estarem conectados à “Fonte”, ficando numa espécie de “modo zumbi”. Principalmente o Danny, ao ponto de convulsionar ao tentar se desconectar, nem que seja por alguns poucos segundos, sofrendo uma espécie de “ataque epilético”. Ele acha que é “tudo muito parado” se ele se desconectar. Ele não tem autocontrole. Ele é viciado na “Fonte”, totalmente dependente. Ele deveria controlar a “Fonte”, mas é controlado por ela e isso prejudicava muito a sua vida. Por exemplo, ele foi atropelado por um carro enquanto fazia uma *Live*, fazendo com que precisasse de ajuda psicológica para controlar o seu vício. Ele justifica que não consegue se relacionar com ninguém fora da “Fonte” e que essa é a sua forma de interações.

Danny e seus amigos propõem desafios em busca de recompensas, moedas. Se os fãs gostarem do conteúdo, eles “curtem”. A cada 13 mil curtidas, uma moeda. Essas moedas poderiam ser usadas para atualizações, que é o desejo do Danny. Por exemplo, quando Danny quebrou seu braço fazendo a *Live*, “não ganhou nem 90 moedas”. Então, lhe foi sugerido que ele se desconectasse propositalmente da “Fonte” ao vivo. O que acaba acontecendo é ele convulsionar diante de todos, em busca de curtidas e divulgação, tudo para conseguir as desejadas moedas. Ele quase morre, sendo preciso chamar uma ambulância, mas ganha as suas desejadas moedas: 2 mil moedas. Parece ficção?

A sociedade contemporânea é desesperada por visualizações, curtidas, compartilhamentos e comentários. Tudo por engajamento, assim gerando “publis” ou monetizações. Uma sociedade viciada em “*storys*”, “*reels*”, “*shorts*”, “*trends*”, “*virais*” etc. Pessoas viciadas em dancinhas do *TikTok* ou, como aconteceu recentemente, em 2023, nas “Lives de NPC”. Os NPCs (em inglês “non-playable character” e em português “personagem não jogável”), são aqueles personagens controlados pelo jogo e com o comportamento predefinido por programação. Fazem sempre as mesmas coisas, repetidamente. “NPC” acabou se tornando um termo pejorativo usado para “pessoas sem importância”.

E o que são as “Lives NPC”? São vídeos ao vivo, no *TikTok*, onde as pessoas passavam horas sem esboçar sua personalidade, fazendo gestos mecânicos, de forma repetitiva e aleatória, de acordo com o que o público mandar. Como se fosse uma marionete ou objeto nas mãos do público que assiste, interagindo ao seu comando. A recompensa por isso: muitas moedas que são enviadas como presentes (o mesmo sistema usado em *The Feed*), que são trocadas depois por dinheiro real. Na época, 17,500 moedas valiam R\$902,00. Pessoas que ganharam entre R\$80,00 e até R\$2.000,00/hora, dependendo do engajamento do público.

Outro exemplo: Nicholas Perry, um violinista que decidiu ser conhecido na *internet* em 2016 e passou a fazer bizarrices. Ele descobriu que gravar vídeos comendo uma quantidade absurda de comida lhe dava muitas visualizações (fenômeno é conhecido como “*mukbang*”). Quanto mais ele comia, mais a audiência aumentava. Detalhe: ele foi vegano e tentou produzir conteúdo nessa temática. Bem, o seu canal “Nikocado Avocado” acumula 4,57 milhões de inscritos e mais de 2 bilhões de visualizações. Ele acabou se tornando um obeso mórbido, com mais de 159kg. Ele precisou usar um respirador e ter uma enfermeira particular. Ele rompeu três costelas de tanto comer e sofreu problemas conjugais. Depois de um tempo, ele apareceu com 113kg a menos. Ele revelou que o conteúdo postado nos últimos meses eram conteúdos antigos, que ele já tinha gravado antes de começar o processo de emagrecimento,

e que tudo não passava de um experimento social. Ainda parece ficção? Infelizmente, não é.

## Série “Black Mirror”: 15 Milhões de Méritos

No episódio, a humanidade está num futuro distópico. Logo no início, é apresentado Bingham Madsen, ou “Bing”, alguém que herdou do seu falecido irmão 12 milhões de méritos, que é a moeda corrente nesse futuro, onde as pessoas trabalham basicamente como faxineiros, aqueles que não conseguem pedalar; ou, a grande maioria, pedalando para gerar eletricidade; ou para indústria que produz “conteúdo de entretenimento”, sem a necessidade de faxinar ou pedalar. Ou seja: ou você trabalha para sustentar a indústria do entretenimento ou você produz conteúdo para entreter os trabalhadores.

Nesse episódio, todos trabalham para acumularem créditos para suas necessidades básicas (comida, higiene etc.), ou para outras necessidades, como pular vídeos indesejados, comprar acessórios virtuais ou fazer um upgrade no seu quarto. Quando você opta por pular os anúncios ou vídeos que foram produzidos ou decide mutá-los, você é penalizado perdendo méritos por não consumir tal conteúdo que foi criado. Se você decide fechar os olhos, o vídeo é pausado até que você volte a assistir. Nessa sociedade, muitos desejam se tornar “Hot Shots”, para ter uma vida mais fácil.

Para vencer, você precisa conquistar a plateia espalhada por todo o mundo e representada por avatares. E assim, dia após dia, numa rotina, você cumpre esse “ciclo vicioso sem fim”. E assim todos: entram no elevador, trabalham, comem, voltam a trabalhar, consomem conteúdo, ou evitam consumi-lo, e voltam a dormir. Sem relacionamentos profundos ou “distrações”. Dia após dia, a não ser que não seja mais útil e acabe sendo descartado.

Bing então conhece Abi Khan, recém-promovida ao setor após completar 21 anos, e tudo muda. Ele encanta-se ao ouvi-la cantando uma música que aprendera com sua mãe, que aprendeu com a sua avó. Ele acha que ela deveria se inscrever no “Hot Shot” e se dispôs

a pagar a sua inscrição no valor de 12 milhões de méritos. Quando vai comprar o ticket da Abi, descobre que a inscrição subiu para 15 milhões de méritos, basicamente tudo o que ele tem, restando-lhe 9.407 méritos. Ele a acompanha em sua apresentação, ela vai muito bem, mas o interesse dos jurados é na sua beleza, não na sua voz. Então, eles lhe dão uma escolha: ser uma escrava sexual ou continuar como escrava pedalando. Um dos jurados diz: “você é um acessório. Esqueça a vergonha e tudo mais. Nós medicamos contra isso. Você terá prazer para sempre”. Como é atual essa proposta. Então, ela aceita se tornar um produto do entretenimento e ser usada como um “acessório”, um objeto para entreter os outros, para a tristeza de Bing, que precisa assistir aos vídeos produzidos da Abi, sem conseguir pulá-los, pois não tem mais recursos.

Ele quase desiste da vida, até que elabora um plano de vingança: ele trabalha bastante, usa pouca pasta de dente, come a comida dos outros e acumula 15 milhões de méritos. Então, ele compra um ingresso para o “*Hot Shot*”, não lhe restando mais nada. Ele não precisará mais. Após dançar diante da plateia, ele ameaça tirar a sua vida diante de todos, mas deseja dizer algumas palavras. Ninguém se importa se ele tirar a sua vida, mas uma jurada diz que deseja ouvi-lo. Então, enfatiza que a sociedade não tem ouvido genuinamente, apenas processa mecanicamente aquilo que é dito. As pessoas são apenas objetos para entretenimento. Como ele diz: “Quanto mais falso o objeto, mais ele é amado”.

A sociedade de consumo busca gratificação e reconhecimento, custe o que custar. A forma como se comunicam e se expressam foram reduzidos a um ato de consumo. Ele diz: – “Só conhecemos objetos falsos e coisas para comprar. É como nos comunicamos, como nos expressamos. Comprando coisas”. Ele destaca a futilidade dos sonhos. Para ele, a busca por algo real, belo e gratuito parece impossível numa sociedade anestesiada, incapaz de lidar com a bondade sem diluí-la e banalizá-la. Assim, a metáfora da vida diária é como um ciclo vicioso sem fim, de pedalar incessantemente, fornecendo energia para sistemas que perpetuam a superficialidade e a futilidade.

Com um vidro no pescoço, um dos jurados afirma que ele disse o que todos gostariam de dizer se tivessem a oportunidade. “A autenticidade está em falta”, afirma o jurado. Então, um *plot twist*, uma reviravolta inesperada: este jurado lhe oferece um programa de 30 minutos, duas vezes por semana, para falar o que pensa, com o caco de vidro no pescoço. Ele aceitou, se vendendo ao sistema que acabara de criticar. Afinal, “é melhor do que a bicicleta”. Então, ele conseguiu parar de pedalar, conseguiu o “dormitório maior” e começou a produzir conteúdo para entreter a todos, enquanto pedalam para que produzam energia. Esse discurso, como toda a série, é uma crítica incisiva à desumanização, ao consumismo e à busca vazia por gratificação instantânea, que permeia a sociedade contemporânea. Trabalhamos sempre mais e mais para trocarmos as “celas minúsculas e telas minúsculas” por “celas maiores e telas maiores”. Lembke (2024, p. 23) afirma que é “o crescente problema do consumo compulsivo desenfreado com que nos deparamos hoje, mesmo quando temos uma vida boa”. E continuamos pedalando, sem parar, noite e dia.

### Série “*Black Mirror*”: Queda Livre

Esse episódio trabalha os aspectos das curtidas automáticas, sorrisos forçados e pessoas presas na virtualidade. Enquanto estão hiperconectadas, essas pessoas trocam curtidas, postam suas vidas na *internet* esperando *views* e estrelinhas, o que garante o *status* e tudo o que esse *status* pode trazer. Nesse episódio, vemos as pessoas vivendo de aparências. Elas têm suas conversas pautadas pelo que foi postado nas redes sociais e suas amizades são escolhidas pela nota e a avaliação que as pessoas têm. Todos sabem a nota de todos e que avaliação as pessoas deram para você. As conversas são pautadas pelo que é visto nos perfis das redes sociais.

Então, a personagem Lacie é uma mulher que deseja desesperadamente ser notadas nas redes sociais, buscando sempre aprovação. Ela se encontra num dilema: como ela precisa de uma casa nova, ela precisa melhorar a sua avaliação para conseguir um desconto

num condomínio que deseja morar. Ela precisa subir de 4.2 para 4.5. Então, ela procura um “especialista em reputações” que mostra que ela tem a necessidade de um “impulso” de popularidade. Ela precisa se relacionar e ser bem avaliada por pessoas valiosas, bem avaliadas. Ao forçar a barra, ela não consegue ser bem avaliada como antes. Nessa série, a sua nota diz onde você vai trabalhar e onde vai morar. Ou ainda, se conseguirá remarcar seu voo, que tipo de carro você vai alugar, se conseguirá tratamento médico, se participará de um casamento ou entrará num condomínio etc.

As coisas começam a mudar na vida da protagonista, quando ela é convidada por uma amiga da época da escola, alguém avaliada com 4.8. Ela convida a protagonista para ser sua madrinha de honra e discursar no casamento. Mais adiante descobrimos que há interesses por trás desse convite. Bem, ela aceita, pois isso aumentaria sensivelmente a sua nota.

Só que tudo dá errado no dia da viagem. Ela perdeu pontos ao perder o taxi enquanto discutia com o irmão, por ser avaliado negativamente por seu irmão, porque esbarrou em alguém 4.8 ou porque não agradou ao taxista. Tudo pode fazer você perder pontos e ela perde alguns, chegando a 4.1. Então, ela vai ao aeroporto e descobre que o seu voo foi cancelado. Ela tenta remarcar seu voo e não consegue porque sua nota está abaixo de 4.2. Ao se desesperar, ela briga com a atendente que chama o segurança do aeroporto por “intimidação e xingamentos”. Ela é punida, perdendo 1.0 da sua avaliação nas próximas 24 horas e todas as notas negativas teriam o dobro do valor.

Sua nova nota só lhe permite alugar um carro bem antigo, o que dificultará a sua viagem, fazendo-a abandonar o carro e procurar carona na estrada. Devido sua nota, ninguém quer ajudar. Então, uma caminhoneira lhe oferece carona. Essa senhora, que tem a nota 1.8, explica que já teve a nota 4.6. Ela explica que se esforçava muito para conseguir manter sua nota até que seu marido morreu de câncer porque tinha “apenas” 4.3. Ele perdeu a vaga de um tratamento experimental, que poderia salvar a sua vida, para alguém que tinha 4.4. A nota da protagonista continua caindo até

chegar a 2.6. Assim, ela é desconvidada para o casamento, pois a sua amiga de infância a convidou só porque as simulações mostraram que ela ganharia nota com “a autenticidade de uma amizade com alguém com pouco mais de 4”. Agora, isso poderia manchar a sua reputação. Bem, ela insiste em ir para o casamento, arma a maior confusão e sua nota continua a despencar para menos de 1.0.

Para encerrar, ela vai para a prisão. O interessante, é que ela sai de uma prisão mental para uma prisão física, onde finalmente se sente livre. Esse episódio mostra como a pessoa é avaliada e descrita pelo que posta, de acordo com quem se relaciona e interage. Seu irmão havia avisado que o lugar onde ela desejava morar eram “prisões lotadas de sorrisos amarelos”. Em relação ao desejo dela de ter uma avaliação melhor e manter sua antiga amiga por perto, para conseguir essa nota, seu irmão afirmou: “essa coisa de avaliação, de ficar se comparando com pessoas que fingem ser felizes. Aposto que pessoas como a Naomi, por dentro, querem se matar”.

O fato é que este episódio é uma crítica à influência das redes sociais nas nossas vidas e à pressão para manter uma imagem perfeita para ser sempre bem avaliado. Essa obsessão em manter uma nota alta para obter benefícios e melhorias na sua vida, como um emprego melhor ou um apartamento melhor. A protagonista viveu situações cada vez mais tensas por causa da sua obsessão por uma nota mais alta. Esse episódio revela os perigos de uma sociedade pautada pela popularidade, onde o valor de alguém é medido numericamente.

## Discutindo os conceitos propostos

Numa era digital, a comunicação e a interação humana são mediadas por tecnologias que permitem uma conexão constante e ininterrupta. Isso é chamado de hiperconectividade. Como discute Lembke (2024) sobre a superficialidade das relações sociais e interpessoais numa era de hiperconectividade e busca por recompensas imediatas, a Série “*The Feed*” e os episódios de “*Black Mirror*” exemplificam bem.

A dopamina está por trás da busca por recompensas proporcionadas pelas redes sociais e *smartphones*, que acabam gerando dependência, impedindo de manter relações pessoais saudáveis. Assim, as conexões humanas e os relacionamentos são sacrificados em prol de recompensas imediatas. Por isso, é preciso reequilibrar a forma como usamos a tecnologia e lutar pela preservação da qualidade das interações.

A hiperconectividade intensifica essa busca por essas recompensas, tornando difícil para as pessoas desconectarem e se conectarem com as pessoas que estão próximas, encontrando, assim, satisfação em interações e atividades mais simples. Lembke (2024) argumenta que a gratificação instantânea proporcionada pela tecnologia pode levar a comportamentos obsessivos, ansiedade e depressão.

A “necessidade” de estar conectado o tempo todo e a busca desenfreada tanto por reconhecimento, como por recompensas imediatas, afetam a saúde mental. Além disso, influenciam as interações sociais, levando a viver uma cultura de superficialidade e promoção pessoal. Assim, é preciso desconectar para se conectar de forma verdadeira.

Em *The Feed*, observa-se a dependência extrema e uma desconexão das experiências humanas reais. As interações autênticas são substituídas por conexões superficiais. Em “15 Milhões de Méritos”, de “*Black Mirror*”, conhecemos uma sociedade onde as pessoas vivem isoladas em células, pedalando bicicletas estacionárias para ganhar méritos. O episódio evidencia a alienação e à objetificação das pessoas. Em “Queda Livre”, a hiperconectividade é explorada através de um sistema social onde cada interação é avaliada por uma pontuação de cinco estrelas. O episódio reforça um comportamento superficial e a obsessão por validação nas redes sociais e aprovação social.

## Considerações finais

No livro “Nação Dopamina”, Lembke (2024) discute como a busca descontrolada por prazer e recompensas imediatas cria uma

sociedade viciada em estímulos, que geram dependência e sentimentos de insatisfação, prejudicando a capacidade de manter relações pessoais saudáveis. Para romper esse ciclo, é necessário reequilibrar o uso da tecnologia, valorizar as experiências autênticas e as recompensas de longo prazo.

“*The Feed*” ilustra como a tecnologia, criada para facilitar nossas vidas, pode aprisionar os indivíduos em um ciclo vicioso através da hiperconectividade. Os personagens, bombardeados por estímulos e recompensas instantâneas, experimentam interações sociais superficiais. Por sua vez, “*Black Mirror*”: “15 Milhões de Méritos”, reflete uma sociedade na busca incessante por recompensas imediatas. Nele, os personagens passam o dia pedalandando para ganhar méritos, resultando em relações filtradas por telas e pontuações, eliminando a capacidade de se formar conexões verdadeiras. Em “*Black Mirror*”: “Queda Livre”, o enredo aborda um sistema de avaliação social que promove interações artificiais, corroendo as relações interpessoais pela obsessão por aprovação e recompensas instantâneas.

Em resumo, a hiperconectividade e o desejo por recompensas imediatas moldam o comportamento da sociedade contemporânea, afetando negativamente a saúde mental e transformando as relações pessoais. As obras discutidas sugerem a necessidade de um uso mais consciente e equilibrado da tecnologia para preservar a qualidade das interações humanas.

A análise do livro “*Nação Dopamina*” e das séries “*The Feed*” e “*Black Mirror*”, oferecem uma visão sobre as consequências preocupantes do consumo compulsivo da tecnologia, destacando como essa dependência pode impactar negativamente a saúde mental e as relações sociais.

As obras discutidas mostram exemplos muito claros de como a busca frenética por recompensas imediatas e a hiperconectividade podem levar a casos de ansiedade e depressão. A análise das obras demonstra que a necessidade de recompensas imediatas e de estar sempre conectado tem profundas implicações sociais e psicológicas. A tecnologia, embora traga benefícios, também pode criar um ambiente propício para comportamentos compulsivos, intensificando

problemas de saúde mental e prejudicando as relações pessoais. Esses comportamentos, muitas vezes alimentados pela dopamina liberada por recompensas digitais rápidas, refletem num ciclo vicioso sem fim, que é muito difícil de ser quebrado.

Logo, é essencial buscar um ponto de equilíbrio entre o “estar conectado” e “desconectado”, adotando práticas conscientes no uso da tecnologia, especialmente das redes sociais, sendo necessários períodos de desintoxicação digital. Estudos precisam ser realizados para investigar e elaborar estratégias de desintoxicação digital, explorando diferentes abordagens e métodos para ajudar os indivíduos a recuperarem o controle sobre seu uso da tecnologia, tendo como ponto de partida, por exemplo, os escritos de Anna Lembke. É preciso promover um uso saudável da tecnologia, através de campanhas educativas visando a conscientização. Ações como essa podem desempenhar um papel fundamental na construção de uma sociedade que não será escravizada pela tecnologia.

## Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2021.
- LEMBKE, Anna. **Nação Dopamina: Encontrando o Equilíbrio na Era do Excesso**. 1. ed. 10. reimpressão. São Paulo: Vestígio, 2024;
- 15 MILHÕES de Méritos. *In*: BLACK Mirror. Criação de Charlie Brooker. Direção de Euros Lyn. Estados Unidos: Channel 4, 2011. 62 min. Temporada 1. Episódio 2. Série exibida pela Netflix. Acesso: 3 nov. 2024;
- QUEDA Livre. *In*: BLACK Mirror. Criação de Charlie Brooker. Direção de Joe Wright. Estados Unidos: Netflix, 2016. 63 min. Temporada 3. Episódio 1. Série exibida pela Netflix. Acesso: 3 nov. 2024;
- THE Feed. Criação de Channing Powell. Estados Unidos: Amazon, 2019. Série exibida pela Amazon Prime. Acesso em: 6 nov. 2024.



## 8 ATIVISMO DIGITAL E A MANIFESTAÇÃO DE PAUTAS PERSONALIZADAS NO MOVIMENTO FEMINISTA

Maria do Carmo L. Abi-Sâmara

### Introdução

O objetivo desta pesquisa é o de lançarmos um breve olhar para as transformações do movimento feminista e o caminho por ele percorrido, que partiu de reivindicações sociais comuns à condição da mulher, até o momento atual, caracterizado pela diversidade de grupos e de pautas, disseminadas especialmente pelas mídias digitais. O crescimento significativo de grupos em redes sociais, blogs, *Newsletters* e outros, tratando dos mais diferentes temas relativos aos direitos das mulheres, com maior ou menor número

de seguidores, justifica a reflexão: quais são as forças que estas iniciativas vêm trazendo e quais são os possíveis cuidados que podemos trazer à consciência?

Para tanto, nos propusemos à pesquisa bibliográfica exploratória, assim como ao exercício de cartografar e observar iniciativas voltadas ao fortalecimento da mulher, disponíveis nas redes digitais. Tal coleta encontra-se disponível em: <https://padlet.com/mariaabisamara/cartografias-do-feminino-e-do-feminismo-rvr4xjy9o6ad61bt>

## **Um breve percurso histórico do movimento feminista**

Podemos compreender o termo Feminismo, como um movimento de busca pela igualdade de direitos e oportunidades entre todos os gêneros, promovendo a justiça social e combatendo a discriminação. Tal movimento nasceu e tem se fortalecido como resistência aos mais diversos mecanismos de opressão cometidos contra as mulheres ao longo de séculos.

A partir do final do século XIX e início do século XX, o que hoje concebemos como “Feminismo” foi aos poucos tomando corpo, até assumir essa denominação. O Movimento Feminista foi indiretamente fomentado pelas turbulências sociais ocorridas a partir de meados do século XIX, que propiciaram a participação das mulheres em reivindicações políticas em torno de causas sociais humanitárias importantes para toda a sociedade. A Primeira Guerra Mundial (1914-1919) foi notadamente marcante, pois obrigou mulheres de diferentes países europeus a assumirem postos de trabalho tipicamente ocupados por homens, como condução de meios de transporte público, mão de obra fabril, serviços de manutenção e outros. Essas experiências de vida produtiva e engajamento social fortaleceram a possibilidade de expressão de suas vozes. Assim, iniciaram-se movimentos por direitos femininos básicos, cujas primeiras pautas foram especialmente o direito ao voto, à educação superior, isonomia salarial e conquista de direitos legais.

No início do século XX já podem ser identificadas grandes movimentações em torno dos direitos das mulheres. Ilze Zirbel,

doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina, aponta o crescente nascimento de congressos, associações internacionais, panfletagens e publicações em jornais. Conta a autora que em 1908 aproximadamente 500.000 mulheres uniram-se em manifestação pelo direito ao voto. Ainda neste período, o “Conselho Internacional das Mulheres” chegou a reunir 7.000.000 de mulheres de 24 diferentes países (Zirbel, 2021), um exemplo da projeção do feminismo transnacional. Este período é atualmente identificado como “primeira onda feminista”<sup>1</sup> e abrange meados do século XIX até 1920.<sup>2</sup>

A “segunda onda” está circunscrita aos anos de 1960 a 1980. Este período merece destaque por conta da ampliação da pauta feminista. A “segunda onda” buscou transformar as estruturas sociais, culturais e econômicas que sustentavam a desigualdade de gênero. Direitos igualitários no trabalho e acesso à educação continuaram a ser pleiteados, sendo acrescentados: o direito de escolha profissional; acesso à saúde; controle sobre o próprio corpo nas questões relativas à natalidade; luta contra a objetificação do corpo; combate ao sexismo e ao patriarcado, defesa do lesbianismo e das mulheres negras; luta contra o assédio, violência sexual e violência doméstica.

Uma grande quantidade de obras acadêmicas, literárias e artísticas foram produzidas neste período. Merecem destaque autoras como Betty Friedan e sua obra “*Feminine Mystique*”, Simone de Beauvoir em “*O Segundo Sexo*”, Gloria Steinem, editora da revista

1 A metáfora da onda foi cunhada pela feminista Martha Weinman Lear em 1968. Em um artigo no “New York Times”, Lear nomeia a “primeira onda” como o período dedicado principalmente à pauta sufragista e anuncia a chegada de uma “segunda onda”, que traria novas demandas ao movimento feminista. (Molony; Nelson, 2017).

Apesar de não fazer parte do escopo desta pesquisa, achamos importante apontar que muitos autores rejeitam o uso da metáfora da onda por acreditarem que a ideia da onda faz pensar em algo que se extingue em certos períodos. Por ser uma terminologia muito conhecida, ela será utilizada, porém entre aspas e deve ser lida com a consciência de que fora dos períodos de onda o movimento feminista manteve-se ativo.

2 Há divergências de datas entre diferentes autoras. Assumimos, para esse artigo a datação dada por Ilze Zirbel, em seu artigo “Ondas feministas”. Para solucionar o problema de que a metáfora da onda pode levar a pensar que o movimento feminista se extingue fora delas, Molony e Nelson propõem a expansão dos períodos, de forma que o tempo histórico sempre esteja inserido em uma das ondas. (Molony; Nelson, 2017)

feminista Ms. O conjunto destas produções foram gérmen para o desenvolvimento de diferentes vertentes do feminismo, como o feminismo radical, o feminismo socialista e o feminismo cultural. A luta contra a opressão sempre foi um ponto de convergência, mas a “segunda onda” marcou o nascimento das divergências entre pontos de vista.

Autoras como Bel Hooks, apontam que o movimento feminista deste período cometeu falhas importantes, ao continuar ignorando as especificidades das mulheres e suas diferentes dificuldades. Comentando a obra marcante da “segunda onda”, “*Feminine Mystique*”, a partir da perspectiva da mulher negra, afirma Hooks (2015, p. 1):

Nos Estados Unidos, o feminismo não surgiu das mulheres que são mais vitimizadas pela opressão machista, das mulheres agredidas todos os dias, mental, física e espiritualmente – as que são impotentes para mudar sua condição na vida. Estas são a maioria silenciosa. Uma marca de sua condição de vítimas é o fato de aceitarem sua sina na vida sem questionamento visível, sem protesto organizado, sem fúria ou raiva coletivas. *The feminine mystique*, de Betty Friedan, publicado em 1963, ainda é saudado como o livro que abriu caminho para o movimento feminista contemporâneo – a obra foi escrita como se essas mulheres não existissem.

No mesmo artigo a autora acrescenta:

A famosa frase de Friedan, “o problema que não tem nome”, muitas vezes citada para descrever a condição das mulheres nesta sociedade, na verdade se refere à situação de um seletivo grupo de mulheres brancas casadas, com formação universitária, de classe média e alta – donas de casa entediadas com o lazer, a casa, os filhos, as compras, que queriam mais da vida. Friedan conclui seu primeiro capítulo afirmando: “Não podemos continuar a ignorar essa voz íntima da mulher, que diz: “Quero algo mais que meu marido, meus filhos e minha casa”. [...] Ela não falou das necessidades das mulheres sem homem, sem filhos, sem lar, ignorou a existência de todas as mulheres não brancas e das brancas pobres, e não disse aos leitores se

era mais gratificante ser empregada, babá, operária, secretária ou uma prostituta do que ser dona de casa da classe abastada. (Hooks, 2015, p. 1-2)

O trecho acima mostra a indignação de Hooks (2015) em face à invisibilização de mulheres cujas necessidades deveriam receber prioridade. Em várias de suas obras, a autora tece críticas profundas ao movimento feminista liderado pelas mulheres brancas, chegando a chamá-lo de racista e unidimensional (Hooks, 2015).

Hooks (2015) oferece um exemplo de que antagonismos e divergências em torno de várias pautas do movimento feminista foram sendo intensificadas, culminando nas mudanças que definiram as bases da “terceira onda”, cujo início se deu a partir de 1990<sup>3</sup>. O marco inicial foi creditado à ativista Rebecca Walker, em 1992, após uma publicação na revista *Ms.* (acima citada), onde a autora expressou sua frustração pelo fato de que as conquistas do movimento feminista permaneceram circunscritas a um determinado público: mulheres brancas de classe média e alta. Assim, segundo Molony e Nelson (2017, p. 11),

A “terceira onda” foi identificada por feministas mais jovens no início da década de 1990 que, nas suas críticas às suas antepassadas feministas, tentaram ir além das “noções dicotômicas de gênero em direção à consideração das múltiplas identidades de idade, classe, raça e preferência sexual, ”que muitos estudiosos agora veem como a adoção da interseccionalidade pelas feministas da “terceira onda”, desenvolvida anteriormente por acadêmicos e ativistas de cor nos Estados Unidos e em outros lugares do mundo. (Tradução livre da autora)

<sup>3</sup> Certas autoras, como Kira Cochrane, em “*All the Rebel Women: The Rise of the Fourth Wave of Feminism*”, afirmam que 2010 deu início à quarta onda, caracterizada pela intensificação da tecnologia digital. Outras autoras, como a socióloga britânica Angela McRobbie, afirmam que uma intensificação não é suficiente para marcarmos uma nova onda. Neste texto estamos assumindo o momento atual como parte da “terceira onda”.

Assim, na “terceira onda” mulheres mais jovens abraçaram as pautas já disseminadas na “segunda onda”, acrescentando a elas pautas identitárias: interseccionalidade<sup>4</sup>, etarismo, assim como redefinição de feminilidade e desconstrução dos padrões de beleza impostos às mulheres. Foi dado grande foco à contestação das estruturas de poder, aos direitos humanos e à justiça social.

Podemos entender, a partir do resumo histórico acima, que o movimento feminista mundial caminhou gradativamente das pautas comuns a todas as mulheres, sendo o movimento sufragista um ótimo exemplo desse ponto de partida, para o acolhimento de necessidades diversas, ligadas a diferentes grupos identitários. O momento atual é caracterizado pelo desejo de dar espaço a todas as diferentes vozes que caracterizam o feminino.

Ao mesmo tempo, devemos ressaltar a intensificação das divergências e a recusa de certos grupos em assumir e mesmo interagir, com pontos de vista que lhes sejam alheios. Ou seja, o momento atual abarca a multiplicidade, mas cria “bolhas” para sustentá-las.

A ativista Al Garthwaite, membro do Feminismo Revolucionário da “segunda onda”, em entrevista publicada em 2014 pela pesquisadora Finn Mackay, da *University of Bristol* e *University of the West of England*, conta que, apesar de ter suas raízes feministas realmente vinculadas ao Feminismo Revolucionário, ela procura não se intitular desta forma. Para ela, os diferentes grupos e as diferentes denominações do movimento sempre acabaram carregando estereótipos na sua bagagem. Como exemplo, ela conta que o movimento foi acusado de odiador de homens, separatistas. Ela lembra das mulheres que deixaram de participar da causa feminista por perceberem um vínculo demasiado forte com a causa das mulheres lésbicas e serem

4 Interseccionalidade é o termo usado para descrever a interação de duas ou mais condições de um indivíduo e como elas afetam sua relação com a sociedade. Por exemplo, podemos estudar o impacto de uma mulher negra de classe social baixa (gênero e condição econômica) para compreender como essas duas condições, quando combinadas, resultam em uma situação muito diversa daquelas vividas por mulheres negras, somente.

vistas como menos femininas. Garthwaite acredita que sem o uso de denominações, suas ideias podem ser expressas de forma mais clara. Podemos ver como esta ativista encontrou uma estratégia para ganhar acesso às diferentes “bolhas” que foram sendo criadas ao longo do movimento feminista. (Finn, 2014)

## O impacto das mídias digitais no movimento feminista

A “terceira onda” tem sido acentuada pela utilização das novas tecnologias, notadamente o uso das mídias sociais que, a partir do início do século XXI, vieram crescendo rapidamente. *WhatsApp*, *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Youtube*, *TikTok*, *Spotify*, *Newsletter* e outros, tornaram-se espaços por meio dos quais uma multiplicidade de temas voltados ao fortalecimento da mulher, passaram a ser veiculados em forma de palestras, *podcasts*, *posts*, pequenos vídeos, cursos de formação, além de divulgação de congressos, cursos e eventos presenciais.

Essas plataformas veiculam histórias de vida e relatos pessoais que possibilitam uma aproximação de temas pouco ou nunca explorados pelo movimento feminista: as inúmeras especificidades da condição da mulher negra e da mulher homossexual; as dificuldades de entrada de mulheres nos mercados prioritariamente masculinos, como o mercado financeiro; a falta de autonomia das mulheres sobre a própria vida financeira; a objetificação dos corpos e a busca de autonomia da mulher sobre sua própria corporalidade; violência física e psicológica contra a mulher; questões relativas a abuso e assédio sexual; movimentos para o fortalecimento do feminino; feminismo ambientalista (feminino e natureza e a relação destes com os mecanismos de opressão definidos pelo capitalismo), interseccionalidades diversas e outros.

A exposição das emoções, dores e afetos são parte inerente destes relatos, temas sensíveis são tratados de forma a promover empatia e afinidades e muitos deles dirigem-se para ações práticas, encaminhamentos, possíveis estratégias de atuação para enfrentamento de dificuldades.

A pluralidade de temas disponíveis possibilita que cada um se relacione a partir de suas necessidades e interesses pessoais, escolhendo, inclusive, o grau de interação que mais lhe contemple: um ouvinte/leitor que não se expõe, alguém que interage de forma oral, escrita ou participa de eventos – cabe lembrar que a expressão de emoções por meio da escrita tem sido preferida por boa parte dos jovens da atualidade – ou um organizador/ativista. Para aqueles que desejam produzir conteúdo, o acesso à *internet*, um *smartphone* e uma conta aberta em um canal serão suficientes para veiculação de suas mensagens.

Encontrar um grupo com quem se pode compartilhar necessidades comuns pode ser sanador. Por meio destes compartilhamentos cada indivíduo tem a oportunidade de chegar a conclusões, tais como: “esse problema que eu achava que era só meu não é só meu”; “essa culpa que eu achava que eu tinha, ela não é minha”. Causas comunitárias são passíveis de ser enfrentadas quando em redes de apoio e ações práticas, podem ser vislumbradas em conjunto.

Muitas iniciativas atuam sem fins lucrativos, outros transformaram suas pautas em produtos e serviços que se propõem a fortalecer mulheres. “*Lelabrandão.co.*”<sup>5</sup> milita contra a rigidez do modelo de beleza física imputado às mulheres, o que inclui uma crítica às roupas que limitam movimentos em prol de uma estética atraente para os homens. Em seu *podcast* “Gostasas também choram” e no *Instagram*, ela aborda diversos temas relacionados ao feminismo: estruturas opressoras do capitalismo, arquiteturas e mobiliários desenhados para o homem universal, objetificação dos corpos das mulheres e outros. Sua marca de roupas, exclusiva para mulheres, trata “uma mulher confortável em si mesma” como uma verdadeira revolução.

<sup>5</sup> 392 mil seguidoras na conta pessoal do *Instagram* e 159 mil seguidoras na conta da sua marca de roupas Lela Brandão.co. Seu *podcast* “Gostasas também choram” entrou na lista dos mais ouvidos do país logo após o lançamento, em 2023.

**Figura 1** – Slogan da marca de roupas Lela Brandão co., roupas confortáveis para mulheres



**Fonte:** Disponível em @Lelabrandão.co. Acesso em 10/11/24

Lela Brandão compartilha espaço no *Instagram* com influenciadoras que sustentam uma grande diversidade de reflexões e pontos de vista, sobre a relação das mulheres com seu próprio corpo e juntas, elas abrem espaço para que mulheres tenham acesso a diferentes posicionamentos e encontrem suas próprias afinidades.

A plataforma “*As investidoras*”<sup>6</sup> oferece educação financeira para mulheres, por compreender a organização da vida financeira como uma forma de fortalecer a autoestima, autocuidado e um caminho imprescindível para conquista de autonomia:

Quando se trata de investimentos para mulheres, o argumento não é enriquecer rapidamente, mas sim buscar liberdade, inclusive para conseguir sair de relacionamentos. (“*As Investidoras*”, 2023)<sup>7</sup>

6 99,9 mil seguidores na conta comercial de As Investidoras, Instagram.

7 Disponível em: <https://borainvestir.b3.com.br/objetivos-financeiros/investir-melhor/mulheres-querem-investir-para-conquistar-liberdade-diz-julia-abi-samara/#:~:text=%E2%80%9CQuando%20se%20trata%20de%20investimentos,para%20conseguir%20sair%20de%20relacionamentos%E2%80%9D>.

Seus cursos são exclusivos para mulheres, para que as participantes se sintam confortáveis em compartilhar experiências, sentimentos e tirar dúvidas sem qualquer constrangimento. Os cursos mais longos oferecidos por “As Investidoras” dão acesso a uma plataforma para formação de comunidades, onde mulheres podem construir novas redes, estudar juntas ou ofertar produtos e serviços.

**Figura 2** – Postagem veiculada no *Instagram* “As Investidoras” de educação financeira para mulheres



**Fonte:** Disponível em @as.investidoras. Acesso em: 10/11/24

**Figura 3** – Postagem veiculada no *Instagram* “As Investidoras” de educação financeira para mulheres



**Fonte:** Disponível em @as.investidoras. Acesso em: 10/11/24

Para explicar as razões de existência de “*As Investidoras*”, sua fundadora Samara, relata suas próprias experiências:

Tentei entrar [em uma conversa com seus colegas homens, sobre investimentos], pois estava curiosa. Porém, me deram a entender que eu não era capaz. Foi aí que virei a chave e comecei a questionar por que eu não sabia mais sobre o assunto e minhas amigas não falavam sobre o tema. Enquanto isso, alguns meninos, que não tinham muito conhecimento, se sentiam mais à vontade para falar sobre finanças. (“*As Investidoras*”, 2023)<sup>8</sup>

Para além de temas específicos, as mídias sociais digitais podem possibilitar adesão a pautas compreendidas por todas como prioritárias. No ano de 2000 foi organizada a primeira “Marcha Mundial das Mulheres”, que reuniu 6000 grupos em 150 países e coletou aproximadamente 5 milhões de assinaturas em um documento em prol do combate à pobreza e da violência contra a mulher. A ação foi veiculada pelos meios digitais.

Campanhas como #*MeuPrimeiroAssedio*, #*MeuAmigoSecreto*, #*NiUnaMenos*, #*AgoraÉQueSãoElas*, #*MeToo*, abriram espaço para denúncias contra assédio, violência contra a mulher, feminicídio. Ilze Zirbel destaca que em 2017 a campanha #*MeToo*, planejada para denunciar atos de assédio e estupro, contabilizou 12 milhões de postagens em 24h. Tais movimentos demonstram como o feminismo transnacional, que esteve presente desde a “primeira onda”, pode ser intensificado pelos meios digitais (Zirbel, 2021).

Exemplos de que os conteúdos ofertados através das mídias sociais podem se infiltrar em novos espaços e deslocar os limites do que é permitido para as mulheres, de forma por vezes silenciosas, são diversos. Annabelle Sreberny relata que o acesso ao *smartphone* para mulheres sauditas abriu espaços fora do controle de familiares do sexo masculino. Mulheres sauditas residentes em seu país têm feito uso de perfis falsos e anônimos para acompanhar as pautas

8 <https://borainvestir.b3.com.br/objetivos-financeiros/investir-melhor/mulheres-querem-investir-para-conquistar-liberdade-diz-julia-abi-samara/>

feministas, o que resultou em reivindicações em prol do direito de postar fotos com seus rostos expostos, por exemplo. Campanhas são organizadas por mulheres das diásporas ou por ONG's que sustentam debates sobre igualdade de gêneros. Os conteúdos apresentados em inglês e francês têm fortalecido o feminismo transnacional. A partir dessa experiência, Sreberny (2015) reflete sobre como o privado se torna político quando trazido para a esfera pública e problematizado.

Assim, podemos realmente afirmar que os formatos digitais vêm ao encontro da multiplicidade das agendas pleiteadas a partir da “terceira onda”. Identificamos claramente uma confluência entre o caminhar do movimento feminista e o desenvolvimento das mídias digitais até o cenário atual, no qual sempre é possível um “esticamento” das agendas e a ocupação de beiradas e fissuras ainda não exploradas. Tal pluralidade certamente atua como fonte de conhecimento, esmiuçando uma parte do conjunto.

No entanto, algumas preocupações também vêm à tona. Apesar dos pontos positivos mencionados acima, são muitas as ativistas do movimento feminista que vêm apontando suas preocupações com relação ao intenso uso das mídias digitais como meio. Al Garthwaite enxerga os meios digitais como grande propagador das ideias do feminismo revolucionário e os utiliza para suas ações, mas destaca a importância de termos consciência de que eles também têm servido para divulgação dos modelos de beleza que estão justamente sendo combatidos, da pornografia em larga escala, de ideias neoliberais que precisam ser questionadas e da disseminação de discursos misóginos e homofóbicos, agora anônimos. (Garthwaite *apud* Mackay, 2014)

Questiona-se o quanto tais plataformas, ao fragmentar as demandas do movimento feminista em pautas cada vez mais específicas, não estão retirando força do próprio movimento e diminuindo a consciência das mulheres, de que existe uma condição feminina a ser cuidada conjuntamente. Teme-se também a baixa projeção do movimento como um todo. Paulo Freire (1992) destaca a importância de encontrarmos unidade dentro da diversidade. Cada uma destas pautas está em busca da não opressão e cada

conquista é uma conquista para o todo, o ganho de um pequeno grupo oprimido é o ganho para toda a sociedade. A pergunta que se coloca é se os espaços limitados das mídias permitirão um diálogo entre as divergências. Se, ao fragmentarmos as discussões em inúmeras pautas identitárias, não dividiremos a causa em si. Seremos capazes de tecer uma única trama a partir de fios e cores variados, que estão colocados à disposição, porém aparentemente confinados em bolhas?

O economista indiano Amartya Sen (2015), em sua obra “Identidade e Violência”, discorre sobre a necessidade de cuidado para que a multidimensionalidade inerente ao ser humano, não seja reduzida ao unidimensional. O autor preocupa-se com as pautas únicas, com os rótulos que são imputados/autoimputados nos indivíduos. Para ele, quanto mais nos diferenciamos e segmentamos uma comunidade, mais nos separamos da ideia de uma humanidade compartilhada. O pertencimento fortalece, mas também separa:

[...] um sentimento de pertencer a uma comunidade é, pois, visto como um recurso – como capital. Tal compreensão é importante, mas tem que ser complementada pelo reconhecimento mais extenso de que um sentimento de identidade pode excluir resolutamente muitas pessoas, mesmo enquanto generosamente inclui outras. (Sen, 2015, p. 22)

No que se refere à ideia de humanidade compartilhada, o autor afirma:

Nossa humanidade compartilhada é selvagemmente desafiada quando as múltiplas divisões no mundo são unificadas em um sistema de classificação supostamente dominante (Sen, 2015, p. 11)

Em vista do percurso e dos exemplos acima mencionados, podemos afirmar que a integração das diversas pautas passa a fazer parte dos novos desafios do movimento feminista. Para a ativista Martha Easton (2012), a consciência da teoria feminista afia o discurso e o desafio daquelas que se identificam com o movimento

feminista é garantir que as preocupações de uma causa comum não sejam neutralizadas por um ou outro aspecto da fragmentação.

Há também ponderações a fazer quanto à facilidade de acesso às mídias digitais, pois essa facilidade é uma verdade parcial. Jen Schradie (2018), pesquisador do Institute for Advanced Study em Toulouse, ao medir o engajamento de 90.000 postagens digitais, encontrou uma profunda desigualdade: o engajamento está presente entre indivíduos de classe média e alta, mas exclui aqueles pouco favorecidos economicamente. Através de entrevistas e observações etnográficas, o pesquisador constatou que as lacunas se devem aos recursos (acesso à rede e aparelho), às habilidades para utilização, ao sentimento de empoderamento para participar e tempo (Schradie, 2018).

Quanto à produção de conteúdos, existe de fato uma facilidade, mas a difusão em larga escala nem sempre é orgânica. A difusão em larga escala geralmente necessita de impulsionamentos, cujo custo pode ser significativo.

Consonante com o estudo de Schradie (2018), a UNESCO divulgou em 2023 o “Relatório de monitoramento global da educação – a tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem?” Esta pesquisa define os meios digitais como um direito de todo cidadão, mas afirma que aqueles que mais se beneficiariam dos diversos aspectos da educação, através do ambiente virtual, são justamente os que não tem acesso. Neste sentido, o conhecimento veiculado em plataformas digitais pode estar apoiando a desigualdade, ao invés de reduzi-la.<sup>9</sup> As mídias digitais apenas aparentam ser para todos, mas não são.

Mulheres e comunidades excluídas dos meios digitais continuam sendo beneficiadas por grupos locais, não necessariamente organizados para esses fins: são os grupos religiosos, as comunidades artesãs, as responsáveis pela organização de festas populares tradicionais e outras. Várias destas comunidades têm sido objeto

<sup>9</sup> O Relatório acima citado diz respeito à área da educação especificamente, mas as pesquisas envolvem acesso de forma geral e se prestam ao trabalho aqui apresentado.

de pesquisa a geraram teses e dissertações, com relatos sobre a experiência coletivas destas mulheres, como a comunidade de tecedeiras de redes de dormir de São Bento – MA (Sousa, 2015), ou as mulheres quebradeiras de coco de babaçu (Matos; Borelli; Schwartz, 2022).

Estudos acadêmicos e difusão de ações de comunidade em meios digitais têm ajudado a compreender as especificidades do universo feminino. A pergunta que se pode fazer, quanto ao acesso, seria: o quanto os meios digitais tem interferido, positiva ou negativamente, direta ou indiretamente, nas comunidades com menor acesso a ele?

## **Considerações finais**

O movimento feminista mundial percorreu um trajeto significativo e transformador ao longo das décadas, partindo de pautas comuns que atendiam a todas as mulheres, com destaque para o movimento sufragista, que marcou o ponto de partida dessa trajetória. Inicialmente centrado na conquista de direitos básicos, como o direito ao voto e à educação, o movimento evoluiu gradualmente para incorporar as demandas de grupos distintos, levando em consideração as múltiplas realidades e experiências de mulheres de diferentes origens, classes sociais, etnias e orientações sexuais. Nesse processo, o feminismo foi se tornando cada vez mais plural, acolhendo a diversidade e ampliando seus horizontes para incluir as necessidades específicas de diversos grupos identitários.

O momento atual do movimento feminista é caracterizado por um desejo crescente de amplificar todas as vozes que compõem o espectro do feminino, criando um espaço de maior inclusão e diálogo. A “terceira onda” do feminismo, em especial, se destaca por esse impulso de pluralidade e intersecção, buscando dar visibilidade às experiências femininas mais diversas e desafiando as normas estabelecidas sobre o que é ser mulher. Nesse contexto, as tecnologias e as mídias digitais desempenham um papel crucial, proporcionando uma plataforma inédita para a disseminação de

diferentes perspectivas e pautas feministas, além de permitir a formação de redes globais de apoio e solidariedade. As redes sociais, *blogs*, *podcasts* e outras ferramentas digitais, não só amplificam as vozes femininas, mas também criam espaços de mobilização e ativismo, acessíveis a um público global e diversificado.

Ao possibilitar a troca de experiências e informações de forma rápida e abrangente, a tecnologia contribui para que o movimento feminista se torne mais dinâmico e multifacetado, ultrapassando barreiras físicas e culturais. Contudo, é importante reconhecer que, embora as tecnologias tragam avanços no campo da visibilidade e inclusão, também revelam desafios, como a segmentação das mulheres em “bolhas digitais” e a exclusão de populações de baixa renda, que ainda enfrentam dificuldades de acesso às plataformas digitais.

O movimento feminista, em sua terceira onda, se caracteriza pela busca por um feminismo cada vez mais inclusivo e interseccional, capaz de dar espaço a todas as vozes do feminino, com as mídias digitais desempenhando um papel fundamental na ampliação dessas vozes e na construção de um movimento global e diversificado. No entanto, é necessário que o acesso às tecnologias seja democratizado, para que todas as mulheres, independentemente de sua classe social ou localização geográfica, possam participar plenamente desse processo de transformação social.

## Referências

EASTON, Martha. **Feminism**. JSTOR Repository. 2012. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/23924276?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/23924276?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 02 nov. 2024.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Rev. Bras. Ciênc. Polít.** n.16, Jan-Apr, 2015. Acesso em: 04 nov. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-335220151608>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MACKAY, Finn. **Open space reclaiming revolutionary feminism**. JSTOR Repository. 2014. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/24571941?read-now=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/24571941?read-now=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 04 nov. 2024.

MATOS, Maria Izilda Santos; BORELLI, Andrea; SCHWARTZ, Rosana. **Quebradeiras de coco babaçu: gênero, lutas, sustentabilidade e terceiro setor**. São Paulo: Editora eManuscrito. 2022.

MOLONY, Barbara; NELSON, Jennifer (org.). **Women's Activism and "Second Wave" Feminism: Transnational Histories**. London/New York: Bloomsbury. 2017.

SCHRADIE, Jen. **The Digital Activism Gap**. JSTOR Repository. 2018. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/26505560?read=-now-1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/26505560?read=-now-1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 04 nov. 2024.

SEN, Amartya. **Identidade e violência – A ilusão do destino**. 1. ed. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2015.

SREBERNY, Annabelle. **Women's Digital Activism in a Changing Middle East**. JSTOR Repository. 2015. Disponível em: [https://www.jstor.org/stable/43997966?read-now=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/43997966?read-now=1#page_scan_tab_contents). Acesso em: 04 nov. 2024.

SOUSA, Beatriz de Jesus. **Tramas de Gênero – um estudo sobre mulheres que tecem redes de dormir em São Bento – MA**. Maranhão: EDUFMA, 2015.

UNESCO. Relatório de monitoramento global da educação, resumo, 2023: a tecnologia na educação: uma ferramenta a serviço de quem? Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000386147_por). Acesso em: 04 nov. 2024.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do Feminismo. **Mulheres na Filosofia**, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ondas-do-feminismo/>. Acesso em: 04 nov. 2024



# **CARTOGRAFIA E PESQUISA**





9

## UM VASTO UNIVERSO INTERCONECTADO: UMA CARTOGRAFIA DA PESQUISA EM GRANT MORRISON<sup>1</sup>

Christian D. S. Bitencourt

### Introdução

A obra de Grant Morrison, um dos autores mais prolíficos e inovadores dos quadrinhos contemporâneos, tem fascinado e desafiado leitores e pesquisadores nas últimas décadas. Seus quadrinhos, repletos de ideias complexas, referências metatextuais e experimentações narrativas, convidam a uma leitura atenta e a uma análise aprofundada. Este artigo propõe uma “cartografia da pesquisa

<sup>1</sup> Grant Morrison, inserido como personagem em sua própria história, em *Homem-Animal*, concebe a realidade como “a visão de um vasto universo interconectado em que cada parte contém o todo” (2021, p. 378).

em Grant Morrison”, mapeando as principais áreas de investigação, os pontos de convergência e as linhas de fuga que emergem dos estudos acadêmicos sobre sua obra nos últimos 25 anos.

O objetivo principal deste trabalho é traçar um mapa da pesquisa sobre Grant Morrison, utilizando o conceito de “cartografia” proposto por Deleuze e Guattari (1995a) em *Mil Platôs*. A cartografia para os autores, não se limita a representar um território preexistente, mas busca capturar os fluxos, as conexões e as linhas de força que o constituem. No contexto deste artigo, a cartografia será empregada para mapear o campo da pesquisa sobre Morrison, identificando as principais áreas de investigação, as conexões entre elas e as possíveis direções para futuras pesquisas.

A metodologia empregada neste estudo consiste na análise de trabalhos acadêmicos publicados nos últimos 25 anos, sobre a obra de Grant Morrison. Os textos foram selecionados através da plataforma “Google Acadêmico”, utilizando-se os filtros: trabalhos publicados desde 2010 e que contivessem a expressão “Grant Morrison” em seu título. A partir de uma leitura crítica e comparativa, serão identificados os principais temas, conceitos e abordagens que permeiam a pesquisa sobre Morrison. A análise dos textos permitirá a construção de um “mapa” da pesquisa.

A escolha do conceito de cartografia de Deleuze e Guattari (1995a) se justifica pela natureza rizomática da obra de Morrison. Assim como um rizoma, a obra de Morrison se expande em múltiplas direções, sem um centro fixo ou uma hierarquia pré-definida. A cartografia, como método de pesquisa, permite acompanhar essa multiplicidade de conexões, revelando os fluxos de ideias, as linhas de força e as zonas de intensidade que caracterizam sua produção e os estudos que ela inspira. Tanto as obras de Morrison quanto o conceito deleuze-guattariano de cartografia, desafiam as estruturas tradicionais de pensamento, convidando a uma exploração aberta, criativa e em constante mutação.

## Mapa e Rizoma em Deleuze e Guattari

Em oposição às estruturas hierárquicas e lineares, representadas pela figura da árvore, Deleuze e Guattari (1995a, p. 14) propõem o conceito de rizoma como modelo de pensamento e organização. A árvore, com sua raiz principal, tronco e ramificações, simboliza um sistema de relações fixas, preestabelecidas e unidirecionais. O rizoma, por sua vez, assemelha-se a uma rede complexa e multidimensional, sem um ponto de origem ou destino definido, cujas conexões se estabelecem de forma aleatória e imprevisível. Essa metáfora botânica, que evoca raízes que se espalham horizontalmente e se interconectam de maneira labiríntica, busca romper com a lógica arborescente que, segundo os autores, aprisiona o pensamento em categorias pré-definidas e impede a emergência de novos saberes.

O rizoma se caracteriza, em primeiro lugar, por suas conexões múltiplas e heterogêneas: “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 14). Ao contrário da árvore, que impõe uma ordem e uma direção únicas, o rizoma se conecta a qualquer outro ponto, estabelecendo relações entre elementos de naturezas distintas, sem hierarquia ou subordinação. Essas conexões, como linhas que se cruzam e se bifurcam em um mapa, formam um tecido complexo e dinâmico, onde o diverso e o singular se entrelaçam, produzindo um campo de saberes em constante expansão.

Além disso, o rizoma se define pela ausência de pontos fixos e hierarquizados, pois, como afirmam Deleuze e Guattari (1995a, p. 20), “a árvore articula e hierarquiza os decalques, os decalques são como folhas da árvore. Diferente é o rizoma, *mapa e não decalque*”. A imagem do mapa, em oposição ao decalque, reforça a ideia de um processo dinâmico e aberto, que não busca reproduzir uma realidade preexistente, mas sim criar novas realidades a partir de suas conexões. No rizoma, não há centro, origem ou ponto final, apenas um meio em constante transformação, onde os elementos se conectam e se desconectam, formando novos agenciamentos.

Por fim, o rizoma se caracteriza por seus processos de devir e transformação, já que as relações entre os elementos da realidade são devires (Deleuze; Guattari, 1995a, p. 8). O rizoma é um modelo de pensamento que valoriza o movimento, a mudança e a metamorfose, em oposição à estaticidade e à rigidez das estruturas arborescentes. O devir, nesse contexto, representa a passagem de um estado a outro, a transformação constante dos elementos e das relações que compõem o rizoma. Essa fluidez e essa instabilidade são a força motriz do pensamento, que impulsiona a criação de novos saberes e a desconstrução das categorias fixas que limitam a compreensão do mundo.

Diante da complexidade e da multiplicidade do rizoma, surge a necessidade de ferramentas que possibilitem sua exploração e compreensão. Deleuze e Guattari (1995a, p. 21) propõem o mapa como instrumento privilegiado para essa tarefa. O mapa é aberto, pois permite a inclusão de novos elementos e conexões; é conectável, pois se liga a outros mapas, formando um tecido rizomático ainda mais amplo; é desmontável, pois pode ser reconfigurado de acordo com as necessidades da pesquisa; e é reversível, pois não impõe uma direção única de leitura, permitindo múltiplos percursos e interpretações.

No contexto do rizoma e da experimentação, Deleuze e Guattari (1995b) propõem o conceito de máquina abstrata. A máquina abstrata não se confunde com uma infraestrutura material ou com uma ideia transcendente. Ela não busca representar o real, mas sim construir um “real por vir”, um novo tipo de realidade que emerge a partir de seus agenciamentos. A máquina abstrata tem um “papel piloto”, operando os “*continuum* de intensidade, as conjunções de desterritorialização, as extrações de expressão e de conteúdo” (Deleuze; Guattari, 1995b, p. 84-86) que impulsionam o movimento do rizoma.

A máquina abstrata define-se por seu diagramatismo, ou seja, por sua capacidade de operar de forma imaterial e abstrata, conectando elementos heterogêneos e produzindo novas realidades. Ela é um Abstrato-Real, que se opõe à abstração fictícia de um modelo

transcendente. A máquina abstrata é imanente ao rizoma, operando em seus fluxos e produzindo seus devires. Neste sentido, cada máquina abstrata é singular, com um nome próprio e uma data, que marcam sua emergência no rizoma e sua função específica.

## Os Platôs de Grant Morrison

A obra do escocês Grant Morrison, muitas vezes desafia as abordagens críticas tradicionais, que buscam impor uma ordem e um sentido único às narrativas. As múltiplas camadas de significado, as referências intertextuais e a subversão de convenções narrativas presentes em seus quadrinhos, convidam a uma leitura que abrace a multiplicidade e a instabilidade, similar à proposta do rizoma deleuze-guattariano. Neste sentido, a obra de Morrison é um Abstrato-Real, um rizoma que se caracteriza por conexões heterogêneas, ausência de pontos fixos e processos de devir e transformação, resistindo a análises que buscam reduzi-la a uma estrutura arborescente, hierárquica e linear.

A metáfora do mapa surge como ferramenta para explorar a complexidade da obra de Morrison. Os temas abordados pelo autor, em obras como “Homem-Animal” (1988-1990), “Batman: Asilo Arkham” (1989), “Os Invisíveis” (1994-2000), “Novos X-Men” (2001-2004), e “Grandes Astros Superman” (2005-2008), exigem uma abordagem que reconheça a coexistência de múltiplas interpretações e a impossibilidade de uma leitura totalizante.

A “máquina abstrata” de Morrison, construída a partir da linguagem, da narrativa e da desconstrução da realidade, convida o leitor a participar de um jogo metafísico, desafiando-o a questionar os limites da percepção, a explorar a natureza da ficção e a construir novas realidades a partir da interação com suas obras. Assim, como as máquinas abstratas de Deleuze e Guattari (1995b), os quadrinhos de Morrison operam em um plano de imanência, gerando fluxos de intensidade, desterritorializações e novas formas de expressão, criando um “Abstrato-Real” que transcende as limitações da realidade consensual.

A pesquisa sobre a obra de Morrison, sob essa perspectiva, se torna um processo de mapeamento, de exploração de um território complexo e multifacetado. O mapa, nesse contexto, não é um guia que conduz a um destino predefinido, mas sim um instrumento que auxilia na navegação por um espaço em constante transformação, revelando as diferentes camadas de significado, as linhas de fuga e os pontos de convergência, que compõem o universo narrativo do autor.

Mapear a pesquisa sobre Morrison é desvelar seus platôs. De acordo com Deleuze e Guattari (1995a, p. 32), os platôs são “toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma”. Assim, nesta abordagem cartográfica, a revisão da literatura sobre Grant Morrison revela diversos “platôs” ou pontos de convergência na pesquisa, que se interconectam de maneira complexa, formando um rizoma.

Os temas e conceitos recorrentes na análise da obra de Morrison podem ser mapeados em cinco grandes platôs: (a) linguagem e realidade, (b) desconstrução do super-herói, (c) gnose e espiritualidade pós-moderna, (d) magia do caos e a subversão da realidade, e (e) metatextualidade e intratextualidade.

(a) **Linguagem e Realidade:** Esse platô se conecta diretamente com os outros quatro, pois a linguagem é o meio pelo qual Morrison explora e subverte a realidade, desconstruindo o super-herói, incorporando elementos da gnose e da magia do caos, e utilizando a metatextualidade e intertextualidade. Em suas obras, a linguagem não é apenas um reflexo da realidade, mas uma força capaz de moldá-la.

(b) **Desconstrução do Super-herói:** Morrison desconstrói a figura tradicional do super-herói, humanizando-o e explorando suas falhas e contradições. Essa desconstrução se dá por meio da linguagem, questionando os limites da realidade e explorando a natureza da ficção. Os heróis de Morrison são frequentemente reflexos distorcidos dos arquétipos clássicos, revelando a fragilidade da identidade e a instabilidade da realidade.

(c) **Gnose e a Espiritualidade Pós-moderna:** A gnose, com sua busca por conhecimento oculto e libertação espiritual, permeia a obra de Morrison. Essa busca se manifesta na desconstrução do super-herói, que se torna um veículo para a exploração de realidades alternativas e a busca por um significado transcendente. A espiritualidade pós-moderna, com sua ênfase na experiência individual e na fragmentação da verdade, também se conecta com a desconstrução da realidade e a subversão da linguagem.

(d) **Magia do Caos e a Subversão da Realidade:** Morrison, um praticante declarado da magia do caos, utiliza esse sistema de crenças e práticas para subverter a realidade e desafiar as convenções narrativas. A magia do caos se conecta com a linguagem através do conceito de sigilos, símbolos que atuam como ferramentas para a manifestação de desejos e a alteração da realidade. Em suas obras, a realidade é maleável e pode ser manipulada pela vontade e pela crença.

(e) **Metatextualidade e Intertextualidade:** Morrison utiliza a metatextualidade para romper a quarta parede e comentar sobre a natureza da ficção, enquanto a intertextualidade o permite tecer uma rede complexa de referências e alusões a outras obras. Esses elementos contribuem para a desconstrução da realidade e do super-herói, criando narrativas multifacetadas que desafiam as expectativas do leitor.

É possível traçar conexões entre os cinco platôs da pesquisa sobre Grant Morrison, entendendo cada um como um ponto em um rizoma, conectados de maneira não-hierárquica. A pesquisa sobre “linguagem e realidade”, por exemplo, se conecta com a “desconstrução do super-herói” e os textos que abordam a “magia do caos e a subversão da realidade”. A linguagem, para Morrison, é uma ferramenta poderosa que molda a realidade e desconstrói as figuras tradicionais dos super-heróis. Essa concepção se alinha com a magia do caos, que vê a realidade como maleável e suscetível à manipulação por meio da vontade e da crença. A linguagem, nesse contexto, assume o papel de um sigilo, um símbolo capaz de manifestar desejos e alterar a realidade.

A “desconstrução do super-herói” se relaciona com o tema da “gnose e a espiritualidade pós-moderna” ao utilizar a figura do herói como um veículo para explorar realidades alternativas e a busca por significado transcendente. Essa desconstrução, que humaniza o herói e expõe suas falhas, se alinha com a busca gnóstica por conhecimento oculto e libertação espiritual. A fragmentação da verdade, característica da espiritualidade pós-moderna, ecoa na instabilidade da realidade e da identidade explorada por Morrison.

A subversão da realidade pela magia do caos, por sua vez, se conecta com o platô da “metatextualidade e intertextualidade” ao utilizar elementos metatextuais para romper a quarta parede e comentar sobre a natureza da ficção. A intertextualidade permite a Morrison tecer uma rede complexa de referências a outras obras, criando narrativas multifacetadas que desafiam as expectativas do leitor. A magia do caos, nesse sentido, contribui para a desconstrução da realidade, questionando os limites da ficção e da própria narrativa.

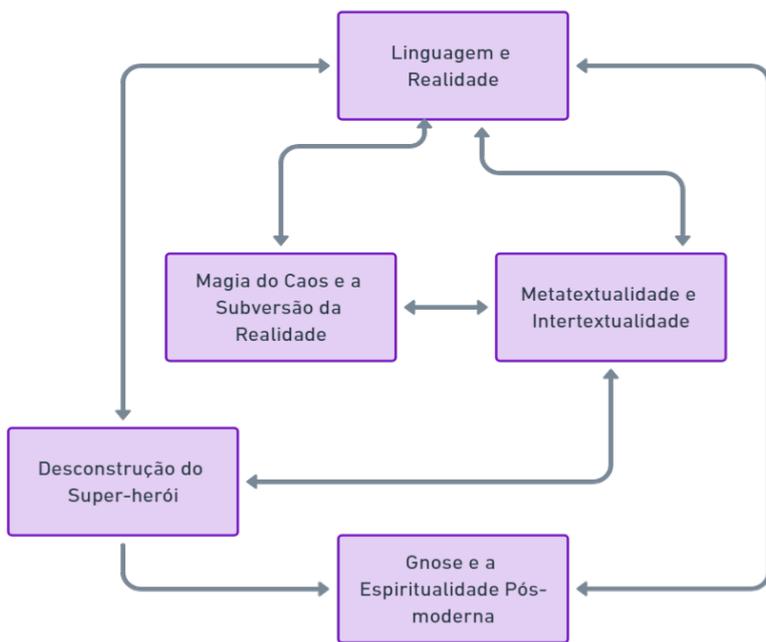
A gnose e a espiritualidade pós-moderna se conectam de volta com o platô da “linguagem e realidade”, pois a busca por conhecimento e a fragmentação da verdade se expressam e se manifestam através da linguagem. Morrison utiliza a linguagem para explorar os temas gnósticos e a experiência individual na pós-modernidade, criando narrativas que desafiam as concepções tradicionais de realidade e espiritualidade.

Neste mesmo movimento, a metatextualidade e a intertextualidade se conectam de volta com o tema da “desconstrução do super-herói”, pois ao comentar sobre a natureza da ficção e criar narrativas multifacetadas, Morrison desestabiliza a figura do herói e questiona os limites da realidade. As referências intertextuais e os comentários metatextuais contribuem para a desconstrução da figura tradicional do super-herói, revelando a complexidade da identidade e a instabilidade da realidade.

Em suma, cada um dos cinco platôs se conecta aos outros, criando uma rede complexa de significado na obra de Grant Morrison (conforme se vê no mapa da Figura 1). A linguagem, a desconstrução

do super-herói, a gnose, a magia do caos e a metatextualidade se entrelaçam, criando uma teia complexa de significado. Essa teia, como um rizoma, se espalha em direções imprevisíveis, convidando o leitor a explorar as múltiplas conexões e possibilidades da obra de Morrison.

Figura 1. As conexões entre os platôs da pesquisa sobre Grant Morrison



Made with Whimsical

Fonte: Produção autoral

## Caminhando pelos Platôs de Morrison

Ainda que de uma forma não-exaustiva, faz-se necessário caminhar pelos cinco platôs da pesquisa sobre Grant Morrison, identificando de que maneira os trabalhos contribuem para a constituição deste rizoma entre linguagem e realidade, desconstrução do

super-herói, gnose e espiritualidade pós-moderna, magia do caos e a subversão da realidade, e metatextualidade e intratextualidade.

Mario Ramos Vera (2020) examina como Morrison usa a filosofia da linguagem para explorar a natureza da realidade. Vera (2020) destaca a série “Os Invisíveis”, onde Morrison apresenta a ideia de uma linguagem com efeitos ontológicos. Relaciona essa ideia com a Cabala e com as teses de Descartes, Leibniz e Humboldt, demonstrando a complexidade da relação entre linguagem e realidade na obra de Morrison. Neste mesmo caminho, vai à tese de Attila Piovesan (2020), também sobre “Os Invisíveis”, destacando o problema da distinção entre realidade e ficção e a relação ontológica entre linguagem, espaço e tempo na construção da subjetividade.

Felipe Rachele (2019) aborda a construção da narrativa em “Asilo Arkham” e como Morrison tece um diálogo entre a sanidade e a insanidade, utilizando a linguagem para questionar a dualidade tradicional entre razão e loucura. Rachele (2019) destaca a influência de figuras como Freud, Jung e Aleister Crowley na obra de Morrison, argumentando que o autor utiliza a linguagem para explorar os labirintos da mente humana, revelando a fragilidade da razão e a complexidade da psique. Este é um bom exemplo de trabalho que passeia por vários platôs, como o da linguagem, da gnose e da magia do caos.

Em sua dissertação, João Senna Teixeira (2014) observa como o autor utiliza a linguagem para desafiar convenções e romper com a tradição dos quadrinhos de super-heróis. Teixeira (2014) destaca a influência de autores como Alan Moore e Umberto Eco na obra de Morrison, argumentando que o autor se apropria de elementos da cultura pop e da literatura para criar uma narrativa complexa, irônica e autorreferencial.

Fábio Ortiz Goulart (2024) analisa como Morrison, em “New X-Men”, moderniza os personagens, questionando os modelos tradicionais de masculinidade e heroísmo. A desconstrução da figura de Ciclope, por exemplo, revela suas inseguranças e a influência do trauma em suas ações, humanizando o personagem e problematizando a imagem do herói clássico. Neste mesmo sentido, Emmanuel

Espinosa Lucas (2017) destaca a importância da liberdade criativa proporcionada pela reconfiguração do super-herói nas HQs. Essa liberdade, segundo o autor, permitiu a Morrison explorar a complexidade dos personagens e apresentar heróis com defeitos, dúvidas e dilemas éticos. Francisco J. Órtiz (2013) também observa essa desconstrução em “Homem-Animal”, onde o herói é confrontado com a artificialidade de sua própria existência. Essa experiência, segundo ele, leva à desmistificação do herói e à busca por um novo significado para o heroísmo, mais autêntico e conectado com a realidade.

Os ensaios organizados por Darragh Greene e Kate Roddy (2015) destacam a reinterpretação dos heróis em Morrison. Assim como os humanistas da Renascença revisitaram os clássicos greco-romanos, Morrison revisita a Era de Prata dos quadrinhos, resgatando elementos e personagens para reinterpretá-los sob uma nova ótica. Essa releitura permite a construção de um novo heroísmo, mais complexo e adaptado à contemporaneidade.

Ao tratar do personagem Zenith, Chris Murray (2013) também analisa a desconstrução da figura do herói e argumenta que Morrison subverte as expectativas do leitor, apresentando um herói egoísta e sarcástico, que desafia as convenções do gênero. Assim, também faz Amadeo Gandolfo (2016), observando a desconstrução do mito do super-herói na obra de Morrison, especialmente em “*Multiversity*”. Gandolfo (2026) argumenta que Morrison questiona a onipotência e a infalibilidade dos heróis, revelando suas falhas e a complexidade de suas motivações.

Attila Piovesan (2019) analisa a série “Os Invisíveis” sob a ótica do gnosticismo. Piovesan destaca o confronto entre os Invisíveis, representando a gnose e a liberdade, e a Igreja Externa, símbolo do controle e da ignorância. Essa luta, segundo Piovesan, reflete a dualidade gnóstica entre o mundo material, visto como ilusório e corrompido, e o mundo espiritual, representando a verdadeira realidade e a liberdade. Grégori Michel Czizewski (2016b) também se debruça sobre a série sob a perspectiva da espiritualidade pós-moderna. Ele argumenta que a obra de Morrison reflete a fragmentação da realidade e a busca por novas formas de significado em um mundo desiludido.

Também neste platô da gnose e da espiritualidade, Felipe Ribeiro Cazelli (2019) explora a dimensão mítica e espiritual da obra de Morrison, argumentando que seus trabalhos transcendem o gênero de super-heróis, para se tornarem narrativas sobre a busca pelo sagrado em um mundo profano. Cazelli (2019) destaca a influência da mitologia, do ocultismo e da filosofia na construção do universo simbólico de Morrison, que busca reencantar o mundo e revelar as forças ocultas que o governam.

O platô da metatextualidade em Morrison se manifesta de diversas formas, indo além da simples quebra da quarta parede. Em “Homem-Animal”, Morrison insere a si mesmo como personagem, confrontando o protagonista e expondo a artificialidade da narrativa. Esse tipo de autorreferência, que Marc Singer (2012) chama de flagrantes experimentos com formas narrativas, questiona a relação entre autor, obra e leitor, revelando as engrenagens da ficção.

Steven Zani (2009) também destaca como Morrison, em “Homem-Animal” as estruturas de desejo por trás da produção de quadrinhos. Ao revelar o parágrafo de suspense e comentar sobre as motivações editoriais por trás da narrativa, Morrison desmistifica a ilusão de uma história orgânica e independente, revelando a influência do mercado e da indústria na criação da obra.

A intertextualidade, por sua vez, é fundamental para a construção do universo complexo e multifacetado de Morrison. Mario Vera (2020) observa como Morrison utiliza a intertextualidade para explorar questões filosóficas complexas, como a relação entre linguagem e realidade. Em “Os Invisíveis”, por exemplo, Morrison se apropria de conceitos gnósticos e herméticos, utilizando a figura do super-herói como um veículo para a exploração de realidades alternativas e a busca por um significado transcendente.

A intertextualidade em Morrison não se limita a referências textuais. Oliver Moisch (2021) argumenta que, em “*Flex Mentallo*”, Morrison incorpora elementos visuais de diferentes eras dos quadrinhos, criando uma narrativa que dialoga com a própria história do meio. Ele destaca ainda a interconexão entre a biografia de Morrison e sua obra. Essa fusão entre realidade e ficção, mediada

pela intertextualidade, contribui para a desconstrução da figura do autor e a criação de uma narrativa multifacetada.

No Quadro 1 abaixo, observa-se um levantamento que sintetiza as diversas perspectivas acadêmicas sobre a obra de Grant Morrison, analisadas para esta pesquisa, evidenciando sua riqueza temática e complexidade.

**Quadro 1:** Resumo de autores que investigaram a produção de Grant Morrison de 2011 a 2024

AUTOR	ANO	RESUMO
Tim Bavluka	2013	Explora a relação entre a prática xamânica de Grant Morrison, suas crenças mágicas e o impacto em sua obra, particularmente na representação do Coringa por Heath Ledger.
Timothy Bavluka	2011	Analisa como Grant Morrison utiliza magia e a participação do leitor em seus quadrinhos para criar narrativas que transcendem a ficção.
Abigail Bilby	2018	Analisa a recorrência do tema da batalha entre ordem e caos nas obras de Grant Morrison, especialmente em “ <i>Arkham Asylum</i> ”, relacionando-o com a dicotomia religião/loucura.
Cyril Besson	2015	Examina como Grant Morrison usa a figura da vanguarda Dada em “ <i>Doom Patrol</i> ” para expressar sua visão de um caos significativo.
Roy T. Cook	2015	Analisa a complexa relação entre criador e personagem em “ <i>Suicide Squad #58</i> ”, contestando a visão de Morrison sobre a “morte do autor”.
David Coughlan	2015	Analisa “ <i>The Filth</i> ”, explorando temas de abjeção e vergonha e como a narrativa confronta noções de pureza e sujeira.
Grégori Michel Czizewski	2016	Explora a centralidade do conceito de invisibilidade em “Os Invisíveis”, tanto em seu aspecto formal quanto simbólico.
Grégori Michel Czizewski	2016	Examina formas de pensamento e vivências do final do século XX, relacionando-as com a HQ “Os Invisíveis”.

Jochen Ecke	2018	Analisa a influência de escritores britânicos, incluindo Grant Morrison, na evolução do estilo dos quadrinhos americanos.
Amadeo Gandolfo	2016	Analisa “ <i>Multiversity</i> ” como uma reflexão crítica sobre o gênero de super-heróis e a indústria dos quadrinhos.
Nicholas Galante	2015	Analisa como Morrison utiliza temas míticos e religiosos para retratar Batman como uma figura cíclica de morte e renascimento.
Fábio Ortiz Goulart	2024	Examina as representações de masculinidade em “ <i>New X-Men</i> ”, com foco na masculinidade militar e traumática de Ciclope.
Fábio Ortiz Goulart	2023	Propõe uma análise das masculinidades de Ciclope, Wolverine e Bico em “ <i>New X-Men</i> ”.
Darragh Greene	2015	Analisa “ <i>All-Star Superman</i> ” sob uma perspectiva junguiana, abordando temas de transformação, individuação e símbolos arquetípicos.
Darragh Greene e Kate Roddy	2015	Apresenta Grant Morrison como um dos escritores mais influentes dos quadrinhos contemporâneos, destacando sua reinvenção do super-herói.
Martin Holub	2011	Examina e analisa elementos pós-modernistas na obra de Alan Moore e Grant Morrison.
Owa Hughes	2023	Argumenta que Batman reflete a leitura paranoica, enquanto “Os Invisíveis” representa uma crítica à necessidade de controle e conhecimento absoluto.
Tancredi Marrone	2019	Analisa a experiência visionária de Grant Morrison em Katmandu e sua influência na criação de “Os Invisíveis”.
Oliver Moisch	2021	Discute os dispositivos narrativos pós-modernos de Morrison em “ <i>Flex Mentallo</i> ”.
Chris Murray	2013	Transcrição de uma entrevista com Grant Morrison sobre sua carreira e influências.
Chris Murray	2015	Explora as estratégias narrativas imersivas e recursivas em Morrison, destacando a imersão do leitor e o uso de estruturas cíclicas.
Chris Murray	2013	Examina o liberalismo na obra de Grant Morrison, utilizando as ideias de Isaiah Berlin sobre liberdade.

Emmet O’Cuana	2015	Explora como Morrison transforma super-heróis em ícones corporativos e usa o conceito de “capitalismo benevolente” para mudar a sociedade em suas narrativas.
Francisco J. Ortiz	2012	Analisa a presença da metaficção nos quadrinhos, desde seus primórdios até autores contemporâneos, com foco na obra “ <i>Animal Man</i> ”.
Francisco J. Ortiz	2012	Analisa a presença da metaficção nos quadrinhos, desde seus primórdios até autores contemporâneos, com foco em “ <i>Animal Man</i> ” de Grant Morrison.
Attila de Oliveira Piovesan	2020	Investiga a apropriação da figura do Marquês de Sade em “ <i>Os Invisíveis</i> ” e sua relação com outros temas da obra.
Attila Piovesan	2017	Analisa <i>Os Invisíveis</i> à luz dos conceitos de “presentismo” e “imaginário catastrófico”.
Clare Pitkethly	2015	Explora como as HQs de Morrison destacam a natureza invasiva da linguagem.
David Press	2012	Analisa a influência do filósofo renascentista Giovanni Pico della Mirandola na obra de Grant Morrison, especialmente em “ <i>All-Star Superman</i> ”.
Felipe Raul Rachelle	2019	Analisa “ <i>Batman: Asilo Arkham</i> ” como uma obra que dialoga com temas como loucura, enclausuramento e elementos da arte clássica.
Mario Ramos Vera	2020	Aborda as propostas de Morrison sobre a relação entre pensamento e linguagem, e como ele usa a filosofia da linguagem para explorar questões ontológicas.
Julie Rivera	2018	Analisa o uso de elementos da escatologia cristã em “ <i>Final Crisis</i> ”, explorando o poder da narrativa apocalíptica.
Gustavo Riva e Mariano Vilar	2011	Aborda como Grant Morrison utiliza a complexidade narrativa em suas histórias de Batman para explorar conceitos hermenêuticos.
Kate Roddy	2015	Explora a obra de Morrison, destacando o uso de metaficção e multiverso para redefinir a narrativa de super-heróis.
Kate Roddy	2015	Analisa o uso de “bathos” na narrativa de Morrison, especialmente em “ <i>Animal Man</i> ”, “ <i>Doom Patrol</i> ” e “ <i>Seven Soldiers of Victory</i> ”.

Kate Roddy	2015	Analisa como Morrison critica a indústria do entretenimento ocidental em obras como “ <i>The Filth</i> ” e “ <i>Flex Mentallo</i> ”.
Julia Round	2018	Analisa “ <i>Arkham Asylum</i> ” como uma obra gótica que explora temas de identidade fragmentada e dualidade.
Marc Singer	2012	Examina como Morrison combina diferentes gêneros e estilos para abordar desafios políticos, estéticos e intelectuais.
Keith Scott	2015	Analisa como Morrison mistura sua vida pessoal e profissional para criar narrativas onde a linha entre ficção e realidade se torna tênue.
Keith Scott	2014	Examina a obra de Morrison e como ele insere sua própria presença em suas criações, fundindo vida e arte.
João Senna Teixeira	2018	Analisa a continuidade narrativa na passagem de Morrison pelo Batman, focando na construção do cânone.
Kwasu Tembo	2020	Examina o tratamento e a caracterização de mulheres em quadrinhos menos conhecidos de Alan Moore, Neil Gaiman e Grant Morrison.
Vik Verplanken	2017	Analisa a influência do Budismo em “ <i>The Invisibles</i> ”, argumentando que a desconstrução da dualidade eu/outro é central na filosofia de Morrison.
Mark P. Williams	2010	Analisa a política radical de esquerda na escrita fantástica de autores como Michael Moorcock, Angela Carter, Alan Moore, Grant Morrison e China Miéville.
James F. Wurtz	2011	Examina o uso do espaço físico, mental e estrutural em “ <i>Arkham Asylum: A Serious House on Serious Earth</i> ”.

Fonte: Produção autoral.

Dentre todas as abordagens, no entanto, o conceito dos quadrinhos de Morrison que talvez mais se conecte ao rizoma deleuze-guattariano é o de multiverso. Em consonância à proposta de uma cartografia para a pesquisa em sua obra, Morrison chega mesmo a elaborar um mapa para o multiverso da editora DC Comics (Figura 2).

O conceito de multiverso permeia todos os cinco platôs da pesquisa em Grant Morrison. Isso pode ser visto nos textos de Amadeo



Ao longo do artigo, evidenciou-se como os estudos sobre Morrison utilizam ferramentas teóricas diversas. Fazendo uso dos conceitos deleuze-guattarianos de rizoma e mapa, pode-se ver como análises filosóficas e culturais exploram a profundidade e a multiplicidade de suas narrativas. A obra de Morrison emerge como um espaço de experimentação, onde o leitor é convidado a transitar por significados fragmentados e reinterpretar os limites entre ficção e realidade.

No entanto, a própria natureza rizomática da obra de Morrison e da pesquisa sobre ela sugere que este mapeamento está longe de ser exaustivo. Como Deleuze e Guattari (1995a) apontam, os mapas são desmontáveis e reversíveis, permitindo a inclusão de novas conexões e a exploração de territórios inexplorados. Assim, o trabalho realizado aqui serve como uma plataforma para futuras investigações, apontando possibilidades de pesquisa que podem expandir e reconfigurar este rizoma.

Entre as rotas de fuga possíveis, destaca-se o aprofundamento das análises sobre as relações entre magia do caos e construção de identidade na obra de Morrison, especialmente no contexto de personagens como “*Flex Mentallo*” e “Os Invisíveis”. Além disso, a conexão entre metatextualidade e crítica ao mercado editorial permanece como uma zona de intensidade pouco explorada, mas repleta de potencial crítico.

Outra linha de investigação promissora reside na análise comparativa da obra de Morrison com a de outros autores contemporâneos, que também desafiam convenções narrativas, como Alan Moore e Neil Gaiman, traçando paralelos e contrastes que possam iluminar diferentes abordagens à subversão do gênero dos quadrinhos. Por fim, a intertextualidade visual e a relação entre biografia e obra podem ser exploradas como um campo fértil para novas leituras, abrindo caminhos para investigações que considerem a materialidade dos quadrinhos como meio de expressão.

Como forma de visualizar os platôs da cartografia de Grant Morrison, este trabalho traz em anexo um *padlet* com imagens dos

quadrinhos do escritor escocês que refletem, de alguma forma, o próprio rizoma da pesquisa (Figura 3).

Figura 3. QR Code do *padlet* sobre a cartografia da pesquisa em Morrison.



Fonte: Produção autoral.

Assim, a pesquisa sobre Grant Morrison continua a se expandir como um rizoma vivo, cujas conexões e platôs desafiam as estruturas hierárquicas do pensamento tradicional, convidando pesquisadores a explorar novas direções e construir mapas sempre em movimento.

## Referências

BAVLNKA, Tim. The Joke's On Him: Shamanism, Literary Magic, and the Textualization of Grant Morrison, Heath Ledger, and The Joker. **Intensities: The Journal of Cult Media**, p. 111-133, 2013.

BAVLNKA, Timothy. **Superheroes and Shamanism: Magic and Participation in the Comics of Grant Morrison**. Dissertação. Bowling Green State University, 2011.

BESSON, Cyril. Aesthetics fiction? Comics, avant-gardes visuelles et genre dans Doom Patrol de Grant Morrison. **Revue d'études sur la science-fiction**, v. 5, p. 1-43, 2015.

BILBY, Abigail. **Chaos and Order in the Works of Grant Morrison**. Pop Culture and Theology, 2018. Disponível em: <https://popular-cultureandtheology.com/2018/07/16/chaos-and-order-in-the-works-of-grant-morrison/>. Acesso em: 01 de outubro de 2024.

CALLAHAN, Timothy. **Grant Morrison: The early years**. Edwardsville: Sequart Research & Literary Organization, 2012.

CAZELLI, Felipe Ribeiro. **Mito, histórias em quadrinhos e experiência do sagrado**: uma análise fenomenológica do religioso na obra de Grant Morrison. Dissertação. Faculdade Unida de Vitória, 2019.

CZIZEWESKI, Grégori Michel. A invisibilidade ou o vazio como presença: Os Invisíveis de Grant Morrison. *In*: KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize (Org.). **Outros objetos do olhar**: história e arte. Niterói: Labhoi, p. 37-53, 2016a.

CZIZEWESKI, Grégori Michel. **É apenas um jogo**: Pensamento, condição humana e pós-modernidade no final do século XX na história em quadrinhos Os Invisíveis, de Grant Morrison. Tese. UFSC, 2016b.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix Guattari. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia, vol. 2. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

ECKE, Jochen. **The British comic book invasion**: Alan Moore, Warren Ellis, Grant Morrison and the evolution of the American Style. Jefferson, North Carolina: McFarland & Company, 2019.

GANDOLFO, Amadeo. La comedia (sobre)humana: Grant Morrison y Multiversity. *In*: **IX Jornadas de Sociología de la Universidad Nacional de La Plata** (UNLP), p. 1-20, 2016.

GOULART, Fábio Ortiz. Entre crises e heroísmo: a masculinidade militar de Ciclope em New X-Men (2001-2004) de Grant Morrison. *In*: LOPES FILHO, Artur; KRÜGER, Felipe Radünz; MARCELLO NETO, Mario. **Grant Morrison e a História**. Porto Alegre: Dokan, p. 131-146, 2024.

GOULART, Fábio Ortiz. **Supermachos**: as masculinidades em New X-Men (2001-2004) de Grant Morrison. Dissertação. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

GREENE, Darragh; RODDY, Kate (eds.). **Grant Morrison and the superhero renaissance**: critical essays. Jefferson: McFarland & Company, 2015.

HERNÁNDEZ, Francisco Javier Ortiz. La maduresa de l'autoconsciència. De Winsor McCay a Grant Morrison: variacions del meta-còmic. **Ítaca: Revista de Filologia**, n. 3, p. 185-222, 2012.

HUGHES, Owa. **The Blank Badge and the Batsymbol**: Modes of Reading in the Comics of Grant Morrison. Monografia. Bard College, New York, 2023.

HOLUB, Martin. **Postmodernism in British and American Comics**: Postmodernist overtones in the works of Alan Moore and Grant Morrison. 2011. Monografia. Charles University in Prague, Praga, 2011.

LUCAS, Emmanuel Román Espinosa. **Entre cazadores de ángeles y mascotas soldado**: La novela gráfica a partir del análisis comparativo de Operación Bolívar de Edgar Clement y We3 de Grant Morrison y Frank Quitely. Tese. Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, 2017.

MANEA, Dragoş. **Reframing the Perpetrator in Contemporary Comics**: On the Importance of the Strange. London: Palgrave Macmillan, 2022.

MOISICH, Oliver. Grant Morrison: Flex Mentallo. In: DOMSCH, Sebastian; HASSLER-FOREST, Dan.; VANDERBEKE, Dirk (eds.). **Handbook of Comics and Graphic Narratives**. Berlin/Boston: De Gruyter, p. 601-618, 2021.

MORRISON, Grant. **Homem-Animal**: Omnibus. Arte: Chaz Truog, Doug Hazlewood, Tom Grummet *et al.* Trad. Érico Assis. Barueri: Panini Brasil, 2021.

\_\_\_\_\_. **The Multiversity Guidebook**. Arte: Marcus To, Scott McDaniel e Paulo Siqueira. Burbank: DC Comics, 2015.

MURRAY, Chris. Invisible symmetries: Superheroes, Grant Morrison and Isaiah Berlin's two concepts of liberty. **Studies in Comics**, v. 4, n. 2, p. 277–306, 2013.

ÓRTIZ, Francisco J. La madurez de la autoconciencia: de Winsor McCay a Grant Morrison: variaciones del metacómic. **Ítaca. Revista de Filología**, n.3, 2013. Disponível em: [https://revista.tebeosfera.com/documentos/la\\_madurez\\_de\\_la\\_autoconciencia.\\_de\\_winsor\\_mccay\\_a\\_grant\\_morrison\\_variaciones\\_del\\_metacomic.html](https://revista.tebeosfera.com/documentos/la_madurez_de_la_autoconciencia._de_winsor_mccay_a_grant_morrison_variaciones_del_metacomic.html). Acesso em: 01 de outubro de 2024.

PIOVESAN, Attila. Escatologia e presentismo em Os Invisíveis de Grant Morrison. **Darandina**, v.10. n.2, p. 1-19, 2019.

PIOVESAN, Attila de Oliveira. **Et in Arcadia Ego**: Marquês de Sade e a construção da utopia em Os Invisíveis de Grant Morrison. Tese. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

PRESS, David. **All-Star Grant Morrison**: Giovanni Pico della Mirandola and Twenty-first Century Comic Books. Dissertação. Brooklyn College, 2012.

RACHELLE, Felipe Raul. **O asilo e a loucura como representações em Batman**: asilo Arkham e o sério mundo de Grant Morrison. Dissertação. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Irati, PR., 2019.

RIVA, Gustavo; VILAR, Mariano. Hermenéutica y apophenia: el Batman de Grant Morrison y el delineado del Círculo Hermenéutico. **Revista Luthor**, n.6, v.2, p. 1-9, 2011.

RIVERA, Julie. Grant Morrison, Final Crisis, and the Power of Apocalyptic Storytelling. **Pop Culture and Theology**, 2018. Disponível em: <https://popularcultureandtheology.com/2018/06/25/grant-morrison-final-crisis-and-the-power-of-apocalyptic-storytelling/>. Acesso em: 01 de outubro de 2024.

RODDY, Kate. Eternal Superteens and Mutant Spermatozoa: Grant Morrison and the Comic as Porneau. **ImageText**, v.8, n.2, 2015. Disponível em: <https://imagetextjournal.com/eternal-superteens-and-mutant-spermatozoa-grant-morrison-and-the-comic-as-porneau/>. Acesso em: 01 de outubro de 2024.

RODDY, Kate. 'It's a Trap! Don't Turn the Page': Metafiction and the Multiverse in the Comics of Grant Morrison. In: MURPHY, Bernice M.; MATTERSON, Stephen (eds.). **Twenty-First-Century Popular Fiction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, p. 88-100, 2018.

ROUND, Julia. Gothic and Comics Arkham Asylum: A Haunted House on a Haunted Page. In: BACON, Simone (ed.). **The Gothic: a Reader**. Oxford: Peter Lang, p. 161-168, 2018.

SCOTT, Keith. No Guru, No Method, No Teacher: "Grant Morrison" and GrantMorrison™. **ImageText**, v.8, n.2, 2014. Disponível em: <https://dora.dmu.ac.uk/server/api/core/bitstreams/3703ed11-443e-4d03-924c-363efa45bff4/content>. Acesso em: 01 de outubro de 2024.

SINGER, Marc. **Grant Morrison: combining the worlds of contemporary comics**. Jackson: University Press of Mississippi, 2012.

TEIXEIRA, João Senna. **Batman e Robin nunca morrerão: a construção do cânone e da continuidade na passagem de Grant Morrison pelo Batman**. Dissertação. Universidade Federal da Bahia, 2014.

TEMBO, Kwasu. Sons of Lilith: The Portrayal and Characterization of Women in the Apocryphal Comics of Neil Gaiman, Alan Moore, and Grant Morrison. **Corpus Mundi**, v. 1, n. 2, p. 88-121, 2020.

TORRECILLA, Lizbeth Angélica Cabrera. **El multiverso, icono del diálogo transdisciplinario: una aproximación en las obras de Jorge Luis Borges, Yasutaka Tsutsui y Grant Morrison**. Tese. Universitat Autònoma de Barcelona, 2017.

VERA, Mario Ramos. Más que superhéroes: filosofía del lenguaje, perennialismo y los cimientos de la realidad en Grant Morrison. **CuCo, Cuadernos de cómic**, n.15, p. 52-70, 2020.

VERKPLANKEN, Vik. **Buddhism and Grant Morrison**: on the nature of self and other in *The Invisibles*. Dissertação. Universiteit Gent, 2017.

WILLIAMS, Mark P. **Radical Fantasy**: A Study of Left Radical Politics in the Fantasy Writing of Michael Moorcock, Angela Carter, Alan Moore, Grant Morrison and China Miéville. Tese. University of East Anglia, 2010.

WURZ, James F. “Out there in the Asylum”: Physical, Mental, and Structural Space in Grant Morrison and Dave McKean’s “Arkham Asylum: A Serious House on Serious Earth”. **Amerikastudien**, v. 56, n. 4, p. 555-571, 2011.

ZANI, Steven. It’s a Jungle in Here: Animal Man, Continuity Issues, and the Authorial Death Drive. *In*: ALIANIS, Angela (ed.). **The contemporary comic book superhero**. New York: Routledge, p. 233-249, 2009.



## 10

# GEOGRAFIAS DO FRAGMENTO: EXPLORANDO A FRAGMENTAÇÃO VISUAL NA OBRA DE HANNAH HÖCH

Ysadora Lucas Lourenço

### Introdução

Propõe-se destacar, no presente artigo, o papel da cartografia como ferramenta de mapeamento de narrativas verbais e visuais, conectando arte, gênero e fragmentação de imagens. Esta é uma pesquisa inicial sobre a vida e obra da artista alemã Hannah Höch (1889–1978), figura central do movimento dadaísta e pioneira na

técnica da fotomontagem, que utiliza a fragmentação de imagens para questionar normas sociais, políticas e de gênero.

Inserida em um contexto marcado pela opressão patriarcal e pelas turbulências do período entre guerras na Alemanha, Höch desafiou estereótipos femininos, problematizando a representação da mulher na sociedade. Sua obra não apenas denunciou desigualdades, mas também inaugurou uma linguagem visual crítica, ao combinar elementos da cultura de massa (como recortes de revistas e fotografias) em composições que subvertiam as ordens sociais (Adriani *et al.*, 1995). Sua prática evidenciava a complexidade da identidade feminina e se posicionava contra o sistema de dominação masculina.

Ali [no ateliê de Hannah Höch], empilhava-se o material que servia principalmente a <colagista> de fotomontadora: papéis brancos e pretos, papéis de cor de várias espessuras e dimensões, recortes díspares de revistas, catálogos e prospectos, caixas de cartão cheias de jornais, velhas caixas de charutos com achados ao lado de frascos de cola, lupas, pesos, molhos de pincéis, lápis de cores e régua. (Adriani *et al.*, 1995, p. 85)

A obra e a trajetória de Höch servem de inspiração para a produção autoral da pesquisadora, que utiliza a colagem analógica como técnica e temática para analisar a ocupação urbana sob a perspectiva feminina. A pesquisadora aborda questões essenciais como direitos sociais, medo, sobrecarga de trabalho, rotinas exaustivas, desrespeito, prazer e opressão. Seu objetivo é revelar, por meio da arte, a visão feminina sobre os direitos sociais e a maneira como as mulheres se inserem nos centros urbanos, considerando os tabus e desafios presentes em uma sociedade patriarcal e machista. Utilizando a linguagem da colagem, a pesquisadora explora diferentes materiais e texturas em séries temáticas e experimentações, ampliando as possibilidades expressivas dessa prática; pode-se ver como exemplo, a colagem a seguir.

Figura 1: Deserto, 2021 – Ysadora Lourenço



Fonte: Acervo pessoal.

Tanto a colagem quanto a fotomontagem e a fragmentação de imagens são técnicas que operam por meio da desconstrução e recomposição de elementos visuais, criando poéticas. Essas linguagens surgiram no contexto das vanguardas europeias no início do século XX, especialmente no movimento dadaísta (Elger, 2010), e romperam com as convenções artísticas tradicionais ao incorporar fragmentos da cultura de massa, como revistas e jornais.

Ao desafiar a autenticidade da arte e romper com a noção de obra única, essas técnicas enfatizam a reprodutibilidade técnica e a apropriação de elementos preexistentes. A fragmentação, além de ser um recurso estético, tem um caráter político, permitindo que novos significados surjam a partir da composição de partes aparentemente desconexas.

A poética visual, entendida como a construção e desconstrução de imagens, envolve a criação de significados pela combinação consciente de elementos visuais, buscando não apenas a representação, mas também a expressão subjetiva e simbólica. Essa prática transcende a simples reprodução da realidade ao explorar relações entre formas, cores, texturas e composições, revelando múltiplas

camadas de interpretação que dialogam com contextos culturais, sociais e individuais. Nesse processo criativo, o conceito de construção e destruição aparece como parte essencial da prática poética, conforme destaca Salles (1998, p. 85):

Por necessidade, o artista é impelido a agir. Uma ação com tendência, certamente, complexa, que se concretiza por meio de uma operação poética registrada nos documentos do processo. Uma atividade ampla que se caracteriza por uma sequência de gestos, que geram transformações múltiplas na busca pela formatação da matéria de uma determinada maneira, e com um determinado significado. [...] Gestos construtores que, para sua eficácia, são, paradoxalmente, aliados a gestos destruidores: constrói-se à custa de destruições.

Ao longo do artigo, será abordado como a produção artística de Hannah Höch se alinha a essa lógica de construção e destruição, explorando o potencial crítico da colagem como forma de subverter normas e promover novas narrativas visuais e sociais a partir de uma análise cartográfica de referências.

Através de livros, artigos e obras de arte, o mapeamento da pesquisa oferecerá um caminho de estudo sobre a fragmentação de imagens na obra de Höch e suas influências na construção de poéticas visuais, dividido por subtemas de pesquisa: Hannah Höch e o movimento dadaísta; processo criativo e poética visual; gênero e mulheres na arte e na história cultural; colagem, fotomontagem, fragmentação e agrupamento de imagens e por fim, artistas mulheres que trabalham com a mesma técnica de fragmentação. Foi realizado um mapeamento virtual dos temas acima, que pode ser acessado pelo link: <https://padlet.com/ysadoraloureiro/geografias-do-fragmento-explorando-a-fragmenta-o-visual-na-o-hb3qtfskop4czce9>.

## **Hannah Höch e o Movimento Dadaísta**

Este capítulo conecta a produção artística de Hannah Höch a debates sobre identidade e resistência cultural, evidenciando a colagem como expressão estética e ato político. Além disso, ao destacar a ausência de Höch em narrativas tradicionais da arte, como

acontece no livro Giulio Carlo Argan (1992), busca-se reavaliar a relevância de artistas mulheres, propondo novas perspectivas para a construção de narrativas visuais críticas e contemporâneas.

Em “Hannah Höch 1889–1978” (ADRIANI, 1995), é estruturada uma linha do tempo de eventos cruciais que contextualizam sua produção artística e pessoal. A obra reúne ensaios de diferentes autores, que exploram a poética e a complexidade de Höch sob variadas perspectivas, como o simbolismo de sua imagética, sua abordagem feminista crítica e a poesia presente em suas fotomontagens. Ademais, inclui reproduções detalhadas de suas obras, com nomes e datas precisas, facilitando a compreensão do impacto de sua arte.

Poder-se-ia fazer uma interpretação amplamente feminista, baseada nas complexas vivências pessoais do seu tempo Dada, a partir de uma série de obras suas. [...] São precisamente as citações diferenciadas nas fotomontagens, que esclarecem como H.H. estava muito consciente do caráter de fachada dos chamados “anos vinte dourados” em Berlim, a sua atitude artística, em relação aos problemas feministas, atesta a sua visão da catástrofe ameaçadora dos anos trinta. (Adriani *et al.*, 1995, p. 80)

Figura 2: *Mutter*, 1930 – Hannah Höch



Fonte: Pinterest<sup>1</sup>

1 Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/414964553135765355/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

Fazendo uma leitura da obra acima, ficam evidentes alguns aspectos recorrentes na obra da artista, como a criação de poéticas visuais a partir da fragmentação de imagens e a representação da figura feminina. Nesta fotomontagem, é possível notar a presença de uma mulher sendo representada somente do busto para cima. A composição da imagem é feita a partir de um corpo como base (em segundo plano, com coloração amarelada) e, por cima, em primeiro plano, existe a presença de uma máscara composta por pedaços de outros rostos. Essa ideia de incompletude da mulher, pode fazer referência a falta de poder da figura feminina sobre si, além de representar um corpo comum, sendo possível que qualquer mulher se identifique.

Pode-se levantar a hipótese de que Hannah Höch está questionando a identidade feminina, além de indagar essa incompletude que pode estar associada a falta de representação feminina, por exemplo, no cenário da arte. A própria artista, embora crucial para o movimento Dadaísta e para a invenção da fotomontagem, nunca ganhou o devido crédito pelos seus feitos, ficando sempre a sombra de seu companheiro, Raoul Hausmann.

Isso é apresentado, como mencionado anteriormente, no livro “Arte Moderna” de Giulio Carlo Argan (1992), que embora aborde conceitos que vão do Iluminismo às vanguardas contemporâneas, perpassando pelo Dadaísmo, Argan não menciona Hannah Höch, o que reflete a negligência histórica enfrentada por artistas mulheres nas principais literaturas de História da Arte. Essa omissão destaca a necessidade de revisitar e reavaliar as contribuições femininas ao campo artístico, como discutido por Michelle Perrot (2019), obra que será posteriormente abordada para reforçar essa questão.

Por fim, a imagem da mulher, liberta dos padrões de beleza, levanta a crítica relacionada ao uso idealizado do corpo feminino em publicidades envolvidas na venda de produtos de beleza da época, fato que Höch propunha desconstruir a partir da poética de suas obras.

A produção de Höch propunha reflexões sobre igualdade de gênero, revelando sua crítica social e política por meio da técnica. Algumas obras que tratam sobre essas temáticas, podem ser encontradas

no livro “Dadaísmo”, da editora Tachen. Nele, são analisadas obras como Da-Dandy, de 1919, de forma semiótica e poética, revelando sua visão crítica e política através da produção artística.

Figura 3: Da-Dandy, 1919 – Hannah Höch.



Fonte: Arts.<sup>2</sup>

A fotomontagem acima foi criada em meio da Primeira Guerra Mundial, e nela pode-se observar várias mulheres vestindo trajés no estilo «dândi», popular na década de 1920, associado ao rompimento das normas tradicionais de gênero. A composição inclui roupas de alfaiataria, colares de pérolas, pulseiras, sapatos de salto alto e chapéus, que compõem o visual das figuras femininas. Esses elementos fragmentados promovem uma desconstrução da imagem da “nova mulher” idealizada nos anos 20, emancipada, trazendo à tona reflexões sobre as relações de gênero e o papel da mulher na sociedade moderna.

Hannah Höch utiliza a técnica da fragmentação de imagem para ilustrar a dinâmica de poder entre os gêneros na sociedade. Por

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.artsy.net/artwork/hannah-hoch-da-dandy>. Acesso em: 28 out. 2024.

meio de imagens fragmentadas e sobrepostas, a artista evidencia como o gênero influencia as expectativas sociais e as hierarquias de classe, questionando estereótipos e normas de feminilidade. Ao distorcer as imagens e criar realidades visuais, possivelmente, Höch sugere uma identidade feminina fluida e plural, em oposição à visão fixa e restritiva da mulher moderna. Com essa abordagem, a artista oferece uma crítica contundente à sociedade patriarcal e à mercantilização da imagem feminina nas mídias da época.

Além disso, o uso da fotomontagem, combina humor, ironia e absurdo (características intrínsecas do Dadaísmo), permitindo que Höch transforme a imagem feminina em um campo de contestação e reflexão. Na obra, ela não apenas retrata a liberdade da “nova mulher” dos anos 20, mas também explora as limitações e contradições associadas à moda e ao comportamento feminino desse período. Sua obra explora as possibilidades de uma identidade feminina plural e emancipatória.

Após analisar brevemente a obra de Hannah, pode-se afirmar que suas colagens não apenas compõem novas realidades visuais, mas também questionam padrões sociais, propondo uma reflexão crítica sobre o conceito de beleza na arte, assim como faz Arthur Danto (2015) em “O Abuso da Beleza”. O autor ressalta que a arte pode funcionar como um veículo de significação, promovendo discussões sobre interpretação e experiência estética, o que fundamenta a análise da poética de Höch, mostrando como suas obras reagem ao contexto social de sua época e abrem espaço para novas narrativas visuais.

Segundo Danto (2015), a partir do século XX, quando os movimentos e vanguardas começaram a valorizar a expressão, a autenticidade e a ruptura com os padrões clássicos, a beleza passa a ser um elemento secundário, sendo a crítica e a provocação, elementos essenciais, assim como se pode compreender na obra de Höch.

Essas diversas leituras, obras de arte e análises, entrelaçadas de maneira cartográfica, reforçam o impacto da obra de Hannah Höch e a relevância de sua técnica de fragmentação de imagem, que

ultrapassa o estético para se afirmar como crítica social e política, ressignificando o papel da mulher na arte e na sociedade.

## **Processo criativo e poética visual na obra de Hannah Höch**

Para analisar o processo criativo e a poética visual na obra da artista, foi reunida a perspectiva processual de Cecília Salles, as reflexões críticas de John Berger e a abordagem de Fayga Ostrower sobre criatividade. Partindo desses teóricos, busca-se discutir como a prática artística de Höch subverte narrativas tradicionais e abre espaço para novas interpretações, revelando a arte como construção aberta, permeada por múltiplas camadas de significados e transformações, marcada pela experimentação, fragmentação e reconstrução dos sentidos.

A percepção artística, como atividade criadora da mente humana, é um dos momentos em que se flagra a ação transformadora. O filtro perceptivo vai processando o mundo em nome da criação da nova realidade em construção. A lógica criativa consiste na formação de um sistema, que gera significado, a partir de características que o artista lhe concede, ao longo do processo. É a construção de mundos mágicos gerados de estímulos internos e externos recebidos por meio de lentes originais. (Salles, 2019. p. 95)

O ato de cortar, compor e sobrepor imagens, reflete uma poética de constante reconfiguração e busca por novos sentidos. Criar e desconstruir, é uma prática presente da obra da artista que constrói narrativas visuais que emergem da tensão entre fragmentos heterogêneos. Segundo Salles (2019, p. 19), “a noção de fragmento é essencial tanto para a literatura quanto para a arte.” O gesto de fragmentar rompe com as formas tradicionais de olhar para o mundo, desconstruindo representações visuais e sociais, especialmente quando falamos do contexto do dadaísmo.

O conceito de construção constante ajuda a compreender os atos de cortar, compor e sobrepor imagens, que expressam uma poética de reconfiguração e busca por novos sentidos. Salles (2019) analisa o processo artístico como um movimento entre criação e

destruição, enquanto Höch constrói narrativas visuais que emergem da tensão entre fragmentos heterogêneos, desconstruindo imagens para formar novas composições. Sua obra se apresenta como uma representação desse processo contínuo, sempre aberto a novas interpretações e em sintonia com a perspectiva processual defendida pela autora.

A prática não linear de Hannah Höch, ao reconstruir imagens e romper com a continuidade tradicional, resulta em composições que desafiam as convenções tradicionais da arte. Em consonância com essa prática, Ostrower (1977) defende a criação como uma construção aberta, na qual ideias e materiais se desenvolvem por meio de constantes experimentações e vivências.

A criação não se trata de um milagre nem de um talento exclusivo. Ela nasce da interação entre o ser humano e o mundo, e sua força deriva das descobertas e das experiências que cada um faz ao longo de sua vida. A criação é um processo de busca e de construção contínua. (Ostrower, 1977, p. 112)

A autora amplia a discussão quando explora a criatividade como um processo dinâmico de descobertas e significações, baseado na intuição e experimentação, assim como Hannah Höch promove em suas colagens, ao sobrepor imagens em uma busca por experimentações e construções de novas poéticas. Ao recortar e recombinar imagens da mídia e da cultura popular, Höch provoca uma reflexão sobre como a realidade é construída e como essas construções perpetuam normas e hierarquias.

As sobreposições visuais utilizadas pela artista, tem a intenção de que o espectador repense as associações entre imagens e questione significados preestabelecidos. Suas colagens, assim, não apenas desafiam leituras lineares, mas introduzem múltiplas camadas de interpretação, alinhadas com a crítica de Berger (1999) sobre a multiplicidade de sentidos contidos nas imagens.

Ver não é um ato neutro, mas condicionado por narrativas e estereótipos que moldam nossas interpretações das imagens e da

realidade (Berger, 1999), ao recortar e recombinar imagens da mídia e da cultura popular, Höch questiona sobre como a realidade é construída e como essas construções perpetuam normas e hierarquias, incluindo o controle sobre o corpo feminino.

Nunca olhamos para uma coisa apenas; estamos sempre olhando para a relação entre as coisas e nós mesmos. Nossa visão está continuamente ativa, continuamente em movimento, continuamente captando aquilo presente para nós do modo como estamos situados. (Berger, 1999, p. 11)

Höch utilizava sobreposições visuais para que o espectador repensasse as associações entre imagens e questionasse significados preestabelecidos. Suas colagens, assim, desafiam leituras lineares e introduzem múltiplas camadas de interpretação, alinhadas com a crítica de Berger (1999) sobre a multiplicidade de sentidos contidos nas imagens.

Dessa forma, a técnica de colagem de Höch, ao combinar fragmentação e recomposição, questiona a linearidade tradicional e também abre espaço para novas formas de ver e interpretar o mundo, alinhando-se com as perspectivas de Salles, Berger e Ostrower sobre a arte e o processo criativo.

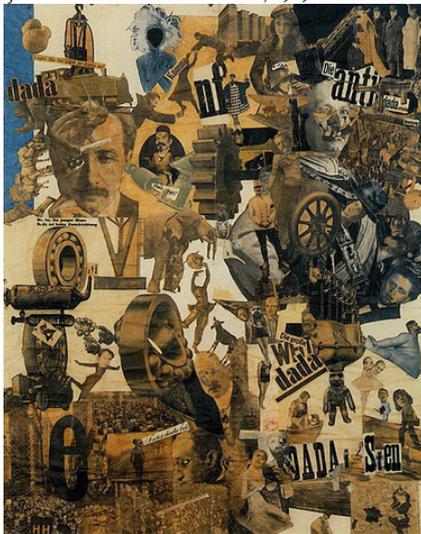
### **Colagem, fotomontagem, fragmentação e agrupamento de imagens**

A obra de Hannah Höch, como já mencionado acima, transcende a estética tradicional ao utilizar a fragmentação como uma estratégia técnica. Suas colagens e fotomontagens operam como discursos que questionam normas sociais e de dominação cultural. A partir de diferentes perspectivas teóricas, investigaremos como as imagens, especialmente na prática da fotomontagem, articulam significados complexos e operam como formas de resistência.

Esta análise destaca como Höch reconfigura fragmentos culturais em novas narrativas, desafiando a linearidade e a lógica dominante. A leitura dessas obras revela que a imagem pode ser não

apenas um reflexo da realidade, mas uma forma ativa de produzir conhecimento e transformação social, mostrando a potência da arte na desconstrução de discursos normativos, assim como é possível observar na obra abaixo.

**Figura 4:** Incisão com a faca de cozinha dadá na última época cultural da barriga de cerveja de Weimar na Alemanha, 1919 – Hannah Höch



Fonte: Artchive<sup>3</sup>

Na obra acima, a artista reúne fragmentos que retratam o caos político da época em que foi criada. Podemos observar diversos elementos que remetem a uma máquina: turbinas, rolamentos, rodas, engrenagens e peças soltas, fazendo a leitura que essa máquina está prestes a degradingolar em meio a um mundo repleto de desordem política, e que, ao mesmo tempo, trazem certo movimento para a fotomontagem. A obra é povoada por pessoas com corpos fragmentados e desfigurados, característica da técnica de Hannah Höch.

A colagem reúne rostos de políticos, artistas e figuras em destaque na mídia contemporânea, o que ajuda a situar o trabalho da artista em seu contexto histórico. No canto superior direito, é

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.artchive.com/artwork/cut-with-the-kitchen-knife-through-the-beer-belly-of-the-weimar-republic-hannah-hoch-1919/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

possível notar a colagem das palavras “Die anti-dada” (contra o movimento dadá) sobre imagens de políticos como Kaiser Guilherme II, figura-chave no desastre da Primeira Guerra Mundial. No lado oposto, ainda na parte superior, referências propagandísticas predominam e, logo abaixo, o foco está no líder socialista alemão Karl Liebknecht, acompanhado pelo texto, em livre tradução, “Junte-se ao Dadá!”. Ao lado, na ponta direita da obra, há imagens de membros do movimento dadaísta e logo abaixo, um mapa da Europa que destaca em preto os países onde as mulheres ainda não tinham direito ao voto (Hessel, 2024).

Ao centro da composição, no coração da obra, com o fundo aparentemente um pouco mais claro, há o corpo de uma bailarina com a cabeça separada, como se a mulher estivesse fazendo malabarismo com o próprio rosto exaltando, talvez, o poder feminino. A obra de Hannah Höch, carregada de humor e crítica social, captura o espírito de rebeldia do período e busca combater a desigualdade de gênero, chamando a atenção para a presença da mulher nesse cenário.

Sobre o título da obra, a palavra “incisão” (*schnitt*, em alemão), possui duplo sentido. “*Schnitt*” pode estar relacionado com o recorte feito pela tesoura para a criação da obra, ou com a visão incisiva da artista que, de forma cirúrgica, representa os acontecimentos políticos da época. Além disso, o uso da palavra “cozinha” faz alusão aos papéis tradicionais e estereotipados atribuídos a mulher (Elger, 2010).

As colagens da artista reorganizam imagens cotidianas e de propaganda em novas narrativas críticas, alinhando-se à noção de que as imagens podem refletir e produzir discursos complexos. No livro “Como Pensam as Imagens” organizado por Etienne Samain (2012), é possível comprovar os modos como as imagens operam como formas de pensamento autônomas e não meramente ilustrativos. O livro reúne diferentes ensaios, que discutem a materialidade, estrutura e a capacidade das imagens de articular conceitos e experiências, propondo que as imagens possuem uma dinâmica própria de significação, sendo capazes de pensar e produzir conhecimento

através de sua forma e estrutura, teoria fácil de identificar ao falarmos da obra de Höch.

A coletânea de artigos reforça a importância de entender a imagem como um objeto ativo, que participa na construção de significados e desafia noções tradicionais de representação. Essa perspectiva permite analisar a obra de Höch sob um viés que vai além da estética, considerando como suas montagens pensam questões sociais, de gênero e identidade. A técnica da fotomontagem funciona como um meio de expressão que reflete contextos sociais e políticos, como é possível observar na obra acima, sendo uma ferramenta poderosa para desestabilizar narrativas dominantes e incitar reflexões sobre a realidade.

Nesse contexto, a obra de Höch se destaca como um exemplo da fragmentação de imagens, expressando as complexidades da identidade feminina e os dilemas sociais de sua época. Ao abordar a relevância do contexto histórico e social na elaboração de fotomontagens, Aszmann (1961), oferece uma base teórica que enriquece as investigações sobre a técnica, mostrando como a fragmentação pode atuar como um meio de resistência e subversão.

A fotomontagem é uma associação de várias fotografias para formar uma obra pré-determinada. Embora a fotografia seja a mais fiel apresentação da realidade, a fotomontagem, como um conjunto de realidades, é sempre irreal; portanto, não leva como desvantagem os limites das fotografias simples e reúne as maiores possibilidades para aproximar-se do ideal. (Aszmann, 1961, p. 11)

Dessa forma, a obra de Hannah Höch transcende os limites da técnica e da estética, revelando-se como um poderoso instrumento de crítica e reflexão. Suas fotomontagens desconstroem narrativas hegemônicas, permitindo que novas perspectivas emergjam a partir de fragmentos do cotidiano. Ao articular temas como gênero, política e identidade em composições visualmente impactantes, Höch não apenas questiona as estruturas dominantes de sua época, mas também abre caminho para um diálogo contínuo sobre as

potencialidades da arte, como forma de resistência e transformação social. Sua obra permanece atual e convida a repensar as imagens que cercam o cotidiano e os discursos que elas carregam.

## **Gênero e mulheres na arte e na história cultural**

A história da arte é marcada por silenciamentos e exclusões, especialmente no que se refere à participação e reconhecimento das mulheres. Ao longo dos séculos, discursos normativos e estruturas patriarcais relegaram as artistas à invisibilidade, excluindo suas contribuições dos relatos oficiais.

A obra de Hannah Höch pode ser entendida a partir de perspectivas feministas e históricas que resgatam vozes marginalizadas. Articulando com as reflexões de Michelle Perrot e Susie Hodges, propõe-se que a prática artística de Höch não apenas desafia convenções estéticas e sociais, mas também funciona como uma forma de resistência política, de maneira que a pesquisa sobre sua obra se alinha ao esforço de reescrever a história da arte, trazendo à tona narrativas plurais e reafirmando o lugar das mulheres na construção do discurso artístico. Assim, também se mostram possível observar nas obras analisadas anteriormente, questões de gênero, desigualdades e denúncias políticas.

Ao longo da história, as mulheres foram frequentemente marginalizadas, representadas por meio de estereótipos e relegadas à esfera privada, enquanto suas vozes e feitos eram apagados dos registros oficiais (Perrot, 2019). Essa reflexão sobre exclusão dialoga diretamente com a trajetória de Hannah Höch, que foi historicamente subestimada e omitida nos relatos sobre as vanguardas.

Assim como Perrot (2019) defende a reescrita da história com foco nas experiências e contribuições femininas, o resgate da obra de Höch busca reivindicar seu papel artístico e político. O autor enfatiza que o cotidiano feminino pode se transformar em resistência política, ecoando a prática de Höch, que frequentemente combinava imagens domésticas e ícones midiáticos para criticar as expectativas sociais sobre o papel das mulheres. Sua colagem reflete uma ruptura e uma nova construção da identidade feminina (como por exemplo em *Da-Dandy*, em 1919), em sintonia com a proposta de Perrot (2019) de reconfigurar histórias esquecidas.

Para escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios. (Perrot, 2019, p. 21)

De maneira similar, Susie Hodge (2022), no livro “Breve História das Artistas Mulheres”, aborda as dificuldades que mulheres enfrentaram no campo da arte e o processo de recuperação de vozes silenciadas. Assim como Höch foi marginalizada no contexto das vanguardas, Hodge evidencia como várias artistas foram invisibilizadas, apesar de suas contribuições fundamentais.

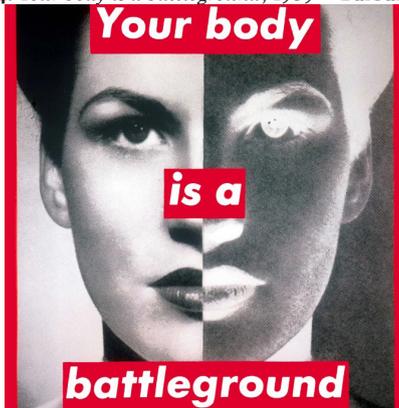
O livro mapeia as condições sociais e culturais que impediram o reconhecimento dessas artistas, destacando como normas patriarcais e discriminação institucional moldaram a história da arte. No caso de Höch, embora ela fosse uma participante ativa do movimento dadaísta, seus colegas homens, como Raoul Hausmann e Hans Arp, receberam maior destaque, enquanto ela foi frequentemente esquecida nos relatos oficiais. Hodge (2022) também argumenta que muitas artistas subverteram linguagens tradicionais para afirmar suas vozes, alinhando-se com a prática de Höch, que utilizou colagens e fotomontagens para desafiar convenções e criar narrativas próprias. Reconhecer essas artistas não é apenas um ato de reparação histórica, mas uma forma de enriquecer a compreensão da arte por meio da pluralidade de perspectivas.

## **Hannah Höch e a poética visual de outras artistas**

O trabalho de Hannah Höch apresenta conexões com as produções de Barbara Kruger (1945-) e Martha Rosler (1943-). Em diferentes contextos e momentos históricos, essas artistas utilizaram abordagens similares, como a fragmentação e a colagem para questionar normas sociais, gênero e poder, tornando seus trabalhos não apenas expressões estéticas, mas também discursos críticos. Ambas ampliam as práticas iniciadas por Höch, adaptando suas técnicas e mensagens às questões sociais, políticas e culturais de suas épocas, reforçando a relevância histórica da artista alemã.

Barbara Kruger (1989) utiliza a apropriação de imagens e a combinação de textos incisivos para confrontar sistemas de poder, consumo e as normas de gênero. Sua estética, que dialoga diretamente com a linguagem publicitária, critica o patriarcado e a sociedade de massas, confrontando o espectador de forma direta. Obras como “*Your Body is a Battleground*” (1989) abordam o corpo feminino como um campo de disputa política, ecoando as preocupações de Höch com a identidade feminina, mas expandindo-as para o contexto da sociedade de consumo e da manipulação ideológica pela mídia. Ambas as artistas transformam suas colagens em ferramentas de resistência, expondo as dinâmicas opressivas presentes na sociedade.

Figura 4: *Your body is a battleground*, 1989 – Barbara Kruger



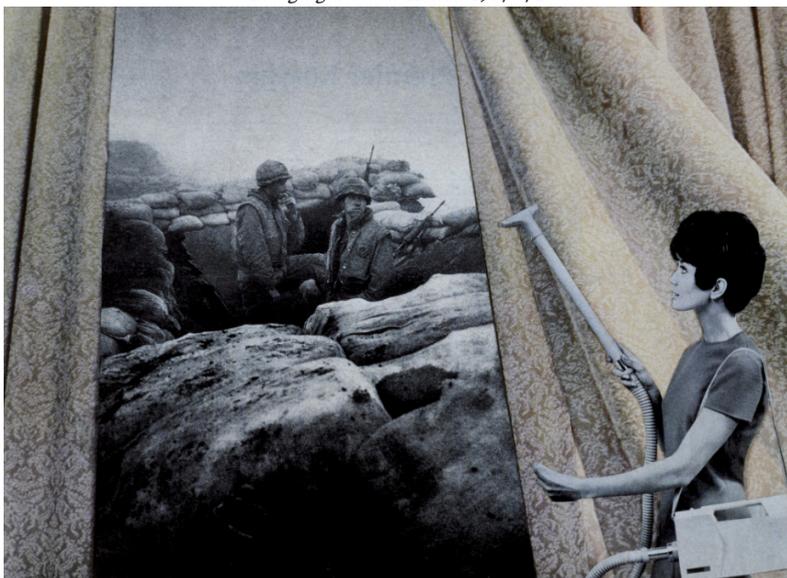
Fonte: The broad.<sup>4</sup>

Martha Rosler (1967), por sua vez, emprega a fotomontagem como uma ferramenta de crítica social e política. Na série “*House Beautiful: Bringing the War Home*” (1967–72), Rosler sobrepõe interiores domésticos luxuosos a imagens de guerra, especialmente do Vietnã, criticando a desconexão entre o privilégio ocidental e os horrores do imperialismo. Essa estratégia lembra o uso que Höch faz de imagens cotidianas e propagandas para construir narrativas

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.thebroad.org/art/barbara-kruger/untitled-your-body-battleground>. Acesso em: 29 out. 2024.

alternativas como em “Incisão com a faca de cozinha Dadá na última época cultural da barriga de cerveja de Weimar na Alemanha” (1919), mas Rosler aprofunda essa abordagem ao tratar diretamente das desigualdades globais e do impacto da guerra. Tanto Hannah Höch quanto Martha Rosler utilizam a fragmentação não apenas como técnica estética, mas como forma de subverter narrativas dominantes e abrir novas possibilidades de leitura crítica.

Figura 5: *Cleaning the Drapes from the series House Beautiful: Bringing the War Home*. 1967- 72



Fonte: MOMA.<sup>5</sup>

A obra de Höch, abriu caminhos para que artistas como Kruger e Rosler pudessem transformar a fotomontagem em uma ferramenta ainda mais ampla de ativismo político. Se Höch desafiava os papéis de gênero e a fragmentação da identidade no início do século XX, Kruger e Rosler atualizam esses questionamentos, abordando temas como consumo, mídia, imperialismo e desigualdade global.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.moma.org/collection/works/150123>. Acesso em: 29 out. 2024.

Portanto, a obra de Hannah Höch se posiciona como precursora de um discurso visual que foi expandido pelas artistas. A continuidade entre gerações reforça a relevância histórica de Hannah Höch, não apenas como precursora da fotomontagem, mas como uma artista que lançou as bases para práticas contemporâneas que desafiam normas culturais e estruturas de poder. Assim como Höch desestabilizou narrativas dominantes em sua época, Kruger e Rosler utilizam suas obras para propor novas formas de ver e pensar o mundo, reafirmando a força da arte visual como linguagem crítica e transformadora.

## Considerações finais

O método cartográfico mostra-se eficaz para representar, por meio de um mapeamento simbólico, a interconectividade entre diferentes obras, artistas e autores, como forma de organizar visualmente conceitos complexos, como a fragmentação, a identidade e a narrativa. Ademais, a cartografia foi utilizada para criar uma rede de interrelações entre autores, evidenciando narrativas visuais e inclusivas, salientando a marginalização e a ressignificação de obras femininas ao longo da história da arte.

Ao demonstrar as relações entre as práticas artísticas subversivas e questões sociais como gênero e política, a cartografia contribui para visualizar a expansão dessas expressões, desde o contexto dadaísta até as práticas contemporâneas.

No contexto contemporâneo, em que há uma superabundância de imagens, a cartografia pode ser alinhada à própria lógica da fragmentação discutida no artigo. Por meio do *padlet* produzido (link na introdução), é possível conectar as obras de Höch a referências artísticas e teóricas contemporâneas, como os conceitos de identidade e narrativa visual discutidos por autores como John Berger e Michelle Perrot. Esse recurso permite navegar por diferentes camadas de informação, mostrando como a prática da colagem se expande para outras formas contemporâneas de expressão.

Em suma, a cartografia se integra ao artigo como uma metodologia visual que organiza e articula as influências teóricas e artísticas da pesquisa. O método reúne os pensamentos de teóricos como Cecília Salles, Arthur Danto e Luciana Aszman, destacando as interconexões entre teoria e prática artística e a evolução das formas de expressão fragmentadas ao longo do tempo. Assim, a cartografia reforça a proposta da pesquisa ao mostrar como a criação artística inspirada na obra de Höch pode promover novas narrativas visuais e inclusivas, desafiando normas sociais e resgatando o protagonismo feminino na história da arte.

## Referências

- ADRIANI, Götz *et al.* **Hannah Höch, 1889–1978**: Colagens. Alemanha: Dr. Cantz'sche Druckerei Ostfildern – Ruit, 1995.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DANTO, Arthur C. **O abuso da beleza**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.
- ELGER, Dietmar. **Dadaísmo**. Hohenzollernring: Taschen, 2010.
- FABRIS, Annateresa. A fotomontagem como função política. **Franca**, v.22, n.1, p. 11-58, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/his/a/GtVQ6ghSgKJv6hrpCK9Xt/>. Acesso em: 25 out. 2024.
- FRAGA, Raphael. **A estética do ativismo feminino nas obras de Martha Rosler**. Universidade Nova de Lisboa - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Mestrado em Estética e Estudos artísticos. Lisboa, Portugal, 2018. Disponível em: [https://www.academia.edu/41702009/A\\_ESTÉTICA\\_DO\\_ATIVISMO\\_FEMININO\\_NAS\\_OBRAS\\_DE\\_MARTHA\\_ROSLER](https://www.academia.edu/41702009/A_ESTÉTICA_DO_ATIVISMO_FEMININO_NAS_OBRAS_DE_MARTHA_ROSLER). Acesso em: 29 out. 2024.
- GRYSCHK, Christine. **Limites difusos**: Narrando experiências políticas íntimas. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. Porto

Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/230011/001131626.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 25 out. 2024.

HESSEL, Katy. **A história da arte sem os homens**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2024.

HÖCH, Hannah. **The photomontages of Hannah Höch**. Organized by Maria Makela, Peter Boswell, essays by Peter Boswell, Maria Makela, Carolyn Lanchner, chronology by Kristin Makhholm. Walker Art Center. 1996. Disponível em: [https://www.moma.org/documents/moma\\_catalogue\\_241\\_300063171.pdf](https://www.moma.org/documents/moma_catalogue_241_300063171.pdf). Acesso em: 26 out. 2024.

HODGE, Susie. **Breve história das artistas mulheres**. São Paulo: Editora Olhares, 2022.

OLIVIA-MELO, C.; PORTINARI, D. Materialidade no tecido da vida: colagens dadaístas e zines feministas. **Triades em Revista: Transversalidades, Design e Linguagens**, [S.l.], v.7, n.1, p.1–15, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/triades/article/view/42774>. Acesso em: 28 out. 2024.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e o processo de criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda, 1987.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres / Michelle Perrot**. Trad. Angela M. S. Corrêa. 2. ed., 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

RAMOS, Maria Virgínia Mota; SALLES, Mariana Cavalcanti. A atuação feminina na luta e no esporte: representações midiáticas e políticas. **Revista Estudos Feministas**, v.29, n.2, e74249, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5VxG7JkrRZXFGxML-cXNcXVn/?lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2024.

RICHTER, Hans. **Dada – Arte e Antiarte**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1964.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FAFESP: Annablume, 1998.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2012.

STUBS, Roberta *et al.* Corpos, subjetivações estéticas, arte e feminismos: Passagens ne pesquisa em Psicologia. **Fractal Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 211-218, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/5071>. Acesso em: 29 out. 2024.

TVARDOVSKAS, L. Teoria e crítica feminista nas artes visuais. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, 2011. Disponível em: [https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300400176\\_ARQUIVO\\_Teoriaecriticafeministanasartesvisuais.pdf](https://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300400176_ARQUIVO_Teoriaecriticafeministanasartesvisuais.pdf). Acesso em: 29 out. 2024.

VARGAS, Herom; SOUZA, Luciano de. A colagem como processo criativo: da arte moderna ao motion graphics nos produtos midiáticos audiovisuais. **Revista Comunicação Midiática**, Bauru, SP, v.6, n.3, p.51–70, 2011. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/316..> Acesso em: 28 out. 2024.



## 11 MAPEANDO GOSTOS E NARRATIVAS: CARTOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO EM “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR

Márcia Meira dos Santos

### Introdução

Por meio da literatura é possível captar a atmosfera e o pensamento de uma época, permitindo o acesso a registros sobre comportamentos, normas sociais, modos de vestir e de se alimentar. No campo da história cultural, a literatura torna-se uma valiosa fonte de estudo. Segundo Sandra Pesavento (2003, p. 83), “a Literatura é fonte de si mesma”, pois não trata necessariamente, de personagens

que existiram e nem se preocupa com a verdade histórica, mas fornece pistas sobre o tempo e a sociedade que a produziu, revelando aspectos muitas vezes ocultos em fontes históricas convencionais.

Ela não fala de coisas ocorridas, não traz nenhuma verdade do acontecido, seus personagens não existiram, nem mesmo os fatos narrados tiveram existência real. A Literatura é testemunho de si própria, portanto o que conta para o historiador não é o tempo da narrativa, mas sim o da escrita. Ela é tomada a partir do autor e sua época, o que dá pistas sobre a escolha do tema e de seu enredo, tal como sobre o horizonte de expectativas de uma época. (Pesavento, 2003, p. 83)

Portanto, cabe ao autor a escolha do tema e ao leitor a interpretação das pistas literárias, que apontam para questões sobre arquitetura, política, economia, clima social, patrimônio imaterial, como é o caso da alimentação. Dentre muitas outras perspectivas possíveis de serem abordadas, a alimentação na literatura surge de diversas formas: por meio da descrição e da produção de alimentos, do preparo de receitas, da comensalidade ou hábitos alimentares, em mesas fartas ou entre pratos exíguos, da alimentação dentro e fora de casa, que levam à descrição de locais frequentados pela sociedade de uma determinada época.

No estudo da alimentação na literatura, em geral, é comum pensar nos grandes banquetes satíricos de “*Gargântua e Pantagruel*”, de François Rabelais; nos jantares inesquecíveis de Alexandre Dumas, em “Memórias gastronômicas”; ou ainda, no icônico episódio das *madeleines*, na obra “Em busca do tempo perdido”, de Marcel Proust. Na literatura brasileira, “Dona Flor e seus dois maridos”, de Jorge Amado, celebra a culinária baiana e os prazeres da mesa e a sensualidade da boa mesa.

Este capítulo é parte de uma pesquisa de mestrado – realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001 –, ainda em desenvolvimento, sobre alimentação e literatura, a partir do último trabalho de Clarice Lispector, “A hora da estrela”, publicado em 1977, meses antes da sua morte. A novela aborda a

desigualdade social, o êxodo rural e o analfabetismo a partir da história da ingênua Macabéa, jovem nordestina pobre, datilógrafa, semianalfabeta, sozinha no mundo, que come cachorro-quente e bebe Coca-Cola. Macabéa migra de Alagoas para lutar pela sobrevivência, mas não dispõe dos mecanismos para enfrentar o mundo capitalista em uma grande cidade como o Rio de Janeiro. A relação da protagonista do romance com a alimentação e a forma como ela é caracterizada é o tema do projeto de mestrado e deste artigo. Segundo DaMatta (1986, p. 56), comida é também um modo de se alimentar, que define não só a comida, como quem a ingere.

O objetivo geral deste artigo é apresentar um breve panorama do projeto de mestrado por meio da cartografia de Deleuze e Guattari (1996), que será aplicada como metodologia de pesquisa. Este método apresentado na obra “Mil Platôs”, se destaca por sua inovação, pois rompe narrativas lineares oferecendo uma alternativa ao pensamento contemporâneo.

Ao invés de fazer uma representação estática da realidade, o método cartográfico proposto pelos filósofos franceses vai além da representação geográfica e busca mapear as relações e fluxos que compõem a realidade. Deleuze e Guattari (1996) enfatizam que esse método deve ser dinâmico e flexível, permitindo uma leitura das multiplicidades, dos conflitos e das conexões que caracterizam as relações do conteúdo estudado.

[...] somos atravessados por linhas, meridianos, geodésicas, trópicos, fusos, que não seguem o mesmo ritmo e não têm a mesma natureza. [...] E constantemente as linhas se cruzam, se superpõem a uma linha costumeira, se seguem por um certo tempo. [...] É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra. Rizoma. (Deleuze; Guattari, 1996, p. 77-76)

O processo de mapeamento da presente pesquisa, teve início a partir do levantamento do estado da arte sobre a temática da alimentação em “A hora da estrela”. A partir de pesquisas realizadas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, observou-se que a

temática “alimentação e literatura” ainda é pouco explorada. Sendo assim, este estado da arte busca mapear e sintetizar as pesquisas já existentes que discutem o papel da alimentação na literatura, com especial atenção para as obras que abordam “A hora da estrela”.

## Mapeando sabores e narrativas

Apenas duas dissertações de mestrado (Quadro 1) foram identificadas a partir do descritor de busca “alimentação e literatura”, entre 2014 e 2023: “Entre realidade e ficção: a alimentação na obra naturalista de Aluísio de Azevedo” (Clarissa Gomes Pesente, Mestrado em História, Universidade Federal Fluminense, 24/04/2018) e “A construção social dos personagens no romance Candunga: literatura e alimentação em Bruno de Menezes” (Marília Costa de Oliveira, Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia, Universidade Federal do Pará, 30/07/2023).

Quadro 1: Trabalhos com descritor “alimentação e literatura”, entre 2014 e 2023, CAPES

ID	Tipo de trabalho/instituição/ano	Título	Autor	Palavras-chave
1	Dissertação, UFF, 2018	Entre realidade e ficção: a alimentação na obra naturalista de Aluísio de Azevedo	PESENTE, Clarissa Gomes	Aluísio Azevedo, alimentação, naturalismo, literatura
2	Dissertação, UFPA, 2023	A construção social dos personagens no romance Candunga: literatura e alimentação em Bruno de Menezes	OLIVEIRA, Marília Gomes de	alimentação, comida, literatura, linguagem, construção social

Fonte: Produção autoral

Levantamento semelhante, a partir do descritor de busca “a hora da estrela”, identificou 50 teses e dissertações, entre 2014 e 2023, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Após análise qualitativa do resultado obtido, por meio dos resumos de todos os trabalhos, concluiu-se que a alimentação não é tema principal de

nenhum dos trabalhos identificados sob esse descritor. No entanto, a partir dessas 50 pesquisas identificadas sobre o descritor “a hora da estrela”, cinco trabalhos (Quadro 2) estão associados a temas correlatos a alimentação, como: social, migração, cidade, pobreza, nordestinos.

Quadro 2: Trabalhos com descritor “a hora da estrela” e “alimentação”, entre 2014 e 2023, CAPES

ID	Tipo de trabalho/ instituição/ ano	Título	Autor	Palavras-chave
1	Dissertação, USP, 2014	“A culpa é minha” ou “A hora da estrela”? : uma análise do romance <i>A hora da estrela</i> de Clarice Lispector	BORGES, Tânia Cristina Souza	social
2	Dissertação, UFSC, 2001	Processos de subjetivação no contexto urbano significados a partir do texto literário: “A hora da estrela” de Clarice Lispector	STUCCHI, Denise da Silva	cidade; migração
3	Dissertação, UFPR, 2020	O narrador, o autor-implícito e a essência da pobreza de Macabéa	LIMA, Patrícia Ferreira Alexandre de	pobreza
4	Dissertação, USP, 2020	Fabiano e Macabéa: a reinvenção dos sertanejos nordestinos em “Vidas Secas” e “A hora da estrela”	ALENCAR, Adilma Secundo	nordestinos
5	Dissertação, UFRRJ, 2022	Lugaridades topofóbicas na trajetória de Macabéa	FREITAS, Rafael Alves de	migração; social

Fonte: Produção autoral

Contudo, apesar de dezenas de trabalhos acadêmicos dedicados a questões tão diversas como direitos humanos, distinção de gênero, feminismo, cinema, literatura comparada e psicanálise, a

partir da obra “A hora da estrela”, não foi possível identificar, até o momento, nenhum trabalho que se debruce sobre essa novela a partir da perspectiva dos Estudos da Alimentação, o que justificaria a relevância deste projeto, pois possibilitará a discussão sobre aspectos que envolvem cultura e paradoxos da alimentação. Também a pesquisa “A construção social dos personagens no romance Candunga: literatura e alimentação em Bruno de Menezes”, de Marília Costa de Oliveira, identificada a partir do descritor de busca “alimentação e literatura”, auxiliará no percurso desta pesquisa.

Entre as dezenas de artigos que discutem a pobreza em “A hora da estrela”, dois trabalhos se destacam por sua abordagem sobre alimentação: “A grande fome em A hora da estrela”, que se refere à fome de uma parcela imensa da população brasileira, “não só Macabéa, que seria mais uma espécie de metonímia” (Souto, 2023, s.p.), e “Decifra-me ou devoro-te: dimensões de gastronomia ou do gustativo em Clarice Lispector” (Williams, 1999), que trata da importância da alimentação nas obras de Clarice, entre elas, “A hora da estrela”.

“Geografia da Fome” (1946), de Josué de Castro – mencionado por Souto – deu impulso ao debate do tema que classificou como “delicado e perigoso” e que era considerado “um dos tabus da nossa civilização” (1980, p. 29). No ano anterior, havia terminado a Segunda Guerra Mundial, após anos de fome aguda que se abateu sobre a Europa, surgira o conceito de segurança alimentar, utilizado para se referir à “necessidade de garantir o acesso a determinada população aos recursos alimentares suficientes para assegurar sua sobrevivência, sua reprodução e seu bem-estar” (Contreras; Gracia, 2011, p. 334).

[...] foram necessárias duas terríveis guerras mundiais e uma tremenda revolução social – a revolução russa – nas quais pereceram dezessete milhões de criaturas, dos quais doze milhões de fome, para que a civilização ocidental acordasse do seu cômodo sonho e se apercesse de que a fome é uma realidade demasiado gritante e extensa, para ser tapada com uma peneira aos olhos do mundo. (Castro, 1980, p. 31)

Assim, diante a enorme preocupação mundial com o problema da fome, sua pesquisa sobre alimentação desenvolvida a partir de 1932, foi organizada em “Geografia da Fome”. Apesar de se limitar ao contexto da alimentação no Brasil, teve grande repercussão fora do país e inspirou seu trabalho seguinte, “Geopolítica da Fome” (1951), que apresenta um panorama internacional sobre o assunto a partir do método geográfico empregado para interpretar a fome como questão político-social. Seu olhar social fez com que sua preocupação fosse além da alimentação, sob as perspectivas biológica e fisiológica, e esbarrasse na fome, com ênfase nas origens socioeconômicas, nas condições de vida da população e nas doenças por ela causadas.

O sucesso e a repercussão obtidos, fez com que as duas obras fossem traduzidas em mais de 25 idiomas. Por “Geografia da fome” e “Geopolítica da fome”, Josué de Castro recebeu, respectivamente, o Prêmio Érico Veríssimo, concedido pela Academia Brasileira de Letras (1947) e o Prêmio Franklin Roosevelt, concedido pela Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos (1952). Internacionalmente reconhecido por sua obra e luta no combate à fome, foi eleito presidente do Conselho da Organização para a Alimentação e a Agricultura das Nações Unidas (FAO), para o mandato de 1952 a 1956. Em 1954, recebeu o *Prêmio Internacional da Paz*, conferido pelo Conselho Mundial da Paz. Personalidade de relevância internacional, foi indicado ao prêmio Nobel de Medicina, em 1954, e ao Nobel da Paz, nos anos de 1963 e 1970.

Josué de Castro denunciou as explicações deterministas que naturalizavam as desigualdades. [...] Posicionou-se contra as interpretações demográficas que entendiam a fome como consequência de excesso populacional e prescreviam um controle de natalidade de massa. Desnaturalizou a fome apresentando fatores biológicos, geográficos, culturais e políticos, que compreendia serem responsáveis pelo fenômeno (Grupo de Pesquisa Josué de Castro/PUC-RIO, ano, p. ?).

Josué de Castro destacou a necessidade de confessar que a “terra da promessa”, onde em se plantando, tudo dá e que atraiu

milhões de imigrantes europeus que fugiam da miséria em sua terra natal, “também é uma terra onde se passa fome, onde se vive lutando contra a fome, onde milhões de indivíduos morrem de fome” (Castro,1980, p. 56).

Em 1985, a história da datilógrafa foi adaptada para o cinema pela diretora Suzana Amaral (1928-2020) e o filme é considerado um dos clássicos do cinema nacional. Esse foi o primeiro longa-metragem de Suzana Amaral, comercializado em diversos países. Diferente do livro, o processo de criação do narrador Rodrigo S. M. está ausente no longa-metragem. No entanto, o longa-metragem emprega artifícios que reproduzem a relação de impaciência ou de preconceito com a protagonista, bem como o espectador se reconhece nas falas negativas a respeito de Macabéa.

A produção recebeu a maioria dos prêmios no Festival de Brasília (1985) como os de melhor filme, direção, ator, atriz, fotografia e montagem. No Festival de Berlim (1986) recebeu o prêmio Urso de Prata de melhor atriz. No elenco: Marcélia Cartaxo (Macabéa), José Dumont (Olímpico), Glória Tamara Taxman (Glória) e Fernanda Montenegro (Madama Carlota). Em 2024 voltou aos cinemas em versão digitalizada em 4K. Segundo Vidal (2017, p. 34), é possível que a personagem de um livro fique gravado, para sempre, na memória, com “o rosto de sua adaptação cinematográfica. Como talvez Maca tenha, para muitos, o rosto de Marcélia Cartaxo”.

Fã de Clarice Lispector desde a juventude, em 1984, a cantora Maria Bethânia estreou o show “A hora da estrela”, baseado na obra da escritora, com direção de Naum Alves de Souza. Caetano Veloso compôs para ela a música “A hora da estrela de cinema”.

Em 2020, ano do centenário de Clarice Lispector (1920-1977), a novela ganhou uma versão musical para o teatro “O canto de Macabéa” ou “A hora da estrela”, com letras do compositor Chico César. No palco, Laila Garin interpreta Macabéa, Cláudia Ventura é Glória e o namorado Olímpico de Jesus é vivido por Cláudio Gabriel. André Paes Leme assina a direção e adaptação, e Marcelo Caldi, a direção musical. Complementando o projeto, em 2022, Chico César

e Laila Garin gravaram 16 das 32 músicas da trilha sonora para as plataformas *streaming*.

Em 2003, o programa *Cena Aberta*, da TV Globo, de Guel Arraes e Jorge Furtado, recriou “A hora da estrela”. Regina Casé faz o papel do narrador, Glória é a cartomante, Wagner Moura, interpreta Olímpico, e Ana Paula Bouzas é Macabéa. O programa é controverso, pois faz alterações em alguns acontecimentos narrados da obra, inclusive no final da história, para tornar o roteiro palatável ao público da TV aberta, acostumado a clichês pouco usuais na literatura clariceana.

Entre as dezenas de obras que se debruçam sobre vida e obra da criadora de Macabéa, duas merecem destaque: “Clarice: Uma Vida que se Conta” (Gotlib, 2013), que une dados de caráter biográfico e considerações críticas sobre a obra literária, estimulando as relações entre literatura e biografia, entre história e ficção; e “Clarice Lispector: pinturas” (Sousa: 2013), que revela a profunda relação da escritora com as artes plásticas, ao que reunir os quadros de Clarice, presenteados por amigos, e as suas pinturas, a maior parte delas produzidas em 1975. Na edição comemorativa dos 100 anos de Clarice, os seus 18 livros receberam capas criadas a partir dessas pinturas.

## Contexto histórico político-social

Publicada durante o governo militar instaurado durante o golpe de 1964, “A hora da estrela” foi escrita depois que Clarice Lispector deixa o periódico *Jornal do Brasil*, em janeiro de 1974: “[...] esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês” (Lispector, 2017, p. 47).

Nas décadas de 1940 e 1950, Clarice ficou marcada pelas críticas publicadas sobre os seus primeiros trabalhos, que destacavam características da sua literatura como o lirismo, o universo feminino e a solidão. Essa imagem perdurou e outros aspectos, como as questões sociais abordadas na sua obra, nas décadas de 1960 e 1970, são ignorados.

Entre 1967 e 1973, Clarice Lispector contribuiu com crônicas semanais, publicadas aos sábados, no suplemento cultural do diário carioca *Jornal do Brasil*, espaço em que tratava de temas variados. A temática social que sempre lhe causara indignação estava presente desde a primeira crônica, “As crianças chatas”, de 19 de agosto de 1967:

Não posso pensar na cena que visualizei e que é real. O filho está de noite com dor de fome e diz para a mãe: estou com fome, mamãe. Ela responde com doçura: dorme. Ele diz: mas estou com fome. Ela insiste: durma. Ele insiste. Ela grita com dor: durma, seu chato! Os dois ficam em silêncio no escuro, imóveis. Será que ele está dormindo? – pensa ela toda acordada. E ele está amedrontado demais para se queixar. Na noite negra os dois estão despertos. Até que, de dor e cansaço, ambos cochilam, no ninho da resignação. E eu não aguento a resignação. Ah, como devoro com fome e prazer a revolta. (Lispector, 1999, p. 23)

Quase um mês após a estreia, na crônica de 16 de setembro 1967, “Daqui a vinte e cinco anos”, a escritora declarou seu desejo de uma situação econômica mais digna para o povo brasileiro e demonstrou preocupação com o problema da fome e da miséria:

Posso intensamente desejar que o problema mais urgente se resolva: o da fome. Muitíssimo mais depressa, porém, do que em vinte e cinco anos, porque não há mais tempo de esperar: milhares de homens, mulheres e crianças são verdadeiros moribundos ambulantes que tecnicamente deviam estar internados em hospitais para subnutridos. Tal é a miséria, que se justificaria ser decretado estado de prontidão, como diante de calamidade pública. Só que é pior: a fome é a nossa endemia, já está fazendo parte orgânica do corpo e da alma. E, na maioria das vezes, quando se descrevem as características físicas, morais e mentais de um brasileiro, não se nota que na verdade se estão descrevendo os sintomas físicos, morais e mentais da fome. Os líderes que tiverem como meta a solução econômica do problema da comida serão tão abençoados por nós como, em comparação, o mundo abençoará os que descobrirem a cura do câncer. (Lispector, 1999, p. 33)

Na crônica “Fartura e carência”, publicada em 14 de setembro de 1968, ela expressa sua revolta com uma notícia sobre o número de mortes infantis provocadas pela fome no país: “Como suportaria eu a manchete que saiu um dia no jornal dizendo que cem crianças morrem no Brasil diariamente de fome? A raiva é a minha revolta mais profunda de ser gente? Ser gente me cansa” (Lispector, 1999, p. 135).

Em 26 de junho de 1968, “[...] ali está, no meio da multidão: participando ativamente de um ato de protesto político, imiscuída até a medula na contingência histórica” (Garramuño, 2017, p. 172), da Passeata dos Cem Mil, ao lado do ator Paulo Autran, do cineasta Glauber Rocha, do cartunista Ziraldo, do cantor Milton Nascimento, do psicanalista Hélio Pellegrino, do desenhista Carlos Scliar e do arquiteto Oscar Niemeyer. Assim como os cantores Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, ela se junta a outros intelectuais, artistas, religiosos, políticos e estudantes na avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro, para protestar contra a censura, a prisão de estudantes e a repressão às liberdades pelo governo militar.

Entretanto, aos olhos do cartunista Henfil, Clarice era vista como “alienada” e chegou a integrar “O Cemitério dos Mortos-Vivos”, em sua página de humor no jornal O Pasquim: local destinado a “personalidades que, em sua opinião, simpatizavam com o regime militar ou, ficavam em cima do muro pela ditadura militar ou se omitiam politicamente” (Moraes, 1999, p.16). Na edição 138 – da semana de 22 a 28 de fevereiro de 1972 – de O Pasquim, Clarice foi “enterrada” simbolicamente para fazer companhia aos escritores Rachel de Queiroz, Nelson Rodrigues, entre outros nomes que já se encontravam a “sete palmos de desacato e desprezo” (Moraes, 1999, p.16).

A história de Macabéa acolhe a preocupação social como traço identitário em um aceno à “patrulha ideológica”, “de maneira que parece pôr em primeiro plano uma sorte de referência social que desconcertava os críticos de Clarice” (Garramuño, 2017, p. 180).

Mas, se Clarice recusou toda e qualquer ordem de cartilha político-literária, a consciência da função social da literatura emerge em *A hora da estrela* com uma força até então inédita na obra da autora. Surgindo em um momento especial de sua trajetória literária, esse romance é o resultado final da angústia criativa que acompanhou Clarice do início da década de 70 até a sua morte, em 1977. (Paganine, 2000, p. 86)

## Representação na literatura

Stuart Hall (2016) destaca a importância da representação na construção de significados. Em “A Hora da Estrela”, a alimentação é um elemento central que não apenas sustenta e caracteriza a personagem Macabéa, mas também revela identidades e posições sociais. A forma precária como Macabéa se alimenta reflete sua condição de vida e a invisibilidade a que está submetida. Hall (2016) argumenta que a representação é um processo complexo, onde o significado não é fixo, mas construído através de discursos e práticas culturais.

Na novela, a alimentação de Macabéa é marcada pela simplicidade e pela escassez visto que a personagem recebe menos que um salário-mínimo. Sua dieta alimentar consiste em cachorro-quente e Coca-Cola. Macabéa tinha pouquíssimos luxos: tomava um gole de café frio antes de dormir e, às vezes, comia um ovo duro num botequim. “Às vezes antes de dormir sentia fome e ficava meio alucinada pensando em coxa de vaca. O remédio então era mastigar papel bem mastigadinho e engolir” (Lispector, 2017, p. 64).

A escolha de apresentar sua protagonista dessa forma sugere uma crítica à sociedade que marginaliza e ignora uma grande parcela da população, e evidencia a exclusão de Macabéa àquele sistema. Macabéa evocava sua identidade nordestina nas poucas conversas que fluíam com o Olímpico sobre as comidas do Nordeste: farinha, carne de sol, carne seca, rapadura, melado. E quando Macabéa e Olímpico relembram as comidas do Nordeste, o jeito de preparar e de comer os aproximam de sua identidade cultural e social como nordestinos.

De acordo com os conceitos fundamentados por Bourdieu (2011), nas relações sociais que estabelece, Macabéa não dispõe de capital econômico (ex: salário; recebe menos que a colega pois não possui qualificação profissional), capital cultural (ex: conhecimento; não compreende o título do livro “Humilhados e Ofendidos” sobre a mesa do chefe, nem o que ouve na Rádio Relógio), capital simbólico (ex: prestígio e honra; os quais Macabéa não tinha acesso) e capital social (ex: relações sociais; “Glória era agora a sua conexão com o mundo. Este mundo fora composto pela tia, Glória, o Seu Raimundo e Olímpico — e de muito longe as moças com as quais repartia o quarto” (Lispector, 2017, p. 64). Macabéa não se vê como uma protagonista em sua própria história, é uma figura que orbita em torno de outros personagens. A invisibilidade da nordestina é uma das questões apresentadas na novela.

Foucault (2014) argumenta que as relações em que o poder é exercido se dão através da repressão, mas também por meio do silenciamento e da marginalização de certas vozes. Sua voz e suas necessidades são frequentemente ignoradas.

Nesse contexto, a alimentação pode ser vista como uma forma de capital simbólico. Ao possuir melhores condições sociais, Glória desfruta de uma diversidade de alimentos e experiências gastronômicas que não apenas nutrem o corpo e, por isso, a tornam mais desejável, reforçando sua posição na hierarquia social. A comida, portanto, torna-se uma metáfora da luta por status e identidade. Macabéa, ao se alimentar de forma precária, não apenas demonstra sua condição socioeconômica, mas também a invisibilidade que a cerca.

Querendo compensar o roubo do namorado, Glória convida Macabéa para um lanche da tarde na sua casa. No local, a nordestina fica atônita diante da quantidade e da variedade de comida, que não fazia parte da sua dura realidade. (Lispector, 2017, p. 93)

Nessa ocasião, a farta comilança evidencia o não-pertencimento da protagonista àquele grupo e cumpre “uma função social de legitimação das diferenças sociais”, de acordo com Bourdieu (2011,

p. 14), quando discorre sobre “a arte e o consumo artístico que estão predispostos a desempenhar, [essa função] independentemente de nossa vontade e de nosso saber”, que pode ser comparada à alimentação, nesse caso.

Macabéa arregalou os olhos. É que na suja desordem de uma terceira classe de burguesia havia no entanto o morno conforto de quem gasta todo o dinheiro em comida, no subúrbio comia-se muito. [...] Foi talvez essa uma das poucas vezes em que Macabéa viu que não havia lugar no mundo e exatamente porque Glória tanto lhe dava. Isto é, um farto copo de grosso chocolate de verdade misturado com leite e muitas espécies de roscas açucaradas, sem falar num pequeno bolo. [...] Macabéa, enquanto Glória saía da sala – roubou escondido um biscoito. No dia seguinte, segunda-feira, não sei se por causa do fígado atingido pelo chocolate ou por causa de nervosismo de beber coisa de rico, passou mal. Mas teimosa não vomitou para não desperdiçar o luxo do chocolate. (Lispector, 2017, p. 93)

A forma como a alimentação é discutida e representada na novela revela as dinâmicas de poder, pela perspectiva de Michel Foucault (2014). A relação entre comida, corpo e discurso é fundamental para entender como a sociedade exerce controle sobre os indivíduos, especialmente aqueles que estão em situações vulneráveis. A alimentação em “A Hora da Estrela” também pode ser interpretada como expressão de luta pela sobrevivência e forma de resistência.

## Considerações finais

A alimentação oferece uma lente poderosa através da qual podemos explorar a representação social, o capital simbólico e as dinâmicas de poder que permeiam a vida da personagem Macabéa. Por intermédio da análise da literatura e da alimentação, como também da alimentação de uma personagem, de uma época em um determinado contexto, percebe-se que os conceitos fundamentados por Hall, Chartier, Bourdieu e Foucault podem iluminar a complexa teia das relações sociais, mostrando como a comida vai muito além

de um ato físico, mas expressam identidade cultural, resistência, luta por reconhecimento. Aspectos que poderão ser aprofundados durante a pesquisa para a dissertação de mestrado.

Para o leitor interessado no assunto, fica o convite para acessar o *link* que segue. Nele será possível verificar a amplitude da cartografia resumida nesse curto espaço: [https://padlet.com/marciameiras/cartografia\\_da\\_alimentacao\\_em\\_a\\_hora\\_da\\_estrela](https://padlet.com/marciameiras/cartografia_da_alimentacao_em_a_hora_da_estrela)

Clarice faz uma contundente crítica às estruturas sociais do Brasil da década de 1970, mas que passadas quase cinco décadas, e pequenos ajustes históricos, nunca estiveram tão atuais.

## Referências

A *HORA da estrela*. Direção Suzana Amaral e Alfredo Oroz. São Paulo: Rais Filmes. Embrafilme, 1985. Filme completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vVJFuXbb1xE>. Acesso em: 01 out. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BRASIL. Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em: 01 out. 2024.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**. O dilema brasileiro: pão ou aço. Rio de Janeiro: Antares, 1980.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador - conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Unesp, 1998.

CONTRERAS, Jesus; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a. V. 1.

\_\_\_\_\_. **Mil Platôs** – capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. V.3.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014.

GARRAMUÑO, Florencia. Uma leitura histórica de Clarice Lispector. In: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, p. 171-182.

GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice: uma vida que se conta**. São Paulo: Edusp, 2013.

GRUPO de Pesquisa Josué de Castro. In: PUC-RIO Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. **Grupo de Pesquisa Josué de Castro**. Disponível em: <<https://gpjosuedecastro.usuarios.rdc.puc-rio.br/josue-de-castro/>>. Acesso em: 01 set. 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Uma descoberta do mundo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

\_\_\_\_\_. **A hora da estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MORAES, Dênis. Humor de combate: Henfil e os 30 anos do Pasquim. Rio de Janeiro: UFF/ **Revista Ciberlegenda**, n.2, 1999. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/issue/view/1924>>. Acesso em: 15 out. 2024.

PAGANINE, Joseana. **O engajamento poético**: linguagem e resistência (A hora da estrela, de Clarice Lispector, e a literatura engajada brasileira pós-64). 2000. [10], 144 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUSA, Carlos Mendes de. **Clarice Lispector**: pinturas. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SOUTO, Susana. A grande fome em A hora da estrela. In: SEDLMAYER, Sabrina, CLIMENT-ESPINO, Rafael; ANDRADE, Luiz Eduardo (orgs.). **Comer com os olhos: comida cultura cinema**. Autêntica, 2023.

VIDAL, Paloma. E agora – uma crônica do encontro com os manuscritos de *A hora da estrela*. In: LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**: edição com manuscritos e ensaios inéditos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017, p.9-42.

WILLIAMS, Claire. Decifra-me ou devoro-te: dimensões de gastronomia ou do gustativo em Clarice Lispector. In: **Terceira Margem**, n. 2. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999: 29-35. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7380.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.



## 12 DENOMINAÇÃO DE ORIGEM E INTERDISCIPLINARIDADE - UM OLHAR CARTOGRÁFICO SOBRE PARATY

Rafael Campoy

Quando pensamos sobre algum lugar, por experiência direta ou informações a seu respeito, estabelecemos percepções e criamos associações que geram uma imagem desse lugar. A mesma reflexão ocorre quando, além de pensarmos, fazemos parte de um determinado lugar, vivenciando e construindo a sua história.

Nessa dupla construção de imagens, o diálogo com a identidade cultural do lugar, tanto a sua percepção compartilhada (passado e presente), quanto a sua projeção frente aos desafios contemporâneos

(presente e futuro), ressoa a diversidade das suas cores, vozes e ritmos como elementos singulares que configuram a identidade do lugar.

A esse exercício, observa-se um lugar específico: o município de Paraty, no estado do Estado do Rio de Janeiro. eleito “Patrimônio Mundial” pela Organização das Nações Unidas (ONU) por seu valor cultural e natural. Focamos a análise na Denominação de Origem para Paraty, que circunscreve a elaboração da cachaça artesanal da região.

Para tanto, a cartografia é aplicada como procedimento metodológico para agenciar os heterodoxos elementos que compõem o lugar, compreendido como um espaço de sistemas de objetos e de ações (Santos, 2013). Nesse horizonte, “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze, 2011, p. 19).

## A marca como lugar

De elemento visual utilizado como índice de propriedade, conteúdo e procedência, a marca assume complexas camadas simbólicas ao longo do Século XX. O conceito ultrapassa os limites da forma, enquanto representação da identidade visual de uma organização, até então orquestrado pelo *design*, para adentrar no campo da imagem e da percepção, incluindo atribuições relacionadas ao marketing, à propaganda, às relações públicas e afins.

Na década de 1990, a marca é inserida no âmbito da gestão das organizações como um ativo estratégico, estabelecendo um novo paradigma para o seu campo de estudo: o “branding”. Nesse contexto, “quando as marcas são consideradas ativos, a função da gestão de marcas muda radicalmente passando do tático e reativo ao estratégico e visionário” (Aaker, 2015, p. 9). De representação e percepção, a marca assume um novo papel: o de norteadora das relações entre instituições e pessoas, com o seu ecossistema e a sociedade, criando valor para todas as partes interessadas.

Ainda em 1996, o consultor Simon Anholt cria o termo “*nation brand*” (marca-país), estabelecendo um marco para esse novo campo de pesquisa, em um inédito contexto de globalização, no qual a gestão da identidade e a imagem de um lugar ultrapassam os horizontes disciplinares do marketing e do turismo.

Hoje, o mundo é um mercado. O rápido avanço da globalização significa que a cada país, cada cidade e cada região tem de competir com todos os outros pela sua parcela de consumidores do mundo, turistas, investidores, estudantes, empresários, eventos esportivos internacionais e culturais, e pela atenção a respeito dos meios de comunicação internacionais, de outros governos, e as pessoas de outros países. (Anholt, 2007, p. 1)

Concomitante à evolução da marca na perspectiva da gestão (*branding*), se desdobra o conceito de marca-lugar, ou “*place branding*” (termo vastamente aplicado em inglês), inserindo o lugar como campo de estudo na nova e complexa realidade globalizada.

Com a globalização do mundo, as possibilidades de um trabalho interdisciplinar tornam-se maiores e mais eficazes na medida em que à análise fragmentadora das disciplinas particulares pode mais facilmente suceder um processo de reintegração ou reconstrução do todo. Nesse processo de conhecimento, o espaço tem um papel privilegiado, uma vez que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre esse passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam. (Santos, 2013, p. 116)

Segundo o consultor brasileiro Caio Esteves, “o *place branding* é o processo de identificar vocações, potencializar identidades e desenvolver ideias capazes de transformar e alavancar os lugares” (Esteves, 2016, p. 217).

Para além dos interesses que priorizam a exploração de uma imagem orientada prioritariamente pelas esferas políticas e comerciais de curto-prazos, o desenvolvimento da marca-lugar contribui para a elaboração de estratégias de governança para gerenciar países, cidades e regiões.

## Denominação de Origem – Paraty

A relação de Paraty com a cachaça – atualmente reconhecida como Patrimônio Histórico e Cultural do Brasil pela Lei 4.861, de 2016 – remete a um dos mais destacados períodos de desenvolvimento econômico do Brasil Colônia, no tempo das Capitânicas Hereditárias, ou período do surgimento do povoado de Paraty, então vinculado à Vila de Nossa Senhora da Conceição da Ilha Grande, atual Angra dos Reis.

Se por um lado é impreciso afirmar a data da criação da primeira cachaça da região, por outro, cabe destacar que em 1850 havia mais de 150 alambiques e uma população de 16 mil habitantes em Paraty. Nesse contexto, a produção da cachaça aumentava significativamente.

Segundo Luiz da Câmara Cascudo [...] a aguardente permitia a fuga ao cotidiano opressor e monótono a que os escravos eram submetidos. Também Marcelo Câmara, em seu livro ‘Cachaça, prazer Brasileiro’, apresenta-nos [...] a bebida sustenta a escravaria, o braço trabalhador, alegra os achados de veios e minas, nas rochas e aluviões, movimentam as festas, esquentam os corpos, diminui o sofrimento, protege os escravos no frio das minas, contra a tuberculose. (Leão, 2021, p. 70)

Atravessada um intenso período de êxodo, abandono e isolamento, mantendo ainda pouquíssimo volume de sua produção tradicional ao longo do século XX, a retomada do desenvolvimento de Paraty converge três fatores: a abertura do trecho da rodovia BR-101, do Rio de Janeiro a Santos, em 1970, o início da exploração do potencial turístico da região e a iniciativa dos remanescentes produtores em convergir esforços junto ao SEBRAE e a Fundação Bio-Rio, estabelecendo em 1999, a APPAP – Associação dos Produtores de Pinga Artesanal de Paraty.

Em paralelo, no Brasil, é criada a Lei de Propriedade Industrial 9.279/1996, que reconhece a Indicação Geográfica (IG) como um ativo de propriedade intelectual que protege um nome geográfico com base em sua reputação. Desde 2000, o Instituto Nacional da

Propriedade Industrial (INPI), por meio da Resolução 75/2000, é o órgão responsável pela emissão das IGs.

O conceito e a regulamentação de práticas similares são amplamente utilizados em diferentes partes do mundo, em alguns casos, com tradição secular, como acontece ao Vinho do Porto e ao Queijo da Serra da Estrela (Portugal), ao *Champagne* e ao *Cognac* (França), ao *Jerez* e ao *Jamón Ibérico* (Espanha) e, mais recentemente, ao Café da Colômbia (Colômbia), a Tequila (México), entre outros exemplos.

O crescente desenvolvimento de indicações geográficas de procedência de diferentes produtos no Brasil, como o café, o açaí, o mel de abelha, a cachaça, entre outros produtos, abrange atualmente cerca de 120 Indicações Geográficas (IG), sendo 85 Indicações de Procedência (IP) e 35 Denominações de Origem (DO).

Cenário de entusiasmo e interesse que se reflete no ambiente acadêmico. Conforme levantamento realizado em novembro de 2024, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), apurou-se 42 trabalhos com o termo “indicação geográfica” em seus títulos, no período de 2019 a 2024.

Retomando o contexto de Paraty, especialmente no que se refere a sua secular tradição na produção da cachaça, ainda em 2024, a região foi promovida da já pioneira Indicação de Procedência (IP) à categoria de Denominação de Origem (DO), a mais elevada do marco nacional das indicações geográficas.

Considerando que o artigo Art. 177 da referida legislação, no âmbito da Indicação de procedência se equivale “ao nome geográfico que se tenha tornado conhecido como centro de extração, produção ou fabricação de determinado produto ou de prestação de determinado serviço”, o artigo 178 equipara Denominação de Origem ao nome geográfico de país, cidade, região ou localidade de seu território, “que designe produto ou serviço cujas qualidades ou características se devam exclusiva ou essencialmente ao meio geográfico, incluídos fatores naturais e humanos” (INPI, 2023).

Em torno da produção da cachaça, constatamos uma identidade cultural singular, a construção de um *terroir* e em constante desenvolvimento em Paraty. Indissociável aos aspectos sociais e históricos que ultrapassam as fronteiras disciplinares do produto cachaça (como a agronomia e o marketing, por exemplo) Paraty fornece elementos para análise das relações que compõem o ecossistema do lugar, a princípio coletados e organizados a partir dos conceitos elaborados pelo geógrafo brasileiro Milton Santos: elementos do espaço (Santos, 2020), teoria dos fixos e fluxos (Santos, 2023) e globalização e meio técnico-científico-informacional (Santos, 2013).

Se ao Vinho do Porto, uma tríade de lugares compõe sua cultura, “um vinhedo, o Alto Douro, dotado de uma personalidade muito própria [...], um bairro vinícola especializado, o Entreposto de Gaia; uma metrópole urbana: o Grande Porto” (Guichard, 2019, p. 14), quais outras janelas abertas por sua tradicional cachaça que podemos (re)conhecer Paraty?

## Horizonte cartográfico

Com os avanços da pesquisa e da prática do *place branding*, incluindo a Indicação Geográfica como seu objeto de estudo e intervenção, atualmente nota-se uma direção convergente em torno da interdisciplinaridade e da construção de um arcabouço conceitual, percebida a partir da publicação de livros, lançamento de periódicos, diálogos acadêmicos com a geografia, administração pública, estudos culturais, arquitetura e *design* (Jernsand, 2016).

Em recente consulta do termo “*place branding*” pela plataforma Google Acadêmico, foram levantados 989 artigos revisados no mundo, publicados nos últimos 10 anos. No Brasil, o termo ainda é incipiente e novidade: apenas 3 teses e dissertações desde 2019, segundo a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações - BDTD/IBICT.

Nesse cenário, embora contaminado por diferentes expressões, em muitos casos complementares, como *nation brand*, *city branding*, *tourism brand*, marca país, marketing de lugar, entre outros, percebe-se que, diferente da marca comercial – propriedade de empresas

ou governos – a marca-lugar pertence, em primeira instância, às pessoas que vivem em determinado território, ora por seus vínculos materiais de poder e dominação, ora por seus aspectos simbólicos de apropriação.

Assim, torna-se crescente a discussão sobre a relevância do papel dos habitantes e de outras partes interessadas, no desenvolvimento da marca-lugar (Kavaratzis, 2012), compreendida, então, cada vez mais, como uma construção coletiva, em contraste com a visão de resultados aferidos unicamente pelas disciplinas de marketing e/ou turismo.

Embora essa abordagem mais holística, que inclui elementos de participação, multiplicidade e democracia, esteja sendo cada vez mais praticada (Jernsand, 2016), por outro lado, também existe a preocupação e o risco da inclusão das diversas partes interessadas não contar com uma possibilidade efetiva de realmente influenciar o processo, revelando, assim, além de falhas – em como envolver, engajar e empoderar os públicos –, oportunidades metodológicas de escuta e equação das múltiplas vozes, processos e ferramentas (Källström; Siljeklint, 2024).

Sendo assim, a este aspecto convém aproximar como procedimento metodológico a perspectiva horizontal do conceito de rizoma e seus princípios: conexão e heterogeneidade, em que qualquer ponto pode ser conectado a outro; multiplicidade, o múltiplo é substantivo como sujeito e objeto; ruptura assignificante, contra os cortes abruptos que separam as estruturas; cartografia e decalcomania, um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo (Deleuze, 2011, p. 22).

Assim, apresenta-se um esquema cartográfico relativo ao desenvolvimento deste artigo, confluindo caminhos que apontam à evolução do campo (*place branding*), aplicado tanto ao conceito de Indicação Geográfica e ao desenvolvimento da DO Paraty, considerando tanto a complexidade de seu ecossistema, quanto contribuindo para outras indicações geográficas brasileiras.

O Horizonte Cartográfico da DO Paraty pode ser acessado em: <https://pa-dlet.com/campoyrf/horizonte-cartogr-fico-da-ig-paraty-z9tox7fodkkyz5e8>

## Referências

AAKER, David. *On Branding - 20 princípios que decidem o sucesso das marcas*. Trad. Francisco Araújo da Costa. Porto Alegre: Bookman, 2015

ANHOLT, Simon. **Competitive identity: the new brand management for nations, cities and regions**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1 / Gilles Deleuze, Félix Guattari; Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 2011.

ESTEVES, Caio (Org). *Place Branding*. Santos: Simonsen, 2016.

GUICHARD, François; ROUDIÉ, Philippe; PEREIRA, Gaspar Martins. **História do Douro e do Vinho do Porto**. O Vinho do Porto e o Douro no século XX e início do século XXI. v. 5. Porto: Edições Afrontamento, 2019.

INSTITUTO Nacional da Propriedade Industrial (INPI). *Manual de Indicações Geográficas*. 3. revisão. nov/2023. Disponível em: [https://manualdeig.inpi.gov.br/projects/manual-de-indicacoes-geograficas/wiki/Manual\\_de\\_Indica%C3%A7%C3%B5es\\_Geogr%C3%A1ficas](https://manualdeig.inpi.gov.br/projects/manual-de-indicacoes-geograficas/wiki/Manual_de_Indica%C3%A7%C3%B5es_Geogr%C3%A1ficas). Acesso em: 01 dez. 2024.

JERNSAND, Eva Maria. **Inclusive Place Branding**. (Tese de doutorado). University of Gothenburg. School of Business Economics and Law. Göteborg, Sweden. 2016.

KÄLLSTRÖM, L. E SILJEKLINT, P. Place branding in the eyes of the place stakeholders – paradoxes in the perceptions of the meaning and scope of place branding. **Journal of Place Management and Development**, v. 17, n. 1, p. 74-89, 2024.

KAVARATZIS, M. From 'necessary evil' to necessity: stakeholders' involvement in place branding. **Journal of Place Management and Development**, v. 5, n. 1, p. 7-19, 2012.

LEÃO, Flávio. **Mucungo, a história da cachaça em Paraty**. Paraty/RJ: Ed. Autor, 2021

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. 5.ed., 3. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. 5. ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

\_\_\_\_\_. **Da Totalidade ao Lugar**. 1. ed., 4. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.



**GASTRONOMIA,  
CULTURA  
E IDENTIDADE**





# 13

## **CARTOGRAFIAS GASTRONÔMICAS: A ALIMENTAÇÃO COMO MARCA IDENTITÁRIA NA CULTURA DE IMIGRANTES SÍRIOS NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Estefania Medeiros Castro

### **Introdução**

A alimentação é um elemento central na história cultural e na construção identitária, pois práticas gastronômicas refletem não apenas hábitos alimentares, mas também valores e significados profundos de cada grupo social (Pesavento, 2003). Segundo Pesavento, a história cultural revela como os indivíduos e as comunidades expressam suas identidades através de rituais cotidianos, como a

alimentação, que carregados de simbolismos, refletem as dinâmicas culturais de uma sociedade.

A gastronomia transcende sua função básica de sustento biológico, emergindo como uma expressão cultural profunda, especialmente entre comunidades de imigrantes. Na cidade de São Paulo, imigrantes sírios utilizam a culinária não apenas como meio de sobrevivência econômica, mas também como uma ponte para manter viva sua identidade cultural e facilitar sua integração na sociedade brasileira. Um exemplo disso é o “Restaurante Syria”, onde pratos como *kebab*, *falafel* e *tabule*, funcionam como símbolos de uma tradição resistente, ao mesmo tempo em que promovem o intercâmbio cultural com o público paulistano.

Este fenômeno evidencia o hibridismo cultural descrito por Burke (2010), em que tradições alimentares são preservadas e adaptadas em novos contextos, transformando-se em campo de negociação cultural. A alimentação, assim, se torna um reflexo da complexidade das identidades modernas, continuamente moldadas e reformadas em resposta às mudanças sociais e econômicas (Burke, 2010; Hall, 2016).

Estudos anteriores indicam que a migração leva a mudanças nos hábitos alimentares dos imigrantes, que tendem a se adaptar ao novo ambiente, enquanto tentam preservar a culinária tradicional (Bastos *et al.*, 2023; Paiva, 2015; Dávila, 2005). No entanto, há uma lacuna na literatura acadêmica sobre a gastronomia dos imigrantes sírios em São Paulo como forma de expressão cultural, conforme apontado por Torres *et al.* (2022). Essa falta de investigação aprofundada torna-se significativa, considerando a importância das práticas alimentares na construção identitária e na integração desses indivíduos na sociedade brasileira.

Diante desse contexto, o presente capítulo busca compreender como a gastronomia dos imigrantes sírios na cidade de São Paulo atua na preservação e transformação cultural desse grupo. Especificamente, o estudo explora como as práticas alimentares servem como veículo de transformação cultural, favorecendo a integração

social e econômica dos imigrantes, ao mesmo tempo em que mantêm vivas as raízes culturais dos imigrantes sírios.

Este trabalho pretende elucidar as dinâmicas entre alimentação, cultura e identidade no contexto da imigração síria na cidade, que será fundamentado em revisão teórica e análise documental, com uma abordagem qualitativa.

## **Alimentação como marca identitária**

Segundo Poulain (2004), a alimentação é um dos principais marcadores da identidade cultural, funcionando como uma forma de expressão das tradições, valores e práticas sociais de um grupo. Hall (2015, 2016) complementa essa perspectiva ao enfatizar que a identidade cultural é formada e reformada através de práticas culturais, que carregam significados profundos, como a alimentação. Assim, os hábitos alimentares tornam-se formas potentes de manifestação cultural, especialmente em contextos de deslocamentos humanos.

Nessa linha, Pesavento (2003) enfatiza que a cultura se materializa em elementos simbólicos e cotidianos, como a alimentação, que atuam como veículos de memória e identidade. A autora ressalta que os hábitos alimentares são parte integrante da construção da identidade cultural, servindo como referência para a afirmação de pertencimento a um determinado grupo social.

No contexto dos imigrantes sírios na cidade de São Paulo, a pesquisa de Al Noulfal (2021) aprofunda essa discussão ao evidenciar como a culinária serve como um refúgio identitário e um meio de integração. A autora destaca que a cozinha é um espaço de preservação cultural, onde os imigrantes sírios mantêm vivas suas tradições culinárias, reproduzindo receitas ancestrais e técnicas de preparo transmitidas entre gerações. Pequenos estabelecimentos gastronômicos, carinhosamente chamados de “saborosas portinhas”, servem como pontos de encontro para a comunidade síria e espaços de resistência cultural, permitindo-lhes expressar sua identidade e compartilhar sua herança com a população local.

Esses espaços alimentares facilitam a interação intercultural e ao oferecer pratos típicos como o *kebab*, *falafel* e *manakish*, os imigrantes sírios não apenas satisfazem uma demanda por sabores exóticos, mas também criam pontes culturais que promovem o reconhecimento e a valorização de sua identidade. Essas práticas alimentares tornam-se símbolos tangíveis de pertencimento e diferenciação, permitindo que os imigrantes reafirmem sua identidade em um ambiente estrangeiro.

Poulain (2004) sugere que o espaço social alimentar é moldado pelas interações e significados, que as pessoas atribuem ao ato de comer, influenciados por fatores culturais, econômicos e sociais. Entre os imigrantes sírios na cidade de São Paulo, esse espaço social alimentar é recriado possibilitando tanto a preservação de práticas tradicionais, quanto a criação de novas formas de expressão cultural. A alimentação torna-se, então, um elo entre o passado e o presente, conectando a terra natal ao país anfitrião e funcionando como um símbolo identitário.

Essas práticas culinárias desempenham, portanto, um papel fundamental na resistência cultural, permitindo aos imigrantes preservar suas tradições em um novo ambiente social. Assim, a recriação de espaços como restaurantes, cafés e mercados especializados serve como pontos de encontro e socialização, fortalecendo laços comunitários. Esses espaços também facilitam a interação com a sociedade brasileira, promovendo a troca cultural e o entendimento mútuo.

Hall (2016), descreve a cultura como um sistema de representações pelo qual indivíduos e grupos constroem significados e expressam suas identidades. No caso dos imigrantes sírios, a alimentação torna-se uma narrativa viva que comunica histórias de origem, tradição e pertencimento ao manterem suas receitas e modos de preparo, os imigrantes afirmam sua identidade cultural e resistem às pressões de assimilação.

No entanto, a interação com o “outro” molda essa identidade de forma dinâmica. Hall (2015, 2016) destaca ainda, que a identidade cultural é formada nesse contato, tornando-se, muitas vezes,

híbrida. No caso dos imigrantes sírios, as adaptações que fazem para se integrar ao novo contexto social brasileiro – como a incorporação de ingredientes locais – resulta em uma culinária que é simultaneamente síria e brasileira.

A alimentação, portanto, emerge como um espaço de negociação e construção de identidades múltiplas. Conforme Hall (2016), representar a cultura através da gastronomia permite que os imigrantes expressem quem são, ao mesmo tempo em que interagem com a cultura do país anfitrião. Esse processo evidencia a identidade cultural como algo fluido e em constante processo de formação e renegociação.

Integrando essas perspectivas, compreende-se que a alimentação é central na construção identitária dos imigrantes sírios, na cidade de São Paulo. Práticas alimentares carregadas de significados culturais tornam-se fundamentais para a representação e a negociação de identidades em contextos migratórios. Dessa forma, a alimentação como marca identitária não apenas fortalece o senso de pertencimento à comunidade de origem, mas também facilita a integração e a criação de novas identidades culturais. A culinária torna-se, assim, um meio pelo qual os imigrantes sírios navegam entre culturas, preservando sua herança enquanto adotam aspectos da sociedade brasileira, enriquecendo a diversidade cultural da cidade de São Paulo.

## **Hibridismo e adaptação culinária**

Poulain (2004) destaca que a alimentação está em constante evolução, moldado por trocas culturais e influências externas. Os imigrantes sírios incorporam ingredientes locais em suas receitas, resultando em uma culinária híbrida. Essa adaptação não implica na perda da identidade, mas na expansão e enriquecimento das práticas alimentares, refletindo um processo dinâmico de construção identitária.

Além disso, a escolha dos alimentos e a forma de consumo estão relacionadas à estrutura social e às condições econômicas

dos indivíduos. Os imigrantes sírios podem enfrentar desafios na reprodução de suas práticas alimentares em contextos migratórios, devido a fatores como a disponibilidade de ingredientes ou restrições financeiras, que podem dificultar a reprodução fiel das práticas culinárias de origem. Ainda assim, manter esses costumes alimentares é essencial para preservar laços sociais e familiares, contribuindo para a coesão da comunidade.

O que hoje é reconhecido como comida típica, passou por diversos processos de adaptação ao longo da história. De acordo com Santos (2019, p. 25), a manutenção ou desaparecimento de determinadas receitas, iguarias e sabores, está diretamente relacionado ao acesso aos produtos disponíveis:

[...] um processo complexo que abarca várias etapas: eleição dos produtos (código de aceitação, rejeição e tabus), classificação, acesso aos ingredientes, técnicas e processos de preparo [...] a códigos econômicos (produção e consumo), o favorecimento de certos produtos, mudanças e permanências de hábitos familiares, diferentes paladares, hábitos de comer frio ou quente, mais ou menos salgado, apimentado, pastoso ou solido.

Esse trecho destaca que o que hoje entendemos como comida típica é resultado de diversos processos de adaptação ao longo da história. A manutenção ou o desaparecimento de determinadas receitas, iguarias e sabores estão diretamente relacionados ao acesso aos produtos disponíveis em cada contexto.

Essas adaptações refletem o processo complexo descrito por Santos e Matos (2019), onde fatores como códigos econômicos, preferências culturais e acesso aos ingredientes influenciam diretamente as práticas alimentares. A eleição dos produtos passa a ser não apenas uma questão de preferência cultural, mas também de viabilidade econômica e logística. Os imigrantes negociam entre manter a autenticidade de suas receitas e ajustar-se às realidades do novo ambiente, resultando em uma culinária híbrida que mescla elementos da cultura de origem com influências locais.

Dessa forma, a culinária típica dos imigrantes sírios em São Paulo é um exemplo vivo de como as tradições gastronômicas são dinâmicas e se transformam ao longo do tempo, influenciadas por diversos fatores sociais, culturais e econômicos. Esse processo de adaptação e hibridismo culinário enriquece a diversidade cultural da cidade e evidencia a resiliência e criatividade dos imigrantes, em preservar sua identidade cultural, enquanto se inserem em um novo contexto.

De acordo com Rustomgy (2020), além da necessidade de adaptar os condimentos ao paladar brasileiro, o custo dos ingredientes em São Paulo é um fator significativo que afeta a culinária árabe. Para tornar a comercialização dos pratos viável, a substituição de certos insumos torna-se essencial; caso contrário, os consumidores podem considerar os preços elevados. Um exemplo disso é o alto custo de ingredientes como pistache e pinoli. Além de serem mais caros do que na Síria e em outros países, o acesso a especiarias específicas, como o *sumac*, é limitado, não sendo facilmente encontradas em supermercados comuns.

A autora também destaca que a qualidade de algumas especiarias disponíveis não corresponde àquela a que os imigrantes estão acostumados, seja por serem de categorias diferentes ou por não terem preços compatíveis com suas características. Essa situação evidencia a necessidade dos imigrantes sírios ajustarem suas práticas culinárias, seja pela dificuldade de encontrar ingredientes específicos, pelo alto custo ou pela diferença na qualidade dos produtos disponíveis no Brasil. Essas adaptações ilustram o processo de hibridismo cultural, no qual tradições culinárias são modificadas e reinventadas no novo contexto, resultando em uma gastronomia que mescla elementos da cultura de origem com influências locais.

Complementando essa perspectiva, Burke (2010) explora o hibridismo cultural como um processo contínuo em que culturas distintas interagem e se transformam mutuamente, gerando novas formas culturais. O autor argumenta que o hibridismo é um processo contínuo, no qual elementos culturais são combinados, reinterpretados e adaptados, criando expressões culturais inovadoras.

No contexto dos imigrantes sírios, o hibridismo culinário manifesta-se na fusão de técnicas, ingredientes e práticas alimentares sírias com as brasileiras, como na adaptação de receitas tradicionais para incluir ingredientes disponíveis localmente, ou a criação de novos pratos que combinam sabores das duas culturas.

Essa prática não apenas facilita a integração dos imigrantes na sociedade brasileira, mas também enriquece a cultura gastronômica local. Dessa forma o hibridismo cultural não implica na perda da identidade original, mas sim na sua transformação e expansão. Os imigrantes sírios, ao adaptarem suas práticas culinárias, estão simultaneamente preservando aspectos de sua herança cultural e participando ativamente da construção de uma nova identidade híbrida. Essa identidade é moldada pelas interações cotidianas, pelas necessidades práticas e pelas oportunidades oferecidas pelo novo ambiente.

A adaptação culinária, portanto, é uma expressão tangível do hibridismo cultural. Ela reflete a capacidade dos indivíduos de negociarem e reconciliarem diferentes influências culturais, criando algo novo e significativo. Conforme Burke (2010), esse processo é fundamental para compreender as dinâmicas culturais em contextos de migração e globalização. Diante desse contexto, a alimentação funciona como um meio pelo qual os imigrantes sírios constroem pontes entre culturas, negociam suas identidades e contribuem para a diversidade cultural da sociedade anfitriã. Assim, o hibridismo e a adaptação culinária não são apenas respostas às circunstâncias práticas, mas também escolhas conscientes que refletem o desejo de conexão, pertencimento e expressão cultural.

## **Cartografias gastronômicas como ferramenta analítica**

A utilização de cartografias gastronômicas como ferramenta analítica permite compreender não apenas a distribuição espacial dos imigrantes sírios na cidade de São Paulo, mas também como suas práticas alimentares influenciam e são influenciadas pelo ambiente urbano. Segundo Paiva (2011), os territórios da migração são

construídos através de processos de afirmação, negação e ocultamentos, que moldam a forma como os grupos imigrantes se inserem e interagem com a cidade.

Em São Paulo, os imigrantes sírios concentram-se no Brás, Pari, Bom Retiro e no centro da cidade. Essas áreas, historicamente conhecidas por abrigar comunidades de imigrantes, tornaram-se pontos estratégicos para a instalação de restaurantes, mercados e estabelecimentos comerciais que oferecem produtos e serviços típicos da cultura síria.

Khouri (2013) destaca que, a partir da década de 1940, muitos sírios e libaneses passaram a se estabelecer nos bairros do Brás e adjacências, atraídos principalmente pelos preços acessíveis dos imóveis e pela proximidade com a rua 25 de Março. Nessas regiões, formaram redes de sociabilidade e desenvolveram vínculos comunitários que conferiram a esses espaços um forte caráter identitário. A presença de comércios com nomes de família ou referências às cidades de origem, bem como a coexistência de símbolos religiosos muçulmanos e cristãos nos estabelecimentos, revela a tentativa do grupo em preservar traços culturais, mesmo em meio à urbanização paulistana. Além disso, práticas cotidianas como o hábito de se reunir para refeições e o uso contínuo de igrejas, mesquitas e clubes típicos reforçam esses territórios como espaços simbólicos de pertencimento, não apenas no Brás e na 25 de Março, mas também em bairros como o Paraíso, onde as instituições comunitárias e os elementos culturais mantêm viva a memória da imigração.

O trecho acima oferece *insights* valiosos sobre como os imigrantes sírios e libaneses estabeleceram-se em determinados bairros de São Paulo, como o Brás, a Rua 25 de Março e o Pari, criando espaços que refletem sua identidade cultural e social. A partir da década de 1940, esses grupos escolheram essas áreas devido aos preços mais acessíveis dos imóveis e à proximidade com centros comerciais importantes.

A concentração de imigrantes nessas regiões levou ao desenvolvimento de uma sociabilidade própria, transformando esses bairros em verdadeiros lugares de identidade para a comunidade

árabe. A emergência de restaurantes, lojas com nomes de família ou referências ao local de origem, igrejas e mesquitas, além de clubes e instituições culturais, consolidou esses espaços como pontos de encontro e preservação cultural.

Assim, podemos evidenciar como a gastronomia atua como um elemento central na construção desses mapas culturais. Os restaurantes árabes que surgiram próximos às lojas da Rua 25 de Março e arredores, não são apenas estabelecimentos comerciais, mas também espaços de reafirmação identitária e de manutenção das tradições culinárias. Eles funcionam como pontos de conexão entre os imigrantes e descendentes, que se reúnem para tomar café, almoçar e compartilhar experiências.

Esses locais se tornam marcos significativos nas cartografias gastronômicas da cidade, representando a materialização física da cultura árabe no ambiente urbano paulistano. A presença de símbolos religiosos, como imagens de santos cristãos e trechos do Alcorão, em combinação com a oferta de produtos típicos, reforça a identidade cultural desses espaços e promove um sentimento de pertencimento entre os membros da comunidade.

Ao mapear esses espaços gastronômicos e culturais, é possível visualizar como os imigrantes sírios e libaneses se apropriaram de determinadas áreas da cidade, criando territórios simbólicos que refletem sua identidade e história. Essas cartografias gastronômicas funcionam como ferramentas analíticas que nos permitem entender as dinâmicas de migração, adaptação e integração cultural na cidade de São Paulo.

Portanto, o trecho em questão ilustra de forma clara a relação entre os espaços físicos ocupados pelos imigrantes e a manifestação de sua cultura através da gastronomia e outros elementos identitários, reforçando a compreensão de como a culinária não apenas satisfaz necessidades alimentares, mas também desempenha um papel crucial na formação de mapas culturais e na preservação da identidade em contextos migratórios.

Paiva (2011) destaca ainda, que os territórios migratórios são marcados pela dinâmica das relações sociais e pelo fluxo constante

de pessoas, produtos e ideias. No caso dos imigrantes sírios, a gastronomia serve como uma forma de territorialização simbólica, onde os sabores e aromas da culinária tradicional criam conexões afetivas com a terra natal e estabelecem novos vínculos no contexto urbano paulistano.

A análise dos mapas gastronômicos permite identificar padrões de concentração e dispersão dos imigrantes sírios, evidenciando como esses grupos utilizam a cidade para reproduzir e reinventar suas práticas culturais. A cartografia gastronômica torna-se, assim, uma ferramenta essencial para visualizar as trajetórias migratórias, entender os processos de construção identitária e analisar as interações socioculturais no espaço urbano.

Além disso, esses mapas revelam áreas de maior densidade de estabelecimentos gastronômicos sírios, que muitas vezes se sobrepõem a outros territórios étnicos, criando zonas de hibridismo cultural. Essa sobreposição espacial facilita o intercâmbio entre diferentes comunidades imigrantes e a população local, promovendo a integração social e enriquecendo o tecido cultural da cidade.

A cartografia gastronômica também evidencia os desafios enfrentados pelos imigrantes sírios, como a necessidade de adaptar receitas tradicionais devido à disponibilidade de ingredientes ou às preferências do público brasileiro. Esse processo de adaptação reflete a negociação contínua entre preservação cultural e integração econômica, destacando o papel da gastronomia como mediadora dessas dinâmicas.

Assim, a utilização das cartografias gastronômicas como ferramenta analítica permite aprofundar a compreensão sobre onde e como os imigrantes sírios se estabelecem em São Paulo, revelando a importância da gastronomia na construção de territórios culturais, na manutenção da identidade e na promoção do hibridismo cultural. Essa abordagem contribui para uma análise mais rica das experiências migratórias e das interações sociais no contexto urbano contemporâneo.

## Considerações finais

Este artigo explorou a complexa interseção entre gastronomia, identidade cultural e integração social dos imigrantes sírios na cidade de São Paulo. Por meio de uma revisão teórica encaminhada por uma abordagem qualitativa evidenciou-se que a alimentação transcende sua função biológica básica, tornando-se um elemento central na construção e representação da identidade cultural em contextos migratórios.

As práticas alimentares dos imigrantes sírios emergem como poderosas ferramentas de preservação cultural e adaptação social, refletindo um processo de hibridismo cultural conforme discutido por Burke (2010). A manutenção de receitas tradicionais e a adaptação de ingredientes locais demonstram a resiliência e a criatividade desses indivíduos, na reconstrução de seu espaço social alimentar, conceito elaborado por Poulain (2004). A cozinha torna-se um espaço de refúgio e afirmação identitária, onde os sabores e saberes ancestrais são preservados e compartilhados. Assim, conforme apontado por Pesavento (2003), a alimentação torna-se um espaço onde se manifestam as dinâmicas de resistência cultural e negociação identitária, refletindo a complexidade das experiências dos imigrantes em contextos de diáspora.

A inclusão das perspectivas de Hall (2015, 2016) aprofundou a compreensão de que a identidade cultural é um processo dinâmico, moldado pelas práticas representacionais e pelas interações com o “outro”. A alimentação, nesse contexto, funciona como uma linguagem universal que facilita a comunicação intercultural, promovendo a integração social e enriquecendo o tecido cultural da cidade de São Paulo. As “saborosas portinhas” mencionadas por Al Noulfal (2021) exemplificam como os espaços gastronômicos sírios atuam como pontos de encontro e troca cultural, contribuindo para a construção de cartografias gastronômicas que mapeiam a presença e a influência síria na cidade.

A análise das cartografias gastronômicas, fundamentada nos estudos de Paiva (2011), revelou que os imigrantes sírios utilizam a

cidade para reproduzir e reinventar suas práticas culturais, estabelecendo territórios simbólicos através da culinária. Esses territórios refletem processos de afirmação, negação e ocultamento que caracterizam a experiência migratória e a negociação identitária em ambientes urbanos complexos.

O estudo também destacou os desafios enfrentados pelos imigrantes sírios, como a necessidade de adaptar receitas devido à disponibilidade de ingredientes e às preferências do público local. Essa adaptação não implica em perda da identidade, mas sim em sua transformação e expansão, resultando em identidades híbridas que enriquecem a diversidade cultural da sociedade brasileira.

Conclui-se assim que a gastronomia desempenha um papel fundamental na manutenção da identidade cultural dos imigrantes sírios em São Paulo, ao mesmo tempo em que facilita sua integração social e econômica. As práticas alimentares servem como veículos de memória, pertencimento e resistência, permitindo que esses indivíduos naveguem pelas complexas dinâmicas de migração e globalização.

Este estudo contribui para preencher as lacunas identificadas na literatura, especialmente em relação à falta de investigações sobre a gastronomia síria como expressão cultural na cidade de São Paulo (Torres *et al.*, 2022). Além disso, oferece uma nova perspectiva sobre a integração e transformação cultural mediada pela alimentação, sugerindo que as práticas gastronômicas dos imigrantes e refugiados são simultaneamente estratégicas para a adaptação econômica e essenciais para a manutenção da identidade cultural.

Recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem a análise das cartografias gastronômicas em outras comunidades imigrantes, explorando como a alimentação pode servir como ferramenta para promover a inclusão social e a valorização da diversidade cultural. Além disso, estudos etnográficos que incorporem entrevistas e observações de campo poderiam enriquecer a compreensão das experiências individuais e coletivas dos imigrantes, contribuindo para políticas públicas mais eficazes de acolhimento e integração.

Em suma, a alimentação revela-se um elemento-chave na compreensão das dinâmicas culturais em contextos migratórios, evidenciando a capacidade humana de preservar tradições, adaptar-se a novos ambientes e construir identidades multifacetadas, que refletem a riqueza da experiência humana em um mundo em constante movimento.

Caso o leitor tenha mais interesse sobre o tema, segue o *link* para aprofundamento: <https://padlet.com/23vivianvivi23/clonagem-do-padlet-cartografias-gastronomicas-s-rios-em-s-o--zu2e8z-z2fktdydt6>.

## Referências

AL NOULFAL, L. R. **O refúgio na cozinha**: como a integração da comunidade síria contemporânea configura uma São Paulo de saborosas portinhas. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.6.2021.tde-29122021-142911>

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora Puc, 2016.

KHOURI, J. M. **Pelos caminhos de São Paulo**: a trajetória dos sírios e libaneses na cidade. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-10032014-095235/>. Acesso em: 05 mai. 2025.

PAIVA, O. D. C. Territórios da migração na cidade de São Paulo: afirmação, negação e ocultamentos. **Rivista dell’Istituto di Storia deell’Europa Mediterranea**, n.6, 2011.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. São Paulo: Autêntica, 2003.

POULAIN, J. **Sociologias da Alimentação** – os comedores e o espaço social alimentar. Trad. Rossana Pacheco da Costa Proença, Carmen Silvia Rial e Jaimir Conte. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004.

RUSTOMGY, V. L. S. **Comida étnica e hospitalidade nas trajetórias de refugiados na cidade de São Paulo**. São Paulo, 2020.

SANTOS, E. R. B., & DE MATOS, M. I. S. **Alimentando memória e tradições: práticas gastronômicas nas festas açorianas**. São Paulo/Brasil, 2019.



# 14

## OS BENEFÍCIOS DA MÚSICA PARA AS CRIANÇAS: SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO NEUROCOGNITIVO E SOCIOEMOCIONAL INFANTIL

Ester Garijo Carreira Cardozo

### Introdução

Este trabalho propõe uma reflexão sobre o desenvolvimento infantil por meio da música e as intervenções necessárias para enriquecer as pesquisas na área. O objetivo do estudo é compreender a importância do ensino de música para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças, favorecendo a construção de novos significados socioemocionais.

A prática musical, por meio de jogos e brincadeiras, facilita a aprendizagem e promove o desenvolvimento de autonomia e

criatividade. Ao longo de minha experiência profissional na área de Musicalização Infantil, observei em diversas escolas, o impacto positivo da música no desenvolvimento socioemocional de muitas crianças.

Apesar dos benefícios amplamente reconhecidos da música no desenvolvimento infantil, ainda é necessário investigar como, especificamente, o ensino musical contribui para o fortalecimento das habilidades socioemocionais em crianças. Pergunta-se, então, de que maneira as atividades musicais podem ser integradas ao contexto escolar para maximizar esses benefícios e quais desafios precisam ser superados para implementar práticas musicais de forma eficaz. Para responder a essas questões, este estudo apoiou-se em uma pesquisa bibliográfica desenvolvida a partir de uma abordagem metodológica qualitativa. A análise incluiu obras de referência sobre musicalização infantil, desenvolvimento cognitivo e socioemocional, além de estudos de caso que descrevem intervenções musicais em diferentes contextos educacionais.

## **Benefícios para o Desenvolvimento neurocognitivo e socioemocional infantil**

Estudos em Neurociências demonstram que a música tem um impacto direto e positivo no cérebro infantil. Como afirma Oliver Sacks (2007, p. 329), “a música pode oferecer um meio para a coesão social e para a expressão emocional”. Desde cedo, as crianças demonstram habilidades musicais, como percepção rítmica e preferências por consonâncias (Trehub, 2005). Além disso, a prática musical promove alterações anatômicas e fisiológicas no cérebro. Daniel Levitin (2006, p. 209), renomado neurocientista, explica que “a música conecta áreas do cérebro responsáveis pela cognição, emoção e memória”, destacando o papel fundamental da música no desenvolvimento infantil.

Quando inserida no currículo escolar, a música promove uma mudança cultural na educação. Paulo Freire, em sua obra sobre educação libertadora, destacou que o processo de ensino deve ser

inclusivo e valorizar as diferenças de cada aluno: “Ninguém ignora tudo, ninguém sabe tudo. Por isso, aprendemos sempre” (Freire, 1970, p. 25). Esse pensamento pode ser aplicado também ao ensino musical, que permite que todos os alunos, independentemente de suas habilidades, possam participar e se beneficiar.

Estudar música pode ser uma experiência transformadora, oferecendo benefícios que transcendem as limitações individuais. Howard Gardner, professor da Universidade de Harvard e criador da Teoria das Inteligências Múltiplas, afirma que a inteligência musical é uma das formas mais poderosas de desenvolvimento humano (Gardner, 1983), destacando seu papel no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

Estudar música pode ser uma experiência transformadora, oferecendo benefícios que transcendem as limitações individuais. Howard Gardner, professor da Universidade de Harvard e criador da Teoria das Inteligências Múltiplas, afirma que a inteligência musical representa uma das formas mais potentes de desenvolvimento humano destacando seu papel no desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças (Gardner, 1983).

A música tem o poder de melhorar a coordenação motora e a concentração. Aprender instrumentos musicais aprimora a coordenação entre mãos e olhos, bem como a destreza motora fina. Para Oliver Sacks (2007, p. 112), “a prática musical aprimora essas habilidades, ao mesmo tempo que promove o foco e a atenção”.

Além disso, a música tem sido amplamente reconhecida como uma forma eficaz de terapia para reduzir a ansiedade e promover o relaxamento. Ela também estimula a criatividade, permitindo que as crianças explorem novas formas de expressão.

Outro benefício importante é o aumento da autoestima. O psicólogo Adam Ockelford (2013, p. 88) observa que “o aprendizado musical promove um sentimento de conquista e pertencimento, fundamental para o desenvolvimento emocional”.

A música tem sido amplamente reconhecida como uma poderosa ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, promovendo o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos. Segundo

o autor da Teoria das Inteligências Múltiplas, “a música é uma das formas mais eficazes de estimular diferentes tipos de inteligência, especialmente a inteligência musical e a espacial, ajudando o aluno a perceber padrões e desenvolver habilidades de resolução de problemas”(Gardner,1983, p.109).

Além disso, Gardner (1983) destaca que o envolvimento com a música pode fortalecer a memória e a concentração, facilitando a aprendizagem em diversas disciplinas.

A música oferece uma abordagem holística que atende às necessidades cognitivas, emocionais e sociais das crianças. Temple Grandin (2006, p. 88), defensora dos direitos das pessoas com autismo, destaca que “a música é uma forma de conectar-se com os outros e comunicar sentimentos de forma não-verbal”.

Além disso, a música proporciona um ambiente inclusivo no qual crianças com diferentes habilidades podem se integrar, como apontado por Stephen Shore (2012, p. 134), um defensor da inclusão através da música, quando menciona: “A música promove uma sensação de pertencimento e conexão social”.

Ainda que os benefícios da música sejam amplamente estudados, há uma questão central: de que forma o ensino musical pode ser integrado ao currículo escolar de maneira que todos os alunos, independentemente de habilidades específicas, possam desenvolver suas capacidades plenas? Essa problemática é especialmente relevante quando pensamos na diversidade dentro das salas de aula, onde cada aluno tem um perfil único de aprendizado. Nesse contexto, é crucial investigar como a música pode auxiliar na construção de um ambiente de aprendizado mais inclusivo e harmonioso, que favoreça tanto a expressão individual quanto a interação coletiva.

## **Desafios e possibilidades na Integração Escolar**

A música é uma das formas mais universais de expressão humana e tem sido amplamente reconhecida por seus benefícios no desenvolvimento infantil. Pesquisas anteriores destacam que, ao estimular o cérebro de maneira integradora e multissensorial, a

música pode ter impactos positivos significativos nas esferas cognitiva, emocional e social das crianças (Hallam, 2010). No entanto, embora esses benefícios sejam amplamente reconhecidos, ainda existem lacunas no entendimento de como as atividades musicais podem especificamente fortalecer as habilidades socioemocionais das crianças, principalmente no contexto escolar.

O desenvolvimento socioemocional é crucial para o bem-estar infantil e para a construção de habilidades que favoreçam a interação social, a autoestima e o manejo das emoções. Segundo Saarikallio (2011), as atividades musicais podem atuar como um catalisador para o desenvolvimento dessas competências, uma vez que envolvem a percepção e a expressão de sentimentos, o trabalho em grupo e a construção de vínculos afetivos. Durante a execução musical, as crianças são incentivadas a perceber e compreender emoções, tanto suas quanto as dos outros, o que contribui para o desenvolvimento da empatia (Loland, 2009).

Além disso, a prática musical em grupo pode ajudar na construção de habilidades de cooperação e comunicação. Como afirmam Gattullo e Pacheco (2016), a música permite que as crianças aprendam a respeitar turnos, a ouvir ativamente o outro e a resolver conflitos de maneira construtiva. Através da colaboração em uma performance musical, os alunos são desafiados a trabalhar em conjunto, o que fortalece a coesão social e promove a criação de vínculos de amizade e apoio mútuo. Nesse contexto, a música é entendida como uma ferramenta eficaz na promoção da autoconfiança e na construção de uma identidade positiva.

Uma das questões desse estudo é como integrar as atividades musicais ao currículo escolar, de forma que seus benefícios socioemocionais sejam maximizados. Para isso, é fundamental que as escolas adotem uma abordagem interdisciplinar, que envolva os professores de música, mas também os docentes das diversas áreas do conhecimento. O ensino musical, quando abordado de forma integrada, pode contribuir para a aprendizagem em outras áreas, como matemática, linguagem e ciências, além de potencializar as habilidades socioemocionais dos alunos.

Segundo Hallam (2010), é essencial que o ensino da música não se restrinja apenas ao desenvolvimento técnico, mas que também promova a expressão emocional e o trabalho em grupo. Para isso, a implementação de práticas musicais deve ser pensada não apenas como uma disciplina isolada, mas como uma parte integrante do processo pedagógico, permitindo que as crianças utilizem a música como um veículo para explorar suas emoções e suas relações com os outros.

Além disso, programas de musicalização infantil que envolvem atividades lúdicas, como cantar, dançar, tocar instrumentos e improvisar, podem criar um ambiente de aprendizado mais envolvente e estimulante. Esses momentos de brincadeira e expressão livre são essenciais para que as crianças desenvolvam uma compreensão mais profunda de si mesmas e dos outros, além de fortalecer suas habilidades de comunicação não-verbal (Vygotsky, 1998).

Apesar dos claros benefícios da música para o desenvolvimento infantil, a implementação de práticas musicais nas escolas ainda enfrenta diversos desafios. Um dos principais obstáculos é a escassez de recursos e a falta de formação adequada dos professores. De acordo com Sousa (2012), muitas escolas não dispõem de espaços adequados, instrumentos musicais ou profissionais capacitados para oferecer um ensino musical de qualidade. Além disso, a falta de tempo no currículo escolar, sobrecarregado por outras disciplinas, torna difícil a inclusão regular de atividades musicais.

Outro desafio significativo é a resistência de algumas escolas e educadores em adotar práticas musicais, como parte essencial do desenvolvimento socioemocional das crianças. A pressão por resultados imediatos, muitas vezes centrada em exames e avaliações tradicionais, pode levar à subestimação do valor das atividades musicais, que possuem um impacto a longo prazo e que não se traduzem diretamente em notas ou números.

Apesar desses desafios, no entanto, diversas experiências de integração da música no currículo escolar têm mostrado resultados positivos. Estudos de caso, como o realizado por Hargreaves (2008), indicam que quando as atividades musicais são incorporadas de

forma regular e sistemática, elas podem contribuir significativamente para a melhoria do ambiente escolar, aumentando o engajamento dos alunos e promovendo uma cultura de respeito e colaboração. A formação contínua dos educadores, o apoio das administrações escolares e a implementação de recursos adequados são fundamentais para que essas práticas sejam bem-sucedidas.

## Considerações finais

Este estudo demonstrou que a música, quando integrada de forma eficaz ao contexto escolar, pode ser uma ferramenta poderosa no fortalecimento das habilidades socioemocionais das crianças. Ao promover a expressão emocional, a empatia, a cooperação e o trabalho em equipe, a música contribui significativamente para a formação de indivíduos mais autoconfiantes e socialmente competentes. No entanto, a plena realização de seu potencial no desenvolvimento infantil, depende da superação de desafios como a escassez de recursos, a formação adequada de educadores e a resistência institucional a práticas musicais no currículo escolar.

É essencial que a implementação de atividades musicais seja vista não apenas como uma atividade complementar, mas como um pilar fundamental na formação de cidadãos mais equilibrados emocionalmente e socialmente responsáveis. Para que isso aconteça, é necessário que a comunidade escolar incluindo educadores, gestores e pais, se envolva ativamente na construção de um ambiente que valorize e promova a musicalização infantil. A integração da música no processo educacional deve ser incentivada como um meio de criar um ambiente de aprendizado mais inclusivo, estimulante e eficaz, que acolha e valorize as diferentes formas de aprendizagem das crianças.

Além disso, os múltiplos benefícios da música para o desenvolvimento infantil, como corroborado por especialistas como Oliver Sacks, Daniel Levitin e Howard Gardner, destacam sua importância não só para o aspecto cognitivo, mas também para o emocional e social. A música oferece uma forma única de comunicação e

expressão, essencial para o desenvolvimento integral da criança. Nesse sentido, a pesquisa contínua sobre o papel da música na educação é fundamental para que todas as crianças possam alcançar seu pleno potencial.

Em última instância, este trabalho visou explorar o potencial transformador da música na educação, especialmente no que se refere à promoção de um ensino inclusivo que valorize a diversidade de estilos de aprendizagem. Ao atingir o objetivo de compreender a importância da música no desenvolvimento global da criança, abre-se também um espaço para futuras investigações que possam aprofundar essa relação e investigar novas metodologias para otimizar o ensino musical em diferentes contextos escolares. A música, portanto, não deve ser vista apenas como uma disciplina, mas como uma ferramenta essencial para o crescimento integral das crianças no contexto educacional.

Para acessar o nosso mural colaborativo, clique aqui.

## Referências

GARDNER, Howard. **Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences**. New York: BasicBooks, 1983.

GRANDIN, Temple. **Thinking in Pictures: My Life with Autism**. New York: Vintage, 2006.

HALLAM, Susan. **The Power of Music: A Research Synthesis of the Impact of Actively Making Music on the Intellectual, Social and Personal Development of Children and Young People**. London: Institute of Education, University of London, 2010.

HARGREAVES, DavidJ. **Musical Development and Learning: The International Perspective**. London: Institute of Education, 2008.

KODÁLY, Zoltán. **The Selected Writings of Zoltán Kodály**. New York; London: Boosey & Hawkes, 1964.

LEVITIN, Daniel. **This Is Your Brain on Music: The Science of a Human Obsession**. New York: Plume, 2006.

LØLAND, Arne. **Music and Emotions: A Theoretical Exploration.** Oslo: University of Oslo, 2009.

OCKELFORD, Adam Ockelford. **In the Key of Genius: The Extraordinary Life of Derek Paravicini.** London: Arrow Books, 2013.

SAARIKALLIO, Sirpa. Music as Emotion: The Role of Music in Emotion Regulation. **Psychology of Music**, v. 39, n. 3, p. 303-321, 2011.

SACKS, Oliver. **Musophilia: Tales of Music and the Brain.** New York: Vintage, 2007.

SHORE, Stephen. **Understanding Autism for Dummies.** Hoboken: Wiley Publishing, 2012.

SOUSA, Ricardo. **Educação Musical e Inclusão: Desafios na Implementação do Ensino de Música nas Escolas.** Porto Alegre: Editora da Universidade, 2012.

VYGOTSKY, Lev. **A Formação Social da Mente.** São Paulo: Editora Moraes, 1998.

## **SOBRE OS COLABORADORES**

### **ORGANIZADORAS**

#### **Isabel Orestes Silveira**

Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Mestre em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (IA-UNESP). Bacharel e Licenciada em Pedagogia e Educação Artística pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM).

E-mails: [isasilveira@mackenzie.br](mailto:isasilveira@mackenzie.br) ; [isabel.silveira@fapcom.edu.br](mailto:isabel.silveira@fapcom.edu.br)

#### **Carolina Vigna Prado**

Carolina Vigna é escritora, ilustradora, artista visual, editora, professora universitária e pesquisadora em áreas de Humanidades, com ênfase em Geocrítica, História da Arte e Humanidades Digitais. Possui bacharelado (Belas Artes) e licenciatura (Mozarteum) em Artes Visuais; pós-graduação em História da Arte (Belas Artes); mestrado e doutorado em Educação, Arte e História da Cultura (UPM); e dois pós-doutorados em Letras (PUC-RS e Sorbonne Nouvelle). Mais em <http://carolina.vigna.com.br/>

E-mail: [carolina@vigna.com.br](mailto:carolina@vigna.com.br)

# AUTORES

## Bruno de Andrade Duran

Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Pós-graduado em Teologia Filosófica (STJE). Bacharel em Teologia (SPN). Graduado em Filosofia. Licenciado em Computação. Graduando em Empreendedorismo Educacional (UNICV).

E-mail: revbrunoduran@gmail.com

## Christian D. S. Bitencourt

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC), da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre em Ciências da Religião (UPM). Pós-graduado em Ciências Militares pela Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército Brasileiro (EsAO). Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano do Rio de Janeiro (STPRJ). Pastor Presbiteriano. Oficial Capelão do Exército Brasileiro. Professor nas áreas de Filosofia e Teologia. Pesquisador da relação entre religião e histórias em quadrinhos.

E-mail: christiansbitencourt@gmail.com

## Estefania Medeiros Castro

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC), da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Direito pela Universidade Potiguar e em Gastronomia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Atua como Procuradora Federal na Advocacia Geral da União. Pesquisa história e cultura da alimentação, sob uma perspectiva interdisciplinar.

E-mail: estefania\_m\_castro@hotmail.com

## **Ester Garijo Carreira Cardozo**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Licenciada em Música pela Faculdade de Música Carlos Gomes. Licenciada em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

E-mail: [estergccardozo@gmail.com](mailto:estergccardozo@gmail.com)

## **Jéssica Anne Machado da Silva**

Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Bacharela em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Licenciada em História pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Professora de História na Educação Básica, contratada pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

E-mail: [jessi-mac@hotmail.com](mailto:jessi-mac@hotmail.com).

## **Larissa Azevedo Souza**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Graduada em História (UPM), Bacharela em Relações Internacionais. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro dos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos de História da Cultura, Sociedades e Mídias (UPM) e História das Mulheres (PUC-MG).

E-mail: [azevedo.larissa@yahoo.com.br](mailto:azevedo.larissa@yahoo.com.br)

## **Márcia Meira dos Santos**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Possui especialização em

Gastronomia: História e Cultura (Senac-SP). Graduada em Gastronomia (Universidade Anhembi Morumbi) e em História (Faculdades Metropolitanas Unidas – FMU).

E-mail: [marciameirasp@gmail.com](mailto:marciameirasp@gmail.com)

## **Maria do Carmo L. Abi-Sâmara**

Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Pesquisa no Doutorado, o tema Feminismo e Ativismo digital. Graduada em Administração de Empresas pela Universidade de São Paulo (USP). Licenciada em Artes Plásticas (Claretiano-Rede de Educação). Docente no Curso de Graduação em Pedagogia e nos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade Rudolf Steiner.

E-mail: [maria.abi.samara@gmail.com](mailto:maria.abi.samara@gmail.com)

## **Rafael Campoy**

Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Especialista em *Branding* - Gestão de Marcas (Universidade Anhembi Morumbi). Bacharel em Desenho Industrial (Design) pela Universidade de Guarulhos (UnG).

E-mail: [campoyrf@gmail.com](mailto:campoyrf@gmail.com)

## **Samuel Bezerra Ribeiro**

Mestrando e Pesquisador do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bolsista da Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mack-Pesquisa). Bacharel em Teologia (UPM) e pelo Seminário Teológico de Fortaleza. Membro do Grupo Interdisciplinar de Estudos Culturais e Linguagens na Contemporaneidade (GIECLC), da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Pastor Presbiteriano e Professor de Teologia.

E-mail: [rev.samuelbribeiro@ipb.org.br](mailto:rev.samuelbribeiro@ipb.org.br)

## **Thiago Atsushi Naruse**

Mestre em Teologia (IPM). Mestrando em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC-UPM) e em Teologia (IPM). Bolsista da UPM (Mack-Pesquisa). Bacharel em Teologia (UPM). Pós-graduação em Teologia e Interpretação Bíblica pela Faculdade Batista do Paraná, em Teologia Sistemática, Teologia Bíblica e Exposição Bíblica (IPM), em História do Cristianismo e do Pensamento Cristão pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro e em História Antiga, Medieval e Moderna e História do Brasil pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo. Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Sumaré.

E-mail: thiagonarus@icloud.com

## **Vivian de Oliveira Jorge**

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em Letras e Pedagogia. Docente na Educação Básica (integra tecnologias às práticas pedagógicas).

E-mail: vivianvivi@uol.com.br

## **Ysadora Lucas Lourenço**

Mestranda em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Pós-graduada em Arte-Educação (SENAC). Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Católica de Santos (UniSANTOS). Membro do grupo de pesquisa Linguagem, Sociedade e Identidade: estudos sobre a mídia (UPM).

E-mail: ysadorallourenco@gmail.com

# ÍNDICE REMISSIVO

## A

Alimentação 6, 7, 16, 17, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 209, 210, 211, 225, 226, 227, 228, 229, 232, 236, 237, 238, 239

Artes Visuais 98

## B

Black Mirror 119, 123, 126, 128, 130, 131, 132

## C

Cartografia 2, 5, 6, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 42, 44, 59, 60, 63, 66, 67, 77, 78, 79, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 151, 152, 153, 167, 168, 169, 170, 176, 194, 195, 198, 200, 212, 216, 221, 235

Cartografia Religiosa 77, 78, 89, 91, 94

Celebração virtual 48

Cinema 6, 12, 32, 38, 202, 205, 214, 98, 99, 107, 108, 110, 115,

Clarice Lispector 198, 199, 202, 203, 205, 206, 207,

## D

Dadaísmo 15, 181, 182, 183, 184, 195,

Denominação de Origem 16, 215, 216, 218, 219

## E

Educação estética 12, 99

## F

Festa Judaica 10, 11, 45, 47, 50, 51, 56, 57, 58

Fotomontagem 15, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 186, 187, 189, 192, 193, 194, 195

## G

Gênero 11, 61, 62, 63, 64, 65, 72, 73, 74, 75, 135, 136, 138, 139, 145, 150, 162, 163, 165, 167, 169, 176, 177, 179, 181, 182, 183, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194,

Gnose e Espiritualidade Pós-Moderna 157, 161, 168,

Grant Morrison 6, 14, 152, 156, 158, 160, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170

## H

Hannah Höch 6, 176, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 193, 194

Hiperconectividade 6, 13, 14, 117, 118, 123, 130, 131, 132

História Cultural 59, 62, 179, 190, 198, 225, 238,

## I

Identidade Cultural 6, 11, 47, 48, 52, 58, 209, 212, 215, 220, 226, 227, 228, 229, 231, 233, 234, 236, 237

Identidade Religiosa 11, 12, 77, 78

Igreja Presbiteriana do Brasil 12, 77, 78, 87, 89, 95,

Imaginário 11, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 69, 71, 72, 73, 79, 98, 166,

Indicação Geográfica 218, 219, 220, 221

Inteligência Coletiva 48, 49, 52, 54, 55, 56, 57, 58,

Interdisciplinaridade 2, 9, 16, 19, 215, 220

## L

Literatura 16, 31, 33, 35, 157, 161, 181, 184, 198, 199, 201, 202, 203, 206, 209, 211, 213, 226, 237

Linguagem e Realidade 14, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 168,

Lugar 16, 17, 24, 34, 44, 62, 106, 118, 119, 120, 129, 130, 138, 154, 190, 202, 211, 215, 216, 217, 220, 221, 223, 233

## M

Magia do Caos 14, 157, 158, 159, 160, 161, 168, 169

Maurice Halbwachs 10, 48, 52, 53, 56

Metatextualidade 14, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 168, 169

Método Cartográfico 16, 19, 194, 200,

Mulheres 11, 13, 59, 62, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 167, 177, 179, 180, 182, 188, 190, 191, 207

Música 18, 122, 205, 99, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248

## N

Nação Dopamina 13, 118, 119, 120, 131, 132

## P

Paraty 6, 215, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 16, 17, 4

Pierre Lévy 48, 52, 54, 56,

Place Branding 17, 217, 220, 221

## R

Recompensas Imediatas 13, 14, 117, 119, 123, 130, 131, 132

Revolução 42, 60, 63, 64, 70, 71, 72, 75, 141, 203,

Rizoma 14, 17, 42, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 167, 169, 170, 200, 221, 256

## S

Super-herói 14, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 168,

## T

Tecnologia 6, 7, 9, 11, 12, 13, 14, 22, 26, 27, 28, 29, 54, 56, 57, 76, 78, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 130, 131, 132, 133, 138, 140, 147, 148, 149, 150, 219

Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) 89

The Feed 13, 119, 123, 125, 130, 131, 132